



U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**

**Orientador: Professor Doutor Fernando Humberto Serra**

**Alda Mardónia Matos de Nóbrega Rosário**

Dissertação para obtenção de grau de Mestre  
em Administração Pública - Especialização em Administração da Educação

**Lisboa**  
2013



agência regional para o  
desenvolvimento da investigação  
tecnologia e inovação



**Os melhores RUMOS para os Cidadãos da Região**



**Rumos**

Programa Operacional de Valorização  
do Potencial Humano  
e Coesão Social da RAM



QUADRO  
DE REFERÊNCIA  
ESTRATÉGICO  
NACIONAL  
PORTUGAL 2007-2013



Região Autónoma da Madeira



República Portuguesa



União Europeia  
Fundo Social Europeu



“Uma mente brilhante, sem sensibilidade, sem sentido de ética e sem contacto com o mundo real de muito pouco servirá à sociedade”.

“A formação de um jovem não pode acontecer apenas dentro da escola ou dentro de casa. A aprendizagem na e com a comunidade é essencial. Representa um alerta precoce que deixa raízes fortes, profundas e frutíferas”.

Fernando Nobre, Presidente da AMI



## **Agradecimentos**

Ao professor Doutor Fernando Serra, pelo grande apoio prestado na orientação desta dissertação, pelas suas humildes e sábias palavras e pela sua enorme disponibilidade manifestada desde o primeiro dia desta investigação.

Ao professor Doutor Manuel André, pela sua amizade, incentivo, disponibilidade, apoio e por mostrar que tudo é possível quando acreditamos!

Ao Conselho Executivo da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, pela enorme confiança que sempre demonstraram no meu trabalho, por acreditarem nas minhas ideias e nos meus projetos e por me terem aberto as portas para a concretização desta investigação.

A todos os alunos, pais e professores que colaboraram e tornaram possível este trabalho.

Às minhas colegas do Clube Viver a Vida e queridas amigas, Diva e Zé pela amizade que nos une, pela alegria, colaboração e partilha.

Às minhas colegas de mestrado Ana, Cecília, Graça, Marta, Patrícia, Sílvia e Zózima pela amizade e pelos momentos intensos que vivemos.

À minha colega Cisaltina pelos seus valiosos ensinamentos a nível de informática.

Aos meus queridos e amados filhos, Mateus e Tomás, pelo tempo que vos roubei e ao meu marido Nelson pela sua paciência e apoio.

Os meus pais Rafael e Alda, pela educação e formação e principalmente por me ensinarem a amar e a ser pessoa.

À minha irmã Fátima pela sua disponibilidade e empenho na correção deste projeto.

A todos, muito OBRIGADA!



## Resumo

Esta investigação nasceu da nossa vontade e interesse pessoal e social uma vez que, para além de nos assumirmos como voluntários desde adolescência, coordenamos numa das maiores escolas do país a nível de 2º e 3º ciclos – Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, *HBG*, o *Clube Viver a Vida*, *CVV*. Este clube tende a valorizar a educação para a solidariedade e a reconhecer o voluntariado educativo como meio de participação e cidadania ativa. Acreditamos ainda que este estudo poderá revelar-se uma mais-valia para a Região Autónoma da Madeira a nível da implementação do Plano Nacional de Voluntariado, 2013 - 2015 (PNV), apresentados na Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2013. O tema escolhido “Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa” motivou-nos a erguer oito questões de investigação: 1- Qual a origem, os objetivos e finalidades do Clube Viver a Vida, CVV? 2- Como se desenvolveu institucionalmente? 3- Como se organiza o Clube: Quem participa? Quais os destinatários? Que recursos são utilizados? Quais as estratégias e atividades desenvolvidas? Como se articula com o currículo? Quais as dificuldades e os obstáculos sentidos? 4- Encontra-se inserido no projeto Educativo da Escola? 5- Como se caracteriza do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa? 6- Reconhece e fortalece a organização escola no qual está inserido como núcleo de cidadania ativa? 7- Em que medida a participação no projeto Clube Viver a Vida e as práticas de voluntariado por ele dinamizadas contribui para a aquisição e promoção de competências pessoais e sociais dos alunos neles implicados? 8- Que impacto tem o Clube Viver a Vida ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade? Tendo por base o problema, os objetivos gerais e a base teórica revista para o nosso estudo, achamos pertinente elaborar uma investigação descritiva utilizando uma metodologia mista, do tipo qualitativa e quantitativa. Para a recolha de dados utilizamos várias técnicas/instrumentos, nomeadamente: o *focus group* que foi aplicado a um grupo de 11 alunos de 9º ano de escolaridade, o inquérito por questionário (online) dirigido a um grupo de 50 alunos constituído por jovens do sétimo, oitavo e nono ano de escolaridade e uma entrevista semi-diretiva à delegada da AMI/Funchal. As conclusões deste estudo, não podendo ser generalizáveis, já que se trata de um estudo de caso, mostram que a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia tende a assumir de uma forma firme a sua responsabilidade social e que o Clube Viver a Vida tem tido neste sentido um papel fundamental e ímpar na missão da organização.

**Palavras-chave:** Escola, Organização, Responsabilidade Social, Voluntariado, Competências.

## Abstract

This research was born from our will, self and social interest as, in addition to the fact that she has been a volunteer since her teens, we also coordinate, in one of the largest 2nd and 3rd cycles schools in the country – the 2nd and 3rd cycles Dr. Horácio Bento de Gouveia School, HBG, the Club - *Viver a Vida*, CVV. This club tends to value education for solidarity and recognize volunteering as a means of educational participation and active citizenship. We also believe that this study may prove to be an asset for the Autonomous Region of Madeira in the implementation of the National Volunteers, 2013 - 2015 (PNV), presented in the Resolution of the Council of Ministers no. ° 29/2013 . The theme "Social Responsibility in the School and from the School. Characterization of the Club *Viver a Vida* and evaluation of its impact on the educational community" has motivated us to make eight research questions: 1-What is the origin, objectives and purposes of the Club *Viver a Vida*, 2-How did it develop institutionally? 3-How do you organize the Club: Who participates? Which recipients? What resources are used? What strategies and activities? How does it work with the curriculum? What difficulties and obstacles senses? 4-Is it a part of the Educational School project? 5-How is it characterized from the point of view of social responsibility and active citizenship? 6-Does it recognize and strengthen the school institution in which it is inserted as a nucleus of active citizenship? 7 - To what extent does the participation in the project Club *Viver a Vida*, and the volunteering practices streamlined by it, contribute to the acquisition and promotion of personal and social skills of the students involved in them? 8- What impact does the Club *Viver a Vida* have at in what concerns involvement of school-community relationship?

Having the problem, the general objectives and the revised theory for our study as basis, we found it important to develop a relevant descriptive research, using a mixed methodology, a qualitative and quantitative. To collect data we used several techniques / tools including: the focus group that was applied to a group of 11 students from 9th grade, the survey (online) for a group of 50 students made up of seventh, eighth and ninth grade and a semi-directive interview to the to the AMI / Funchal representative. The results of this study may not be generalized, since it is a study case, but they show that the 2nd and 3rd Cycles Dr. Horácio Bento de Gouveia Basic School tends to take, firmly, its social responsibility and the club *Viver a Vida* has had, in this regard, a key and unique role in that mission of the school organization.

**Keywords:** School, Organization, Social Responsibility, Volunteering, Skills.



## **Lista de Siglas**

<b>AMI</b>	Assistência Médica Internacional
<b>APD</b>	Associação Portuguesa de Deficientes
<b>CVV</b>	Clube Viver a Vida
<b>DRJD</b>	Direção Regional da Juventude e Desporto
<b>ESJM</b>	Escola Secundária Jaime Moniz
<b>HBG</b>	Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia
<b>IHSCJ</b>	Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus
<b>JH</b>	Juventude Hospitaleira
<b>LPCC</b>	Liga Portuguesa Contra o Cancro
<b>OH</b>	Irmãos de S. João de Deus
<b>ONG`s</b>	Organizações Não-governamentais
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PAA</b>	Plano anual de atividades
<b>PATA</b>	Porque os animais também se amam
<b>PEE</b>	Projeto Educativo de Escola
<b>PNV</b>	Plano Nacional de Voluntariado
<b>RAM</b>	Região Autónoma da Madeira
<b>SPAD</b>	Sociedade protetora de Animais Domésticos
<b>SPSS</b>	Statistical Package for the Social Sciences

## Lista de figuras

Figura 1 - Os quatro tipos de responsabilidade social - Total Responsabilidade Social da Organização.....	26
Figura 2 - Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, HBG .....	53

## Lista de gráficos

Gráfico 1 - Género /Escolaridade - Grupo dois – 50 alunos .....	56
Gráfico 2 - Na tua opinião, houve alguém que tivesse exercido influência sobre ti para que participasses em atividades de voluntariado? .....	65
Gráfico 3 – A presença de um educador/adulto nas atividades de voluntariado é para mim fundamental? .....	66
Gráfico 4 - Antes de seres aluno da escola HBG, já tinhas tido a oportunidade de participar .....	80
Gráfico 5 - O que te levou a começar a participar em atividades de voluntariado? .....	81
Gráfico 6 - A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado .....	83
Gráfico 7 - Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário .....	85
Gráfico 8 - Ser voluntário é conhecer-se melhor a si próprio .....	87
Gráfico 9 - Ao ser voluntário, tornei-me numa pessoa mais autónoma. ....	88
Gráfico 10 - Ao fazer voluntariado transformo-me numa pessoa mais responsável. ....	89
Gráfico 11 - Gosto menos de mim quando faço voluntariado .....	90
Gráfico 12 - Considero que o meu trabalho é importante para as instituições onde faço voluntariado .....	91
Gráfico 13 - As minhas habilidades (capacidades ou aptidões) aumentam cada vez que faço voluntariado .....	93
Gráfico 14 - Quando faço voluntariado descubro em mim capacidades/talentos que julgava não possuir.....	94
Gráfico 15 - Já recebi elogios por parte da minha família/amigos/professores pelo facto de estar a revelar atitudes solidárias. ....	95
Gráfico 16 - Ao fazer voluntariado sou uma pessoa mais feliz e realizada.....	96
Gráfico 17 - Ficaria feliz se tivesse de abandonar o voluntariado .....	97
Gráfico 18 - “Desvalorizar, julgar, criticar e ridicularizar” as pessoas, são coisas que não faço neste momento. ....	98
Gráfico 19 - Hoje digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém .....	100
Gráfico 20 - Em que área ou áreas gostarias de trabalhar no voluntariado num futuro próximo? .....	104
Gráfico 21 - Quais as suas expectativas em relação ao voluntariado e quais as suas perceções de continuidade? .....	105
Gráfico 22 - O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir.....	106

## **Lista de tabelas**

Tabela 1 - Estádios do desenvolvimento psicossocial segundo Erikson (1968) .....	35
Tabela 2 - Caracterização dos jovens voluntários que integram o grupo um - Dados demográficos .....	55
Tabela 3 - Género/Ano de Escolaridade – grupo dois.....	56
Tabela 4 - Idade/Género– Grupo dois – 50 alunos .....	57
Tabela 5 - Projeto Educativo da Escola HBG (Problemas/Metas) / Objetivos específicos do CVV.....	73

## **Leis, Decretos-Lei, Portarias**

Decreto-Lei n.º 40/89, de 12 de Fevereiro

Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro

Decreto-Lei n.º 389/99, de 30 de Setembro

Decreto-Lei n.º 176/2005, de 25 de outubro

Portaria n.º 87/2006, de 24 de janeiro

Portaria n.º 333/2012, de 22 de outubro

Portaria nº 242/2013, de 02 de agosto

## **Despachos, Resoluções do Conselho de Ministros, Resolução da Assembleia da República**

Resolução de Conselho de Ministros, RCM, n.º 50/2000, de 30 de março

Despacho n.º 4456/2005, de 3 de fevereiro de 2005

RCM n.º 62/2010, de 25 de agosto

Despacho normativo n.º 24-A/2012, de 22 de outubro



## Índice Geral

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
LISTA DE SIGLAS.....	IX
LISTA DE FIGURAS.....	X
LISTA DE GRÁFICOS.....	X
LISTA DE TABELAS.....	XI
LEIS, DECRETOS-LEI, PORTARIAS.....	XI
DESPACHOS, RESOLUÇÕES DO CONSELHO DE MINISTROS, RESOLUÇÃO DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA.....	XI
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO AUTENTIZOICA E O VOLUNTARIADO EDUCATIVO NUMA PERSPETIVA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS .....</b>	<b>21</b>
1.1 A Escola como organização educativa autentizoica.....	21
1.2 O Voluntariado numa perspetiva de responsabilidade social .....	25
1.3 O Voluntariado educativo e cidadania: desenvolver competências pessoais e sociais...	30
<b>CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....</b>	<b>41</b>
2. 1 Pertinência do estudo .....	42
2. 2 Desenho da investigação.....	44

2.2.1 Metodologia de recolha e análise de informação .....	45
2.2.1.1 Análise documental.....	46
2.2.1.2 <i>Focus group</i> .....	46
2.2.1.3 Inquérito por questionário .....	50
2.2.1.4 Entrevista.....	52
2.3 Contexto de recolha da informação.....	52
2.3.1 Caracterização do meio - Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, HBG. ....	52
2.3.2 Caracterização do Clube Viver a Vida (CVV).....	54
2.3.3 Caracterização do grupo de alunos participantes .....	55
2.3.4 Caracterização – Delegada da AMI/Funchal.....	58
2.4 Desafios e constrangimentos éticos - Professora /Investigadora.....	58
 <b>CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>61</b>
3.1 Origem, objetivos e finalidades do Clube Viver a Vida. O seu desenvolvimento na instituição HBG. ....	61
3.2 Organização do Clube: participantes, destinatários, recursos, estratégias e atividades. Articulação entre o CVV e o currículo. Dificuldades e obstáculos. ....	64
3.3. Inserção do <i>Clube Viver a Vida</i> no Projeto Educativo da Escola. ....	72
3.4 Caracterização do <i>Clube Viver a Vida</i> do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa. ....	79
3.5 Reconhecimento e fortalecimento da organização HBG como núcleo de cidadania ativa, através da ação do CVV.....	83
3.6 Participação no projeto <i>Clube Viver a Vida</i> e práticas de voluntariado por ele dinamizadas. Aquisição e promoção de competências pessoais e sociais dos alunos. ....	86
3.7 Impacto do <i>Clube Viver a Vida</i> ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade. ....	101
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>108</b>
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>114</b>
 <b>ANEXOS .....</b>	<b>120</b>
Anexo 1 - Autorizações – Alunos, Encarregados de Educação, Presidente do Conselho Pedagógico, Delegada da AMI/Funchal. ....	120
Anexo 2 - Guião /Entrevista – Grupo 1 – <i>Focus Group</i> .....	124

Anexo 3 - Transcrição da entrevista – Grupo 1 – <i>Focus Group</i> .....	127
Anexo 4 - Análise de conteúdo – Grupo 1 – <i>Focus Group</i> .....	159
Anexo 5- Guião/Entrevista – Delegada da AMI/Funchal .....	167
Anexo 6 - Transcrição da entrevista –Delegada da AMI/Funchal .....	170
Anexo 7 - Análise de conteúdo- Entrevista / Delegada da AMI - Funchal .....	182
Anexo 8 - Carta/ Historial 1 - Clube Viver a Vida .....	189
Anexo 9 - Carta/ Historial 2 - Clube Viver a Vida .....	192
Anexo 10 - Carta - Cáritas Diocesana do Funchal/Clube Viver a Vida.....	193
Anexo 11 - Entrevista feita pelo Clube Viver a Vida ao jovem responsável a nível Regional do Movimento Juventude Hospitaleira, JH.....	194
Anexo 12 - Notas de campo/Memorandos .....	196
Anexo 13 - Tabelas de dados.....	203
Anexo 14 - Atividades desenvolvidas pelo Viver a Vida * 2004-2013 - FOTOS.....	210
Anexo 15 - Homenagens/Louvores/Agradecimentos ao Clube Viver a Vida, CVV .....	217
Anexo 16 - O Clube Viver a Vida e a Comunicação Social .....	221
Anexo 17 - Questionário aplicado ao grupo dois – 50 jovens .....	222
Anexo 18 - Projeto Educativo da Escola .....	230
Anexo 19 - Plano Anual de Atividades do Clube Viver a Vida .....	249





## INTRODUÇÃO

---

O presente trabalho corresponde a uma dissertação académica subordinada ao tema ***Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa*** e foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Administração Pública - Especialização em Administração da Educação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade de Lisboa. O tema da nossa pesquisa nasceu da vontade e do interesse **pessoal e social** da investigadora: **pessoal**, pelo facto de assumir-se como voluntária desde a sua adolescência e pelos vários anos de trabalho como coordenadora do Clube Viver a Vida da Escola, um clube que tende a valorizar e reconhecer o voluntariado educativo como meio de participação e cidadania ativa e por consequência tende a promover a responsabilidade social da Escola, que serve de base de trabalho empírico desta dissertação; **social**, porque tendo em conta a acentuada crise económica que o nosso país atravessa, pareceu-nos que o tema em estudo poderia vir a constituir, num futuro próximo, uma ferramenta de trabalho de grande utilidade tanto para a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, HBG, onde o estudo decorre, como também como base de reflexão e avaliação por parte das organizações regionais e nacionais com as quais ela estabelece parceria. Acreditamos ainda que o estudo, pelo facto de valorizar as dinâmicas de voluntariado educativo e por reconhecer o seu potencial formativo a nível da aquisição de competências pessoais e sociais junto dos jovens, poderá revelar-se uma mais-valia para a Região Autónoma da Madeira a nível da implementação do Plano Nacional de Voluntariado, 2013 - 2015 (PNV), nomeadamente a nível dos três eixos estratégicos Eixo 1. «*Sensibilizar e Divulgar*». Eixo 2 - «*Promover e Formar*», Eixo 3 - «*Agir e Desenvolver*» apresentados no Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2013. Neste âmbito, os Ministérios da Educação e Ciência e da Solidariedade e da Segurança Social afirmam, através do preâmbulo da Portaria nº 333/2012 de 22 de Outubro, que “A valorização da atividade de voluntariado nos estabelecimentos de educação e ensino constitui uma porta de acesso para o reforço e papel da escola como agente estruturante na construção de relações humanas e de modelos de consolidação de valores de responsabilidade social.”

Tendo em conta a opinião de Alarcão (2001b) “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (p.18) e que “a solidariedade é um componente da cidadania” Perrenoud (2005,p.16),parece fazer sentido convidar os jovens estudantes, cada vez mais cedo, a assumir um papel ativo na sociedade através da participação em

atividades de voluntariado. Para Delors (1996), é importante que os alunos integrem e participem em propostas pedagógicas onde se envolva a metodologia de projetos de voluntariado educativo. Segundo este autor, sempre que os alunos participam desta metodologia tendem a desenvolver-se e a adquirir competências que serão para eles os “pilares do conhecimento - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser” (p.90). Por outro lado, o facto de a escola HBG autorizar e incentivar que os jovens integrem, nas atividades de voluntariado, grupos heterogéneos (alunos de diferentes turmas, de idades e origens socioculturais diferentes, com “diferenças a nível dos saberes, valores e normas que vigoram e são importantes na escola”) e o facto de haver uma confiança no trabalho das coordenadoras do Clube Viver a Vida, CVV, relativamente à adequada gestão dessa heterogeneidade poderão aproximar esta escola daquela que se considera uma escola democrática, Cortesão (1999, p.6). A decisão a nível organizativo de valorizar a heterogeneidade nos grupos de voluntariado rentabiliza indubitavelmente a prática educativa; segundo Cortesão (1999, idem), “este tipo de considerações poderá contribuir para fundamentar opções, para consciencializar até que ponto decisões que se tomam a nível da forma como o trabalho na escola se organiza, poderão ter efeitos muito importantes no significado e nos resultados de todo o processo”.

Ao permitir que através de projetos comuns haja “colaboração entre professores, que se faça a articulação a nível de planos de trabalhos, a gestão de materiais produzidos e postos à disposição de todos” Cortesão (1999, p.13), a escola dá a possibilidade de que surjam “trabalhos de forma mais variada, mais diferenciada, mais criativa” (p.13) e oferece simultaneamente a todos os seus intervenientes a oportunidade de “descobrir modos de ir ao encontro de um potencial que está lá, dentro de cada aluno, às vezes bem oculto por detrás do desinteresse, de aparentes incapacidades ou até de comportamentos perturbadores” (idem, p.14). Priorizando o “contacto intelectual e afetivo com os alunos” (ibidem), a escola tende, de uma forma natural e humana, a criar uma oportunidade para acolher e integrar alunos que até o momento se sentiam desmotivados e à margem desta.

Posto isto e, tendo em conta o problema delineado nesta investigação: **O contributo das práticas de voluntariado social junto de alunos do ensino básico, na afirmação e desenvolvimento da responsabilidade social das escolas** apresentamos de seguida os objetivos gerais do trabalho que pretendemos atingir, ao longo deste percurso investigativo:

- 1.Caracterizar o Clube Viver a Vida do ponto de vista da responsabilidade social e da cidadania ativa;

- 2.Identificar competências pessoais e sociais adquiridas pelos alunos aquando da sua participação em atividades de voluntariado;

3. Avaliar o impacto do Clube ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade.

Relativamente às **questões de investigação**, elegemos as seguintes.

1.Qual a origem, os objetivos e finalidades do Clube Viver a Vida, CVV?

2.Como se desenvolveu institucionalmente?

3.Como se organiza o Clube: Quem participa? Quais os destinatários? Que recursos são utilizados? Quais as estratégias e atividades desenvolvidas? Como se articula com o currículo? Quais as dificuldades e obstáculos sentidos?

4 O CVV encontra-se inserido no projeto Educativo da Escola?

5 Como se caracteriza o CVV do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa?

6 O CVV reconhece e fortalece a organização escola no qual está inserido como núcleo de cidadania ativa?

7.Em que medida a participação no projeto CVV e as práticas de voluntariado por ele dinamizadas contribuem para a aquisição e promoção de competências pessoais e sociais dos alunos neles implicados?

8.Que impacto tem o CVV ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade?

A fim de alcançarmos os objetivos gerais anteriormente descritos e podermos responder a todas as nossas questões de investigação, organizamos esta investigação em três capítulos:

No **capítulo 1** abordaremos o conceito de organização segundo alguns autores nomeadamente, Teixeira (1995) o qual prioriza a presença dos seres humanos, realçando os benefícios das relações interpessoais, Hall (1984) que considera a organização ora como agente de transformação ora, como responsável de alguma resistência e Mèlèse (1979) que contempla a organização como um sistema que, por razões de sobrevivência, tem necessariamente de ser aberto.

A opinião de outros autores tais como Hutmacher (1992), Alarcão (2001b) serão igualmente tidos em conta, a primeira pelo facto de acreditar que existe uma grande diferença entre a organização escola e a organização empresa e a segunda por olhar para a escola como uma organização aprendente e qualificante, uma organização em desenvolvimento e

aprendizagem para si mesma. O conceito de organização autotizóica de Kets de Vries (2001) e Rego (2002b), os valores que estas defendem e os benefícios que estes valores trazem para a organização serão assuntos abordados igualmente neste primeiro capítulo. No capítulo 1 vamos ainda encontrar uma abordagem sobre o voluntariado numa perspetiva de responsabilidade social onde alguns nomes de autores irão ecoar, tais como, Ashley (2002), Delor (2004), Grajew (2001), Neto e Froes (2001), Ferrel e Ferrel (2001), Drucker (2001), entre outros e, serão enunciadas algumas vantagens da responsabilidade social para a empresa que a pratica. Por fim, mas não menos importante, incluiremos também no capítulo 1 o tema “O Voluntariado educativo e cidadania: Desenvolver competências pessoais e sociais” que será defendido por autores como, Dewey (1979), Sberga (2001), Bavaresco (2003), Mori e Vaz (2006), Barbosa (2007), entre outros. O enquadramento jurídico do voluntariado em Portugal será também uma preocupação a termos em conta neste capítulo.

O **capítulo 2** reporta à metodologia do projeto de investigação. Nele poderemos encontrar, numa primeira parte: o tema em estudo, o problema, os objetivos gerais e as questões de investigação e numa segunda parte: a pertinência do estudo, a justificação e fundamentação da opção metodológica, o procedimento de abordagem da investigação empírica, instrumentos de recolhas de dados utilizados e a contextualização da recolha de informação. Os desafios e constrangimentos éticos sentidos pela autora serão igualmente integrados no capítulo 2 desta dissertação.

O **capítulo 3** integra a apresentação do modelo de análise dos dados empíricos, a discussão dos mesmos e algumas limitações do estudo.

Por fim, anunciamos as principais conclusões a que chegámos com esta investigação e terminamos o nosso estudo, oferecendo algumas propostas de melhoria para o projeto *Clube Viver a Vida* e propondo algumas ideias para investigações futuras que possam, eventualmente, decorrer deste estudo.

## **CAPÍTULO 1 – A ESCOLA COMO ORGANIZAÇÃO AUTENTIZOICA E O VOLUNTARIADO EDUCATIVO NUMA PERSPETIVA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL E DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS**

---

Num mundo de intensa mudança ideológica, cultural, social, económica e profissional, a educação é vista como o âmago do desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade. Por outro lado, é frequente reconhecer que, neste desenvolvimento, os professores e a escola desempenham um papel fundamental. É importante e urgente que a Escola abdique dos seus modelos mais ou menos estáticos e aproveite as sinergias provenientes das interações com a sociedade e com outras instituições estimulando, em seu seio, as interações interpessoais. Para Alarcão (2001b), faz todo o sentido falarmos numa “escola reflexiva concebida como uma organização que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização, e confronta-se com o desenrolar da sua atividade em um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo” (p.11). Segundo a autora:

(...) acredita-se que formar é organizar contextos de aprendizagem, exigentes e estimulantes, isto é, ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desabrochar das capacidades de cada um com vista ao desenvolvimento das competências que lhes permitam viver em sociedade, ou seja, nela conviver e intervir em interação com os outros cidadãos. (P.11).

Ainda segundo Alarcão (2001b), “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (p.18) e, reforçando, refere que a escola é “organização e vida” (ibidem).

### **1.1 A Escola como organização educativa autentizoica**

A escola é uma organização com uma estrutura própria, mais ou menos formal, na qual se organiza e desenvolve todo o sistema de ações entre os diversos intervenientes do processo educativo nomeadamente, professores, alunos, pais, funcionários e outros. Teixeira (1995), esclarece o efeito da presença do ser humano na organização ao situar que “uma organização é um conjunto de indivíduos que interagem. O que fizerem com as suas relações definirá o que é a organização” (p.162). Porém, nos tempos atuais, a escola tende

a viver alguns momentos de alguma incerteza, preocupação e desafio face ao futuro. A nossa sociedade de hoje exige uma escola ativa, dinâmica e aberta ao meio, onde o desenvolvimento de uma cultura de participação é um requisito importante.

A escola é um espaço de interação orientado por normas próprias e por isso, deverá conceder a todos os seus intervenientes um certo grau de autonomia para que estes implementem metodologias baseadas nas suas experiências, práticas individuais e colaborativas e consequentemente elaborem projetos pessoais onde delineiem estratégias de atuação em função dos objetivos organizacionais. Desta forma, dependendo da perceção que cada um tem da organização, é dado a todos a possibilidade de cada um poder elaborar, participar e vivenciar projetos de distinção que fortaleçam o envolvimento da comunidade educativa no projeto da escola e da escola na comunidade, reforçando a sua identidade. A organização escola distingue-se das outras organizações empresariais, pois é nela que se "cuidam de seres humanos, realizando uma ação com fortes implicações ideológicas e políticas; por outro lado, a maior parte dos trabalhadores têm como «objeto» o seu próprio desenvolvimento, devendo os profissionais facilitar este trabalho de autoconstrução", Hutmacher (1992, p.58). Para esta autora, "todos são, em alguma medida, o fruto da organização escola que, ao menos em parte, lhes modelou o pensamento" (ibidem). Para Hall (1984, p.1), as organizações são simultaneamente "agentes de mudança na sociedade", mas também "agentes de resistência" a essa mudança. Para este autor, o impacto e as implicações que as organizações têm na sociedade residem no facto de estas não se anunciarem como "massas inertes", mas antes de atuarem "no seu próprio interesse ou no de seus possuidores ou membros" (p. 16).

Mélèse (1979) contempla a organização como um sistema que, por razões de sobrevivência, tem necessariamente que ser aberto. "Toda a organização é definida pelas relações que estabelece com o meio, uma vez que destas relações saem dividendos ou proveitos mútuos" (p. 41). Para este autor, a organização está inserida num meio mutável com o qual se encontra em estado de interação permanente e "as mudanças de configuração do meio induzem reações da organização ou conduzem-na a ações antecipadoras" (ibidem). Tendo em conta os diferentes projetos e as diferentes estratégias dos diversos atores internos ou externos que compõem a organização e, por outro, a problemática da representação das relações que se estabelecem entre o projeto e a estratégia da organização, Mélèse narra a imensa complexidade desta representação uma vez que é impossível descrevê-la "em todas as suas dimensões políticas, sociais, económicas, tecnológicas, ecológicas, monetárias e culturais" (ibidem). Mesmo assim, apesar de todas as dificuldades, o autor considera importante e necessário "penetrar no meio e na organização para procurar os locais onde atores, grupos e decisores, percecionam as informações, emitindo projetos, forjando representações, que de seguida se

confrontam, se opõem, ou se impõem” (p.42). Corroborando Mèlèse, Teixeira (1993, p. 96) reconhece que “a organização – toda a organização – inclui partes da população e exclui outras, ou seja, a organização tem uma fronteira que separa o que está no seu interior do que está fora”, fronteira essa que não é completamente impenetrável. Para Alarcão (2001b,p.13) “ refletir sobre as novas configurações organizativas do cotidiano da escola que fazem desta uma organização aprendente e qualificante, uma organização em desenvolvimento e aprendizagem para si mesma e para cada um dos que a constituem” é um ponto obrigatório e, por isso, esta autora insiste em afirmar “a escola precisa é de uma mudança paradigmática. Porém, para mudá-la, é preciso mudar o pensamento sobre ela” (p.15). A mesma autora reforça ainda que o que é preciso é “envolver as decisões político-administrativo-pedagógicas, os alunos e os professores, os auxiliares e os funcionários, os pais e os membros da comunidade (p.19) já que “as relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia” (p.20).

Afirmar que o trabalho de uma organização “não tem que ser estressante” e que pelo contrário “pode ser uma âncora para o bem-estar psicológico, um modo de estabelecer a identidade e manter a autoestima”, é um excelente anúncio e quem o faz é Kets de Vries (2001,p 101). Segundo este autor e fundador do Centro de INSEAD de liderança Global Kets de Vries, “As organizações são modos ideais para ajudar os seus participantes a lidar com o estresse e os seus sintomas da vida quotidiana” (ibidem). Apoiando-se no projeto “As melhores empresas para trabalhar nos EUA” pela revista *Fortune* (Levering & Moskowitz, 1993), é Kets de Vries (2001) quem propõe o conceito de organizações autenticizadoras, expressando que as culturas destas empresas estão repletas de valores específicos que acabam por se traduzir em formas específicas de comportamento, nomeadamente: “confiança, alegria, franqueza, *empowerment*, respeito pelo indivíduo, justiça, trabalho de equipa, empreendedorismo/inação, orientação para o cliente, responsabilidade, aprendizagem contínua, e abertura à mudança” (p. 107).

Kets de Vries (2001) fornece-nos orientações, tendo por base os seus trabalhos relativos às organizações autenticizadoras que consideramos pertinentes para o estudo que pretendemos desenvolver. *Autenticizador* é uma palavra nova, resultante da conjugação de dois termos gregos: *authenteikos* e *zoteikos*. O primeiro significa, segundo o autor Kets de Vries, que a organização é autêntica, merecedora de confiança e essencial para a vida dos seus colaboradores. O segundo termo - *zoteikos* - significa que a organização é “vital para a vida” das pessoas, facultando-lhes sentidos de equilíbrio, de realização pessoal, de competência, de autonomia e de iniciativa – fornecendo significado para as suas vidas. O termo *autenticizador* designa, portanto, segundo Kets de Vries, as organizações que ajudam os seus colaboradores a estabelecer o equilíbrio entre a vida pessoal/familiar e o trabalho.

Segundo o mesmo autor, as organizações autênticas constituem um antídoto para o stress que domina a vida de muitas organizações do mundo atual e representam igualmente um espaço no qual se cruzam dois propósitos: elevados desempenhos das organizações e realização pessoal dos seus membros. Assim, trabalhar numa organização autêntica significa ter inúmeras graças, nomeadamente: ter conciliação entre a vida profissional e a familiar, participar nos lucros, prémios pecuniários e de outra natureza, angariar licenças sabáticas, seguros de saúde, desfrutar de centros de massagem e apoio médico e ainda áreas para a prática desportiva, ter acesso a creches, fundos de pensões, apoio jurídico, consultoria em assuntos financeiros, para além de possuir horários de trabalho flexível, empregos em tempo parcial, semanas de trabalho "comprimidas" e partilha de postos de trabalho, Ket de Vries (2001). Como já nos apercebemos as culturas das empresas autênticas estão interpostas por valores que acabam por se traduzir em formas específicas de comportamento que, segundo Kets de Vries (2001, p. 107), são "a confiança, a alegria, a franqueza, o respeito pelo indivíduo, a justiça, o trabalho de equipa, o empreendedorismo, a inovação, a orientação para o cliente, a responsabilidade, a aprendizagem contínua e a abertura para a mudança". Para Kets de Vries (2001, p. 107), um "bom local de trabalho é aquele em que os empregados confiam nas pessoas para as quais trabalham, têm orgulho do que fazem e sentem prazer em trabalhar com os outros". Para este autor, a criação de organizações autênticas (i.e., autênticas, confiáveis e essenciais para a vida dos colaboradores) faculta aos colaboradores a possibilidade de experimentarem os sentidos de propósito, autodeterminação, impacto, competência, pertença, prazer/alegria e significado. O mesmo autor conclui, afirmando: "Elas serão o tipo de organizações que ajudarão os seus empregados a equilibrar a sua vida pessoal e organizacional." (p. 110).

Corroborando Kets de Vries, Gavin e Mason (2004) argumentam que, quando uma organização proporciona trabalho que cria significado para os seus trabalhadores, estes tendem a ser mais saudáveis e felizes:

(...) empregados saudáveis e felizes tendem a ser mais produtivos no longo prazo, gerando melhores produtos e serviços mais satisfatórios para os seus clientes e outras pessoas com as quais interagem e fazem negócios. Estas três coisas – saúde, felicidade e produtividade – são os ingredientes essenciais de uma boa sociedade. A melhoria da produtividade, sem mais, que é quase a única ambição de muitas organizações, não é suficiente" (P. 381).



## 1.2 O Voluntariado numa perspectiva de responsabilidade social

O termo “responsabilidade social”, segundo alguns autores, tem vindo a ganhar cada vez mais importância no comportamento das organizações exercendo consideráveis impactos nos seus objetivos e estratégias. Para Ashley (2002), a responsabilidade social é definida como “o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, de modo amplo, ou a alguma comunidade, de modo específico, agindo pró-ativamente e coerentemente no que tange ao seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela” (p.6). Por outro lado, Grajew (2001), presidente emérito do Instituto Ethos, uma das principais instituições responsáveis pela divulgação do conceito de responsabilidade social na sociedade brasileira, define a responsabilidade social como sendo:

(...) a atitude ética da empresa em todas as suas atividades. Diz respeito às interações da empresa com funcionários, fornecedores, clientes, acionistas, governo, concorrentes, meio ambiente e comunidade. Os preceitos da responsabilidade social podem balizar, inclusive, todas as atividades políticas empresariais.

(Grajew, Instituto Ethos, 2001).

Para Ferrel e Ferrel (2001,p.7), a responsabilidade social é a “obrigação que a empresa assume com a sociedade. Ser socialmente responsável implica maximizar os efeitos positivos sobre a sociedade e minimizar os negativos”, o que corrobora a opinião de Drucker (2001), quando afirma “a dimensão social é a dimensão de sobrevivência”, já que a “empresa existe dentro de uma sociedade e de uma economia” (p.48). Segundo Pagliano (1999) “Hoje, os cidadãos, cada vez mais informados e conscientes, esperam que as empresas tenham não só direitos, mas também responsabilidades para com as sociedades onde e com quem atuam” (p. 21). Por outro lado, Daft (1999) define a responsabilidade social como sendo " (...) a obrigação da administração de tomar decisões e ações que irão contribuir para o bem-estar e os interesses da sociedade e da organização" (p.88). Nesta mesma obra, Daft considera o modelo piramidal de Archie Carrol que subdivide a responsabilidade social de uma empresa em quatro tipos. Da base para o topo da pirâmide, Daft considera a responsabilidade Económica, Legal, Ética e Discrecionária ou Filantrópica, tal como nos mostra a Figura 1.

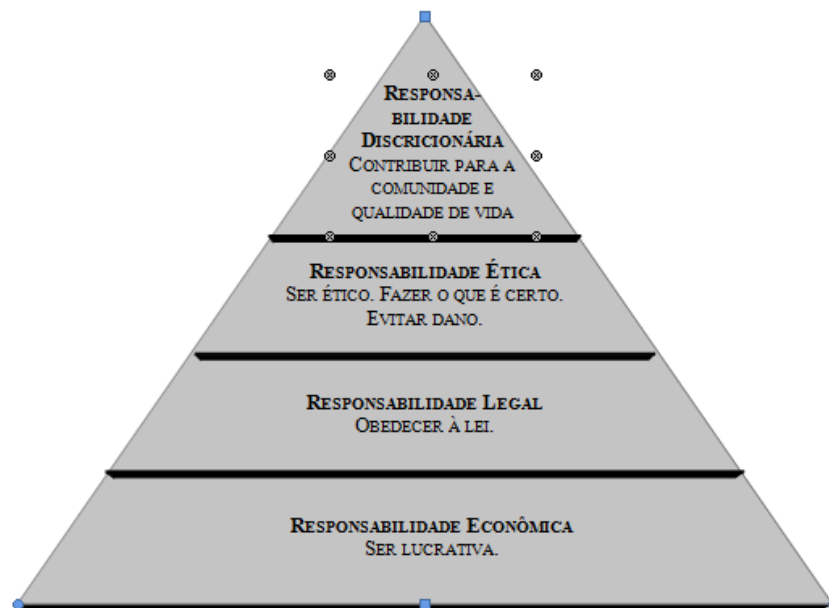


Figura 1 - Os quatro tipos de responsabilidade social - Total Responsabilidade Social da Organização  
Fonte: Carrol, A.B., (1979) e Daft (1999)

Para Daft (1999) " (...) as responsabilidades são ordenadas da base para o topo em função de sua magnitude relativa e da frequência dentro da qual os gerentes lidam com cada aspeto" (p.90). Assim na base da pirâmide, e pensando na organização enquanto entidade lucrativa, podemos encontrar a vertente **económica**, sendo os lucros a maior razão pela qual as empresas existem. Ter responsabilidade económica significa garantir retorno económico à organização. Contudo, é importante que esse lucro seja legal - **responsabilidade legal** - ou seja, a entidade deverá estar consciente das leis e das suas aplicações na sua atividade: "No mínimo, espera-se que as empresas sejam responsáveis pela observância das leis municipais, estaduais e federais, por parte dos seus funcionários, Daft (1999, pp.90,91). Para além da organização garantir um curso financeiro legítimo, aos olhos da lei é necessário garantir também atividades e projetos que embora não sendo codificados na lei e não servindo propriamente os interesses económicos da empresa, sejam éticos aos olhos da sociedade – **responsabilidade ética**. Por fim e, chegando ao topo da pirâmide, a **responsabilidade discrecional** ou **filantrópica** que, segundo Daft (1999), é "puramente voluntária e orientada pelo desejo da empresa em fazer uma contribuição social não imposta pela economia, pela lei ou pela ética" (p.91). Segundo o mesmo autor, na prática, este tipo de responsabilidade social tende a manifestar-se pela realização de doações a obras beneficentes ou na contribuição para projetos comunitários ou para instituições de caridade que não oferecem retornos para a empresa.

Para Neto e Froes (2001, p.179), "a responsabilidade social é muito mais que um conceito. É um valor pessoal e institucional que se reflete nas atitudes das empresas, dos empresários e de todos os seus funcionários e parceiros". Assim, os diversos públicos com os quais as empresas se relacionam tendem a exigir um retorno do seu trabalho e não unicamente lucros e esta nova atitude é fundamental para o desenvolvimento das organizações. Relativamente aos diversos públicos mencionados anteriormente, o filósofo Robert Edward Freeman, em 1984, designou este grupo que afetam e são afetados pela organização e pelas suas atividades de **"stakeholder"**, o qual poderá ser traduzido para o português como "parte interessada". Assim, clientes, sócios, acionistas, funcionários, fornecedores, administradores, Governo/Estado, alunos, pais, encarregados de educação, professores e funcionários são exemplos de stakeholders já que são pessoas ou grupos de pessoas que, dentro ou fora da organização, têm interesses no desempenho da mesma e que tendem a exercer uma certa pressão sobre a mesma. Para Neto e Fróes, citados em Guedes (2000, p.42), faz sentido referenciar dois tipos de responsabilidade social: a **interna** - que se concentra no público-interno da empresa, ou seja, os beneficiários internos da empresa sem os quais a organização não pode sobreviver, como, por exemplo, os empregados e a **externa** - que procura atuar na sociedade na qual a empresa está inserida - nomeadamente: fornecedores, clientes atuais, potenciais clientes, opinião pública, governo, sociedade, etc. Alencastro (1997) não só corrobora os conceitos de responsabilidade interna e externa dos autores Neto e Fróes, como especifica que, em relação ao público interno, a empresa socialmente responsável tende a oferecer oportunidades aos seus empregados nomeadamente a nível de aconselhamento pessoal e profissional; desenvolvimento de carreira e preparação para o mercado de trabalho; atividades culturais e recreativas; educação não relacionada com o trabalho; creche; licença especial para tratar de responsabilidades familiares ou serviços à comunidade; planos especiais de aposentação; segurança fora do trabalho; horários flexíveis, planos de saúde, antitabagismo e de prevenção à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA); programa de recuperação de drogas e alcoolismo, entre outros. A organização esforça-se ainda para evitar todo e qualquer tipo de discriminação e garantir direitos iguais para todos os seus empregados. Alencastre (1997) afirma ainda que, com esta atitude, a empresa porque se aproxima mais dos seus colaboradores cria, naturalmente, um ambiente de trabalho saudável o que possibilita uma maior produtividade, comprometimento e motivação por parte de todos os envolvidos na organização.

No que diz respeito à empresa socialmente responsável em relação ao público externo, o mesmo autor refere que esta corresponde ao envolvimento social da organização com o ambiente externo, tendo como centro ações e investimentos realizados no relacionamento com o público externo à organização, nomeadamente, projetos sociais e ambientais, planos

sociais ou de participação em programas, que podem ou não ser conduzidas pela organização.

Para Alencastre (1997), sempre que a Escola integra o seu público interno (alunos, professores, funcionários, pais e encarregados de educação) e externo (organizações não governamentais, empresas privadas) nos problemas sociais que afetam consideravelmente a condição de vida das pessoas e do meio em que vivem, tende a gerir um bem que se reverte não só a favor dela própria, como também de todos os indivíduos que dela fazem parte e com ela se relacionam – os *stakeholders*. Há, portanto, uma consciência de dever, por parte da organização Escola, de combater e negar todo o tipo de problemas nomeadamente, a fome, o analfabetismo, as drogas, a violência e tudo o que possa vir a prejudicar a sociedade. Participando desta forma, a Escola está, segundo Vygotsky (1998), a possibilitar o espaço de articulação com a realidade existencial dos envolvidos, pelas interações sociais, pelo diálogo entre pares, pelos desafios, pelas experiências ricas e diversificadas, pelo ato de questionar, pela descoberta e pelo acesso à cultura. Como consequência, a Escola tende a colaborar na resolução dos problemas da nação pois está a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, uma país mais humano, economicamente mais bem estruturado, que respeita e valoriza a dignidade humana. Pode haver, portanto, uma grande diferença entre o que a Escola ensina e o que ela realmente pratica, daí a escolha da primeira parte do tema citado nesta dissertação: **“Responsabilidade Social na Escola e da Escola”**.

Sendo a Escola uma organização e espaço de formação, esta deveria ir ao encontro da emancipação humana, promovendo a ampliação intelectual do indivíduo e das suas ações em qualquer situação e/ou experiência da sua vida. A responsabilidade social é considerada uma nova forma de educação, mais abrangente e consciente, que não se limita a atividades isoladas em determinadas datas mas, pelo contrário, que se inicia no dia-a-dia das pessoas, intrínseca a cada gesto e a cada pensamento. Neste contexto, Delor (1996) é citado no relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: “os problemas da sociedade envolvente não podem ser deixados à porta da Escola: pobreza, fome, violência, droga entram com os alunos nos estabelecimentos de ensino quando até à pouco tempo ficavam de fora com as crianças não escolarizadas”. (p.154)

É importante e urgente que a Escola se atualize e se adeque às novas vivências e exigências sociais que todos os dias “batem à porta”. Neste âmbito, parece fazer sentido que haja um elemento aglutinador e significativo na triangulação entre Empresa, Responsabilidade social e Sociedade Civil – fomentada por “movimentos, organizações e associações - os quais captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas, condensam-nos e os transmitem, a seguir, para a esfera pública política”

Habermas (1997,p.99). Para Costa e Momo (2009) as ações de educação para a cidadania, que antes eram consideradas obrigação do Estado, principal responsável pela promoção das políticas dirigidas à regulação das desigualdades com vistas à socialização e à integração da nação, passam agora a fazer parte de programas compartilhados de gestão, nos quais interesses do Estado se misturam com ações sociais inequivocamente marcadas pelos interesses das empresas privadas. Para estes autores, as escolas têm, neste âmbito, um papel fundamental de grandes incentivadoras e a elaboração de projetos sociais tutelados pelos próprios professores poderão revelar-se uma possível solução para a realização de ações sociais bem sucedidas.

Apesar de ser um conceito muito utilizado na administração atual, a *responsabilidade social* vai ganhando cada vez mais importância na Escola já que, hoje, a instituição de ensino tem um comprometimento maior com a educação. A Escola de hoje tende a possuir deveres similares aos de uma empresa, tais como: cumprir compromissos legais, preocupar-se com o bem-estar dos seus colaboradores, estabelecer relações de parceria com os seus fornecedores, contribuir para o desenvolvimento sustentável, ajudar a comunidade, preservar o meio ambiente e evidenciar relações éticas e transparentes com o seu público em geral.

Em altura de crise para Portugal e para toda a Europa, o tema “responsabilidade social” não só é reconhecido e valorizado pelas empresas, como também algumas vantagens lhe são associadas. Para Chiavenato (1999, p.447), “entre uma empresa que assume a postura de integração social e contribuição para a sociedade e outra voltada para si própria e ignorando o resto, a tendência do consumidor é ficar com a primeira”. Por outro lado, Kanuk e Schiffman (2000, p.12), afirmam que:

(...) a maioria das empresas reconhece que atividades socialmente responsáveis melhoram suas imagens junto aos consumidores, acionistas, comunidade financeira e outros públicos relevantes. Elas descobriram que práticas éticas e socialmente responsáveis simplesmente são negócios saudáveis que resultam em uma imagem favorável, e, no final das contas, em maiores vendas. O contrário também é verdadeiro: percepções de falta de responsabilidade social por parte de uma empresa afetam negativamente as decisões de compra do consumidor.

Assim, vários são os autores que defendem a ideia de que as empresas que exercem e valorizam o conceito de responsabilidade social têm tendência para serem espontaneamente divulgadas e apoiadas pelos meios de comunicação social. Desta forma, elas conquistam cada vez mais uma maior credibilidade junto dos stakeholders, diferenciando-se dos seus concorrentes e criam mais sinergias com os primeiros já que, eles se

identificam com ela sob o prisma do exercício da cidadania ,Neto e Froes (1999). Para Makower (1994), uma organização socialmente responsável tem a consciência de que tudo o que opera cria uma grande variedade de impactos diretos e indiretos no interior e no exterior da organização, afetando desde os consumidores, aos empregados, à comunidade e ao meio ambiente.

Tolovi (1999) considera que a responsabilidade social continua a ser uma preocupação crescente nas empresas e, por isso, cada vez mais, estas se movimentam para cumprir a sua missão junto à sociedade. Para este autor, a responsabilidade social além de ser uma preocupação é também uma questão estratégica que não se resume apenas a dar dinheiro a quem precisa, mas é vista sobretudo como a soma das ações internas e externas de uma organização, ou seja, o produto daquilo que faz dentro e fora dos seus portões. Para Orchis (2002), o desempenho e a sustentabilidade da empresa a médio e longos prazos poderão ser melhorados pelo exercício da responsabilidade social. Como consequência, a empresa beneficiará de um valor acrescentado à sua imagem, motivação do público interno, posição influente nas decisões de compras, vantagem competitiva, influencia positiva na cadeia produtiva, reconhecimento de líderes empresariais e melhoria do clima organizacional. A responsabilidade social, nos dias de hoje, poderá mesmo significar a diferença entre vender ou não o seu produto e, portanto, ela poderá representar, segundo os autores anteriormente mencionados, um conceito estratégico para as empresas que pretendem se tornar competitivas.

### **1.3 O Voluntariado educativo e cidadania: desenvolver competências pessoais e sociais.**

Determinação, persistência, paixão e entusiasmo são algumas das características que os nossos jovens revelam na Escola, Sberga (2012). Para esta irmã Salesiana e mestre em Ciências de Educação – Especialização em Pastoral Juvenil, que desde muito jovem trabalhou com crianças, adolescentes e jovens de bairros populares e favelas do Brasil, incentivarmos os jovens a canalizar a sua força em prol de causas sociais, através da prática do voluntariado, poderá ajudá-los a desenvolver algumas competências, nomeadamente, a autonomia, tomada de decisão, respeito pelo outro, espírito crítico e de sacrifício, comunicação, cooperação, entre outras.

Segundo a ONU, Organização das Nações Unidas: “O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos.” Para Ferreira *et al.* (2008), o trabalho voluntário é uma atividade

em que a pessoa doa o seu tempo para beneficiar o próximo, sem retribuição. Segundo a autora Fonseca (2001), o voluntariado mais do que “poder ser” é sempre:

(...) um instrumento educativo/formativo (...) Pode ensinar processos, técnicas, procedimentos diretamente ligados ao objetivo direto da atividade, algo visível e facilmente parametrizável e até mensurável. (...) Amplia os horizontes sociais colocando o jovem em contacto com grupos com os quais normalmente (dada a sua posição social herdada e/ou adquirida) não contactaria, desenvolve a capacidade de problematização de questões políticas, sociais e económicas, permite solidificar competências ao nível da capacidade de liderança e de interação, facilita a aquisição de competências organizativas e de autogestão. (P.28).

Em Portugal, o voluntariado começou a dar os primeiros passos a nível enquadramento jurídico no fim da década de 80 através do Decreto-Lei n.º 40/89, de 12 de fevereiro, que institui o seguro social voluntário, regime contributivo de carácter facultativo no âmbito da Segurança Social. Mais tarde, quase 10 anos depois, através da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro, o Governo estabelece as bases do seu enquadramento jurídico, as quais visam promover e garantir a todos os cidadãos a participação solidária em ações de voluntariado. Nesta lei podemos ler, no artigo 2º, a definição de voluntariado *“como o conjunto de ações de interesse social e comunitárias realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas* e no artigo 3º o conceito de voluntário: *O voluntário é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.* As condições que permitem promover e apoiar o voluntariado, tendo em conta a relevância da sua ação na construção de uma sociedade mais solidária e preocupada com os seus membros, são criadas pelo Decreto-Lei n.º 389/99, de 30 de setembro, que regulamenta a Lei nº 71/98, de 3 de novembro. De seguida, a Resolução de Conselho de Ministros n.º 50/2000, de 30 de março (publicada no D.R., II série, nº 94, de 20 de abril) define a composição e o funcionamento do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado e, 5 anos mais tarde, o Despacho n.º 4456/2005, de 3 de fevereiro de 2005 regula os procedimentos necessários ao reconhecimento do tempo de serviço prestado por professores/formadores que celebrem contratos de voluntariado com organizações não-governamentais ou outras entidades privadas de utilidade pública para o exercício de funções docentes/formação, no âmbito da cooperação para o desenvolvimento em projetos

e programas reconhecidos e apoiados pelo Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento.

O Decreto-Lei n.º 176/2005, de 25 de outubro, altera o n.º 1 do art.º 4.º do Decreto-Lei n.º 389/99, de 30 de setembro e a portaria n.º 87/2006, de 24 de janeiro, aprova, finalmente, o Modelo de Cartão de Identificação do Voluntário. A Resolução de Conselhos de Ministros nº 62/2010, de 25 de agosto institui o Ano Europeu das Atividades de Voluntariado que Promovam Uma Cidadania Ativa em Portugal em de 2011 (AEV-2011) e determina a execução a nível nacional das atividades que lhe estão associadas.

Fará sentido neste momento clarificar o conceito de **competência** já que este tende a ser o ponto fulcral deste subcapítulo e, por esse motivo, surgirá com alguma frequência. Para Gilbert e Parlier, (1992, p.14) o termo competência significa um “conjunto de conhecimentos, capacidades de ação e comportamentos estruturados em função de uma finalidade e num tipo de situação dada”. Segundo estes autores, o indivíduo competente tende a combinar, de uma forma dinâmica, o saber, o saber fazer e o saber ser e, por isso, é capaz de se adaptar com alguma facilidade a várias situações e distintos contextos. Perrenoud (1999) defende ainda que ter competência significa ter a capacidade para atuar eficazmente diante de uma determinada situação, usando para isso os conhecimentos mas sem se reduzir a eles. Numa perspetiva construtivista, a interação entre o sujeito e o meio gera conhecimento e, portanto, sempre que a Escola dá oportunidade aos seus alunos para agirem, para terem iniciativa própria, para desenvolverem a autoconfiança através de experiências variadas, raciocínios, críticas e confronto está a dar oportunidade a que estes jovens realizem aprendizagens significativas por si mesmos, num leque vasto de situações e circunstâncias. Neste sentido, Sberga (2012) corrobora Fonseca (2001) e defende igualmente a ideia da existência um voluntariado educativo que o define como sendo:

(...) uma ação solidária preocupada com a formação do jovem voluntário” em que os “seus princípios fundamentam-se na formação integral do jovem voluntário, na inserção social, no dinamismo e na alegria que ele sente por fazer o bem aos outros. É um voluntariado de ação e reflexão, um espaço de educação sociopolítica, que ajuda no desenvolvimento do senso crítico, na conscientização sobre os direitos humanos e sociais, no respeito às diferenças culturais e no testemunho e vivência da solidariedade. A preocupação central não é tanto o serviço a ser prestado, mas a formação e a qualificação do jovem enquanto desempenha sua atividade de voluntário. (P.9)

Para Mori e Vaz (2006), o voluntariado educativo, quando desenvolvido através de atividades solidárias planificadas e orientadas segundo a proposta pedagógica da Escola,



pode ser muito útil e importante já que pode dar significado aos conteúdos curriculares e à aprendizagem de valores por parte dos alunos. As autoras Vilella e Cruz (2004) defendem, igualmente, que as escolas devem ir para além da transmissão de conteúdos disciplinares e que, para isso, é necessário e importante que os professores vejam o voluntariado educativo como um estímulo para a melhoria do processo ensino aprendizagem, já que este tende a enriquecer o trabalho de sala de aula, trazendo para a discussão elementos de temas transversais e, concordando com os autores Mori e Vaz, para o uso da metodologia de projetos.

Em Portugal, a atividade de voluntariado é, finalmente, valorizada nos estabelecimentos de educação e ensino através da portaria nº 333/2012 de 22 de outubro e, no mesmo ano, as escolas são obrigadas a procederem ao registo de todas as atividades extracurriculares desenvolvidas pelo aluno, designadamente as realizadas no âmbito do voluntariado no certificado do aluno que atesta o nível de qualificação do mesmo. Mais recentemente, a Resolução da Assembleia da República nº 32/2013 valoriza e reconhece as competências de educação não formal adquiridas pelos jovens através do associativismo juvenil e do voluntariado. Valerá a pena realçar neste estudo que, a nível internacional, nomeadamente através da resolução 40/212 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 17 de dezembro de 1985 e da resolução 52/17 da Assembleia Geral das Nações Unidas Portugal foi convidado tal como todos os Governos a celebrar anualmente, a 5 de dezembro o Dia Internacional dos Voluntários e a proclamar o ano de 2001 como o Ano Internacional dos Voluntários, respetivamente. A decisão do Conselho da União Europeia, de 27 de novembro de 2009, declarou o ano de 2011 como o Ano Europeu das Atividades de Voluntariado que promovam uma Cidadania Ativa e, em 2011, Portugal também comemorou o décimo aniversário do Ano Internacional dos Voluntários, proclamado em 2001 pelas Nações Unidas.

A autora Sberga (2012) acredita que o voluntariado educativo poderá representar uma “proposta de formação que propicia o amadurecimento dos jovens através de experiências de solidariedade e compromisso” (p.11) e sustenta que este tipo de voluntariado poderá, inclusive, prevenir situações de risco e de sofrimento, uma vez que ao colocar de forma racional os jovens perante situações de perigo, oferece uma oportunidade para crescerem, amadurecerem e anteciparem o bem. Destaca ainda que, quando a relação educação e prevenção é enaltecida, o voluntariado ganha importância e os jovens, através da sua participação, para além de crescerem pessoalmente, desenvolvem a capacidade de autocrítica e o dinamismo para interferir na qualidade de vida social. Assim é possível que competências como a **Liderança** - capacidade de influenciar, guiar e orientar um grupo na

realização de um determinado objetivo, - e a **Resiliência** - “capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades no sentido de prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos de crises e adversidades, Jardim e Pereira (2006, p.152), venham através da prática do voluntariado, revelar-se extremamente importantes para o desenvolvimento pessoal e social do jovem. Quem partilha esta opinião é o secretário geral da Organização das Nações Unidas, Ban Ki-moon, que, por ocasião do Dia Internacional do Voluntário de 2009, afirmou:

(...) O voluntariado é uma fonte de energia e de resiliência a nível das comunidades bem como de solidariedade e de coesão social e pode propiciar mudanças sociais positivas, ao incentivar o respeito pela diversidade, a igualdade e a participação de todos. O voluntariado encontra-se entre os recursos mais importantes da sociedade.

Na temática do voluntariado, um ponto considerado importante e destacado por alguns autores é a **presença e o papel do educador**. Segundo o autor, Capellato (s/d):

(...) para os jovens, as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a **formação da identidade**. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus desejos (P.10).

Tendo em conta que cada jovem possui o seu ritmo de crescimento, valerá a pena abrir um parêntese para apresentar, ainda que de forma breve, a teoria clássica do desenvolvimento da identidade de Erik Erikson, já que ela poderá revelar-se importante para o estudo em causa. Para Erikson (1968), falar em desenvolvimento significa necessariamente falar em interações entre instintos inatos e exigências sociais e, portanto, o desenvolvimento do indivíduo está dependente da sua capacidade em responder aos desafios cada vez mais difíceis e exigentes que a sociedade lhe oferece. O indivíduo, ao sentir estes desafios, tende a experienciar determinadas crises que, segundo este autor, se forem bem resolvidas, darão origem a virtudes humanas, caso contrário poderão dar azo a problemas de várias ordens. A formação da identidade, segundo Erikson (1968), implica ultrapassar oito crises que surgem ao longo do ciclo da vida e que correspondem a oito estádios de desenvolvimento psicossocial (Tabela 1).

Tabela 1 - Estádios do desenvolvimento psicossocial segundo Erikson (1968)

Idade	Crises bipolares
0-24 Meses	Confiança    Desconfiança
2-3 Anos	Autonomia    Vergonha
4-6 Anos	Iniciativa    Culpa
6-12 Anos	Mestria    Inferioridade
<b>13-18 Anos</b>	<b>Identidade    Difusão</b>
18-35 Anos	Intimidade    Isolamento
35-65 Anos	Generatividade    Estagnação
+ 65 Anos	Integridade    Desespero

Tendo em conta que o nosso estudo abraça amostras de jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos, vamos enquadrá-lo na exploração do 5º estágio da tabela 1. O quinto estágio, dos 13 aos 18 anos, decorre durante o período da adolescência e refere-se à construção da identidade. Perguntas como: “*O que sou?*” ou “*O que quero ser?*” são frequentes e, tendo em conta que simultaneamente decorrem nos jovens muitas mudanças, quer a nível físico, quer a nível das exigências da sociedade, a constituição da identidade do jovem torna-se particularmente crítica. Heath (1977) enuncia algumas das características do “eu” competente: clareza sobre a própria identidade, atitude positiva para resolver problemas, orientação para a realidade, autoestima, tolerância, responsabilidade baseada em princípios, abertura à experiência, persistência perante o fracasso e a adversidade, aptidão e disposição para recorrer à ajuda dos outros e assertividade. Para Franta e Colasanti (1993), “ajudar os alunos a conhecerem-se mais diferenciadamente é particularmente útil, tanto nos casos em que estes se subvalorizam, uma vez que desconhecem algumas das suas capacidades, como quando se sobrevalorizam, em que ampliam as suas possibilidades” (p.120). Assim, quando o aluno é capaz de reconhecer e aceitar os seus medos, o seu corpo, bem como, as suas emoções e ansiedades mais facilidade terá em se aceitar a si mesmo. Serra (1985) define **autoconceito** como sendo a percepção que o indivíduo tem de si próprio nas várias dimensões, social, emocional, física ou académica. Neste contexto, a autora Sberga (2012) não parece revelar dúvidas sobre a importância do voluntariado para o desenvolvimento do jovem e afiança: “o voluntariado se apresenta como um espaço alternativo não só de inserção social e compromisso de cidadania responsável mas também como uma proposta

que ajuda o jovem a conhecer a si mesmo e a descobrir suas potencialidades” (p.7). Por sua vez, o autoconceito bem formado por parte do jovem poderá resultar numa apreciação e avaliação positiva por parte de terceiros, dos quais os professores e os alunos fazem parte. Por consequência, o jovem poderá sofrer um aumento da sua autoestima que, segundo os autores Jardim e Pereira, (2006, p.75), significa “o modo como cada um se vê a si mesmo e como se julga, isto é, o tipo de valor que se atribui”.

Fechando o parêntese relativamente à formação da identidade, segundo Erikson e retomando o assunto da presença e o papel do educador, Capellato (s/d) defende que “os adolescentes precisam de educadores que lhes proporcionem a vivência da afetividade. É através de experiências vividas com os cuidadores que eles vão estruturar as relações que estabelecerão com a sociedade de modo geral” (p. 11). Corroborando Capellato, Sberga (2012) neste contexto afirma: “um dos aspetos primordiais do voluntariado jovem é a presença do educador o qual, por características pessoais, competências profissionais e vocação, assume um papel insubstituível no acompanhamento formativo do jovem voluntário” (p.16). Segundo esta autora, o educador “pode orientar o caminho dos jovens a partir de princípios educacionais, e oferecer-lhes, ao mesmo tempo, a possibilidade de terem um modelo de referência que os auxilie a discernir seus próprios projetos” (ibidem). Sberga (2012), muito provavelmente devido à sua vasta experiência com jovens, chega mesmo a fornecer indicações precisas aos vários educadores espalhados pelo mundo que acreditam e apostam no voluntariado educativo, dizendo:

(...) Outra característica da sua identidade [da do educador] é acolher os jovens e de fazer aliança com eles. Como amigo maduro, caminha com eles, escuta seus clamores, ajuda-os a formular seus problemas objetivar seus interesses, dá-lhes esperança, valoriza seus aspetos positivos e faz frutificar seus dons e talentos. Guia seus afetos com dedicação e amor, evitando todo paternalismo ou possessividade, e promove o seu crescimento e o seu amadurecimento. Não se preocupa tanto em *fazer* coisas, mas em *ser* uma presença amiga e fraterna, e em entusiasmar outros com a sua vida de doação e alegria. (P.16)

O professor, pelo facto de estar presente nas atividades de voluntariado, realiza um papel de mediador entre a teoria e a prática. Desta forma, pode prestar atenção a atos principiantes de liderança, facilitar e aprofundar a vivência comunitária e o trabalho de grupo. O professor pode ainda, tendo por base a sua competência e experiência, proceder a uma contínua revisão das atividades e dar espaço para a autoavaliação dos alunos possibilitando o crescimento de todos os envolvidos, Sberga (2012). Segundo Dewey (1979b, p.260) “uma classe, um grupo organizado como unidade social de interesses comuns, dirigido por uma pessoa madura e experimentada, favorece o ardor mental”.

Um outro aspeto igualmente importante e referido por alguns autores na temática do voluntariado é o desejo dos jovens quererem pertencer a um grupo. Neste âmbito, Sberga (2012,p.18) explica que, o grupo tem duas funções principais: “a colaboração no desenvolvimento da personalidade do indivíduo e a sua integração no organismo social em que vive”. Delors (1996), autor e organizador do relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, refere que os alunos que se integram e participam em propostas pedagógicas onde se envolva a metodologia de projetos de voluntariado educativo, desenvolvem-se e adquirem competências, de acordo com os quatro pilares da educação para o século XXI que serão fundamentais ao longo de toda a sua vida e serão para estes jovens, os pilares do conhecimento: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser”, Delors (1996,p.90).

Para Delors (1996,p.102), é igualmente importante “aprender a viver juntos”, ou seja, é imprescindível que o desenvolvimento do jovem passe pela dimensão social da sua existência, o que implica imperiosamente a aquisição de competências sociais de modo a ser possível manter relações interpessoais significativas com os outros. Sempre que um indivíduo, perante uma necessidade, operacionaliza conhecimentos, atitudes e habilidades, de modo a apoiar e ser apoiado pelos outros, poderá revelar, segundo, Bernardino (2003), uma outra competência designada por **suporte social**. Ao desenvolver esta competência, o indivíduo, segundo o mesmo autor, possui simultaneamente o conceito de “**rede social**”, ou seja, ele sabe que pode contar com a ajuda e colaboração de um conjunto de pessoas e de organismos, nomeadamente: família, amigos, conhecidos e instituições. Ainda segundo o mesmo autor, é nesta rede social que o indivíduo vai encontrar apoio e ajuda e desta forma, vai poder concretizar os seus compromissos do seu dia-a-dia, superando alguns obstáculos difíceis. A “capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades no sentido de agir em conjunto, com vista à realização de um fim comum, maximizando as potencialidades de cada indivíduo de forma durável e equilibrada” (p.136) corresponde à definição de **cooperação**, segundo os autores Jardim e Pereira (2006), uma outra competência a ter em conta aquando do desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Os autores Comoglio e Cardoso (1996) chegam mesmo a afirmar neste contexto que uma das condições importantes para que a aptidão da cooperação seja desenvolvida é que o indivíduo enfrente tarefas complexas e imprevisíveis de investigação, de elaboração ou de execução de um projeto. Ainda segundo Jardim (2003), a definição de cooperação pressupõe um sentido de equipa, ou seja, toda a pessoa que trabalha utilizando a competência da cooperação tem consciência que todos os indivíduos que fazem parte de um grupo são interdependentes a nível cognitivo. Como consequência desta interdependência, surge, segundo Jardim (2003), um sentimento afetivo de fazer parte do grupo, ou seja, o sentimento de pertença, o qual está implícito um elemento fundamental da

cooperação – a influência – a possibilidade que o indivíduo tem para dar contributos que visam melhorar o desempenho do grupo. A **comunicação** autêntica, pautada pela transparência e pela congruência é, segundo os autores Franta e Salonia (1992), uma mais-valia para o cultivo da amizade e para a gestão de conflitos e, por isso, é considerada por Mounier (1987) uma experiência indispensável de toda a pessoa, já que é através dela que se concretiza a abertura e a exposição do indivíduo aos outros. Para Jardim e Pereira (2006), o desenvolvimento social do jovem implica também a prática da competência – **assertividade** - que é, segundo estes autores “uma forma comportamental de comunicar, que significa afirmar o que cada um quer, sente e pensa, dando, simultaneamente, espaço de afirmação ao outro” (p. 108). Ser assertivo, na definição de Caballo (1993), é ser possuidor de “aptidões sociais”, ou seja, é possuir uma série de comportamentos sempre adequados à situação em que expõe os seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou até mesmo direitos. Uma outra competência que poderá revelar-se importante no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo é a **criatividade**. Segundo as diferentes teorias que abordam o conceito da criatividade e para os autores Jardim e Pereira (2006), a pessoa criativa apresenta algumas características que a distingue das restantes, nomeadamente: é mentalmente maleável, adaptando-se facilmente a novas situações, possui inúmeros conhecimentos sobre um campo específico que foram obtidos e consolidados ao longo do seu estudo e experiência, apresenta um interior que a impulsiona para a ação e produção, tendo, por isso, grande facilidade em “criar”.

O conceito de competência tende a associar-se às diretrizes de uma escola ativa. Considerando a visão de Alarcão (2001b) de que a dimensão pedagógica do projeto político-pedagógico-curricular reside na “intencionalidade da escola para desenvolver ações a fim de cumprir a sua finalidade de formar cidadãos nas dimensões sociocultural, política, profissional e humana” (p.78), a Escola do século XXI começa a dar provas de que se preocupa com os alunos e com a sua preparação para a vida e, por isso, começa a receber outro significado. Numa perspetiva sócio construtivista, quando a Escola convida o aluno para trabalhar como voluntário em projetos sociais, está a presenteá-lo com uma oportunidade deste ser um agente ativo, o protagonista da ação, o sujeito aprendente, que procura permanente o significado das coisas. O jovem, nestas condições, para além da possibilidade de adquirir e desenvolver as inúmeras competências já mencionadas anteriormente, poderá ainda desenvolver outras, nomeadamente a **autorrealização** e a **empatia**. Estas duas competências são consideradas, por alguns autores, fundamentais tanto para a formação pessoal do jovem, como para as suas relações intrapessoais e, por isso, vamos, neste momento, dedicar-lhes alguma atenção. Para os autores Jardim e Pereira (2006,p 91), a autorrealização consiste na “capacidade de operacionalizar a tendência humana para expandir, desenvolver e realizar, de modo autónomo, as

potencialidades pessoais, sociais e profissionais”. Colmatando as suas necessidades, o jovem é conduzido à plenitude do seu ser, já que, encontra sentido para as suas ações e, por isso, vivencia um sentimento pleno de bem-estar, Palma e Lopes (2012). “A autorrealização é o caminho para a felicidade”, Palma e Lopes (2012,p.133). Falcone (1998), nas suas investigações, destaca alguns benefícios associados à competência da empatia, no âmbito das relações interpessoais, nomeadamente o entendimento, a superação de conflitos, popularidade entre amigos, a redução de problemas emocionais e inclusive o diálogo e a reconciliação entre pares. Uma pessoa **empática** - que na linguagem comum do dia-a-dia se entende por uma pessoa sensível, amiga e que “veste a pele do outro” - é descrita por Lazure (1994) como uma pessoa com habilidades de comunicação verbal e/ou não-verbal; é uma pessoa que, através de um olhar, gesto, postura ou através de um sorriso, transmite e revela compreensão à outra pessoa e, portanto, tal habilidade poderá revelar-se profícua aquando do desenvolvimento pessoal do jovem.

No que diz respeito às implicações das competências pessoais e sociais no indivíduo, os autores Beauchamp e Anderson (2010) não têm dúvidas e afirmam que a presença de ruturas na aquisição das mesmas, aquando do processo de socialização do indivíduo, poderá ser de tal forma importante que poderá, inclusive, comprometer e pôr em causa o desenvolvimento e ajustamento do sujeito, tanto a nível pessoal como social.

Para terminar este nosso primeiro capítulo, resta-nos focar algumas das motivações que poderão conduzir um jovem à realização de atividades de voluntariado e a se comprometer com algumas organizações. Segundo López (1997), citado por Barbosa (2007), as motivações poderão ser de três tipos: a **motivação extrínseca**, considerada uma força que impulsiona a pessoa a realizar uma ação, por detrás da qual poderão estar possíveis recompensas ou castigos ou elogios; a **motivação intrínseca**, baseada numa força que convida a pessoa a concretizar uma determinada ação, sob a qual poderá estar uma causa, uma alegria, satisfação ou prazer associado ao facto da pessoa ser a protagonista da ação; e a **motivação transcendente**, encarada como o tipo de força que conduz as pessoas a agirem em prol das outras, pelo bem que querem fazer e não apenas pelas possíveis recompensas que daí possam advir. Segundo López (1997), as pessoas que desenvolvem as motivações transcendentais, consideradas por Barbosa (2007) como “motivações altruístas” (p.385) tornam-se pessoas mais sensíveis e humanas, enquanto as que desenvolvem motivações extrínsecas e intrínsecas, consideradas por Barbosa (2007) como “motivações egoístas” (p.385), agem pelos benefícios que o voluntariado lhes pode proporcionar, quer materiais quer simbólicos.

Por tudo o que aqui já se disse, apraz-nos terminar o nosso subcapítulo com um último pensamento sobre esta nobre causa:

“ (...) o voluntariado pode constituir uma escola dentro da escola, oportunidades soberanas de participação social e cívica dos jovens, espaços de cidadania e de humanidade!”,  
Barbosa, in Azevedo (2007, do prefácio).



## CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

---

Para Quivy e Campenhoudt (1998), a investigação em Ciências Sociais tem como principais objetivos:

(...) Compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, a fazer inteligentemente o ponto da situação, a captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, a refletir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política, ou ainda a compreender com mais nitidez como determinadas pessoas apreendem um problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações. (P. 19).

No entanto, Maroy (1997, p. 117) menciona que “cada investigador tende frequentemente a desenvolver o seu próprio método em função do seu objeto de investigação, dos seus objetivos, dos seus pressupostos teóricos ou de outros fatores contingentes”. Para Gil (2002), falar em metodologia significa falar na descrição da estrutura de um estudo empírico, que envolva a exposição dos procedimentos, métodos e técnicas essenciais ao desenvolvimento a um estudo. Desta forma, é possível chegarmos a conhecimentos mais sólidos que vão ao encontro da veracidade de factos. Caracterizar o conhecimento como científico implica, segundo este autor, definir um método que vá ao seu encontro, bem como, identificar as operações técnicas e mentais que possibilitam a sua verificação.

Almeida e Freire (2003) defendem, porém, que as ciências humanas permitem que façamos a junção das metodologias quantitativas e qualitativas, possibilitando a triangulação de dados e adaptando da melhor forma possível o estudo ao tema em causa.

Segundo a perspetiva destes dois teóricos, realizar ou analisar um trabalho de investigação envolve a sua compreensão a nível do problema/objeto de estudo que motivou o investigador, das suas variáveis de estudo, da fundamentação teórica, da sua metodologia e da possibilidade de interpretar e utilizar esses resultados.

Recordando o tema do nosso estudo: “Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa” e o nosso problema/objeto de estudo “O contributo das práticas de voluntariado social junto de alunos do ensino básico, na afirmação e desenvolvimento da responsabilidade social das escolas” apresentamos de seguida os **objetivos gerais** que nos propomos a atingir ao longo deste percurso investigativo:

- \* Caracterizar o Clube Viver a Vida do ponto de vista da Responsabilidade social e da cidadania ativa;
- \* Identificar competências pessoais e sociais adquiridas pelos alunos aquando da sua participação em atividades de voluntariado;
- \* Avaliar o impacto do Clube ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade.

Relativamente às **questões de partida** ou **questões orientadoras** para esta investigação, estas são as seguintes:

- Qual a origem, os objetivos e finalidades do *Clube Viver a Vida, CVV*?
- Como se desenvolveu institucionalmente o CVV?
- Como se organiza o Clube: Quem participa? Quais os destinatários? Que recursos são utilizados? Quais as estratégias e atividades desenvolvidas? Como se articula com o currículo? Quais as dificuldades e obstáculos sentidos?
- O CVV encontra-se inserido no projeto Educativo da Escola?
- Como se caracteriza o CVV do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa?
- O CVV reconhece e fortalece a organização escola no qual está inserido como núcleo de cidadania ativa?
- Em que medida a participação no projeto CVV e as práticas de voluntariado por ele dinamizadas contribuem para a aquisição e promoção de competências pessoais e sociais dos alunos neles implicados?
- Que impacto tem o CVV ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade?

## **2. 1 Pertinência do estudo**

O tema da nossa pesquisa nasceu sobretudo da conjugação de dois interesses por parte da investigadora, pessoal e social. Pessoal pelo facto de, desde a sua adolescência, ter participado em várias atividades de voluntariado dinamizadas pela sua paróquia e por

diversas organizações não-governamentais da região, logo percebeu que o voluntariado era uma fonte de riqueza inesgotável e que com ele aprendia a ser mais e melhor pessoa. Compreendeu que as suas competências pessoais e sociais aumentavam e que eram visíveis e perceptíveis aos olhos de terceiros. Além disso conseguia, simultaneamente, fazer feliz e melhorar a qualidade de vida de muitas pessoas e de organizações e compreendeu, através da sua ação, o sentido da frase de São Francisco de Assis “Pois é dando que se recebe”. O voluntariado começou a fazer da sua vida e, de forma muito natural, a sua ação e os seus benefícios eram divulgados junto de familiares, amigos e colegas de trabalho no sentido angariar mais admiradores e adeptos desta filosofia de vida. Daqui até implementar um projeto de voluntariado na Escola foi um passo e, portanto, o desejo que inicialmente era pessoal alargou-se ao âmbito social. O *Clube Viver a Vida* nascia na Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia no ano letivo 2003/2004, valorizando e reconhecendo o voluntariado educativo como meio de participação e cidadania ativa e, por consequência, tendia, através da ação de toda a comunidade educativa, promover a responsabilidade social neste estabelecimento de ensino, que serve de base de trabalho empírico a esta dissertação.

Por outro lado, tendo em conta a acentuada crise económica que o nosso país atravessa no presente, pareceu-nos que o tema em estudo poderia vir a constituir num futuro próximo, uma ferramenta de trabalho de grande importância e utilidade tanto para a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia onde o estudo decorre, como para as organizações não-governamentais regionais e nacionais e empresas privadas com as quais ela estabelece parceria e, inclusive, poderia revelar-se particularmente útil para a Região Autónoma da Madeira a nível da implementação do Plano Nacional de Voluntariado, PNV, 2013 -2015 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2013).

Tendo em conta a opinião de Alarcão (2001) “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (p.18) e que “a solidariedade é um componente da cidadania” Perrenoud (2005,p.16), o estudo em causa revela-se igualmente importante e válido pois alia a vontade e a necessidade de querer formar jovens a nível de aquisição de competências pessoais e sociais em pleno desenvolvimento biopsicossocial.

Para Delors (1996) sempre que os alunos participam de uma metodologia de projetos voluntariado educativo tendem a desenvolver-se e adquirir competências que serão para eles os “pilares do conhecimento - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser” (p.90). Por outro lado, os Ministérios da Educação e Ciência e da Solidariedade e da Segurança Social afirmam através do preâmbulo da Portaria nº 333/2012 de 22 de Outubro que: “A valorização da atividade de voluntariado nos estabelecimentos de educação e ensino constitui uma porta de acesso para o reforço e papel da escola como

agente estruturante na construção de relações humanas e de modelos de consolidação de valores de responsabilidade social” e através do Despacho normativo n.º 24-A/2012, no artigo 19º referente à conclusão e certificação, que atesta que todos os alunos aquando da conclusão do ensino básico terão direito a um certificado que comprove não só o nível de qualificação, as disciplinas concluídas e as respetivas classificações finais, classificações das provas finais de ciclo nas disciplinas em que foram realizadas mas também, um anexo onde constem todas as atividades extracurriculares desenvolvidas pelo aluno, designadamente as realizadas pelo aluno no âmbito de ações de voluntariado.

O estudo em causa tende também a mostrar-se particularmente importante já que coloca a Escola como centro das políticas educativas e, como tal, implica que a sua autonomia seja construída a partir dos problemas e potencialidades da comunidade envolvente, Lemos e Conceição (2001). A operacionalização das políticas públicas envolverá, no domínio das teorias da administração, a gestão participativa já que, como teremos oportunidade de explorar ainda neste capítulo, a escola onde este estudo empírico se desenvolve utiliza no âmbito das suas estratégias o – *Clube Viver a Vida* – e por sua vez, o envolvimento e a participação ativa e contínua dos professores, funcionários, pais e encarregados de educação e principalmente dos alunos. Estes últimos, ao participarem em atividades educativas de voluntariado, tendem a ser vistos, segundo Barroso (1995,p.11), como “trabalhadores” ou “sujeitos da sua formação”. Com este envolvimento e com a participação da comunidade educativa na definição de metas e objetivos, na resolução de problemas e no processo da tomada de decisão da escola, é possível que se gere diferentes graus de poder e de responsabilidade, o que poderá num futuro próximo vir a afetar a organização escola tanto a nível das suas finalidades, como a nível do sujeito envolvido.

## **2. 2 Desenho da investigação**

Tendo por base o problema, os objetivos gerais e a base teórica revista para o nosso estudo, achamos pertinente elaborar uma investigação descritiva utilizando uma metodologia mista, do tipo qualitativa e quantitativa, Bogdan e Biklen (1994). Se por um lado a pesquisa qualitativa privilegia, essencialmente, a compreensão dos problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação, Bogdan e Biklen (1994) dando profundidade aos dados, a dispersão, a riqueza interpretativa, a contextualização do ambiente, os detalhes e as experiências únicas Sampieri (2006, p. 15), a pesquisa quantitativa “nos oferece a possibilidade de generalizar os resultados de maneira mais ampla, concede-nos controle sobre os fenómenos e um ponto de vista de contagem e magnitude em relação a eles”, Sampieri (2006, pp. 14,15). Ainda, segundo este autor, a metodologia quantitativa, “oferece

uma grande possibilidade de réplica e um enfoque sobre pontos específicos de tais fenómenos, além de facilitar a comparação entre estudos similares (ibidem). Ao recorrer a uma metodologia mista, pretendemos combinar os dois modelos empíricos, diversificar técnicas/ métodos e instrumentos de recolha de dados e desta forma enriquecer a coleta de dados bem como a sua análise. Espera-se, com a utilização do modelo misto, “potenciar um maior desenvolvimento do conhecimento, a construção de teorias e a resolução de problemas”, Sampieri (2006, p.15).

Tendo em conta que a nossa abordagem metodológica incidirá com alguma intensidade e profundidade sobre a caracterização do *Clube Viver a Vida*, um clube que existe há nove anos numa Escola Básica do 2º e 3º Ciclos da cidade do Funchal e sobre o impacto que este poderá ter na escola e na comunidade educativa estamos, segundo Yin (2001), perante um estudo de caso. Yin (2001) explica: o nosso estudo segue a metodologia do estudo de caso já que “investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” e, portanto, “os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos “ (p.32). Desta forma, Yin (2001) recomenda ao investigador que a descrição de todos os passos do estudo seja pormenorizada, rigorosa e clara, caso outros investigadores desejem repetir os mesmos procedimentos em situações análogas.

A subjetividade do investigador é também um ponto que Yin (2001) nos apela num estudo desta natureza. Para este autor, é muito importante que esta seja diminuída ao máximo e, para isso, volta a recomendar e aconselhar a descrição densa das relações causa/efeito e das ilações que a investigação nos vai oferecendo. Por outro lado, Stake (2005) assegura que, quando o investigador recorre a processos de triangulação metodológica, utilizando mais de um tipo de método ou utilizando várias vezes o mesmo método poderá desta forma garantir ao estudo de caso mais alguma credibilidade.

### **2.2.1 Metodologia de recolha e análise de informação**

A recolha e análise de informação deste nosso estudo teve origem em dois grandes momentos: o primeiro que derivou da pesquisa e análise documental e um segundo associado à realização de um *focus group* constituído por 11 alunos do 3º ciclo da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, um inquérito por questionário aplicado a 50 alunos da mesma escola e uma entrevista individual à delegada da Fundação AMI/Funchal.

### **2.2.1.1 Análise documental**

Relativamente à análise documental, esta incluiu o estudo de dois documentos internos da Escola que se revelaram importantes para o nosso estudo, nomeadamente, o projeto educativo de escola, PEE (anexo 18) e o plano anual de atividades do *Clube Viver a Vida* (anexo 19). A análise documental foi ainda estendida a outros documentos alusivos à legislação relativa à temática do Voluntariado em Portugal. A análise de conteúdo realizada a vários documentos, tais como as notas de campo (anexo 12), que foram recolhidas pela investigadora no decurso da investigação; a entrevista cedida pelo jovem responsável pela Juventude hospitaleira/Madeira publicada numa das revistas da escola (anexo 11); as cartas/historiais do *Clube Viver a Vida*, realizado por duas das coordenadoras do Clube Viver a Vida (anexos 9 e 10) e a carta escrita pelo Dr. Barbeito, Presidente da Cáritas Diocesana do Funchal dirigida ao *Clube Viver a Vida* (anexo 10) revelaram-se fundamentais na recolha, análise e tratamento de informação e por isso, constam também no *corpus* deste trabalho.

Seguindo a conselho de Bardin (1977), optámos por fazer uma primeira leitura “flutuante” (p.96) nos documentos atrás mencionados atingindo um conhecimento mais sólido e profundo sobre toda a temática em estudo.

### **2.2.1.2 Focus group**

Tendo em conta que o nosso estudo segue a metodologia do estudo de caso, optámos, tal como já afirmamos anteriormente, pela utilização de várias técnicas para a recolha de dados. Assim, foi utilizada para o grupo um o grupo em que os alunos manifestam uma participação efetiva e contínua nas atividades de voluntariado promovidas pelas escola/clube viver a vida, a técnica do *focus group*. Para Morgan (1997), esta é uma técnica qualitativa que propõe o controlo da discussão de um grupo de pessoas, imposta em entrevistas não diretivas. Segundo este autor, o *focus group* dá ênfase à observação e ao registo de experiências e reações dos indivíduos participantes do grupo que seriam difíceis de registar por outros métodos, nomeadamente pelas entrevistas individuais ou questionários. Ainda segundo Morgan (1997), utilizamos a técnica do *focus group* quando se pretende realizar uma recolha primária de dados ou quando pretendemos fazer um estudo com maior profundidade já que proporciona uma multiplicidade de visões e reações emocionais, o que vai ao encontro dos objetivos da nossa investigação. Para Parasuraman

(1986), a técnica do *focus group* compreende uma “discussão objetiva conduzida ou moderada que introduz um tópico a um grupo de respondentes e direciona sua discussão sobre o tema, de uma maneira não-estruturada e natural” (p.245).

A seleção dos alunos para participarem nesta entrevista coletiva foi feita tendo em conta o seguinte fator: todos os alunos escolhidos para constituírem o grupo um já tinham participado pelo menos uma vez numa atividade de voluntariado com uma duração 4 a 5 dias, promovida numa parceria entre a sua escola/*Clube Viver a Vida* e o Movimento Juventude Hospitaleira - Casa de Saúde de Câmara Pestana. Era portanto, um grupo “homogéneo quanto a determinados parâmetros” Vichas (1982,p.113). Esta condição é deveras importante, segundo Vichas (1992), já que desta forma existe uma identificação e integração entre os participantes e as situações conflituosas e contraditórias são evitadas.

No que diz respeito ao tamanho do grupo escolhido (onze jovens), segundo Mattar (1993) este deverá incluir 8 a 12 pessoas, pois “grupos acima de 12 pessoas inibem e reduzem as possibilidades de participação de todos” (p.173). A nossa amostra foi então selecionada por conveniência, sendo representativa sobretudo das experiências, das formas de interação ou das situações em estudo.

Neste contexto, optou-se por aplicar a técnica do *focus group* a um grupo de onze jovens voluntários num determinado espaço da escola para debaterem questões comuns acerca da sua prática do voluntariado. Esta técnica permitiu, igualmente, que eles construíssem e reconstruíssem as suas posições no momento e em posições futuras relativamente aos assuntos discutidos. Porém, antes da aplicação da entrevista em grupo, houve a preocupação de prepararmos cuidadosamente um guião que traduzisse o propósito da pesquisa, Aaker (2001) com uma série de questões relevantes acerca do voluntariado e estas foram por sua vez organizadas em grupo de tópicos e ordenadas numa sequência lógica (anexo 2). Neste inquérito por entrevista, houve a preocupação de recolher informação nas seguintes áreas: dados pessoais dos voluntários, questões relacionadas com o exercício do voluntariado e o impacto do voluntariado na vida do jovem. O guião da entrevista foi organizado em três partes:

\*a primeira parte (Bloco B) - os dados pessoais:

- idade
- sexo
- escolaridade

\*a segunda parte (Bloco C) - o exercício do voluntariado:

- motivações para o exercício do voluntariado;
- modo como se envolveu no voluntariado;

- influência de terceiros no exercício do voluntário;
- quando decidiu se envolver em atividades de voluntariado;
- grau de satisfação no exercício do voluntariado;
- caracterização de uma experiência de voluntariado;
- episódio significativo numa experiência de voluntariado.

. \*a terceira parte (Bloco D) – o impacto do voluntariado na vida do voluntário:

- Percepção do impacto da experiência do voluntariado na vida pessoal do aluno;
- Grau e natureza do impacto – aquisição e desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
- Expectativas do voluntário – percepções de longevidade.

Na primeira parte do questionário, bloco B - identificação do voluntário – procurámos obter informação acerca da idade, género e escolaridade do jovem voluntário. No bloco C - exercício do voluntariado – procurámos conhecer as motivações que levaram o jovem a participar em ações de voluntariado, o modo como se envolveu, se recebeu ou não influência por parte de terceiros, quando é que decidiu dar o seu primeiro passo no voluntariado, o grau de satisfação presente, a caracterização de uma experiência de voluntariado que tenha vivido (local e o tipo de voluntariado realizado) e o relato de uma situação que tenha vivido no voluntariado que, na opinião do aluno, tenha sido significativa e marcante para a sua vida. No bloco D - o impacto do voluntariado na vida do voluntário - pretendemos saber se o aluno reconhece e identifica algum impacto do voluntariado na sua vida e no caso afirmativo, qual o grau e natureza desse impacto em termos de valores ou competências pessoais e/ou sociais e, por fim, as expectativas que o aluno tem relativamente à prática do voluntariado, ou seja, se pretende continuar a participar em atividades de voluntariado a curto, médio ou longo prazo.

Uma vez elaborado o guião para a entrevista coletiva e semiestruturada, facultamo-lo a duas professoras da escola, uma da área das ciências e outra da área das letras, com o objetivo de o lerem e o analisarem no sentido de verificar se as perguntas estavam claras para alunos do 3º ciclo, pois, embora tenhamos consciência que o guião nunca passará de um mero instrumento de orientação geral, sabemos que a qualidade das respostas dos alunos está diretamente relacionada com a qualidade das questões. Uma vez obtida a “autorização” por parte das duas professoras, a entrevista foi aplicada ao grupo de onze jovens voluntários numa sala da escola, previamente preparada para o feito, onde os jovens se dispuseram à volta de uma mesa, em forma de “U”, ficando a investigadora/moderadora à



cabeceira. Por detrás da moderadora, colocamos a câmara de vídeo com o objetivo de filmar toda a sessão mas, principalmente, o jovem que participava oralmente e todas as suas expressões, que com um sistema de gravação áudio seria impossível de detetar (Krueger, 1994; Morgan, 1988; Greenbaum, 1993). A autorização para o início da gravação foi pedida a todos os alunos no momento antes de começar a entrevista. Houve ainda o cuidado de questionar aos alunos sobre o nome que gostariam que fosse usado para cada um deles modo a garantir o anonimato. Todos os alunos referiram que não desejavam o anonimato, já que se tratava de um trabalho sério, para além do voluntariado ser um motivo de orgulho para eles e, portanto, manifestaram o seu desejo que os seus nomes verdadeiros constassem nesta investigação. A entrevista ocorreu em dois momentos diferente. A primeira sessão realizou-se a 10.04.2013 entre as 10:20 e as 11:40h, teve uma duração de sensivelmente 90 minutos e realizou-se numa das salas da escola HBG. Os onze alunos tiveram a devida autorização da sua diretora de turma para se ausentarem da aula de Formação Cívica. Pensamos que esta foi uma boa oportunidade já que, desta forma, os alunos não teriam de vir de propósito à escola para a entrevista e não teriam de ocupar um tempo extra aulas, fatores que poderiam condicionar ou constituir um impedimento ao desenvolvimento desta investigação (os alunos em causa possuem muitos compromissos extraescola, nomeadamente atividades relacionadas com o desporto e música).

No fim da entrevista coletiva, questionámos os onze alunos acerca do grau de dificuldade em responder às questões colocadas por nós pois, segundo Morgan (1988), esta é a maneira mais fácil para avaliarmos a adequabilidade desta técnica. Os onze alunos inqueridos afirmaram que tinham compreendido todas as questões, que estiveram à vontade com elas e com as respetivas respostas e que não tinham sentido qualquer dificuldade em interpretá-las ou em responder às mesmas. A segunda sessão do *focus group* realizou-se no dia 16.04.2013 entre as 13:30 e as 15:00h e decorreu nas instalações da escola HBG.

Uma vez realizada a entrevista coletiva ao grupo um, que se realizou em dois momentos diferentes, passámos, de seguida, à transcrição da informação para formato digital - *Microsoft Word* – (anexo 3), incluindo os risos, diferenças na entoação da voz e gestos, que posteriormente foi lida várias vezes e submetida a uma análise pormenorizada e indutiva. Seguidamente e, relacionando a fundamentação teórica deste estudo à comunicação facultada pelos voluntários, passámos à unitarização, Moraes (1999), ou seja, definição da “unidade de análise” (p.7). Relemos, posteriormente, cada unidade de análise e procedemos à categorização de dados “considerando a parte comum existente entre eles”, Moraes (1999). Para Olabuenaga e Ispizúa (1989), citado por Moraes (1999), o processo de categorização implica uma redução de dados e as categorias expressam a consequência de um empenho de síntese de uma comunicação, tendo sempre o cuidado de salientar os aspetos mais importantes, tendo em vista os objetivos da investigação e as questões

investigativas que se pretende ver respondidas. Com este cuidado, garantimos a “validação ou pertinência” da categorização, ou seja, garantimos que as “categorias criadas fossem significativas e úteis em termos do trabalho proposto, sua problemática, seus objetivos e sua fundamentação teórica, Moraes (1999, p. 9). Esforçamo-nos também para que a categorização obedecesse ao “critério da exaustividade”, Moraes (1999, p.10), ou seja, que todos os dados significativos para o estudo fossem classificados e introduzidos numa dada categoria. A “homogeneidade” das categorias, Moraes (1999), foi um outro critério que tentámos obedecer e, por isso, a organização das categorias fundamentou-se num único princípio ou critério de classificação. Garantida a exaustividade e a homogeneidade das categorias formadas, esforçamo-nos para que, um mesmo dado não fosse incluído em mais do que uma categoria-critério da exclusividade, Moraes (1999). Posto isto e por se tratar de uma abordagem qualitativa, decidimos passar à descrição, ou seja, para cada categoria escrevemos “citações diretas dos dados originais”, Moraes (1999, p.11). Tendo em conta a natureza do nosso estudo, procedemos de seguida a uma interpretação, não só sobre os “conteúdos manifestos pelos autores [alunos], como também sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos autores [alunos]”, Moraes (1999, p. 12). Assim, tentámos procurar captar através dos dados categorizados, “sentidos implícitos” e captar algo de quem o “autor (alunos) nem tinha consciência plena” (Moraes, p. 13), captando nas entrelinhas motivações inconscientes ou indizíveis, reveladas por descontinuidades e contradições” (ibidem).

### **2.2.1.3 Inquérito por questionário**

Relativamente ao grupo dois, aplicámos um inquérito por questionário (anexo 17) que é definido, segundo Ghiglione e Matalon (2001), como um “instrumento rigorosamente estandardizado, tanto no texto das questões, como na sua ordem” (p.110) e, por isso, através dele, é possível comparar as respostas de todos os participantes num curto espaço de tempo. Para o efeito, dirigimos este questionário a um grupo heterogéneo de cinquenta alunos de 3º ciclo (9 alunos do 7º ano, 24 do 8º ano e 17 do 9º ano de escolaridade) da Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, localizada no concelho do Funchal. Recorremos desta vez a uma técnica de amostragem probabilística estratificada. Dividimos a nossa amostra de cinquenta alunos em três estratos – sétimo, oitavo e nonos anos de escolaridade. Desta forma conseguimos que os jovens, dentro de cada estrato, fossem homogéneos a nível da idade/escolaridade mas os estratos entre si o mais

heterogêneos possível. A seleção dos jovens para fazerem parte dos estratos foi feita de forma aleatória.

Relativamente a este instrumento de recolha de dados – o questionário - os autores Ghiglione e Matalon (1993, p.157) salientam a importância do investigador aplicá-lo “em pequena escala e em condições tanto quanto possível idênticas à da sua aplicação definitiva”. Desta forma, houve a necessidade de, antes de aplicar a versão definitiva do questionário aos nossos cinquenta alunos pertencentes ao grupo dois, testar o questionário enviando-o a três professoras, duas pertencentes à escola onde o estudo foi desenvolvido e uma outra pertencente a outra escola do concelho do funchal. Após o seu envio *online*, recebemos algumas críticas relativamente às questões abertas, pois não permitiam que os alunos escrevessem a sua opinião e, relativamente à pontuação, que segundo elas não estavam bem colocadas. Uma vez retificados todos os erros e falhas detetadas, decidimos enviar o questionário corrigido a uma amostra de dez alunos com características semelhantes às da população em estudo, garantindo assim a compreensão e a aceitação do mesmo.

Este estudo piloto foi realizado no mês de abril do ano letivo de 2012/2013. Através da sua aplicação, verificamos que não houve por parte dos alunos qualquer dificuldade na compreensão das questões e não foram feitas qualquer tipo de sugestões que merecessem a reformulação do questionário. Passámos, de seguida, à aplicação definitiva do questionário aos cinquenta alunos do grupo dois. O questionário é constituído por uma pequena “carta” de apresentação dirigida a todos os inqueridos onde damos conhecimento do tema da investigação e garantimos a confidencialidade das suas respostas e mais quatro partes: a primeira relativa aos dados pessoais dos alunos nomeadamente, o sexo, a idade e o ano de escolaridade; a segunda parte constituída por um conjunto de seis questões de escolha múltipla referentes à experiência do voluntariado e motivação para a sua prática; a terceira parte aborda o impacto do voluntariado na vida do jovem e apresenta um conjunto de 43 itens de Likert. Numa escala que varia de 1 a 7, onde o 1 corresponde ao “discordo Plenamente” e o 7- “Concordo plenamente”, pretendemos medir o nível de concordância ou não concordância do aluno face a algumas questões nomeadamente, a relação entre voluntariado e os valores: autonomia, responsabilidade, compromisso, assertividade, amizade, justiça e a solidariedade, entre outros. A quarta parte do questionário integra duas questões relativas às expectativas do aluno em relação ao voluntariado e as suas perceções de continuidade neste tipo de atividade. Na primeira, de resposta múltipla, o aluno tem oportunidade de expressar a sua opinião sobre a sua intenção em continuar, ou não, a participar em atividades de voluntariado, indicando os limites temporais dessa participação. Em relação à segunda questão, de resposta aberta, o aluno responde através da escrita de um pensamento ou sonho que gostasse de concretizar no futuro.

Uma vez obtidos os dados dos 50 alunos inqueridos procedemos à análise estatística recorrendo ao software aplicativo SPSS (versão 21) originalmente conhecido por Statistical Package for the Social Sciences.

#### **2.2.1.4 Entrevista**

Relativamente à entrevista da Dra. Helena Andrade, delegada da AMI/Funchal esta realizou-se no dia 05.07.2013, entre as 15:00 e as 16:00h nas instalações desta organização. Para que houvesse um fio condutor e orientador ao longo de toda a entrevista, elaborámos um guião constituído essencialmente por quatro partes distintas: Bloco A – onde legitimamos a entrevista e motivamos a entrevistada para a sua participação; Bloco B- recolha de dados pessoais da entrevistada; Bloco C – Importância da parceria AMI/HBG; Bloco D – Impacto da parceria AMI/HBG para a organização AMI e na Escola HBG, (anexo 5).

Relativamente à transcrição e análise de conteúdo da entrevista optámos pelos mesmos procedimentos e cuidados que os descritos anteriormente no *focus group* – grupo um (anexos 6 e 7).

### **2.3 Contexto de recolha da informação.**

#### **2.3.1 Caracterização do meio - Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, HBG.**

Construída nos anos entre os anos 1977 e 1980, a nossa escola foi conhecida durante muitos anos como a Escola Preparatória da Cruz de Carvalho. No ano letivo 1982/1983, passou a denominar-se Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, em homenagem ao ilustre poeta e escritor madeirense, nascido na freguesia de Ponta Delgada, a 5 de Setembro de 1901 e falecido no Funchal a 23 de Maio de 1983. No ano letivo 2003/2004, a escola comemorava 25 anos de existência e, por isso, o estado degradado das diversas infraestruturas da Escola já se fazia notar a olho nu. Este fator, aliado ao alargamento da escolaridade obrigatória e ao reajustamento quer do quadro de docentes, quer de funcionários fez com que o Governo Regional decidisse pela construção de uma nova escola, mais preparada para as suas múltiplas funções e atividades. A edificação da nova escola surge no verão de 2004, com novas e modernas instalações. Localizada na zona oeste da cidade do Funchal, a norte do Hospital Dr. Nélcio Mendonça, a escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia abarca uma população socialmente

diversificada oriunda de parte das freguesias de S. Pedro, Santo António, Sé e S. Martinho. Atualmente, abrange um total de cerca de 1640 alunos, distribuídos por 69 turmas dos 2º e 3º ciclos, cerca de 200 professores e 100 funcionários, funcionando exclusivamente em regime diurno, num sistema de dois turnos (manhã e tarde). É, por este motivo e segundo a sua presidente da direção executiva, mestre Fátima Maria Teles, a segunda maior escola do ensino básico do país e a escola que leva a exame o maior número de provas finais (6.º e 9.º ano). A escola HBG, tal como é conhecida, congratula-se por estar entre as dez melhores escolas do 2.º e 3.º ciclos da Região.



Figura 2 - Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia

A escola HBG é também considerada por muitos uma escola dinâmica, já que possui diversos projetos nomeadamente, clubes de fotografia, química, ambiente e música, teatro, laboratório de matemática, Bufetes Saudáveis, Educação Rodoviária, bem como programa de prevenção das toxicodependências, promoção de hábitos de vida saudáveis, ateliê de expressão plástica, tecnologias de informação e comunicação, entre outros. A escola HBG possui também, desde o ano letivo 2003/2004, um projeto – *Clube Viver a Vida* – que, através da organização e promoção de atividades no âmbito do voluntariado em parceria com outras ONGs, mobiliza mais de uma centena de alunos por período em peditórios de rua, campanhas de recolhas de alimentos nos supermercados, marcha de sensibilização, entre outras, promovendo desta forma a educação para a solidariedade. A escola HBG, por tudo o que já foi referido e pelo facto de possuir excelentes instalações físicas e oferecer boas condições de trabalho para os alunos e professores, tende, segundo a sua presidente Fátima Teles, a criar “bem-estar para toda a comunidade” e muito provavelmente, devido a isso, é considerada uma das escolas mais “bem vistas” do Funchal e da Região. Por tal motivo, é uma escola muito solicitada e requisitada pelos pais dos alunos que pretendem integrar o 2 e 3º ciclos de escolaridade.

### **2.3.2 Caracterização do Clube Viver a Vida (CVV)**

A ideia de elaborar um projeto na escola voltado para nobres causas como a solidariedade social foi, desde logo, apreciado e aprovado pelo órgão de gestão da referida escola já que criava espaços de articulação entre a escola-comunidade e auxiliava a escola a realizar uma das suas principais funções: a formação integral do aluno. Tentou-se, de imediato, organizar uma equipa de trabalho que reunisse todas as condições válidas para que o projeto tivesse condições para se desenvolver e para que a sua metodologia se desenvolvesse de acordo com os quatro pilares da educação para o século XXI sugeridos por Delors (1996): aprender a ser, aprender a fazer, aprender a relacionar-se e aprender a conhecer. No ano letivo 2004/2005, o clube contava com um grupo de voluntários relativamente pequeno e a sua participação nas atividades de voluntariado limitava-se quase unicamente ao contexto escolar (interior da escola). Contudo, nesse ano, surgiu o nosso primeiro convite vindo do exterior. A AMI – Assistência Médica Internacional (Delegação da Madeira) - foi a primeira organização a nos contactar e a solicitar a nossa ajuda para um peditório de rua, o qual aceitamos com muito gosto. Nesse ano, o surgimento do *Clube Viver a Vida* coincidia com a construção de uma nova escola em termos físicos e, portanto, o ruído, a comunicação e as limitações de espaço condicionaram a divulgação da atividade. Daqui resultou a angariação de um grupo relativamente pequeno de voluntários mas muito empenhados e motivados e que constituiu uma mais-valia para as atividades posteriores. No anos seguintes, apesar do Clube continuar a colaborar com a AMI (parceria que perdura até os dias de hoje), decidiu aceitar outros convites provenientes de outras instituições, que apesar de defenderem causas diferentes, eram igualmente importantes para estimular o jovem estudante na tomada de decisão, comprometimento, destreza, protagonismo e pró-atividade. A divulgação do Clube foi acontecendo de forma natural, ano após ano, ora por meio da divulgação das atividades e testemunhos dos alunos no sítio da escola ([www.hbg.pt](http://www.hbg.pt)), ora através das informações/autorizações que iam para casa através da caderneta dos alunos. O Clube teve igualmente a oportunidade, ao longo destes nove anos, de dar algumas entrevistas na rádio local, na RTP Madeira e teve o prazer de ir algumas vezes divulgar o seu projeto e a sua ação junto de alunos e colegas de outras escolas da Região. A parceria entre o clube e a casa do voluntário da Madeira, que se criou logo no terceiro ano de existência do clube, revelou-se uma mais-valia já que a partir desse momento tornou-se mais fácil a organização e a promoção de cursos de voluntariado na nossa escola dirigido a toda a comunidade educativa. Como consequência desta entrega e desta divulgação, os convites dirigidos ao CVV surgiam agora de várias organizações, nomeadamente: Cáritas Diocesana do Funchal, SPAD - Associação protetora de animais domésticos, APD – Associação de deficientes da Madeira, Associação Mãos Unidas Padre

Damião, ABRAÇO, LPCC – Liga Portuguesa Contra o Cancro, JH – Juventude Hospitaleira, entre outras organizações. As atividades de voluntariado eram agora dirigidos aos 200 professores de 2º e 3º Ciclos e aos 100 funcionários da escola, bem como, aos pais e encarregados de educação dos alunos envolvidos. É provável que esta equipa heterogénea e unida por um projeto educativo de voluntariado, onde abunda a força da corresponsabilidade, faculte naturalmente à escola HBG características de uma escola aberta, única, especial e humana, tal como é normalmente caracterizada e visualizada pela comunidade intrínseca e extrínseca a ela.

### 2.3.3 Caracterização do grupo de alunos participantes

O grupo um é constituído por onze alunos voluntários de nono ano de escolaridade: nove raparigas e dois rapazes e foi entrevistado pela investigadora através da técnica *focus group*:

Tabela 2 - Caracterização dos jovens voluntários que integram o grupo 1 - Dados demográficos

Alunos	Idade	Género	Ano de escolaridade	Tipo de voluntariado realizado
Ana Beatriz	15	F	9º ano	A,B, C
Clara	15	F	9ºano	A, C
Diana	15	F	9ºano	C,E
Eduarda	14	F	9ºano	A, B, C,
Gonçalo	15	M	9ºano	B,C
Isabel	14	F	9ºano	A, C
Kelly	15	F	9ºano	A,
Márcio	15	M	9ºano	C,
Margarida	15	F	9ºano	A, B, C
Mariana	14	F	9ºano	C
Teresa	14	F	9ºano	A, B, C

A- Peditório de rua (AMI); B- Recolha de alimentos nos Supermercados (Cáritas); C- Juventude Hospitaleira (Casa de Saúde); D- Peditório/Campanhas no interior da Escola; E - Outros

Todos os alunos pertencentes ao grupo um têm idades compreendidas entre os 14 e os 15 anos e participam frequentemente em atividades promovidas pelo Movimento “Juventude Hospitaleira, JH”. Este é um movimento juvenil, fundado pelas Irmãs Hospitalieras do Sagrado Coração de Jesus (IHSCJ) e pelos Irmãos de S. João de Deus (OH) e tem como principal objetivo primeiro de levar aos jovens o mundo da hospitalidade. O espírito do

movimento é, portanto, a hospitalidade. Além da vivência de grupo, os jovens são desafiados a desenvolverem compromissos pessoais com cariz hospitaleiro, através de variadas atividades, profundamente marcadas pela experiência de ajuda, serviço, oração, dedicação e carinho ao próximo.

Estes alunos revelam-se assíduos e fiéis às atividades promovidas pelo movimento Hospitaleiro e todos eles já realizaram, pelo menos, uma atividade com a duração de um dia - Dia hospitaleiro, na Casa de Saúde de Câmara Pestana - e uma atividade prolongada de quatro a cinco dias, onde os alunos, não só prestam os seus serviços na instituição, como pernoitam nela. Para além desta atividade, alguns já participaram também em outro tipo de atividade de voluntariado, nomeadamente, na recolha de alimentos à porta dos supermercado, organizada pela Cáritas Diocesana do Funchal e no Peditório Anual de Rua, da Fundação AMI/Funchal.

Neste grupo, os alunos são referenciados ao longo deste trabalho pelo seu primeiro nome, desejo manifestado pelos mesmos aquando da realização do *focus group*.

O **grupo dois** é constituído por cinquenta jovens voluntários: 9 alunos do sétimo, 24 alunos do oitavo e 17 alunos do nono ano de escolaridade, tal como nos mostra a tabela 3 e o gráfico 1.

Tabela 3 - Género/Ano de Escolaridade – grupo dois

Ano de escolaridade			
	7º Ano	8º Ano	9º Ano
<b>Feminino</b>	6	18	14
<b>Masculino</b>	3	6	3
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>24</b>	<b>17</b>

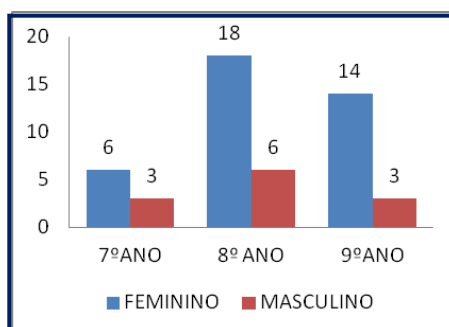


Gráfico 1 - Género /Escolaridade - Grupo dois – 50 alunos



Relativamente às idades destes jovens voluntários, estas estão compreendidas entre os 12 e os 16 anos e a idade com o valor de frequência mais elevada é a dos 14 anos/8º ano, tal como podemos observar na tabela 4.

Tabela 4 - Idade/Género– Grupo dois – 50 alunos

Idade	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
12	2	0	2
13	10	6	16
<b>14</b>	<b>17</b>	<b>4</b>	<b>21</b>
15	9	1	10
16	0	1	1
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>12</b>	<b>50</b>

Quanto ao género dos alunos voluntários, verifica-se uma grande predominância do sexo feminino relativamente ao masculino. Assim, numa amostra de 50 jovens voluntários, o nosso estudo contou com a presença de 38 raparigas e 12 rapazes. Este facto - um reduzido número de voluntários de sexo masculino comparativamente ao feminino - tende a repetir-se normalmente aquando da promoção anual das atividades pelo CVV. Constatamos que os jovens de sexo masculino da escola em que este estudo se desenvolve revelam um menor entusiasmo por este tipo de atividade comparativamente às jovens do sexo feminino e, quando a aceitam, revelam preferência pelas atividades de voluntariado com carácter pontual ou ocasional, onde experienciam as diferentes atividades a título de curiosidade e por um curto período de tempo. Apesar deste fenómeno não integrar o nosso estudo, não deixa, de facto, de ser curioso.

Relativamente ao grupo dois no seu todo, e agora falando de uma forma geral, apesar de aceitarem com boa vontade e de forma entusiasta os convites do *Clube Viver a Vida* para participarem nas mais diversas atividades de voluntariado, cooperam apenas de forma esporádica, não revelando ainda qualquer compromisso ou comprometimento com as mesmas, ao contrário dos alunos do grupo um. Neste segundo grupo, todos os alunos já participaram pelo menos uma vez em atividades de voluntariado que resultaram da parceria entre o *Clube Viver a Vida* e algumas instituições/associações, a saber: peditório de rua promovida pela Fundação AMI - Assistência Médica Internacional - (realizado uma vez por ano), campanha de recolha de alimentos à porta dos supermercados, organizada pela Cáritas Diocesana do Funchal (realizada em duas épocas do ano), marchas de sensibilização de luta contra a fome e a pobreza, organizada pela *Associação Mãos Unidas*,

*Padre Damião* (realizada uma vez por ano), “Dia Hospitaleiro”, organizado pelo movimento Juventude Hospitaleira (realizado várias vezes ao longo do ano) e ainda campanhas organizadas e dinamizadas pela própria escola/clube viver a vida – “Uma moeda por uma causa” (realizada uma vez por ano) e elaboração de cabazes/ distribuição dos mesmos pelas famílias carenciadas da escola (duas vezes por ano).

Para terminar, resta-nos dizer que, nesta investigação, o acesso aos alunos participantes do grupo um e dois fez-se, em primeira mão, através de uma carta/autorização à diretora do conselho pedagógico da escola (anexo 1) a qual, para além de ter fornecido a devida autorização para a realização dos questionários *online* e das entrevistas aos alunos, fez chegar a devida informação aos diretores de turma dos alunos. Foi igualmente entregue um pedido de autorização aos alunos envolvidos no *focus group* e respetivos pais. (anexo 1). A autorização da delegada da AMI/Funchal no sentido de divulgar a sua entrevista nesta dissertação foi também assegurada, (anexo 1).

#### **2.3.4 Caracterização – Delegada da AMI/Funchal**

Tem 43 anos e está na AMI/Funchal como delegada desta Fundação há 15 anos. Nesta instituição esteve, no passado, integrada em várias áreas mas sempre ligada aos voluntários. Possui licenciatura em Recursos Humanos e, por isso, inicialmente na AMI, esteve mais ligada a essa área. Mais tarde, por exigências do trabalho, fez bacharelato em serviço social, ficando com a coordenação da área social e pelo apoio direto. No presente, é responsável pela organização das campanhas, pelos projetos associados aos voluntários e ao voluntariado de uma forma geral. Toda a logística dos eventos e a representação da AMI, no seu todo, na RAM, passa pelas mãos da nossa entrevistada, incluindo a interação com a administração AMI Nacional e Internacional.

#### **2.4 Desafios e constrangimentos éticos - Professora /Investigadora**

Ser professora de duas turmas de Ciências Físico Químicas, na Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, formadora de Educação para a Sexualidade e Afetos, de cerca de sete turmas/ por período e coordenadora de um clube que existe na escola há nove anos e que mobiliza mais de 100 alunos por período não faz de nós seres “transparentes” ou propriamente desconhecidos. Aliar a estes ofícios o de investigadora

torna tudo ainda mais complicado e poderá acarretar alguns riscos e constrangimentos éticos para a investigação. Neste sentido, pensamos num primeiro momento em selecionar para o grupo um – grupo que se sujeitaria ao *focus group*, jovens voluntários de quem não éramos professores ou formadores ou com os quais ainda não tínhamos tido a possibilidade de trabalhar em atividades de voluntariado. Porém, num segundo momento, pensámos em trabalhar um grupo de alunos com os quais já mantínhamos um vínculo como professora, formadora e educadora nas atividades de voluntariado, pedindo a colaboração de uma professora para que, seguindo as nossas orientações, realizasse a entrevista coletiva – *focus group*. A verdade é que nenhuma das situações se veio a concretizar pelo facto de nenhuma delas satisfazer os nossos anseios e as nossas necessidades. Tendo em conta que, como coordenadora do Clube, tínhamos acompanhado um grupo de jovens durante três anos consecutivos nas mais variadas atividades de voluntariado, que estes eram extremamente responsáveis nos seus compromissos e que se respeitavam mutuamente, como poderíamos nós desperdiçar esta oportunidade para aprender com eles e de os premiar como pessoas e como co investigadores deste estudo? Como poderia a investigadora desaproveitar o conhecimento único inerente à vivência na primeira pessoa? Sentimos que esta poderia ser, para nós e para eles, uma oportunidade única de partilha e de aprendizagem, uma vez que estavam no nono ano de escolaridade e, por isso, de saída da escola. Estávamos convencidos que os benefícios sobrepor-se-iam aos prejuízos e, como tal, decidimos seguir em frente com a nossa opção. Os 11 alunos constituintes do grupo um passaram a assumir, com o seu consentimento e dos seus pais, o papel de parceiros da investigação. Na primeira sessão do *focus group*, o facto de todos quererem assumir o seu nome verdadeiro e pedirem para que este ficasse registado no nosso estudo deixou-nos com certezas de que a nossa opção tinha sido a correta. Durante os dois encontros que tivemos com este grupo, esforçámo-nos para ouvi-los, sem emitir juízos de valores e sem opinar. Este esforço, à medida que a sessão decorria, teve muitas vezes que ser redobrado, uma vez que nós, sendo voluntários desde a nossa adolescência, partilhávamos de sentimentos e vivências comuns e, portanto, duplicámos o cuidado para evitar, por exemplo, a emissão de um acenar de cabeça, de um sorriso ou de tomar partido de algum testemunho, tendo a perfeita consciência que estes atos poderiam enviesar a entrevista. Tivemos o prazer de participar de um encontro rico em sentimentos, desejos, sonhos, onde os jovens abriram o seu coração para falar de alguns medos, receios, dificuldades sentidas do seu dia-a-dia na escola e na família e relacionadas com a sua maneira de ser. Muitos assuntos revestidos de um cariz pessoal e íntimo foram abordados e discutidos naquele grupo e, portanto, era fundamental que a nossa atitude se pautasse por uma atitude ética caracterizada pelo rigor, pelo sigilo e pela confidencialidade. Tentámos, durante os dois encontros que tivemos com estes alunos, mantermo-nos racionalmente

ativos, tendo consciência que os trabalhadores no campo social correm o risco de se deixarem levar pela “*pasión del hacer*”, Serrano (2000,p.15). Verificamos que, após a realização do primeiro encontro com os voluntários e apesar de sermos professores dos mesmos, não se verificou qualquer tipo de aproveitamento ou de comentários despropositados nas aulas sobre a entrevista, nem por parte destes alunos, nem pelos restantes alunos da turma. Reparámos, no entanto, que estes, após a primeira entrevista, ficaram ansiosos pela segunda, perguntando muitas vezes nos corredores da escola pela sua data. No fim dos dois encontros, estes alunos manifestaram interesse em ouvir a gravação e em participar numa posterior apresentação pública do estudo, caso este viesse a acontecer na Região Autónoma da Madeira. Apesar de termos cedido ao primeiro pedido e de tê-los feito ouvir na sala partes do vídeo/entrevista, decidimos por prudência, não facultar o vídeo da entrevista a nenhum dos elementos do grupo. Apesar de tudo o que aqui já foi dito, temos consciência de que, apesar de todos os esforços realizados, os múltiplos papéis assumidos pela investigadora neste estudo empírico poderão ter dado origem a alguma subjetividade no processo, influenciando, inclusive, a construção de categorias e unidades de análise. Destacamos, no entanto, a nossa preocupação, sentida ao longo de toda a investigação, na minimização destes riscos, priorizando, para isso, a triangulação metodológica em função dos nossos objetivos e do suporte teórico do nosso estudo.

## CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

---

Tendo em conta a natureza da nossa investigação, tentámos, tal como já foi referido anteriormente, aumentar a fiabilidade da informação recorrendo à combinação de diferentes instrumentos metodológicos. É chegada à hora de procedermos à triangulação de dados, obtidos através da análise documental, análise de conteúdo, análise estatística implícita neste estudo tentando desta forma dar resposta às nossas questões de investigação.

### **3.1 Origem, objetivos e finalidades do Clube Viver a Vida. O seu desenvolvimento na instituição HBG.**

O *Clube Viver a Vida* é uma iniciativa da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia – Concelho do Funchal. Segundo uma das suas coordenadoras de origem, a professora Diva Castro, no memorial que fez do *Clube Viver a Vida* para este trabalho de investigação (anexo 8): “O *Clube Viver a Vida* surgiu no ano letivo de 2004/2005, sendo a mentora deste projeto, a professora Alda Matos”, docente daquela escola.

O Clube surgiu por um grande desejo e vontade associado a uma experiência pessoal da investigadora que desde a sua adolescência participou (e continua a participar) em inúmeras atividades de voluntariado, organizadas pelas diferentes organizações não-governamentais. Segundo a autora Guerra (2006), “Um projeto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também a expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” (p.126). Por acreditar que a participação da investigadora em inúmeras atividades de voluntariado conduziu a uma aquisição de competências pessoais e sociais e que estas constituíram uma perfeita escola de vida para a sua formação, crescimento pessoal e socio-emocional, a investigadora aventurou-se a apresentar um projeto de solidariedade na escola solicitando a colaboração de duas colegas suas, tal como citou a professora Diva Castro: “As três professoras, Alda Matos, Diva Castro e Sílvia Gomes abraçaram este projeto, sendo submetido e aprovado pelo Conselho Pedagógico”. Com a construção deste projeto, as três professoras envolvidas tentaram “mobilizar energias disponíveis com o objetivo de maximizar as potencialidades endógenas de um sistema de ação garantindo o máximo de bem-estar para o máximo de pessoas” Guerra (2006,p.126).

Apesar de, na altura, a investigadora ter como principal objetivo para o Clube a construção de um projeto social de intervenção, tal intenção foi no início desviada, tal como se pode confirmar pelo testemunho da professora Diva Castro: “A finalidade inicial para a fundação deste clube na escola foi a criação de um espaço de convívio entre alunos de turmas e anos diversos, levando-os a interagirem uns com os outros e permitindo-lhes desenvolver atividades de animação para as festas letivas” Apesar do Clube se ter afastado um pouco da ideia principal que pretendia inicialmente, teve o prazer de “apadrinhar” um grupo de 5 jovens dinâmicas, inteligentes e responsáveis que intervinha na escola em vários âmbitos, através da dança. Este grupo, denominado “Five Stars”, participava assiduamente nas festas escolares sob a orientação e supervisão das 3 professoras coordenadoras do Clube. Devido ao seu empenho, trabalho e ao carácter sério que estas jovens deram ao seu projeto, acabaram, em nome do Clube, por receber convites de várias entidades para atuarem em várias instituições, tal como refere a professora Diva Castro: “Este Clube recebeu o convite para levar o seu grupo a participar num espetáculo de Natal no Colégio de Santa Teresinha e passado algum tempo, o *Clube Viver a Vida* era convidado para divulgar e participar num evento solidário de rua, organizado pela AMI nas ruas do Funchal, que contou com a participação de algumas dezenas de alunos e duas professoras do clube. Posteriormente, este projeto foi-se dilatando com as várias propostas que foram surgindo, umas por iniciativa das professoras do clube, outras por convite/ sugestões de várias entidades.”. Os primeiros passos do Clube a nível do seu desenvolvimento institucional estavam dados.

Para Guerra (2006), a construção de projetos de intervenção implica necessariamente que após, a elaboração do diagnóstico e hierarquizadas as necessidades de intervenção, se definam as finalidades e os objetivos do mesmo. Assim e, segundo uma das coordenadoras do Clube, Diva Castro: “As finalidades [do Clube] tiveram de ser modificadas, atendendo ao número crescente de pedidos de ajuda que se fazia sentir na Escola, surgindo outra finalidade para este Clube, que era ajudar os mais desfavorecidos e desprotegidos”. Para Guerra (2006), as finalidades são “a razão de ser de um projeto e a contribuição que ele pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar. (...) estão incluídas em grandes domínios de intenção de políticas gerais das instituições públicas ou privadas (p.163). Ainda, segundo a professora Diva Castro: “Foi necessário ampliar os objetivos iniciais a outros, mormente: reconhecer a importância das instituições e o seu papel em prol dos necessitados e/ou desprotegidos; promover iniciativas que tinham como finalidade apoiar as pessoas carenciadas; promover o voluntariado e o espírito de solidariedade, sensibilizar os alunos e restante comunidade educativa para a necessidade

de melhorar a qualidade de vida dos mais necessitados, assim como promover os direitos humanos e os dos animais”.

No ano letivo 2010/2011, a professora e coordenadora do Clube, Sílvia Gomes, foi convidada para membro da Direção Executiva, tendo sendo substituída pela professora Maria José Martins, professora que já colaborava voluntariamente, com agrado e empenho nas atividades do Clube.

Com o passar do tempo, as coordenadoras do Clube sentiram, mais uma vez, a necessidade de modificar os objetivos deste projeto de intervenção social devido a determinadas parcerias que começaram a surgir, tal como testemunha a professora Diva Castro: “Os objetivos alteraram-se a partir das diversas colaborações deste clube em eventos extra escola, e há o emergir do objetivo mais importante deste Clube: consciencializar os alunos para os problemas que as pessoas desfavorecidas tinham e no modo como poderiam ajudar a minimizar esses efeitos; fomentando a solidariedade entre todos os alunos e, posteriormente, propagá-lo a toda a Comunidade Educativa. A Dra. Helena Andrade, nossa entrevistada, também testemunhou o desenvolvimento Clube já que este teve origem no mesmo ano em que se realizou a nossa [do Clube] primeira parceria com a Fundação AML. Neste contexto a delegada da AML/Funchal afirma: “no início era só uma coisa mais isolada (...) Agora se calhar já não é bem assim, agora há um conhecimento maior (...) e que tem uma filosofia por detrás, já é diferente, não é uma ação isolada só(...)multiplicaram as coisas que fazem”(anexo 6).

Com a aprovação do projeto do *Clube Viver a Vida* a nível de Conselho Pedagógico no ano letivo 2004/2005, a Escola Básica do 2º e 3º Ciclos deu um passo importante na definição da sua “ambição” e “missão”, já que decidia o sector em que toda a escola ia investir para não só mas também, a produção de uma “*distintividade* organizacional”, Estevão (1998,p. 18). Uma vez estabelecidos os valores, as crenças e as atitudes que davam um “cunho próprio”, deliberaram-se políticas de ação em sintonia com a estratégia da escola. Desta forma, novos fins e objetivos se levantaram na organização HBG clarificando mais uma vez a sua a filosofia, estratégias e políticas. A operacionalização de algumas metas da escola HBG, através do projeto CVV, foi uma constante ao longo destes nove anos da sua existência, transformando a escola HBG numa escola mais flexível através de criação de grupos autónomos e, conseqüentemente, através da resolução de problemas e de tomada de decisões.

### **3.2 Organização do Clube: participantes, destinatários, recursos, estratégias e atividades. Articulação entre o CVV e o currículo. Dificuldades e obstáculos.**

Pela caracterização das nossas amostras (grupos um e dois), reconhecemos que as atividades organizadas e promovidas pelo *Clube Viver a Vida* são tendencialmente mais aceites e participadas pelos alunos do oitavo ano de escolaridade, jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, seguindo-se os alunos de nono ano e finalizando com alunos mais novos que integram o 7º ano de escolaridade. Recordando Erikson (1968), a faixa etária dos 13 -14 anos integra o quinto estágio do desenvolvimento psicossocial que coincide com o período da adolescência e, neste sentido, falar em desenvolvimento implica necessariamente falar em crises, ou seja, responder aos desafios difíceis e exigentes que a sociedade oferece. Assim, a vida do jovem não é somente “esse mar de pessimismo e dissabor”, mas antes “uma fase da vida, carregada de entusiasmo, altruísmo, garra e empenho por aquilo que o jovem acredita que é valor e pelo qual vale a pena lutar”, Sberga (2001, p.150). Ainda segundo Barbosa (2007, p.31), “É na adolescência e na juventude que o indivíduo começa a estar mais capacitado e motivado para o futuro, na medida em que percebe que o futuro depende, em parte, daquilo que vai construindo”. Se é importante termos alunos dos vários anos de escolaridade a participar nas atividades de voluntariado, é igualmente importante que os seus professores, para além de divulgarem e promoverem as atividades organizadas e dinamizadas pelo Clube pelos seus alunos e Encarregados de Educação, participem, na medida do possível, nessas mesmas atividades. Relativamente a esta questão, os alunos manifestaram a sua opinião quando colocámos no questionário a seguinte pergunta: 2.3 ***“Na tua opinião, houve alguém que tivesse exercido influência sobre ti para que participasses em atividades de voluntariado?”***



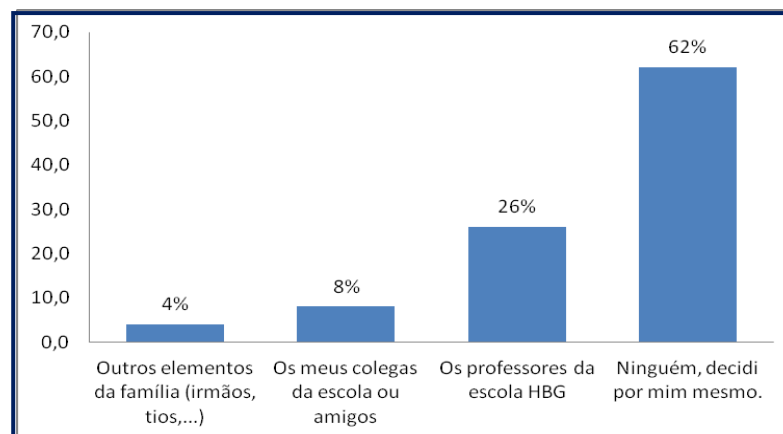


Gráfico 2 - Na tua opinião, houve alguém que tivesse exercido influência sobre ti para que participasses em atividades de voluntariado?

Analisando as respostas dadas pelos 50 alunos inquiridos (gráfico 2), verificamos que a resposta mais nomeada foi a “Ninguém, decidi por mim mesmo”, com 62%, seguindo-se a “Os professores da escola HBG”, com 26%. Às respostas “Os meus colegas da escola ou amigos” e os “Outros elementos da família (irmãos, tios,...)” corresponde uma percentagem de 8% e 4%, respetivamente.

Para Sberga (2001), na adolescência ocorre um aumento da autonomia e o jovem fica mais disponível tanto no ato de decidir como nas relações interpessoais, daí que o adolescente “toma decisões baseadas no que pensa que seja seu dever segundo a consciência que tem das exigências dos outros” (p.172). Assim, apesar de o jovem confiar, necessitar e valorizar a presença do adulto, ele assume a “capacidade de decidir sobre a sua própria vida” (ibidem). A percentagem de 26% obtida na resposta “Os professores da escola HBG” corrobora a opinião da autora Sberga (2012), quando afirma que “um dos aspetos primordiais do voluntariado jovem é a presença do educador, o qual, por características pessoais, competências profissionais e vocação, assume um papel insubstituível no acompanhamento formativo do jovem voluntário”(p.16). Ainda segundo Sberga (2012), o educador “pode orientar o caminho dos jovens a partir de princípios educacionais, e oferecer-lhes, ao mesmo tempo, a possibilidade de terem um modelo de referência que os auxilie a discernir seus próprios projetos” (ibidem). Apesar de reconhecermos que muitos dos professores, diretores de turma, limitam-se apenas a divulgar as informações que lhe chegam do *Clube Viver a Vida* - normalmente por via de correio eletrónico (dificuldade que o Clube enfrenta, embora reconheça que, com o passar do tempo, a divulgação tenha vindo a acontecer com maior frequência) - outros há que, para além de divulgarem a informação relativa às atividades do *Clube Viver a Vida* se sentem motivados para formarem equipas com os seus alunos e de os acompanhar na própria atividade. Muitas vezes, são os próprios

alunos que demonstram o seu desejo em que seja o diretor de turma a acompanhá-los na atividade e fazem-lhe o próprio convite. Segundo Sberga (2012), o papel do educador no voluntariado educativo é “acolher os jovens e fazer uma aliança com eles (...) Não se preocupa tanto em *fazer* coisas, mas em *ser* uma presença amiga e fraterna, e em entusiasmar outros com a sua vida de doação e alegria”. (p.16). Ainda neste sentido, Barbosa (2007) afirma que o adulto - que se poderá subentender neste contexto como sendo o professor, funcionário ou encarregado de educação – é aquele que “testemunha os valores, não tanto pelo que afirma ou ensina, mas mais pelo que é e pelo que faz: pela conduta que manifesta nas relações com os jovens, e pela forma como comunica os valores” (p.53).

Ainda relativamente a esta questão, decidimos colocar a seguinte pergunta aos 50 alunos inquiridos: 3.28 “A presença de um educador/adulto nas atividades de voluntariado é para mim fundamental?”. Os resultados obtidos foram seguintes:

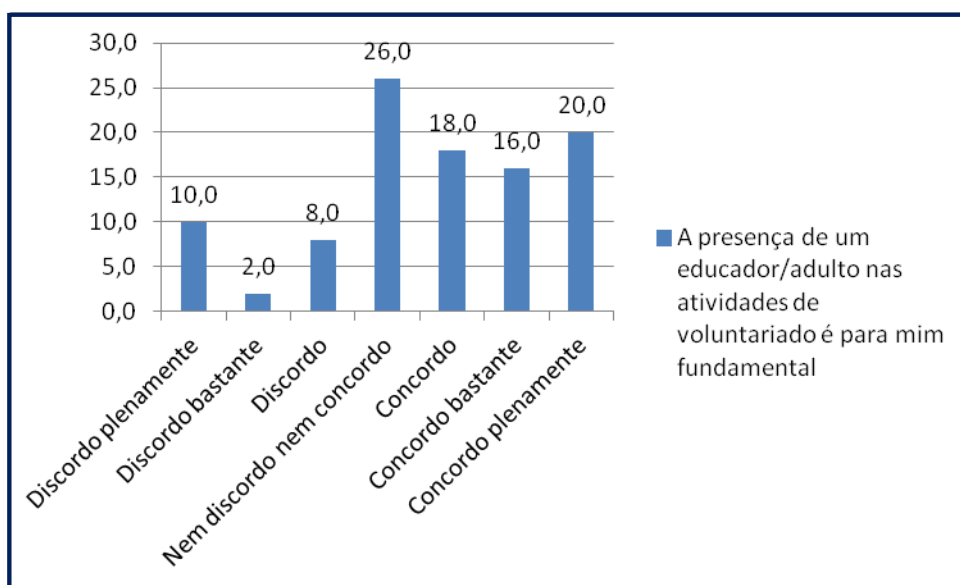


Gráfico 3 – A presença de um educador/adulto nas atividades de voluntariado é para mim fundamental?

Apesar de a resposta predominante do gráfico 3 ser a “Nem discordo nem concordo”, com uma percentagem de 26% (resposta que vai surgir em muitas questões deste inquérito como a percentagem mais elevada), as respostas “Concordo”, “Concordo bastante” e “Concordo plenamente” obtiveram percentagens de 18%, 16% e 20%, respetivamente. Tais dados vão ao encontro da teoria defendida por Sberga (2001). Segundo esta autora, quando

o educador acompanha a realização das atividades realizadas pelos jovens, ele “descobre e estimula as aptidões dos jovens e delega funções para propiciar o desenvolvimento das suas capacidades” (p.207). Para além disto, o educador “desperta a sensibilidade e o compromisso para com os mais fracos e empobrecidos e fornece elementos de formação e discernimento para que os jovens possam aperfeiçoar suas motivações(...)”, Sberga (2001,p.207). Alarcão (2001b) corrobora este pensamento e afirma: “É preciso envolver o elemento humano, as pessoas e, através delas, mudar a cultura que se vive na escola e que ela própria inculca” (p.19) e acrescenta ainda “As relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia” (p.20). No âmbito da administração escolar e segundo Barroso (1995), esta é uma forma de envolver os professores na gestão da escola, já que esta implica “definir objetivos, selecionar estratégias, planificar, organizar, coordenar, avaliar as atividades e os recursos ao nível da sala de aula, ou ao nível da escola no seu conjunto (...), (p.10). Para Barroso (1995), a gestão é por este motivo “uma dimensão do próprio ato educativo” (ibidem), em que o professor é um “gestor de situações educativas” no sentido em que o professor “já não é o que transmite conhecimentos aos alunos mas cria as condições necessárias para que estes aprendam” (ibidem). Relativamente à participação dos alunos na escola, Barroso (1995) mais uma vez à semelhança da análise que fez aos professores, considera os alunos como “trabalhadores”, ao invés de “objetos de formação” ou “consumidores passivos dos conhecimentos”. A participação dos alunos na gestão das escolas é uma condição essencial para a própria aprendizagem”, (p.12).

A questão de investigação “Quem participa [no *Clube Viver a Vida*]?” fica agora mais explanada. Na verdade, o *Clube Viver a Vida* conta com uma participação maioritária de alunos do 3º Ciclo e alguns professores, funcionários e encarregados de educação.

Tal como foi mencionado pela professora Diva Castro, o *Clube Viver a Vida* existe há nove anos na Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia e um dos seus grandes objetivos é promover o voluntariado educativo na escola. Assim, o clube, ao tentar motivar os alunos para a participação em atividades de voluntariado, pretende dar uma oportunidade para que estes assumam a responsabilidade individual e coletiva, exercitem a solidariedade, a partilha e, através do trabalho em equipa, participem em atividades que elas próprias se transformam em exercício de democracia e de cidadania ativa, Sberga (2001). Podemos afirmar, então, que os nossos principais **destinatários** são os nossos alunos. Contudo, já referimos anteriormente que, para além destes, os professores, os funcionários, os encarregados de educação são também potenciais destinatários, bastando para isso que queiram e que

aceitem os convites do nosso clube. Por outro lado, as organizações com as quais o clube estabelece parceria, nomeadamente as ONG's – Cáritas, Fundação AMI, Banco Alimentar Contra a Fome, APD, Associação Mãos Unidas Padre Damião e mais recentemente, outras empresas particulares nomeadamente a “*Pateodente - Investimentos na Área da Medicina Dentária Lda*” e “*Ótica da Sé, Lda*” tendem a ser nossos parceiros e cumulativamente, destinatários. Todas estas organizações, para além de receberem o apoio do *Clube Viver a Vida* no âmbito da divulgação e promoção das suas atividades anuais, através do sítio e revista da escola, caderneta dos alunos/famílias, recebem, ainda, uma enorme ajuda em termos de recursos humanos – **os voluntários**. Tal facto é mencionado pela Dra. Helena Andrade, delegada da AMI/Funchal aquando da sua entrevista: “As organizações só têm a ganhar [ao fazer parceria com a HBG], também porque têm ali voluntários”, Helena Andrade. A escola HBG, por seu lado, ao privilegiar “a parceria como estratégia de trabalho colaborativo”, ou seja, ao desenvolver relações próximas e “de confiança entre os atores” - ainda que a implementação no território não se tenha concretizado oficialmente para todos os parceiros – constata o forte desejo, por parte de todos os parceiros, de que estas relações sejam “duráveis”, Carmo e Esgaio (2012). Ainda relativamente às parcerias que o *Clube Viver a Vida* estabelece com as várias organizações públicas e privadas, há que salientar os recursos e benefícios que estas interações tendem a transportar para a Escola HBG. A título de exemplo, apresentaremos o caso particular da parceria entre a nossa escola e a AMI/Funchal. Com esta ligação, a escola beneficia de duas vagas mensais para alunos, funcionários, professores ou pais para frequentarem gratuitamente um curso de primeiros socorros, lecionado na nossa escola. Para além disto, a Fundação AMI está sempre disponível para vir à nossa Escola apresentar e debater com os alunos determinados temas específicos, bem como participar ativamente nos cursos de voluntariado promovidos pelo Clube e no curso de socorrismo promovido anualmente pela escola. Mas, segundo o testemunho da Dra. Helena Andrade, os benefícios desta parceria HBG – AMI poderão vir a aumentar num futuro próximo: “na nossa parceria podemos eventualmente...(…) darmos, de alguma forma, mais também à escola (...) sensibilização à população, plantação de árvores, manutenção, passeios na serra, há aí muita coisa que ainda se pode explorar”. Relativamente às parcerias HBG – Cáritas, HBG – Banco Alimentar e HBG – Associação Mãos Unidas Padre Damião, elas são igualmente profícuas visto que, através das mesmas, tal como menciona a professora Diva Castro, o “clube organiza e distribui, duas vezes por ano, cabazes para as famílias mais desfavorecidas dos alunos da nossa escola”. As mais recentes parcerias entre a HBG e duas empresas privadas, “*Pateodente - Investimentos na Área da Medicina Dentária Lda*” e “*Ótica da Sé, Lda*”, são igualmente proveitosas para a escola, uma vez que, através delas, alguns alunos com dificuldades económicas já receberam cuidados a nível da sua saúde oral, enquanto outros,

que manifestavam grandes problemas de visão, já beneficiaram de óculos e lentes totalmente gratuitos.

No que respeita às atividades desenvolvidas pelo Clube ao longo desde nove anos, a professora Diva Castro relata na carta/memorial que redigiu: *“A título de exemplo, referimos a participação deste clube nas campanhas deste ano letivo: peditório de rua, organizada pela AML (outubro e maio); recolha de bens e produtos em superfícies comerciais (Pingo Doce), organizada pela Cáritas (maio e dezembro); peditório de rua, organizada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro; campanha subordinada “Dê uma Tampa à Diferença” (recolha de tampas para entrega na Associação de Deficientes da Madeira para converter as tampas em cadeiras de rodas e outros materiais necessários às pessoas com deficiência motora); divulgação e participação de alunos de atividades na Juventude Hospitalreira (Casa de Saúde Câmara Pestana); recolha de bens e produtos em superfícies comerciais (Pingo Doce), organizada pelo Banco Alimentar Contra a Fome; divulgação e participação na 1ª Marcha Regional Contra a Fome e a Pobreza na Madeira (outubro), sob a chancela das Mãos Unidas do Padre Damião; campanha e participação do Clube da nossa escola na atividade Um Dia pela Vida, promovida pela Liga Portuguesa Contra o Cancro, na Madeira (Funchal); passeio e venda de artigos para recolha de fundos desta campanha”*. A professora Diva, uma das 3 coordenadoras do Clube Viver a Vida, acrescenta ainda: *“O Clube promove o Natal Solidário entre os alunos da HBG (doação de alimentos, peças de vestuário e produtos de higiene). Aquando do temporal do 20 de fevereiro, este clube levou a efeito várias campanhas de solidariedade, sensibilizando os jovens para colaborarem nas diversas campanhas quer estavam a ser desenvolvidas no Funchal. Este Clube tem promovido vários eventos nesta escola, mormente: Natal Mais Feliz na nossa escola; Dia do Pai; Dia da Mãe, Dia dos Namorados; Dia da Família; Dia de Portugal; passando posteriormente para o Dia da Amizade (estes eventos contaram com a presença de vários convidados e colaboração de clubes da escola); divulgação, sensibilização e criação de momentos musicais para as missas do parto na nossa escola e no Curral das Freiras (...) entre outros. Este Clube promove, há quatro anos, os cursos de formação na área do voluntariado, assim como vários cursos ligados à área do socorrismo. Os animais também não poderiam ser esquecidos, mormente através de campanhas para a SPAD, PATA, entre outras instituições, em que alunos se voluntariaram por estas causas. Este Clube realizou durante vários anos letivos, em finais do terceiro período, uma campanha subordinada “Uma moeda por uma causa”, que tinha como finalidade obter verbas para ajudar várias diversas instituições de solidariedade da Madeira”*.

Devido ao número relativamente grande de atividades a que o Clube Viver a Vida se propõe todos os anos, a quantidade de estratégias é igualmente grande e variada. Para Guerra

(2006), a estratégia pode ser definida como sendo “uma etapa de clarificação da concretização da metodologia de projeto” e, portanto, pode ser “as grandes opções que o projeto faz, face às possíveis linhas de orientação” (p. 167). Segundo a mesma autora, as estratégias são eleitas tendo em conta o seu “efeito multiplicador e são largamente indutivas”, Guerra (ibidem). Para além disto, e ainda segundo a mesma autora, fazer uma seleção de estratégias realistas, pelos menores custos, que vão ao encontro dos recursos disponíveis (técnicos, humanos e financeiros), que se consiga a participação máxima do público-alvo e em que se minimize os possíveis conflitos com terceiros são exemplos de alguns cuidados que devemos ter, Guerra (2006). Assim neste sentido, a opção do Clube, a nível de estratégias, tendo em conta as atividades promovidas pela mesmo, passam impreterivelmente por contactar por telefone e por correio eletrónico, os diretores de turma, pais, encarregados de educação e organizações parceiras, realizar reuniões frequentes com a direção da Escola e com as organizações parceiras, efetuar as inscrições dos alunos nas várias campanhas, divulgar as atividades do clube na página oficial e na revista da escola, nos placares da sala de professores, bar dos alunos e salas dos diretores de turma, recolher testemunhos dos alunos voluntários para posterior avaliação da atividade, promover encontros frequentes com os voluntários, ir às salas de aulas falar com os alunos sobre as campanhas e esclarecer dúvidas, participar em ações para a comunicação social relativas às divulgações das campanhas das organizações parceiras, emitir certificados, criar parcerias com ONG’s e empresas particulares, realizar intercâmbios entre escolas da RAM, homenagear os alunos voluntários em cerimónias públicas da HBG, convidar as famílias para participar nos eventos do Clube e da Escola, apresentar propostas na direção que vão ao encontro das metas do PEE, entre outros.

Embora reconhecendo que o Clube, na sua fase embrionária, não contemplou de forma estratégica e planificada a transversalidade entre o voluntariado e os conteúdos programáticos das várias disciplinas, esta relação acaba por surgir naturalmente nas várias atividades desenvolvidas pelos alunos. Os testemunhos dos vários alunos constituem prova disso: “O peditório de rua ajudou muito no Inglês, prontos nas Línguas e ajuda no Português (...)”, Kelly; “Eu acho que o voluntariado ajuda-nos e ajuda muito o Português como disciplina e a disciplina ajuda muito o voluntariado”, Gonçalo (anexo 3). Este facto é também confirmado no momento em que a investigadora deste projeto é convidada pela diretora de uma turma de 8º ano e docente da disciplina de Inglês, para ir à sala expor as atividades de voluntariado do Clube já que estas, segundo a professora de Inglês, iam ao encontro dos conteúdos programáticos da disciplina (anexo 12, nota de campo nº23). A delegada da AMI, na sua entrevista, faz também referência à relação positiva e saudável que tende a existir entre o voluntariado e o currículo, afirmando: “Se eu sou capaz de estar na rua 4 dias a

pedir dinheiro para uma organização, também sou capaz de passar em matemática (risos), não é?” “A pessoa está mais bem-disposta, mais participativa, mais ativa, não lhes tira tempo que justifique os estudos, não é?”; “As vezes comentam “Tu é que falas inglês (Risos...)”

Tendo em conta que o *Clube Viver a Vida* é um projeto da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, uma escola com cerca de 1600 alunos, 200 professores e 100 funcionários e tendo em conta que trabalha sobretudo a temática do voluntariado, uma área transversal a todas as outras, é natural que, ao longo destes nove anos de existência, tenha enfrentado e continue a enfrentar algumas dificuldades e obstáculos.

A professora Diva Castro, uma das três coordenadoras do projeto e que permanece no mesmo desde o início da sua existência, refere algumas das suas limitações: *“No que concerne às dificuldades sentidas pelos membros deste clube, destacamos a indisponibilidade financeira que nos impede, a nós, professoras do Clube, de socorrer de imediato as famílias dos alunos mais desfavorecidos da nossa escola, que nos procuram com situações deveras inquietantes, nomeadamente: ausência de produtos alimentares em casa; falta de verbas financeiras para despesas com o seu educando (passe e/ou cartão de lanche e/ou almoço) e/ou ter dificuldades económicas para pagar as contas da água e/ou eletricidade e/ ou gás, ou para pagar a reposição desses serviços; ter problemas de saúde: cáries (tratamento dentário); falta de vista (consultas e / ou óculos) – a maioria destes problemas advém do desemprego, havendo grande número de agregados familiares em que ninguém da família está empregado. (...) Outra situação que também nos aflige é o facto de não possuímos um espaço próprio na escola, onde pudéssemos guardar os donativos e fazer as reuniões com os alunos ou elementos convidados. Salientamos que a escola está sempre recetiva a colaborar connosco, mormente na cedência de um espaço para guardar os produtos angariados e na distribuição dos mesmos, mas a distribuição tem de ser feita num período pós letivo, para não perturbar o normal funcionamento da escola.*

*O transporte dos produtos doados também se revela problemático, atendendo às quantidades solicitadas. Inicialmente as professoras do Clube deslocavam-se nas suas viaturas para transportar os produtos, mas como a quantidade dos mesmos aumentou, tornou-se complicado de o fazer.*

*Assinale-se que o tempo despendido para a concretização das campanhas é muito superior àquele que lhes foi atribuído, já que as atividades suplementares deste clube exigem muito mais disponibilidade e empenho da parte das professoras envolvidas que, no verdadeiro sentido da solidariedade, atendendo a que as professoras do Clube Viver a Vida têm horários diversos e só com muita boa vontade é que é possível conjugá-los” (anexo 8). A opinião da professora Maria José Martins, também coordenadora do Clube Viver a Vida desde o ano letivo 2006/2007, corrobora a opinião da professora Diva Castro: “a falta de*

mais tempo em comum [tempo comum no horário para as três professoras coordenadoras do Clube] para poderem dedicar-se ainda mais às crescentes solicitações que o Clube tem recebido; em segundo lugar, a falta de recursos financeiros que pudessem ser canalizados para as várias situações de carência que vão ocorrendo ao longo do ano letivo e que mereciam uma resposta rápida e eficaz” (anexo 9). Por outro lado, outras visões e outras perspectivas ainda no âmbito da nossa questão de investigação “Dificuldades e obstáculos sentidos” poderão ser importantes para este estudo. A Dra. Helena Andrade/AMI/Funchal, ajuda-nos nesse sentido: “o problema é que [os alunos] encontram um vazio quando saem do nono ano e, ou conseguem já se auto-organizar entre eles, em grupo, ou torna-se difícil [fazer voluntariado na escola nova para onde vão após a conclusão do nono ano de escolaridade]”, (anexo 6).

De uma forma resumida, podemos constatar então que as maiores dificuldades e obstáculos sentidos e vividos pelo *Clube Viver a Vida*, no presente, são: falta de um tempo comum no horário das três coordenadoras; falta de verbas financeiras e local de trabalho (espaço próprio) e a possível falta de coordenação e relação entre a nossa escola e as escolas para onde vão os nossos alunos após a conclusão do 9º ano de escolaridade, a nível da participação dos alunos nas atividades/projetos sociais.

### **3.3. Inserção do *Clube Viver a Vida* no Projeto Educativo da Escola.**

Relativamente à questão de investigação supracitada pela análise do documento relativo ao Projeto Educativo da Escola referente ao triénio 2011-2014 podemos ler no ponto 2.1 da página 7 intitulado “Princípios e Linhas de Orientação Gerais” (anexo 18), que, o Projeto Educativo deve:

- Responder às necessidades da Escola e da realidade social em que se insere, incrementando a relação Escola-meio”;
- Criar projetos e atividades diversificadas para os alunos que estimulem o seu gosto pela escola, a sua autoestima e criatividade e que promovam o seu desenvolvimento integral equilibrado;
- Incentivar condições e situações de aprendizagem que levem à formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários; estabelecer uma cooperação com entidades locais e parceiros sociais através da realização de projetos/atividades de interesse comum;
- Implementar estratégias de apoio aos alunos com dificuldades de integração, a nível económico, disciplinar e de aprendizagem.



O referido PEE, evidencia ainda no ponto 2.3 da página 9 (anexo 18), um conjunto de sete problemas presentes na vida da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, bem como as possíveis estratégias de resolução, objetivos e metas a atingir, indicadores e meios de avaliação relativos a cada um deles. Dos sete problemas enunciados vamos destacar de seguida os cinco que, na nossa opinião, poderão contar com a colaboração/intervenção direta ou indireta do Clube Viver a Vida.

Tabela 5 - Projeto Educativo da Escola HBG (Problemas/Metas) / Objetivos específicos do CVV

Projeto Educativo da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, PEE (anexo 18)		Plano de anual de atividades 2012-2013 do Clube Viver a Vida (anexo 19)
Problemas que Escola HBG enfrenta no presente	Metas a atingir	Objetivos específicos
<b>Problema 1:</b> Insucesso escolar significativo.	Melhorar o nível geral do sucesso escolar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Desenvolver competências nas áreas: desenvolvimento pessoal, formação cívica e formação moral.</li> <li>-Organizar e desenvolver atividades conjuntas para a educação de valores/atitude nomeadamente: Solidariedade, responsabilidade, coragem, liberdade, amor;</li> <li>-Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.</li> <li>-Fomentar a interdisciplinaridade</li> <li>- Discutir em grupo ideias e pontos de vista diferentes;</li> </ul>

<b>Problema 3:</b> Reduzida participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	-Aumentar a participação responsável dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos.  -Estabelecer uma relação estreita e positiva casa/escola no sentido de, em conjunto, contribuir para uma educação para os valores de boa cidadania.	- Aprofundar os laços de amizade entre a comunidade educativa; - Fomentar o espírito natalício; - Favorecer relações interpessoais entre pais e filhos, professores e pais e professores e alunos. - Promover momentos de convívio e de partilha entre todas as mães e pais da escola. - Favorecer relações interpessoais;
<b>Problema 4:</b> Pouca sensibilidade para as práticas de uma boa Educação Ambiental.	-Desenvolver em toda a comunidade escolar uma consciência ambiental e um respeito pelos espaços limpos;	- Estimular a consciência cívica pela interiorização das regras sociais e pela reciclagem.  -Incentivar a recolha de tampas de plástico apoiando a aquisição de material ortopédico para pessoas carenciadas.
<b>Problema 5:</b> Comportamentos desviantes dentro e fora da sala de aula.	- Diminuir, de forma efetiva, o número de casos enviados ao Conselho Executivo, quer pelos funcionários quer por docentes; -Fazer cumprir as normas do regulamento interno, em colaboração com os órgãos de gestão, professores da escola, diretores de turma, pessoal auxiliar de ação educativa e encarregados de educação.	- Salientar a importância de determinados valores na relação professor/aluno, nomeadamente: amizade, fidelidade, ética profissional, confiança, tolerância, respeito, entre outros.  -Desenvolver o espírito de solidariedade na turma e no meio escolar  -Organizar e desenvolver atividades conjuntas que visem educar para os valores nomeadamente: Amor, amizade, justiça, verdade, coragem, liberdade, solidariedade, respeito por si próprio e pelo outro, pelo meio ambiente, responsabilidade pessoal e coletiva;
<b>Problema 6:</b> Dificuldades socioeconómicas, de alguns dos alunos da escola.	-Concretizar o “Banco de Trocas” com manuais e materiais escolares, bem como, com outros bens de primeira necessidade.	-Melhorar a qualidade de vida de algumas famílias carenciadas da Escola proporcionando alguns alimentos.  -Recolher bens materiais, a fim de satisfazer as necessidades básicas das famílias carenciadas da Escola.  -Descobrir situações familiares de elevada carência financeira no seio escolar;  -Cooperar com as famílias carenciadas da escola;

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar a conhecer instituições de solidariedade social;</li> <li>- Imprimir uma cultura de voluntariado, de maneira a transformar o aluno num cidadão mais responsável, autónomo e socialmente mais participativo.</li> <li>- Desenvolver o espírito de solidariedade na turma e no meio escolar.</li> </ul>
--	--

A tabela 5 refere-se a cinco dos sete problemas que atualmente a Escola HBG possui e que pretende colmatar até ao fim do ano 2014, conforme podemos constatar no seu PEE.

Relativamente ao **problema 1** diagnosticado pela Escola HBG - **Insucesso escolar significativo**, reparamos que alguns dos objetivos do *Clube Viver a Vida* registados no Plano Anual de atividades (anexo 19) vão ao encontro das metas traçadas no PEE, relativamente a este problema em específico. De facto, quando o clube promove e dinamiza atividades de voluntariado na escola de forma organizada e contínua, tende a melhorar o processo ensino aprendizagem, Vilella e Cruz (2004). Assim, um possível enriquecimento do trabalho de sala de aula trazendo para a discussão elementos de temas transversais tende a ocorrer, promovendo e incentivando a metodologia de projetos, Mori e Vaz (2006).

Estas autoras defendem que o voluntariado educativo, quando desenvolvido através de atividades solidárias planificadas e orientadas segundo a proposta pedagógica da escola, pode ser muito útil e importante já que pode dar significado aos conteúdos curriculares e à aprendizagem de valores por parte dos alunos.

Na entrevista realizada aos onze alunos voluntários, tudo se torna mais evidente, quando se leem os testemunhos dos alunos: “Acho que nos ajuda [o voluntariado] também na disciplina de Ciências (...)” Eduarda; “O voluntariado ajuda-nos a ter mente aberta e com a mente mais aberta vamos compreender melhor as teorias que são dadas por exemplo na Físico – Química”. Margarida. A escola, ao convidar o aluno a fazer parte das atividades de voluntariado, está a convidá-lo para um “espaço alternativo, não só de inserção social e compromisso de cidadania responsável, mas também como proposta formativa que ajuda o jovem a conhecer-se a si mesmo e a descobrir as suas potencialidades profundas, a sua vivacidade e o seu entusiasmo, fazendo deles dom e serviço ao outro, Sberga (2001,p.158). Por todos os motivos apresentados é muito provável que o *Clube Viver a Vida* possa vir a ser uma mais-valia para a Escola HBG no combate ao insucesso escolar.

Relativamente ao **problema 3** apresentado pelo PEE - **Reduzida participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos** - o *Clube Viver a Vida* dinamiza anualmente, em parceria com o *Clube de Música*, a “Missa do Parto”, uma

das grandes tradições religiosas regionais, muito vivida na nossa ilha. A tradição manda que se celebre, nos nove dias que antecedem a grande noite de Natal, uma eucaristia em honra a Nossa Senhora e, por isso, todos os paroquianos são convidados a se levantarem ainda de madrugada para participarem na eucaristia e entoar tradicionais cânticos religiosos, que avivam o grande acontecimento do Natal – o nascimento do Menino Jesus. Com o objetivo de estreitar laços entre a família e a escola, a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia convida todos os pais, encarregados de educação, funcionários e representantes das organizações que com ela fazem parceria nas atividades promovidas pelo Clube, para que participem desta grande celebração. A Eucaristia é cantada pelos alunos, professores e funcionários da escola e presidida pelo professor de educação moral e religiosa da escola e pároco de uma das freguesias vizinhas da escola. Após a celebração, todos os participantes e comunidade em geral são convidados para um lanche, onde são partilhados comes e bebes típicos desta época natalícia. Os momentos que se vivem nesta eucaristia, os sentimentos e as emoções experienciados são de tal forma intensos que o *Clube Viver a Vida* se sente na obrigação de preparar, no próximo mês de dezembro do corrente ano, a nona edição desta atividade. Uma outra atividade anual promovida e dinamizada pelo *Clube Viver a Vida* que visa contribuir para o aumento da participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos e, conseqüentemente, diminuir esta problemática é a organização do “Dia da Família” que ocorre pelas proximidades do “Dia Internacional da Família”, a 15 de maio. Neste dia, o auditório da Escola HBG enche-se para que pais e pessoas convidadas, especialistas de determinadas áreas, possam refletir sobre uma determinada temática relacionada com a educação e formação dos educandos.

Para esta atividade o *Clube Viver a Vida* conta com a participação do *Clube de Música* da escola, que presenteia as famílias com vários momentos musicais e de dança e onde os pais também têm a oportunidade de verem os seus filhos atuar. A participação das famílias em Marchas de Sensibilização e nas Campanhas de Recolha de Supermercados são também convites igualmente válidos e realizados pelo CVV mas, infelizmente, a sua participação, por ser reduzida, não merecerá, aqui, da nossa parte um tratamento exaustivo. A pouca sensibilidade para as práticas de uma Educação ambiental é o **problema 4** enunciado do PEE e que pretendemos ver resolvido na HBG a curto prazo. Neste sentido, o Clube teve a iniciativa de, no ano letivo 2011/2012, criar uma parceria com a Associação Portuguesa de Deficientes da Madeira, APD, por forma a recolher a maior quantidade possível de tampas de garrafas de plástico e conseqüentemente as trocarmos por uma cadeira de rodas. A esta iniciativa e ainda nesse ano, associou-se a professora responsável pelas atividades culturais da escola que, através do design e da arte, deu um novo impulso à campanha. Ainda mais recentemente, neste ano letivo (2012/2013), associou-se ainda a

esta campanha o grupo de Ciências Naturais que, através da proposta de um concurso “Ser ecológico é ser solidário”, criou uma competição saudável entre todas as turmas da escola, ganhando aquela que, por semana, conseguisse angariar mais garrações de tampas de plástico. Os inúmeros garrações repletos de tampas de plástico são depois colocados pela turma vencedora num enorme cilindro de arame e colocado num ponto estratégico da escola, dando, desta forma, um grande impacto visual à atividade. Toda a atividade é acompanhada por um registo fotográfico que, posteriormente, é colocado no sítio da escola para conhecimento e visualização de todos. Os restantes garrações de tampas reunidos pelos restantes alunos da Escola são posteriormente enviados para a Associação APD. Ainda, na tentativa de trabalhar a temática da Educação ambiental, o *Clube Viver a Vida*, em parceria com a AMI, já colaborou na recolha de radiografias e já contou com esta fundação, na pessoa da Dra. Helena Andrade/delegada da AMI, para a sensibilização desta temática nos cursos de voluntariado promovidos anualmente. No mês de maio de 2013, a Fundação AMI marcou presença da nossa Escola onde apelou à participação dos alunos para o voluntariado ambiental no Parque Natural da Madeira, uma parceria que o Clube visa explorar no próximo ano letivo, em colaboração com o *Clube de Ambiente* da escola. A Dra. Helena Andrade, delegada da AMI, foca na sua entrevista, cedida no âmbito deste mestrado, que a “sensibilização à população, plantação de árvores, manutenção, passeios na serra” são algumas possíveis sugestões para por em prática num futuro próximo, através desta nossa parceria.

**Relativamente ao problema 5 do PEE - Comportamentos desviantes dentro e fora da sala de aula** - podemos ler no plano de atividades anual do *Clube Viver a Vida*, referente ao ano letivo 2012-2013 (anexo 18), que um dos objetivos específicos do referido clube pretende ser “Organizar e desenvolver atividades conjuntas para a educação de valores/atitude nomeadamente: solidariedade, amor, amizade e justiça”, que, mais uma vez, se operacionaliza na participação dos alunos em atividades de voluntariado que a escola promove em parceria com várias instituições, durante o ano letivo. Sberga (2001) defende que o jovem ao se comprometer com o voluntariado, compromete-se com uma experiência propedêutica, preparatória, educativa, necessariamente voltada para a formação do jovem e para a prestação de um serviço” e, portanto, “se capacita graças às experiências de solidariedade” (p.160). Desta forma, o voluntariado juvenil por ser considerado um “espaço de formação, de amadurecimento da identidade humana, de socialização, da descoberta do outro e do empenho na cidadania ativa” presta, sem dúvida, uma excelente ajuda ao combate da “pobreza e marginalização”, Sberga (2001, p.160).

Direcionemos agora a nossa atenção para os testemunhos de alguns dos nossos alunos inquiridos no focus group: “Foi a pensar nos outros (...) Teresa, “(...) porque era importante ajudar os outros” Márcio, “(...)se gostarmos de ajudar os outros eu acho que esses valores

sobrepõem-se.” Gonçalo, “Em vez de estarmos a fazer as nossas coisas, a pensar em nós, a fazer as coisas que nós gostamos... nós paramos um pedaço para fazer coisas que ia ser bom para a comunidade; isso levanta os nossos valores”. Margarida. Perante tão bonitos e válidos testemunhos, é possível inferir que o *Clube Viver a Vida* é um clube voltado sobretudo para a educação de valores e que este vai ao encontro das necessidades sentidas pelos jovens já que, segundo Barbosa (2007, p.398), os “jovens têm uma sensibilidade própria para os valores como a gratuidade e a solidariedade, que se concretizam no voluntariado”. Mais alguns testemunhos dos alunos inqueridos poderão nos elucidar sobre a forma como, nas atividades de voluntariado, os jovens são confrontados com situações imprevisíveis e desafiantes nomeadamente: “(...) estamos lá de braços abertos e respondem-nos mal, passam sempre, olham para nós com desprezo e isso também magoa”. Margarida; “Há pessoas que nos viram as costas e chegam a nem ouvir o que nós estamos a tentar transmitir.” Eduarda; “As pessoas não nos vêem como voluntários, veem-nos como pedintes (...)”, Gonçalo; “Houve uma vez que até nos disseram palavrões (...)” Margarida. Neste sentido, corroboramos a opinião de Sberga (2012), quando defende que o voluntariado poderá, inclusive, prevenir situações de risco e de sofrimento, uma vez que ao colocar, de forma racional, os jovens perante situações de perigo permite que estes cresçam, amadureçam e antecipem o bem. A mesma autora acrescenta ainda que “o voluntariado educativo na vida do jovem é uma das possibilidades de prevenção do tédio, da apatia, do vazio existencial, da solidão”, Sberga (2001, p.180). Através desta participação, a relação educação e prevenção é enaltecida e os jovens, para além de crescerem pessoalmente, desenvolvem a capacidade de autocritica e o dinamismo para interferir na qualidade de vida social, Sberga (2012).

Por fim, mas não menos importante, o **problema 6** apresentado no PEE, refere-se às **“Dificuldades socioeconómicas, de alguns dos alunos da escola”**. Nas estratégias/atividades programadas no PEE, associadas à resolução deste problema, podemos ler: “Fomentar, a partir de campanhas periódicas, a doação de bens essenciais, em bom estado de conservação”, entendendo os bens essenciais como sendo, alimentos, vestuário e calçado e “Associar o *Clube Viver a Vida*”. Se analisarmos novamente o plano anual do Clube (anexo 19), podemos ler numa das atividades propostas para o ano letivo 2012-2013, “Distribuição de cabazes de alimentos pelas famílias carenciadas da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, alimentos provenientes de várias fontes, nomeadamente: PAAC – Programa de Ajuda Alimentar a famílias Carenciadas (resultante da parceria entre o Clube e a Conferência Vicentina de Santo Antão/Caníço) e outras parcerias nomeadamente, entre a HBG e a Cáritas Diocesana do Funchal, Associação Mãos Unidas Padre Damião e, mais recentemente, com o Banco Alimentar Contra Fome/Funchal. Com estas parcerias o *Clube*

*Viver a Vida* tende a contribuir para a minimização do problema 9, diagnosticado pela escola.

Tendo em conta o PEE da escola HBG, com os seus problemas por resolver e com as suas metas por atingir, chega-se à conclusão que o *Clube Viver a Vida* tem um papel importante, já que através dele e da sua ação ergue-se um conjunto de decisões e ações que garante a conformidade interna e externa da organização, mobilizando imensos recursos que acaba por afetar toda a organização Estevão (1998, p.2). Para este autor, o CVV poderá constituir por este motivo, uma “estratégia” ou o “posicionamento estratégico” da escola HBG, já que nele estão implícitos “os valores que se pretendem para a organização” e, por isso, através dele, é possível “exercer atividades *diferentes* das organizações rivais ou exercer atividades semelhantes de um modo *diferente*”, Porter (1996), citado por Estevão (1998, p.4). O CVV pode, portanto, fazer parte de um conjunto de respostas estratégicas eficientes da escola HBG, já que, pelo facto de ser único na RAM, marca a diferença não só para as restantes organizações escolares, como para os alunos, professores e todas as partes interessadas – os *stakeholders*, o que poderá constituir “vantagem competitiva” e uma melhor “*performance* para a escola”, Estevão (1995, pp.5,21). Tal como este autor, acreditamos que, num contexto de autonomia, as organizações educativas que utilizem o modelo da escola HBG no âmbito do *Clube Viver a Vida* poderão vir a tornar-se exemplos e “exercícios altamente desafiantes, capazes de disponibilizar, pelos menos, elementos e sugestões para uma gestão mais eficiente das dependências políticas”, evitando que “(...) fiquem à “mercê das mudanças das políticas educativas nacionais”, Estevão (1995, pp.16,19).

### **3.4 Caracterização do *Clube Viver a Vida* do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa.**

Tal como já referimos no enquadramento teórico deste trabalho, a responsabilidade social jamais poderá ser uma atividade separada da educação e esta deve fazer parte do dia-a-dia das pessoas e deve ser intrínseca a cada gesto e a cada pensamento. Analisemos, para isso, as respostas dadas pelos 50 alunos à pergunta 2.6 do questionário: “*Antes de seres aluno da escola HBG, já tinhas tido a oportunidade de participar em atividades de voluntariado?*” Tentámos com esta simples questão que os alunos refletissem sobre a oportunidade que a escola HBG lhes deu e lhes dá ao convidá-lo a participar nas várias atividades de voluntariado promovidas e dinamizadas pelo CVV.

O gráfico 4 mostra as respostas dadas pelos alunos:

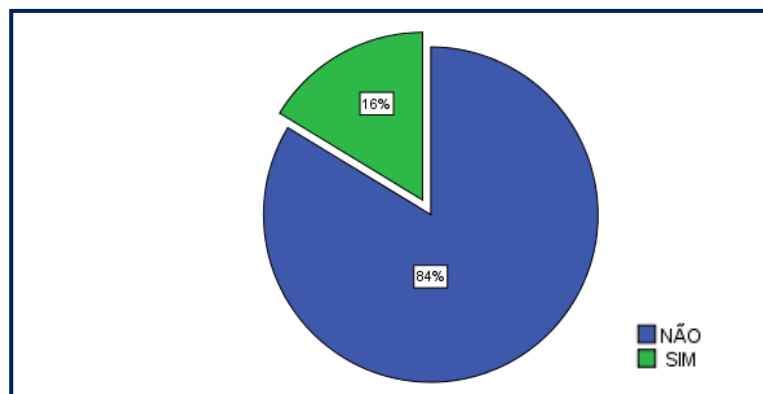


Gráfico 4 - Antes de seres aluno da escola HBG, já tinhas tido a oportunidade de participar em atividades de voluntariado?

Pela análise do gráfico 4 é possível observar que 84% dos jovens inquiridos, antes de terem ingressado na escola HBG, ainda não tinham tido a oportunidade de participar de atividades de voluntariado. Apenas 16% dos alunos já o tinham feito. Constatase, portanto que, foi na Escola HBG que os 84% alunos encontraram a primeira oportunidade de serem educados para a responsabilidade, já que são educados para fazerem as suas próprias escolhas, o que implica que tenham uma habilidade para “discernir, avaliar e decidir”, Sberga (2001, p.184). Estes alunos voluntários são convidados para um novo “estilo de vida, um modo de ser e de se relacionar na sociedade, segundo princípios e valores da cultura da solidariedade, da cidadania ativa, da promoção da paz e do desenvolvimento dos povos”, Sberga (2001, p.183). Neste sentido, as políticas estatais corroboram, estimulam e facilitam a estratégia adotada pela escola HBG, por exemplo, através dos Ministérios da Educação e Ciência e da Solidariedade e da Segurança Social, que afirmam através do preâmbulo da Portaria nº 333/2012 de 22 de Outubro: “Para os jovens, as ações de iniciação ao voluntariado constituem um espaço privilegiado de cidadania ativa”. A mesma portaria acrescenta ainda que: “A valorização da atividade de voluntariado nos estabelecimentos de educação e ensino constitui uma porta de acesso para o reforço e papel da escola como agente estruturante na construção de relações humanas e de modelos de consolidação de valores de responsabilidade social.” Acreditamos que a presença de quadros legais e apoios efetivos a nível das políticas públicas tende a valorizar e a reforçar a construção da identidade e da cultura da escola HBG.

Alarcão (2001) defende a este respeito que “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida.”



Por se tratar de um clube promotor e dinamizador de atividades de voluntariado em parceria com outras organizações, o CVV tende a criar oportunidades, muitas vezes únicas, para que no seu dia-a-dia os alunos, professores, funcionários, pais e encarregados de educação cooperem ativa e democraticamente nas mesmas e, desta forma, participem simultaneamente da gestão da Escola. Neste contexto, a afirmação de Alarcão (2001b) “Ela [Escola] é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (p.18), parece fazer todo o sentido.

Neste estudo, tivemos o interesse e a curiosidade em conhecer os verdadeiros motivos que levaram e continuam a levar os alunos a participar em atividades gratuitas e que lhes “rouba” algum do seu tempo livre. Perante a questão 2.2 do questionário «O que te levou a começar a participar em atividades de voluntariado?», as respostas obtidas foram as seguintes:

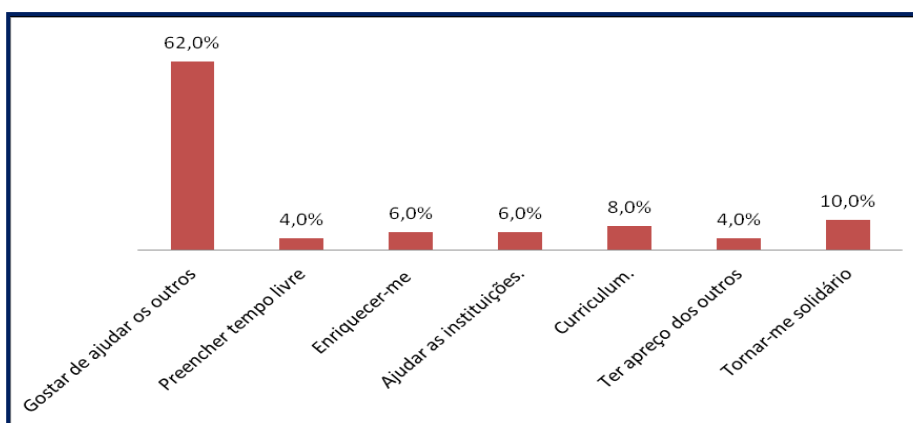


Gráfico 5 - O que te levou a começar a participar em atividades de voluntariado?

Pela análise do gráfico 5, facilmente se constata que o motivo pelo quais os jovens participam nas atividades de voluntariado que mais se destaca é o “Gostar de ajudar os outros”- 62%, facto que corrobora com a opinião de Sberga (2001, p.150) quando afirma: “O jovem é, por natureza, um ser de relação e apaixona-se pela causa do bem comum” e com a de Delor (1996, p.96) quando salienta a importância de “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros” e o quanto esta poderá ser profícua na aquisição de competências sociais e nas relações interpessoais que o jovem manterá com os outros. No entanto, é curioso que estes dados contrariam a opinião do sociólogo italiano Milanesi (1990), citado por Sberga (2001), quando defende que as motivações egocêntricas dos jovens sobrepoem-se às heterocêntricas. Para este autor, as motivações dos jovens assentes nas necessidades como, por exemplo, a autorealização, a busca de identidade e

a necessidade de sentido mais profundo para a própria existência sobrepoem-se às necessidades, por exemplo, de ajudar os outros e à concientização da responsabilidade social. Quando analisamos as citações dos alunos do grupo 1, as principais motivações são também heterocêntricas: “(...) porque era importante ajudar os outros”, Márcio ou “(...)se gostarmos de ajudar os outros eu acho que esses valores sobrepõem-se.”, Gonçalo ou ainda “(...) há muita gente aí sem abrigo a precisar principalmente de comida(...)”, Eduarda.

Para Morin (2004), “A Educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (p.65) e acrescenta ainda: “Somos verdadeiramente cidadãos, dissemos, quando nos sentimos solidários e responsáveis” (p.74). Neste sentido, o *Clube a Viver a Vida*, através da implementação da sua estratégia (o que fazer) e do seu planeamento estratégico (como fazer), Barroso (1995), tenta dar oportunidades aos alunos para serem cidadãos ativos. E relativamente a estes dois aspetos, valerá a pena abrir um parêntese para lermos a opinião da Dra. Helena Andrade, nossa entrevistada: “Vocês [*Clube Viver a Vida*] fazem o antes - preparação, porque vocês vão às turmas falar, divulgar, fazemos a sessão de exploração no fundo da ação, depois faz-se a ação, eles [voluntários] vêm cá na ação e fazemos “um depois” portanto, quer dizer, eu acho que está muito, muito completo!”; “os voluntários vêm preparados de outra forma, estão envolvidos de outra forma”, Helena; “Eles [os alunos] sabem que vêm fazer uma missão, a missão do voluntariado e, portanto, isso ajuda muito”; dá [o voluntariado] um sentido de participação cívica e aos lhe darem esse crédito [aos alunos], que é como quem diz... “Tu tens valor para participar na sociedade, tu tens um papel”, isso dá-lhe a eles uma grandeza pessoal muito grande”; “esse compromisso dá-lhes responsabilidade e um amadurecimento em termos de comportamento”; “acho que vocês [*Clube viver a Vida*] estão no muito bom caminho. Eu já tenho dado o vosso exemplo [noutras escolas], Helena.

Neste momento, julgamos ter respondido à nossa quinta questão de investigação: “Como se caracteriza o *Clube Viver a Vida* do ponto de vista da responsabilidade social e de cidadania ativa?”. Tendo em conta tudo o que foi referido anteriormente, restar-nos-á acrescentar, em jeito de conclusão, que a Escola HBG tende a exercer, segundo Carmo e Esgaio (2012), uma responsabilidade social à “escala micro” e à “escala meso”. Segundo a mesma autora, “escala micro”, uma vez que “traduz-se numa *responsabilidade individual, familiar e grupal* de acordo com os papéis desempenhados” e, portanto, a responsabilidade social “operacionaliza-se na promoção da educação para a cidadania” (pp.8,9). “Escala meso”, uma vez que “concretiza-se numa *responsabilidade organizacional e empresarial*” que é operacionalizada em “ações orientadas para o exterior e para o interior das organizações” (ibidem).

### 3.5 Reconhecimento e fortalecimento da organização HBG como núcleo de cidadania ativa, através da ação do CVV.

Tentámos responder à nossa sexta questão de investigação, recorrendo à análise e interpretação dos dados obtidos através das questões que foram colocadas no questionário, nomeadamente:

3.31 A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado;

3.37 Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário;

Relativamente à primeira questão: “A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado”, as 50 respostas obtidas mostram-nos que:

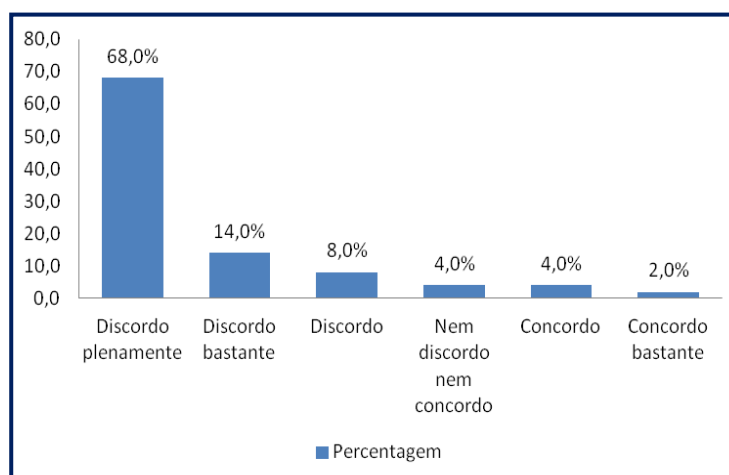


Gráfico 6 - A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado.

Pela análise do gráfico 6 é possível perceber que 68% dos alunos inquiridos reconhecem a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia como a escola que lhes dá oportunidade de participarem em atividades de voluntariado e, por isso, “discordam plenamente” com a afirmação feita, enquanto 14% e 8% “discordam bastante” e “discordam” da mesma afirmação, respetivamente. Somando as percentagens das respostas dadas pelos alunos que iniciam a resposta com a palavra “discordo”, esta perfaz um total de 90%, o que significa que 45 dos alunos dos 50 inquiridos reconhecem que a escola lhes oferece a

oportunidade de participarem no voluntariado e, por conseguinte, os presenteia com um “exercício de cidadania”, Fernandes (2005,p.1) ou segundo Sberga (2012, p.7), com um “espaço alternativo não só de inserção social e compromisso de cidadania responsável. mas também como uma proposta que ajuda o jovem a conhecer a si mesmo e a descobrir suas potencialidades” (p.7). Recorrendo às palavras da Dra. Helena Andrade, delegada da AMI/Funchal: “No fundo a relação com a Escola passa pelo Clube (risos)”; “ A nossa relação, vem desse voluntariado (...) das campanhas da AMI e do contacto e depois, mais do que isso, do trabalho conjunto que nasce ou fruto dessa colaboração”; “Estes miúdos, às vezes, fazem três anos seguidos de peditório [sétimo, oitavo e nono anos de escolaridade] ”; “Eles [alunos] fazem os resultados acontecer, eles participam naquilo [nas campanhas]!”; “Para as organizações, é muito bom ver o processo todo (...) do perceber da vossa ligação professor – alunos, da dinamização da escola, e de toda a comunidade (...)”; “Vocês [*Clube Viver a Vida*] para nós organizações, excelente, porque vocês fazem esse trabalho e como já fazem um pouco desse trabalho, a nós poupa-nos imenso!”, “o que nós [AMI] sentimos é que tem [o *Clube Viver a Vida*] uma ação extremamente [carrega na sílaba “tre”] importante na escola, porque tem uma dinamização, como eu disse, muito completa”, Helena Andrade. Por todas as razões apresentadas anteriormente, a Escola HBG tende a ser uma escola “aberta à comunidade exterior, que dialoga com ela”, Alarcão (2001b, p.26). Ainda segundo a mesma autora, pelo facto de esta escola realizar “com êxito, a interligação entre três dimensões da realização humana: a pessoal, a profissional e a social” tende a ser uma escola “do nosso tempo”, “janela aberta para o presente e futuro”, que permite “criar e recriar” sem, no entanto, perder “a razoabilidade e estabilidade” (p.12).

Analisando os testemunhos de alguns alunos entrevistados - “Se eu fosse as pessoas que estamos a ajudar [no voluntariado], gostaria que houvesse jovens a nos ajudar(...)Isabel “(...) porque eu ponho-me no lugar dela [quando faço voluntariado] e sinto-me mal (...)”, Kelly - percebemos que há uma necessidade inerente dos voluntários em se colocarem no lugar do outro de maneira a experimentar os seus medos, emoções e necessidades. Para Sberga (2001, p.198) esta “manifestação de amizade que cria relacionamentos sociais baseados nos sentimentos de benevolência e de disponibilidade” é definida como cidadania. Voltemos novamente a nossa atenção para mais alguns sentimentos/pensamentos de cidadania vivenciados e experimentados pelos jovens inquiridos: “Eu, antes de entrar na JH [Juventude Hospitaleira], era capaz de passar na rua e, por exemplo, ver uma senhora cheia de sacos e não ajudar (...) Diana; “(...) basta salvar uma pessoa para salvar uma vida e isso conta sempre!”, Eduarda; “Eu prefiro ser louca como elas [utentes] e viver esta loucura do voluntariado (...) Isabel e “Nós, no peditório, somos apenas um meio para chegarmos a

essas diferenças e desigualdades”, Gonçalo; “(...) depois de uma atividade, nós sentimos muitas saudades das pessoas, das senhoras [utentes](...), Ana Beatriz.

Segundo Vilella e Cruz (2004), é possível que nestes pensamentos e ações postos em prática por estes jovens voluntários haja uma preocupação em “promover a cidadania, formas de inclusão social e a construção de uma sociedade mais justa, responsável e solidária, visando a transformação da comunidade” (p.202). Tal como já foi referido anteriormente, o CVV apresenta-se como um projeto de ação solidária em harmonia com o PEE da Escola. A escola HBG é pois uma escola comprometida com uma educação para a solidariedade, o que faz dela um núcleo de cidadania ativa, uma vez para Perrenoud (2005) “a solidariedade é um componente da cidadania” (p.16).

Relativamente à questão 3.37. “Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário”, as respostas obtidas pelos alunos revelaram os dados que apresentamos no gráfico seguinte:

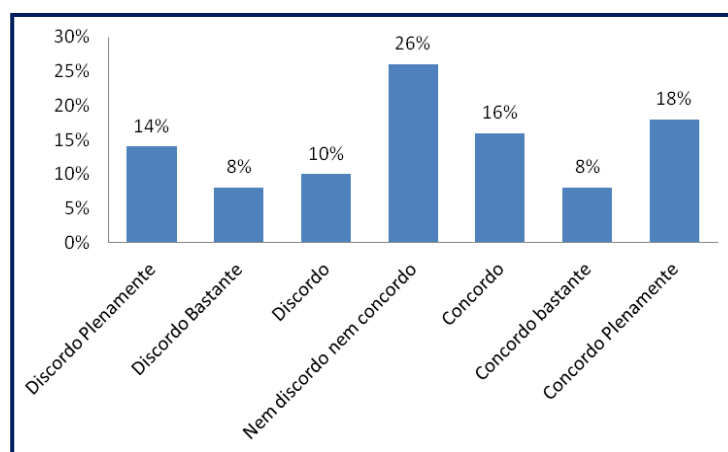


Gráfico 7 - Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário

Analisando as respostas dadas através do gráfico 7, verificamos que as respostas mais assinaladas, para além da “Nem concordo, nem discordo”, com 26%, foram “Concordo plenamente” com 18% e “concordo” com 16%, o que poderá revelar que os alunos ainda manifestam algumas dúvidas sobre este assunto. Temos, portanto, uma percentagem de 42% “concordo” contra os 32% de respostas “discordo”. Tais dados corroboram a opinião de Fonseca *et al* (s/d) que o trabalho voluntário “reforça o papel da escola como um centro de cidadania, cultura, encontro, local em que se exercita a convivência democrática” e como resultado a escola “ganha mais respeito da comunidade, desperta o interesse de seus alunos para com os estudos (...), desenvolve uma gestão mais democrática e eficiente, dissemina uma cultura de paz e solidariedade e promove a inclusão e a participação social”

(p. 12). A escola HBG pelo facto de ir ao encontro das necessidades dos seus colaboradores (alunos, professores,...) e das necessidades das suas famílias, proporcionando-lhes uma qualidade de vida superior, tende a ser uma organização autêntica, Ket de Vries (2001). Possivelmente será este o motivo que leva sobretudo os alunos e professores a demonstrarem, em troca, comprometimento, lealdade e a praticar atos de cidadania organizacional mais frequentes, Rego (2002b). Este facto é referenciado pelos nossos alunos entrevistados: “Como a professora já falou muitas vezes [nas atividades de voluntariado], Margarida; “(...) como toda a gente já tinha falado daquilo [atividades de voluntariado] e tinham dito [colegas da turma] que tinham gostado e isso, eu decidi experimentar” Mariana; “Eu acho que tem de partir de nós a incentivar as pessoas a fazer voluntariado (...), Gonçalo; “(...) e mesmo com o testemunho que eu dou na turma [sobre a sua participação no voluntariado], Diana. Julgamos que o facto de 42% dos alunos inquiridos nos comunicarem que “Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário” poderá constituir uma possível consequência da nossa escola possuir características de uma escola autêntica, e apresentar-se como uma escola renovada pelo facto de possuir um projeto educativo de voluntariado e de desfrutar de uma “orientação para uma aprendizagem vinculada à vida”. Por este motivo a escola HBG tende a ser uma escola “catalisadora e estimuladora para o jovem estudante, preparando-o para a participação social e política”, Mori e Vaz (2006, p.25).

### **3.6 Participação no projeto *Clube Viver a Vida* e práticas de voluntariado por ele dinamizadas. Aquisição e promoção de competências pessoais e sociais dos alunos.**

Tendo em conta que esta questão poderá constituir o cerne de todo o nosso projeto e a sua resposta contribuir para a refutação do problema deste estudo, iniciaremos a sua resposta pela análise do gráfico relativo à questão 3.5 do questionário: “Ser voluntário é conhecer-se melhor a si próprio.”

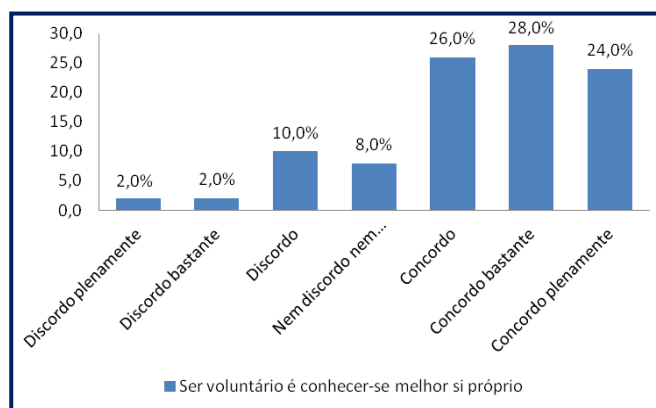


Gráfico 8 - Ser voluntário é conhecer-se melhor a si próprio.

Pela análise do gráfico 8, verifica-se que a resposta “Concordo bastante” obteve uma percentagem de 28%, a “Concordo” uma percentagem de 26% e a “Concordo plenamente” uma percentagem de 24%.

As citações de alguns dos alunos entrevistados no *focus group* merecem também alguma atenção da nossa parte: “(...) Abre-nos os olhos [o voluntariado], faz-nos sentir outra pessoa totalmente”. Kelly, “Eu acho que nos descobrimos a nós próprios”, Gonçalo, “No voluntariado que eu faço eu descubro um pouco de mim (...) e estou a ser eu e aí descubro quem sou.”, Isabel “(...) e acho que mudei muito, muito, muito [com o voluntariado]”, Clara.

Procedendo à triangulação dos dados recolhidos através do gráfico 8 e das citações dos jovens voluntários mencionados anteriormente, confirmamos a teoria de Sberga (2001) quando afirma: “O empenho social realizado por meio do voluntariado é um colaborador eficaz na construção da identidade do adolescente e do jovem” (p.169). Os dados confirmam ainda a opinião de Delors (1996) quando declara que o jovem tem uma grande oportunidade através do voluntariado para “aprender a ser” (p.99) e compreender que ele pode se transformar num “sujeito ativo ou passivo no seu contexto de vida”, Sberga (2001, p.171). O jovem pode, se assim o desejar, ser o protagonista da sua própria história e segundo Sberga (2001), quando este atua de forma direta “no processo de organização e planeamento das atividades, na participação nas decisões e na responsabilidade pela execução das tarefas” ele “cresce como ator social e amadurece a sua personalidade” (p.217). A Dra. Helena Andrade, delegada da AMI/Funchal, aquando da sua entrevista afirma a este respeito: “desenvolve neles [o voluntariado] esse sentido crítico (...) para a formação da pessoa parece-me muito bom [o voluntariado]! e usando a voz dos alunos falamos: “Não é a organização AMI, não! Eu pertenço à AMI porque eu estive lá, eu também angariei donativos! E portanto, se aquela organização funciona é também porque eu também pertenço! E isso é espetacular...”; Eles [os voluntários] percebem que estão a

influenciar o todo, mas que foram eles, e que tiveram a capacidade dele influenciar o todo”; “trabalha [o voluntariado] a consciência deles próprios [dos voluntários] ”.

A triangulação dos dados é igualmente validada por Barbosa (2007) quando assegura: “O voluntário não é aquele que faz, mas aquele que é, que está num caminho progressivo de estruturação da sua personalidade para a oblatividade, para o dom de si” (p.399). Assim, julgamos poder inferir que os 61 jovens inquiridos (entrevista e questionário) neste projeto já se aperceberam que, através do voluntariado, eles tendem a amadurecer a sua potencialidade humana e relacional e constroem de uma maneira forte e firme a sua personalidade, Sberga (2001). Uma vez que os jovens “se apercebem modificados quanto aos seus comportamentos”, Sberga (2001, p.171), tendem a reconhecer e a assumir o voluntariado como “um veículo na construção de uma nova identidade”, Fernandes (2005, p.2).

A questão 3.2 “Ao ser voluntário, tornei-me numa pessoa mais autónoma”, colocada no questionário, apresenta resultados muito interessantes que atraem a nossa atenção:

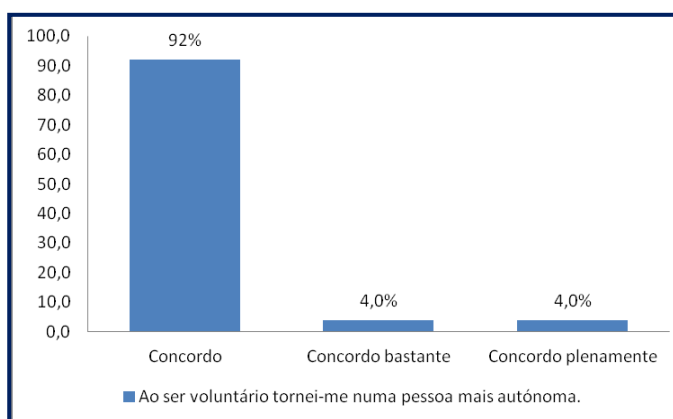


Gráfico 9 - Ao ser voluntário, tornei-me numa pessoa mais autónoma.

A percentagem mais elevada, com 92%, foi atribuída à resposta “Concordo”, seguindo-se os 4% da resposta “Concordo bastante” e “Concordo plenamente”. Para Barbosa (2007), estes dados tendem a fazer todo o sentido já que para este autor, “os processos de autoconhecimento, de análise crítica e de tomada de consciência são indispensáveis para o viver valorativo-moral e contribuem para conseguir o estado ideal de autonomia” (p.100). Daqui podemos inferir que os nossos jovens tendem a possuir responsabilidade pessoal e social, já que, segundo Sberga (2001), “As atividades e as ações que ajudam o adolescente e o jovem a ampliar seu grau de autonomia, orienta-os sobre a responsabilidade pessoal e



social” (p.173). Tal afirmação é também corroborada pelos dados obtidos quando os 50 alunos respondem à questão 3.4 do questionário: “Ao fazer voluntariado, transformo-me numa pessoa mais responsável.”

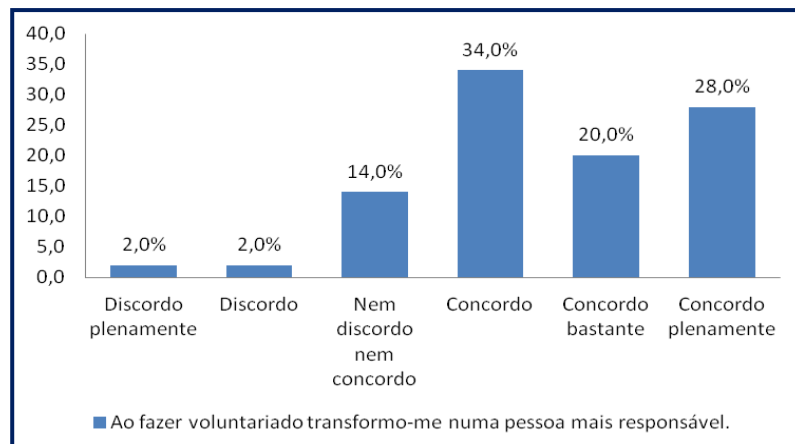


Gráfico 10 - Ao fazer voluntariado transformo-me numa pessoa mais responsável.

Como podemos verificar pela análise do gráfico 10, 34,0% dos alunos responderam “Concordo”, 28% responderam “Concordo plenamente ” e 20% responderam “Concordo bastante”, dados que confirmam a opinião da Dra. Helena Andrade, quando na sua entrevista afirma: “esta compreensão de estar no “mundo do trabalho”, digamos assim [voluntariado] e depois voltar à escola, só lhe dá um bocadinho mais de compromisso, de responsabilidade, eles têm responsabilidade de estarem aqui à hora que dizem, de voltarem à hora que dizem”.

Vejamos agora o que mostra o nosso estudo relativamente à autoestima dos nossos jovens voluntários inquiridos. Quando os confrontamos com a afirmação na negativa: 3.7 “Gosto menos de mim, quando faço voluntariado”, os dados obtidos, foram os seguintes:

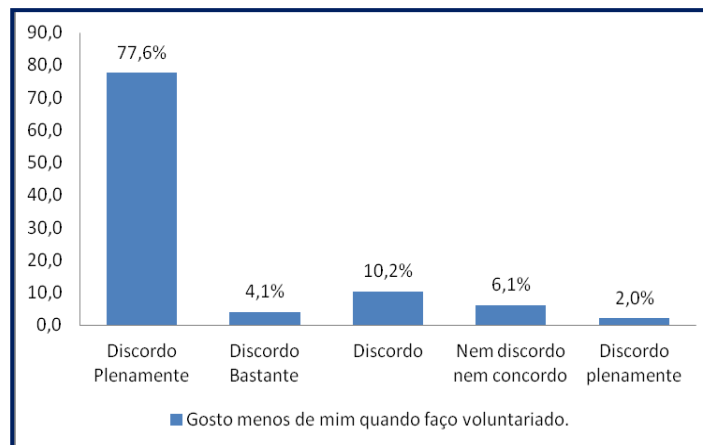


Gráfico 11 - Gosto menos de mim quando faço voluntariado

Com esta questão, pretendíamos analisar o conceito de autoestima neste grupo de jovens voluntários e com receio que estes não soubessem significado da palavra “autoestima” decidimos facilitar a sua compreensão, utilizando uma linguagem que lhe fosse mais acessível. O facto de termos colocado a frase na negativa foi feita com a intenção de manter os alunos atentos a todo o questionário evitando que surgissem respostas imediatas, irrefletidas e politicamente corretas.

Os dados do gráfico 11, revelam que 77,6.% dos alunos inquiridos responderam “Discordo plenamente”, 10,2% “Discordo” e 6,1% “Nem discordo nem concordo”. Os dados tendem a provar que, para além dos alunos estarem atentos às questões do questionário, revelam autoestima segundo o conceito dos autores Jardim e Pereira (2006, p. 75). Para estes autores “ a autoestima pressupõe o modo como cada um se vê a si mesmo e como se julga, isto é, o tipo de valor que se atribui”.(ibidem).Tenhamos o prazer de ler os testemunhos que, para além de corroborarem as percentagens lidas anteriormente, falam-nos das suas experiências de voluntariado vividas numa casa de saúde mental da RAM: “(...) e estas senhoras ainda se lembram do nosso nome, falam connosco, perguntam se estamos bem (...)”, Isabel “(...) A senhora não me conhecia de lado nenhum e já me queria proteger (...)”, Teresa “(...) estão sempre [as utentes] a perguntar se queremos algumas coisa, estão sempre a oferecer-nos desenhos e coisas (...)”, Eduarda Ao lermos estes testemunhos, logo nos apercebemos que os alunos gostam e apreciam os sentimentos vividos aquando da participação nas atividades de voluntariado e alguns reconhecessem que os experienciaram pela primeira vez nas atividades de voluntariado. Admitem que se sentem bem acolhidos, valorizados e estimados pelos utentes e membros da instituição e que isso lhes causa alguma emoção, uma grande satisfação e realização pessoal. O testemunho da Dra. Helena Andrade comprova também o mesmo facto: “vêm com uma postura de segurança, não é só em relação ao peditório mas eles próprios que já participam nisto [peditório] ativamente”;

“efetivamente eles tiveram um papel, isso, para a autoestima e para a segurança deles, só pode ser bom!”;

Tendo em conta que afinal a maior parte dos alunos voluntários inquiridos gostam mais de si quando participam em atividades de voluntariado, vejamos o que pensam os próprios acerca da sua participação nas várias organizações com as quais o *Clube Viver a Vida* estabelece parceria. À questão 3.26 “Considero que o meu trabalho é importante para as instituições onde faço voluntariado”, obtivemos as seguintes resultados:

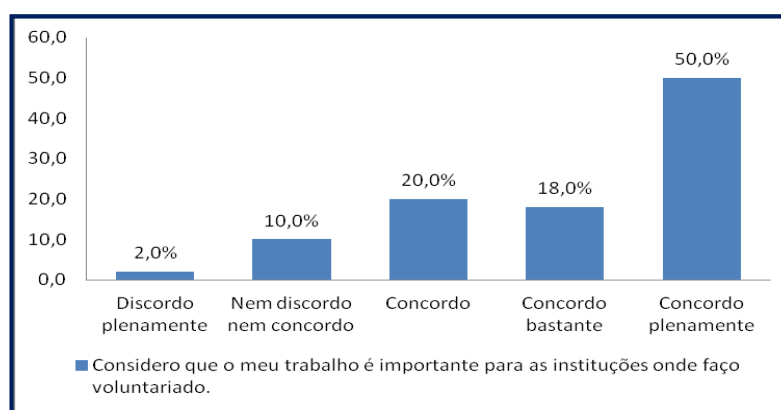


Gráfico 12 - Considero que o meu trabalho é importante para as instituições onde faço voluntariado

Constatamos que 50% dos voluntários inquiridos “Concordam plenamente” com a afirmação feita, enquanto 20% responderam “Concordo “ e 18% “Concordo bastante”. Neste âmbito, julgamos ser oportuno apresentar o testemunho do André Teixeira, jovem responsável pelo Movimento Juventude Hospitalreira/Madeira, cedido no ano 2012, aquando de uma entrevista cedida ao *Clube Viver a Vida*, documento que faz parte do corpus deste trabalho (anexo 11): “Agrada-nos a enorme ajuda que os jovens da HBG dão aquando da sua visita (...). São também eles que tratam das limpezas dos espaços, das refeições (não, eles não cozinham!), de preparar algumas atividades, etc. Estão [os alunos] sempre dispostos a ajudar as pessoas que encontram nas nossas casas e mostram muita vontade e empatia”. Analisemos, por outro lado, a opinião da delegada da AMI/Funchal: “muitas vezes as organizações não conseguem ter tempo e disponibilidade para depois chegar ao fim e dizer àquele voluntário “Olha, correu bem? (...). Vocês [*Clube viver a Vida*] conseguem às vezes fazer este processo; “É bom [que os jovens façam voluntariado] para toda a gente, é bom para a sociedade, é bom para as organizações que têm de facto pessoas ativas”. Perante estes dois testemunhos, julgamos ser legítimo os alunos concordarem que o seu trabalho

seja válido para as instituições onde participam nas atividades de voluntariado o que corrobora ainda a opinião de Sberga (2013) que, no artigo que publicado no boletim Salesiano, nº2, afirma: “Todos ganham quando alguém se dispõe a apoiar uma causa. Ganha quem recebe, seja um projeto ou uma organização social, pois tem seus recursos ampliados e otimizados, ganha toda a sociedade que reconhece no cidadão o seu grande potencial transformador. E, principalmente ganha o voluntário, que doa seu tempo, trabalho e talento que percebe que para viver numa sociedade mais justa é preciso participar. E o voluntariado é a oportunidade para que a pessoa atue na sociedade promovendo a transformação social.”

A afetividade é um outro aspeto importante e que nos salta à vista em alguns dos testemunhos que acolhemos: “(...) eu já as tratava como família, só o carinho que elas têm por nós [as utentes]”, Diana “Elas [utentes] começam a dar abraços e beijinhos, querem colo (...), Eduarda “(...) e depois veio um menino me pegar pela mão e começou a falar comigo”, Mariana “Eu ia ter saudades delas, eram nove dias, fogo bastante tempo (...)”, Isabel.

Tais testemunhos, bonitos e profundos, reforçam a opinião do autor Capellato (s/d) quando afirma “Para os jovens, as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a formação da identidade. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia” (p. 10). O testemunho da jovem Ana Beatriz: “Adoro, adoro a irmã [irmã Fernanda Esteves, responsável pelos voluntários da casa de Saúde de Câmara Pestana], do jovem Gonçalo: “A irmã é espetacular!” e o da voluntária Isabel: “Ela [irmã Fernanda] diz-nos várias coisas que nós passamos a vida a refletir” fortalece, mais uma vez, a ideia deste psicólogo clínico e psicoterapeuta de crianças, adolescentes e famílias, quando afirma que: “Os adolescentes precisam de educadores que lhe proporcionem a vivência da afetividade”, Capelatto (s/d, p.11). Este autor, acrescenta ainda que “o desejo de cuidar de si, do outro e do nós desperta em sujeitos saudáveis a noção de solidariedade e de cidadania” (p.13), facto que é reforçado com uma das citações da jovem voluntária Mariana, quando entrevistada no *focus group*, dizia; “(...) aprendemos quando estamos a falar com eles [crianças do centro de reabilitação psicopedagógico da Sagrada Família] a sermos mais carinhosos, a sermos mais queridos”. Esta afetividade e o carinho natural que nasce e se estabelece entre voluntários e organizações está também presente nas palavras da Dra. Helena Andrade quando fala destes jovens: “eu normalmente reconheço as carinhas [voluntários], Helena Andrade; “(...) tomam um lanchinho, tomam um refresco e acabam por falar um bocadinho e falam connosco e nós perguntamos: “Então foi muito difícil?” ou “Correu bem?””.

Relativamente às respostas dadas pelos alunos à questão 3.3 do questionário: “As minhas habilidades (capacidades ou aptidões) aumentam cada vez que faço voluntariado”, estas foram as seguintes:

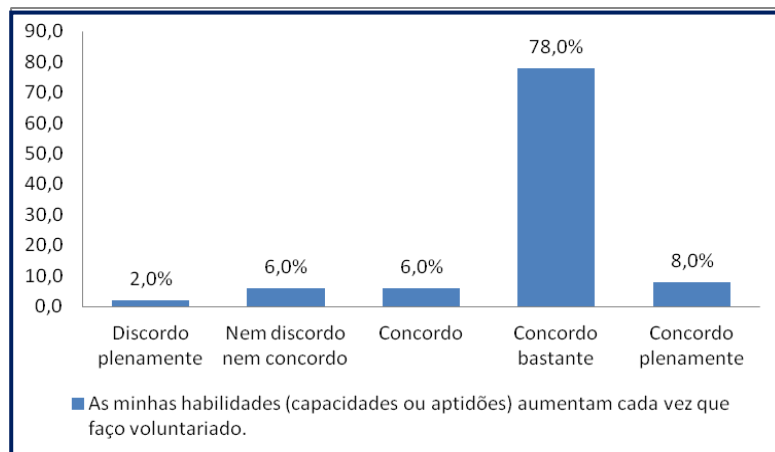


Gráfico 13 - As minhas habilidades (capacidades ou aptidões) aumentam cada vez que faço voluntariado

Com receio que os alunos inquiridos pudessem não reconhecer o significado do termo “competências”, tentámos clarificar a questão, colocando entre parênteses as palavras “capacidades” e “habilidades”, utilizando o conceito de competência dos autores Cardoso, Neto e Oyadomari (2010), onde a palavra *competência* significa “qualidade de quem é capaz de apreciar ou resolver certo assunto, de fazer determinada coisa, com capacidade, habilidade, aptidão e idoneidade” (p.93). Analisando o gráfico 13, observamos que a resposta “concordo bastante” é a mais votada pelos alunos, com uma percentagem de 78,0%, seguindo-se a resposta “Concordo plenamente” com 8,0%. Para complementar esta questão, decidimos pedir, ainda, a opinião dos 50 alunos relativamente à seguinte afirmação 3.9 “Quando faço voluntariado descubro em mim capacidades/talentos que julgava não possuir.”

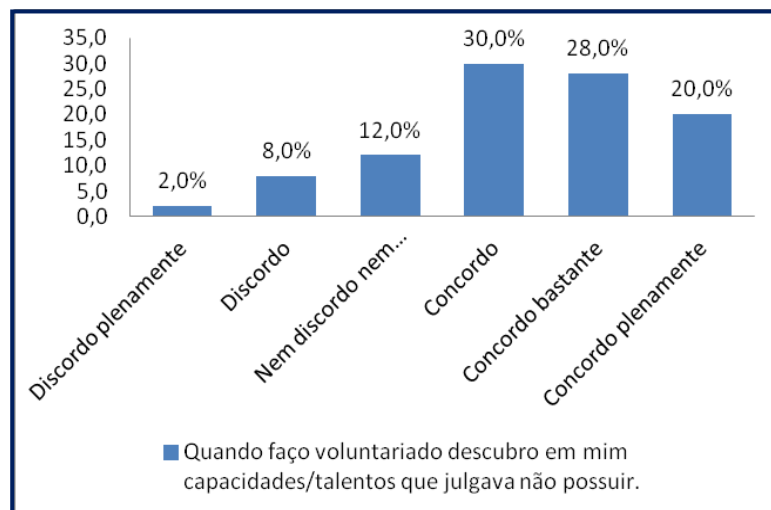


Gráfico 14 - Quando faço voluntariado descubro em mim capacidades/talentos que julgava não possuir.

Analisando o gráfico 14 a percentagem da resposta “Concordo” é a que mais se destaca com um valor de 30,0%. A segunda resposta mais votada foi a “Concordo bastante” uma percentagem de 28,0% e a terceira resposta mais votada foi a “Concordo plenamente” com 20,0%. Perante tais factos, é possível concluir que os jovens voluntários tendem a reconhecer que a sua participação, nas atividades de voluntário, os desperta para possíveis capacidades/ talentos que desconheciam possuir. Este facto vai ao encontro da opinião de Sberga (2012) quando afirma: “ o voluntariado se apresenta como um espaço alternativo não só de inserção social e compromisso de cidadania responsável, mas também como uma proposta que ajuda o jovem a conhecer a si mesmo e a descobrir suas potencialidades”. Em muitas situações, as transformações pessoais que o jovem sofre, como consequência da sua participação em atividades de voluntariado, não passa despercebida aos olhos de quem os observa e de que convive diariamente com eles. Tal facto, poderá ser observado aquando da leitura do gráfico 15.

3.23 Já recebi elogios por parte da minha família/amigos/professores pelo facto de estar a revelar atitudes solidárias.

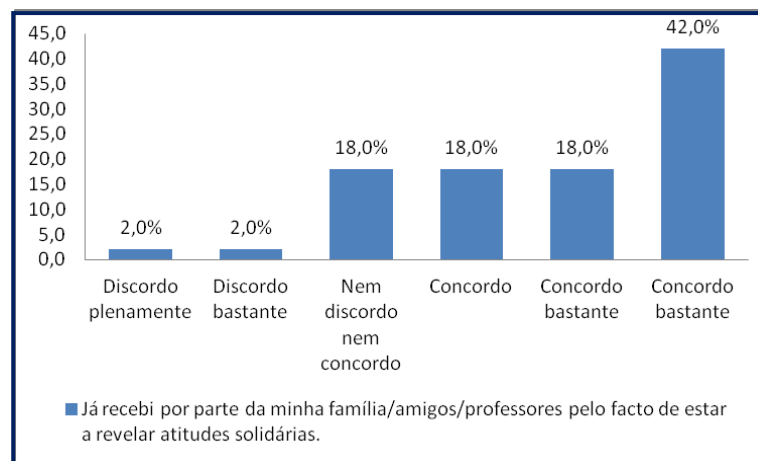


Gráfico 15 - Já recebi elogios por parte da minha família/amigos/professores pelo facto de estar a revelar atitudes solidárias.

Analisando os dados do gráfico 15, verifica-se que 42,0% corresponde à percentagem de alunos que responderam “Concordo plenamente” e 18,0% corresponde à percentagem dos que responderam simultaneamente “Nem discordo, nem concordo”, “Concordo” e “Concordo bastante”. Tenhamos, por outro lado, atenção às respostas dadas pelos onze alunos entrevistados coletivamente, aquando das questões: “Senteste-te uma pessoa diferente da que eras antes de ser voluntário? Essas diferenças são notórias pelos teus pais, amigos e professores?” “Eu antes não costumava ajudar lá em casa mas agora gosto de fazer e ajudo nas tarefas domésticas. O meu pai até já reparou!” Isabel; “(...) e eu agora já não discuto tanto com a minha irmã.”, Teresa; “(...) uma professora de EV [Educação Visual] (...) chegou ao pé de mim e disse: A Beatriz está mais calma!”, Ana Beatriz; “A minha avó disse que eu estava diferente, que eu antes não via as coisas assim, pronto... que eu tinha crescido mais como pessoa.” Kelly; “O Márcio está agora uma pessoa mais liberta (...) fala mais com as pessoas, interage mais, está mais sociável. Quando eu entrei para a turma ele era fechado e não falava com ninguém mas agora [depois de começar a fazer voluntariado] já está melhor” (Beatriz a falar sobre o seu colega Márcio.

A Dra. Helena Andrade, também opina sobre este assunto, dizendo: “ (...) e nós temos sentido isso, de ano para ano, o voluntário está mais seguro de quem sabe que tem um papel a fazer, até porque a pessoa acredita mais em si própria, acredita que pode fazer alguma diferença”.

Procedendo, mais uma vez, à triangulação dos dados obtidos através do questionário e do focus group, percebemos que estes testemunhos atestam, segundo Barbosa (2007), que os jovens voluntários reconhecem “o seu lugar no mundo” e contam com um “sistema de

reconhecimento das suas próprias capacidades” (p.390). Para este autor, este reconhecimento constitui uma elemento fundamental para que se transformem em “sujeitos ativos, capazes de exercerem a responsabilidade e buscar os saberes que lhe são úteis para desenvolver as suas atividades” (ibidem).

Analisemos, de seguida, o grau de satisfação, alegria e autorrealização dos jovens perante a sua participação em atividades de voluntariado. Perante a questão 3.6 “Ao fazer voluntariado sou uma pessoa mais feliz e realizada”, os alunos responderam:

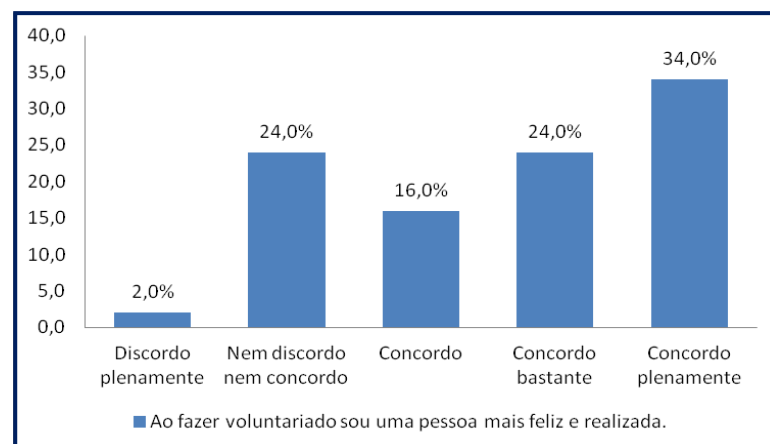


Gráfico 16 - Ao fazer voluntariado sou uma pessoa mais feliz e realizada

Procedendo à leitura dos dados correspondentes ao gráfico 16 verificamos que 34,0% dos jovens inquiridos afirmam que “Concordo plenamente”, 24,0% afirmam que “Nem concordo nem discordo”, a mesma percentagem que também afirma “Concordo bastante”. Decidimos, porém, validar esta questão, certificando-nos que os alunos eram coerentes nas suas respostas e que estavam atentos às questões que lhes eram colocadas no questionário. Para isso, decidimos colocar numa outra posição do questionário, a seguinte questão: 3.27 “Ficaria feliz se tivesse de abandonar o voluntariado?”.



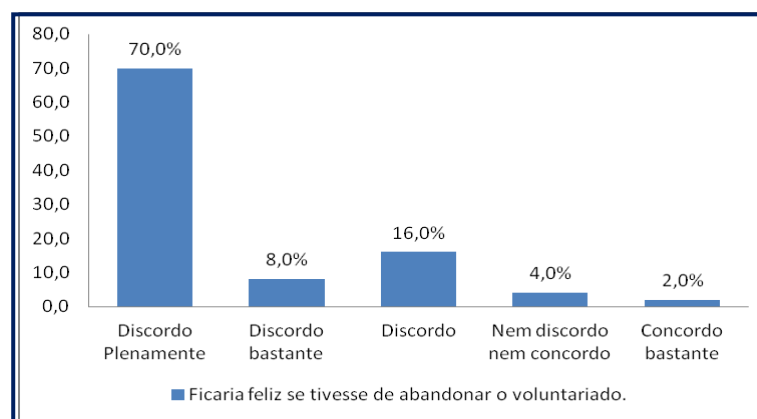


Gráfico 17 - Ficaria feliz se tivesse de abandonar o voluntariado

Pela análise do gráfico 17, a coluna que mais se destaca é a relativa à resposta “Discordo plenamente”, com uma percentagem de 70,0%. A resposta “Discordo” alcançou uma percentagem de 16,0% e “Discordo bastante” uma percentagem de 8,0%. Notamos pela análise dos gráficos 16 e 17 que os alunos tendem a ser coerentes nas suas respostas e, por isso, a relação Voluntariado/ Autorrealização/Felicidade tende a existir e a fazer sentido para eles. Leiamos, por outro lado, as citações de alguns dos alunos inquiridos: “(...) nós queremos sempre fazer alguma coisa ainda melhor e sempre a subir(...), Margarida “(...) e depois vamos para casa e sentimo-nos bem connosco próprios( ...)”, Margarida, “Adoro fazer voluntariado nos hospitais, com os sem-abrigo, lares de terceira idade(...)”, Ana Beatriz .

Ao analisarmos estes pequenos mas valiosos testemunhos de jovens de 14 anos de idade, notamos uma alegria, satisfação e prazer que lhe são inerentes. Cada jovem é conduzido à plenitude do ser, já que realiza atividades que estão em sintonia com a própria identidade, Palma e Lopes (2012). Para Maslow (1968), estes nossos alunos voluntários poderão ter atingido o topo da pirâmide (Autorrealização) e daí, o seu bem-estar e a sua e felicidade estar presente durante e após a realização da atividade de voluntariado.

Para os autores Palma e Lopes (2012), a relação voluntariado/autorrealização felicidade/tende a fazer sentido já que os jovens fazem escolhas e aceitam atividades que estão de acordo e vão ao encontro das suas identidades, o que lhes confere significado e sentido à sua própria vida. Para Palma e Lopes (2012), “a realização de um trabalho que permita a aplicação das competências que mais valorizamos contribui para uma maior satisfação com a vida” (p.132) e a autorrealização é o “caminho para a felicidade” (p.133). Esta autorrealização e consequente felicidade por parte dos nossos alunos é também observada e testemunhada pela Dra. Helena Andrade, aquando da sua entrevista: “(...)

nota-se que é muito engraçado para eles, que é uma experiência única (risos) e depois repetem”; “(...) às vezes pedem para fazer mais [mais horas de voluntariado] pois gostam muito e dizem isso que é pouco, que devia ser mais! (risos)”.

O autocontrolo e a assertividade são competências que inevitavelmente os jovens tendem a treinar em grupo e/ou individualmente no voluntariado e, nesse sentido, o voluntariado poderá constituir um espaço formativo. Julgamos que valerá a pena citarmos mais alguns testemunhos dos alunos inquiridos: “(...) antes, alguém dizia-me uma coisa e eu reagia mal ou por impulso e agora eu tenho mais paciência, mais calma, acho que até ouço mais as pessoas, oiço o ponto de vista delas e depois tiro as minhas conclusões”, Kelly; “Nós sorrimos! [em resposta à má educação das pessoas]”, Ana Beatriz; “No princípio apetecia-me dizer algumas verdades, ou assim, mas agora [ao ser voluntária] é mais natural.”, Kelly; “É preciso respirar muito senão....”, Margarida; “(...) o voluntariado (...) dá-nos força para termos comportamentos assertivos”, Margarida; “Eu agradeço na mesma, mesmo que a pessoa esteja de costas, (...) sigo o meu caminho; “Nunca na vida íamos fazer isso!” [sermos mal educados para com as pessoas que são mal educadas para com elas]”, Ana Beatriz.

Com o objetivo de explorar mais e melhor estas duas competências - o autocontrolo e a assertividade - decidimos pedir a opinião dos 50 jovens voluntários relativamente às seguintes questões: 3.14 “Desvalorizar, julgar, criticar e ridicularizar” as pessoas, são coisas que não faço neste momento” e 3.20 “Hoje em dia digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém”. Analisemos assim, a resposta dada pelos alunos à primeira questão:

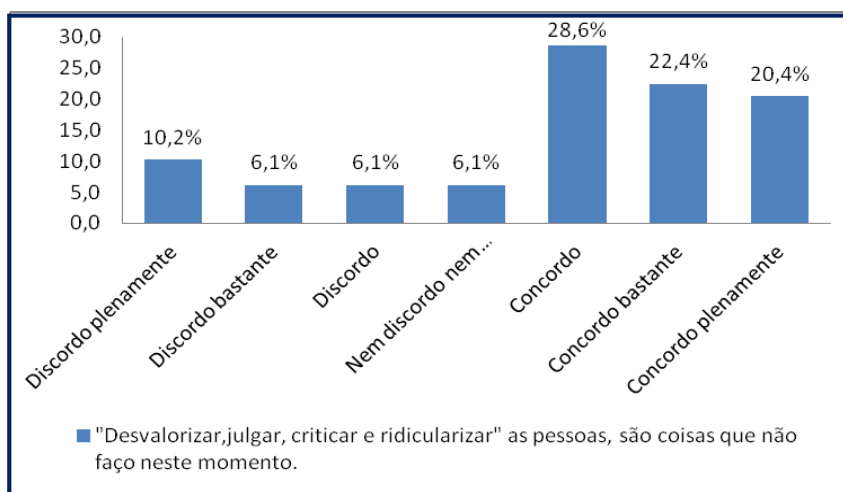


Gráfico 18 - “Desvalorizar, julgar, criticar e ridicularizar” as pessoas, são coisas que não faço neste momento.

Pela análise do gráfico18, observamos que 28,6% responderam “Concordo”, 22,4% responderam “Concordo bastante” e 20,4% votaram na resposta “Concordo plenamente”.

Esta mudança de comportamento e de atitude, muitas vezes sentidas pelos jovens voluntários e observada e testemunhada por terceiros, vai ao encontro dos resultados obtidos numa grande pesquisa realizada em Itália sobre a adolescência, levada a cabo no período 1990-1998, pela Associazione Nazionale dei Centri di Orientamento Scolastico Professionale e Sociale (Cospes). Estes estudos, realizado com 12 000 adolescentes italianos, é citado por Sberga (2001) e em relação a ele esta autora afirma que “o autoconhecimento é primeiro degrau para se chegar a ter uma aceitação positiva de si e a motivar-se na realização de ideais e projetos” (p.171). Sberga afirma ainda que “existem tarefas que cada um, na sua individualidade do percurso de construção da própria identidade, deve substancialmente enfrentar com as suas próprias forças (...), um percurso de criatividade e de maturidade (...) a qual o voluntariado juvenil pode contribuir muito” (p.170). Segundo a delegada da AMI- Funchal, a diferença de comportamento por parte dos nossos jovens voluntários é também observável e perceptível por ela, à medida que o número de anos de parceria *Clube Viver a Vida* – AMI, aumenta. Ela própria afirma: “(...) e nós temos sentido isso, de ano para ano, o voluntário está mais seguro de quem sabe que tem um papel a fazer até porque a pessoa acredita mais em si própria, acredita que pode fazer alguma diferença”.

Para Helena Andrade/AMI, o facto de os jovens trabalharem em grupo é também uma mais-valia: “Parece-me que o convívio deles é muito interessante porque eles vão em grupo e vão se ajudando”; “uns levam o cofrezinho, outros o autocolante, o outro fala inglês (...) e portanto é um trabalho de grupo!”; “Depois há aqueles que “ Foi mais difícil do que eu pensava, falar com as pessoas porque as pessoas nem sempre dão e tiveram de lidar com isso.”; “Depois convivem [alunos voluntários] aqui [delegação da AMI] um bocadinho uns com os outros, encontram-se”. As palavras da delegada da AMI/Funchal corroboram a opinião de Barbosa (2007), quando afirma que o grupo é “agente educativo, na medida em que promove o jovem na educação para os valores” (p.109). Para este autor, o grupo “é um lugar de intercâmbio dinâmico de relações e de comunicação e...(...) o contexto onde a pessoa pode amadurecer a própria identidade, autonomia, liberdade e capacidade de estabelecer relações”(ibidem). A consequência deste amadurecimento pessoal e relacional poderá estar na origem da transformação dos nossos alunos em pessoas mais assertivas.

Relativamente à segunda questão: 3.20 “Hoje em dia digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém”, os dados obtidos foram os seguintes:

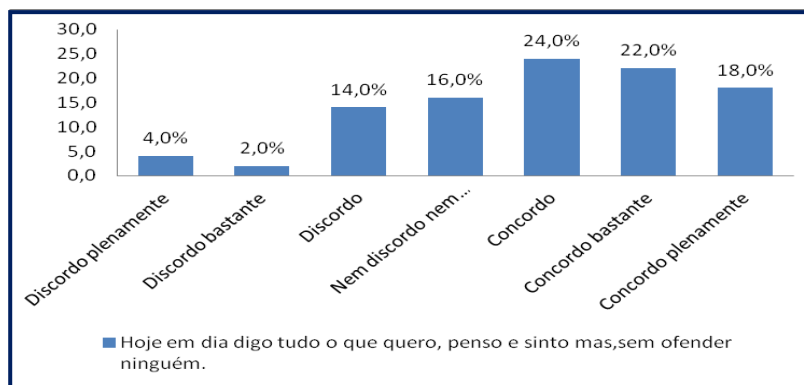


Gráfico 19 - Hoje digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém

Pela análise do gráfico 19, verifica-se que os alunos tendem, mais uma vez, a serem assertivos ao nível da comunicação, já que 24% dos alunos inquiridos relativamente à questão 3.20 do questionário responderam "Concordam"; 22,0% afirmaram que "Concordo bastante" e 18% responderam que concordavam plenamente. Para Castilho (1999), citado por Barbosa (2007, p.109), os jovens que integram este estudo desenvolvem uma "comunicação aberta e honesta, ampliando a sua espontaneidade, autenticidade e franqueza, tornando os elementos mais livres e descontraídos". Para além disso e segundo o mesmo autor, o grupo pode "desenvolver a capacidade de ouvir e de se expressar com adequação, aumentando a sua capacidade para empatizar com o outro" (ibidem).

Após esta exaustiva resposta à nossa quinta questão investigativa, apraz-nos concluir o CVV tem sido, muito possivelmente, ao longo deste últimos nove anos, uma fonte de mudanças a nível na organização HBG já que tem ajudado a mudar "modos de pensar de ação" e processos de interação social dentro da escola uma vez que tende a "substituir uma cultura fortemente individualista e «insular» por uma cultura baseada na «colaboração» e no trabalho de equipa", Canário (1995,p.7). A mudança de "crenças, valores e atitudes dos que, pela sua ação «constroem»", Canário (1995, p.13) por parte de todos os atores, em especial dos professores permite que a escola HBG seja encarada como uma "totalidade organizacional", o que tende a ser fundamental para "criatividade e sua afirmação como território inovante" (ibidem). Ainda segundo este autor, a combinação e a interação das experiências e competências individuais e coletivas, a história da organização, as situações vividas dentro e em parceria com a escola HBG tendem a constituir recursos para a formação da própria organização. Assim, segundo Canário (1995,p.17) é possível que a escola HBG se torne uma organização «qualificante», facilitadora de aprendizagens individuais e coletivas para todos os seus atores uma vez que tende a reforçar o seu

potencial formativo do ambiente de trabalho (produção de material formativo) através de modalidades de trabalho, nomeadamente, as desenvolvidas e vividas pelo CVV.

### **3.7 Impacto do *Clube Viver a Vida* ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade.**

Para Capelatto (s/d), quando a escola oferece “programas de vivência voluntária desde cedo consegue formar um jovem consciente e que aprende a cuidar de si e dos outros. O jovem une-se a ela e, fundamentalmente, colabora com a comunidade, construindo valores básicos para toda a sua educação.” (p.17). Este compromisso entre o jovem e o Clube é testemunhado e sentido pela Dra. Helena Andrade, delegada da AMI do Funchal, quando, na sua entrevista, se pronuncia sobre os nossos alunos voluntários: “é um voluntário envolvido convosco, com o *Clube Viver a Vida* (...) e percebe porque é que é voluntário, porque é que está ser voluntário e o que é que vai fazer”. Para além do compromisso voluntário no *Clube Viver a Vida*, a Dra. Helena salienta, ainda, outros factos importantes, que neste estudo importa referir: “(...) é muito bom haver um núcleo de professores e uma abertura por parte da escola toda”; “E de facto, se calhar, pensámos logo na HBG já que temos a ligação mais próxima (...) por causa deste conhecimento com o *Clube Viver a Vida*, com vocês e também com a Direção [a justificar a razão pela qual a AMI escolheu as instalações da HBG para ministrar o curso de socorrismo no Funchal]. “Passou pelo Clube o contacto mais próximo [com a Escola], Helena. Analisando o testemunho da Dra. Helena, apercebemo-nos que o facto da escola HBG possuir um Clube que promove e dinamiza atividades em rede com várias organizações não-governamentais, faz dela uma “organização e vida” e ainda “um local de vivência da cidadania”, Alarcão (2001b,p.18). O testemunho, proveniente da nossa entrevistada Maria José Martins, uma das atuais coordenadoras do Clube, reforça ainda a relação que se estabelece entre os alunos/famílias e a Escola e de como esta, poderá beneficiar e melhorar a qualidade de vida dos primeiros: “Assim, todas as atividades organizadas envolvem os nossos alunos não só como participantes ativos, mas também como beneficiários dessas mesmas ações. Exemplo concreto disso é a participação de dezenas de alunos nos peditórios promovidos por associações/instituições de solidariedade, às quais o Clube se associa, e que, muitas vezes, se tornam eles próprios recetores do apoio prestado por essas associações/instituições. Este testemunho remete-nos para a possibilidade do *Clube Viver a Vida* desenvolver um importante contributo ao nível do “desenvolvimento local sustentável”, Carmo e Esgaio

(2012, p.7) que na nossa escola, ocorre de forma mais evidente, a nível do eixo **económico** – uma vez que o Clube tenta gerir de forma eficiente os recursos materiais, financeiros e humanos disponíveis e ensaia práticas de consumo sensato – e **social** – uma vez que o Clube tenta defender os direitos sociais e humanos dos alunos e, respetivas famílias carenciadas da escola proporcionando-lhe uma maior qualidade de vida, Carmo e Esgaio (2012).

As citações da nossa entrevistada Helena Andrade, comprovam o grande impacto do clube a nível do “desenvolvimento local sustentável”: “As organizações só têm a ganhar também, porque têm ali voluntários”; “(...) há um ver dos resultados e um pensar dos resultados que serve o Clube mas também nos serve a nós [AMI], “(...) isto [o voluntariado] é bom para ele [voluntário] é bom e para o conjunto todo cívico, porque nós precisamos de pessoas com uma atitude crítica perante as coisas”; “Nós temos o conhecimento da Escola [HBG] e de todo o processo [relativo às campanhas da AMI] “, bem como o testemunho da Dra. Cristina Barbeito/Cáritas: “Também, pouco a pouco, a escola dando-se de conta de alunos, cujas famílias tinham grandes dificuldades económicas, solicitou à Caritas, através do *Clube Viver a Vida*, apoio em cabazes alimentares”. Neste aspeto, foram acordados procedimentos, de forma a estabelecer de modo equitativo, um número de cabazes a atribuir, após cada campanha de recolha de alimentos, a famílias de alunos carenciadas”. Deste modo, o impacto positivo e preponderante do *Clube Viver a Vida* na relação escola-comunidade tende a ser evidente.

O testemunho do jovem André Teixeira, jovem responsável pelo Movimento da Juventude Hospitaleira/Madeira, aquando da sua entrevista ao CVV, revela também alguns dos benefícios associados à parceria HBG – JH. Classificando de “Muito Boa” a relação entre as duas organizações, acrescentou: “Além de ser uma forma de dar a conhecer aos jovens o Carisma da Hospitalidade, é também uma forma de os jovens terem um contato mais próximo com pessoas que sofrem diariamente com o problema que é a Saúde Mental, além do estigma impingido pela nossa sociedade. Agrada-nos a enorme ajuda que os jovens da HBG dão aquando da sua visita ao mesmo tempo que contribuímos para o seu crescimento como pessoas”. Proferiu ainda: “Os funcionários ficam também, claro, satisfeitos por mais aquela ajuda que vem facilitar o seu trabalho e dar-lhes tempo para se dedicarem ainda mais às pessoas que acompanham”.

Como “Toda a organização é definida pelas relações que estabelece com o meio, uma vez que destas relações saem dividendos ou proveitos mútuos”, Mèlèse (1979, p.41), é natural que na nossa escola alguns destes proveitos já se façam observar, ouvir ou sentir a vários níveis, tendo em conta a longevidade das parcerias estabelecidas. Relativamente aos alunos, para além de todas as competências pessoais e sociais que tendem a adquirir, já focadas várias vezes ao longo deste trabalho, tendem a adquirir outros proveitos,

nomeadamente espírito de iniciativa, de liderança e de pró-atividade, tal como nos mostram os relatos seguintes: “(...) acho que era interessante, convidar alguns voluntários [alunos] para prestar o seu testemunho a outras turmas” Eduarda; “Eu gostava que a minha turma fizesse uma visita de estudo à casa de saúde [Casa de Saúde Câmara Pestana], Ana Beatriz; “E é importante irmos a todas as turmas menos à nossa. Temos que ir a turmas que não nos conhecessem”, Margarida.

Os proveitos resultantes da abertura da escola ao meio tendem a serem observados e sentidos por terceiros: “(...) parece-me que só pode ter havido também lá [HBG] uma abertura para este tipo de assunto [voluntariado], por parte da Direção e que me parece que ao longo dos anos foi evoluindo no sentido de cada vez mais abertura”, Dra. Helena Andrade/AMI Funchal. A opinião do jovem André Teixeira, jovem responsável pelo Movimento Juvenil – Juventude Hospitaleira/Madeira corrobora a opinião de Helena Andrade, quando ambos falam sobre a liderança da escola HBG: “Uma palavra de agradecimento à professora Fátima Teles [à presidente da Direção Executiva] por apoiar esta iniciativa do *Clube Viver a Vida*. É de louvar que o faça e que continue a impulsionar. Agradeço em nome da Juventude Hospitaleira da Madeira por esta parceria!”

O anseio de continuar com a parceria Organização – Escola HBG é manifestado pelas três organizações auscultadas no âmbito deste trabalho, e as mesmas revelam disponibilidade para, num futuro próximo, alargarem a sua cooperação a outras ideias, atividades e projetos: “Mostro-me desde já disponível para qualquer possível apoio à vossa Escola que possa ser prestado, e deixo a certeza e o desejo de continuar com estas iniciativas, André Teixeira (JH); “ A cooperação poderá e deverá continuar nos mesmos moldes e até de uma forma mais alargada no futuro, com sessões de formação, abordando temas respeitantes ao exercício de uma solidariedade responsável, atividades de Verão, etc., Cristina Barbeito (Cáritas Diocesana do Funchal); “Da nossa parte sim! (risos) [continuar a parceria entre a HBG e a AMI]”, acrescentando noutra altura do seu discurso: “(...) na nossa parceria pode eventualmente... é nós [AMI] darmos de alguma forma mais também à escola (...)”; “(...) não sei...de irmos nós também lá [escola HBG] fazer alguma coisa ou as sessões ou o que for, também podemos colaborar”; “(...) sensibilização à população, plantação de árvores, manutenção, passeios na serra, há aí muita coisa que ainda se pode explorar”, Dra. Helena Andrade/AMI.

O sucesso do Clube e consequentemente possíveis proveitos para as organizações que daí poderão resultar parece ser uma intenção da Dra. Helena Andrade, já que a certa altura da sua entrevista apresenta uma sugestão para a escola em termos de gestão e organização: “(...) criarem [As escolas] uma ligação entre estes meninos que saem na HBG e entram para o Liceu Jaime Moniz [uma das grandes e conhecidas escolas secundárias do Funchal].”

No questionário, colocámos a questão de resposta aberta: 2.5 “Em que área ou áreas gostarias de trabalhar no voluntariado num futuro próximo”. Analisando e contabilizando as respostas dadas pelos alunos inquiridos constatámos, em termos de percentagem, que:

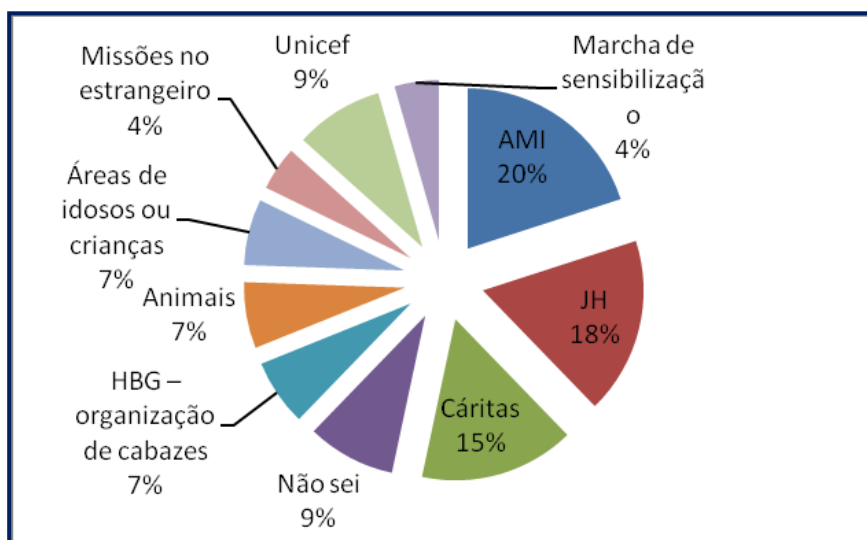


Gráfico 20 - Em que área ou áreas gostarias de trabalhar no voluntariado num futuro próximo?

Analisando o gráfico 20, reparamos que 20% dos alunos inquiridos gostaria de, num futuro próximo, colaborar com a AMI - Assistência Médica Internacional, 18% gostaria de colaborar com Movimento Juventude Hospitalreira, JH, e 15% gostaria de continuar a colaborar na recolha de alimentos à porta dos supermercados através da organização Cáritas Diocesana do Funchal. É curioso reparar a este respeito que os alunos focam, maioritariamente, os nomes das instituições com as quais o Clube estabelece no presente ou já estabeleceu no passado uma parceria a nível de voluntariado. No entanto, há que destacar o interesse de alguns jovens em quererem colaborar com organizações internacionais como a Unicef e outros desejarem se aventurar numa missão de voluntariado no estrangeiro. Para Sberga (2001), é natural que tal aconteça uma vez que o jovem, refletindo sobre si mesmo e querendo ser “fiel à própria identidade, é preciso que ele organize a vida cotidiana e projete o seu futuro” (p.176). Segundo a mesma autora a projetualidade do jovem e das suas opções, fá-lo descobrir valores que dão sentido à sua própria vida, Sberga (2001).

No questionário – IV Parte, quando se pergunta aos alunos: “Quais as suas expectativas em relação ao voluntariado e quais as suas perceções de continuidade?”, apuramos que:



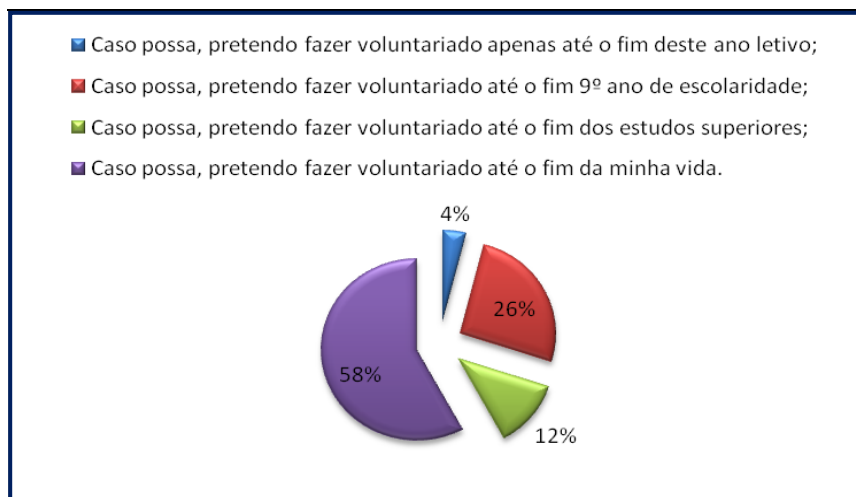


Gráfico 21 - Quais as suas expectativas em relação ao voluntariado e quais as suas perceções de continuidade?

Relativamente ao gráfico 21, uma percentagem 58% dos alunos inquiridos revela que pretende, caso possa, fazer voluntariado até o fim da vida, enquanto que 26% afirma que pretende “fazer voluntariado até o fim ao fim do 9º ano” e 12% revela que, caso possa, fará voluntariado até o fim dos estudos superiores. A percentagem dos 58% é, de facto, aquela que mais nos chama à atenção, pois significa que 29 alunos dos 50 inquiridos gostariam, caso tal fosse possível, de fazer voluntariado até o fim das suas vidas e portanto continuarem a ter “abertura a novas experiências, oportunidade de aprendizado, prazer de se sentir útil, criação de vínculos de pertença e afirmação de sentido comunitário”, Sberga (2001, p.39). Desta forma é possível concluir que, uma vez deixando de frequentar a escola HBG, estes nossos alunos voluntários manifestam o desejo de quererem participar noutras atividades de voluntariado promovidas por outras escolas ou por outras organizações. Quem o pressentiu foi também a nossa entrevistada Helena Andrade: “Ora um jovem que vai com este hábito de participar nas atividades na escola em atividades de voluntariado, se calhar adere muito mais facilmente no apoio de atividades deste género [noutras escolas]” e comprova a sua afirmação com um caso que vivenciou: “Também houve um caso, que também veio da escola HBG, que tinha já feito voluntariado e que esteve no liceu [Escola Secundária Jaime Moniz] na altura até nos [os alunos] contataram para fazer uma ação no liceu (...). Isto já é uma auto-organização dos alunos, sem professores [explicava que o grupo de ex alunos voluntários da HBG que apesar de estarem noutra escola, tomaram a iniciativa de irem à AMI pedir a colaboração para a elaboração de um projeto].”

Ainda no questionário, pedimos a opinião dos alunos relativamente à seguinte afirmação: 3.42 “O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir a exercer no futuro”.

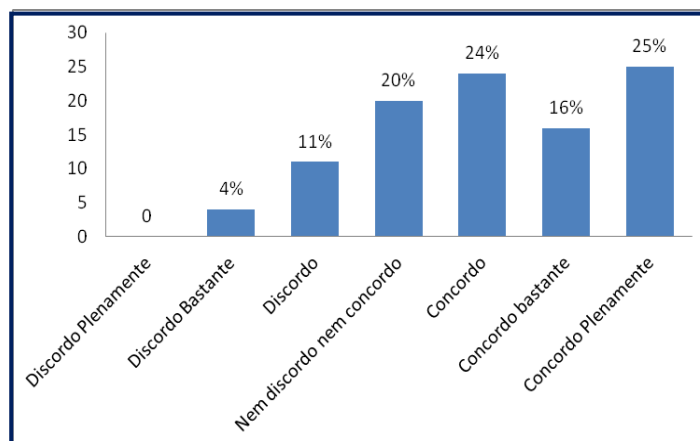


Gráfico 22 - O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir a exercer no futuro

Através da análise do gráfico 22 é possível apurar que 25% opina que “Concorda plenamente”, 24% afirma que “Concorda” e 20% que “Nem discorda nem concorda”. Neste âmbito, os autores Alarcão e Canário (1999,p.14), citado por Alarcão (2001b), afirmam que a escola é um “ lugar decisivo onde as competências escolares ajudam a produzir competências profissionais, mediante um processo que permite a passagem da “capacitação individual à capacitação coletiva” (p.71). A nossa entrevistada, Dra. Helena Andrade/AMI/Funchal, testemunha também neste sentido: “Isso [o voluntariado] vai dizer muito, até sobre o trabalho que eles vão desempenhar, até como alunos da universidade ou depois numa empresa ou num local de trabalho”, ou ainda o comentário da mãe da voluntária Ana Beatriz relativamente ao facto de a filha querer se inscrever num curso relacionado com a área de “crianças ou velhinhos”,<sup>1</sup> já que descobriu essa vocação aquando da sua participação nas atividades da Juventude hospitaleira (anexo 12,nota de campo nº31).

O desejo manifestado pelo menos por três organizações em querer continuar com a parceria com a nossa escola/CVV, o facto de a maioria dos alunos quererem participar em atividades de voluntariado até o fim das suas vidas, a percentagem elevada de alunos que afirmam que a participação no voluntariado os ajuda a decidir a futura profissão leva-nos a inferir que o *Clube Viver a Vida* exerce um impacto relevante e significativo a nível das relações escola-comunidade. Porém não seria justo da nossa parte acabar esta resposta sem dar o especial e merecido destaque à Direção da Escola HBG que, atuando de uma forma “coletiva ou participada”, Libâneo (2001, p. 78), gere de uma forma democrática a escola, tentando incutir nesta uma cultura escolar que não fica apenas pelos discurso mas que se concretiza

pela prática efetiva dos valores que defende, Glatter (1995). A prova desta congruência entre a teoria e as atitudes pedagógicas desempenhadas pela Direção da escola são testemunhadas e reconhecidas por alguns elementos das ONGs com as quais a escola HBG estabelece parceria no âmbito do voluntariado e que já tivemos oportunidade de ler anteriormente. Uma liderança que permite a descentralização de funções para a escola HBG dá aos professores a possibilidade de estes, através de projetos como o do CVV, participarem também na gestão da escola, juntamente com as famílias e a comunidade em geral.

## CONCLUSÃO

---

Tal como pudemos constatar no capítulo 2 e 3 desta dissertação, a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, através da ação do *Clube Viver a Vida*, tende a preocupar-se e a envolver-se nos problemas sociais que atingem o seu público externo (empresas, organizações não governamentais, ...) e o seu público interno (alunos, pais, professores, ...) – os *stakeholders*. A consciência do dever por parte da organização HBG em melhorar a qualidade de vida das famílias que a compõem, nomeadamente, na minimização de alguns problemas, como a fome, o individualismo, a violência e o egoísmo, em prol de uma maior dignidade humana, tende a vincar-se nesta organização. Desta forma, a escola HBG, no seu dia-a-dia, tenta, de uma forma mais abrangente e consciente, adotar a responsabilidade social como forma de educação, não deixando que os problemas dos seus professores, alunos e respetivas famílias sejam ignorados.

O *Clube Viver a Vida*, como estratégia de operacionalização das metas do PEE da escola HBG, tende a revelar-se uma mais-valia para a definição da “missão” da organização, já que procura motivar, incentivar e, na medida do possível, alterar valores, crenças e as atitudes que constroem e conduzem a uma “*distintividade* organizacional”, Estevão (1998, p.18). Exercendo uma responsabilidade social à “escala micro”, Carmo e Esgaio (2012, p. 8), as coordenadoras do CVV, uma vez delineados planos estratégicos, convidam os professores da escola HBG a participarem nas atividades de voluntariado promovidas pelo CVV, facto que na prática poderão traduzir a concretização de alguns objetivos e metas organizacionais. Por sua vez os professores motivados e que desejem assumir esta responsabilidade, solicitam e motivam a participação dos alunos e restantes elementos da comunidade escolar, dando oportunidade para que estes sejam cidadãos ativos do mundo. Mais do que transmissores de conhecimentos aos alunos, os professores tendem a “criar as condições necessárias para que estes [os alunos] aprendam”, Barroso (1995, p.10), e, portanto, a assumirem o papel de “trabalhadores”, ao invés de “objetos de formação”, Barroso (idem p.11). Os alunos, professores, funcionários e pais, através do CVV, deparam-se, muitas das vezes, com o seu primeiro convite para participarem em atividades de voluntariado e, por motivação de ordem intrínseca ou extrínseca, aceitam-nas. A partir daí, num percurso orientado, contínuo, e em contexto com a realidade, estes voluntários têm uma oportunidade de, em grupo, participarem social e politicamente na “escola da vida”, adquirindo e desenvolvendo competências pessoais e sociais, tais como o autoconceito, a liderança, a resiliência, a cooperação, a comunicação, a assertividade, a criatividade, a

autorrealização, a empatia, entre outras. As funções organizacionais terão, desta forma, uma menor atenção, em prol das competências individuais e dos grupos/equipas, Bilhim (2006) e as equipas mistas e heterogéneas de voluntários poderão ajudar a “melhorar a eficácia e a produtividade” das mesmas” (p.61). Esta coesão da comunidade escolar, no nosso caso específico, em torno de ações de voluntariado e do bem comum, poderá, segundo Bilhim (2006, idem), facilitar e aumentar a comunicação intra e interpessoal, bem como a comunicação organizacional - “chave para o estabelecimento de boas relações de trabalho” - Bilhim (idem, 67) e, consequentemente, tornar “a vida na organização mais agradável, o clima organizacional mais sereno e com menor tensão, a cooperação entre todos mais eficaz”, Bilhim (idem, p.61).

Por outro lado, as parcerias que a CVV cria com as várias organizações não-governamentais e, mais recentemente, com algumas empresas privadas concretizam a responsabilidade social da escola HBG numa escala “meso”, uma vez que estas operacionalizam-se em “ações orientadas para o exterior e para o interior das organizações”, Carmo e Esgaio (2012, p.8). Através destas parcerias HBG – Organizações, é possível garantir um “desenvolvimento local sustentável” na escola HBG a nível do eixo económico – uma vez que o Clube tenta gerir de forma eficiente os recursos materiais, financeiros e humanos disponíveis e ensaia práticas de consumo sensato - e social – uma vez que o Clube tenta defender os direitos sociais e humanos dos alunos e respetivas famílias carenciadas da escola, proporcionando-lhe uma maior qualidade de vida, Carmo e Esgaio (idem, p.7).

A liderança participada e baseada em valores que a escola HBG tende a adotar permite a descentralização de funções e, seguindo um lema que se encaminha para o “Servir mais do que mandar”, Bilhim (2004,p.30), dá a todos os seus atores a possibilidade de estes colaborarem na gestão da organização através participação nas muitas e variadas atividades de voluntariado dinamizadas pelo CVV, realizadas dentro e fora da escola.

O CVV ergue um “conjunto de decisões e ações” Estevão (1998,p.2) que acabam por mobilizar imensos recursos, o que, consequentemente, acaba por afetar toda a organização. Pelo facto de integrar as estratégias do PEE da escola, tentando, na medida do possível, colaborar em busca das soluções para os vários problemas que a instituição enfrenta no presente, acreditamos que o CVV poderá conduzir a organização HBG a uma “otimização do seu potencial formativo” já que possibilita a “transformação das experiências vividas no quotidiano profissional em aprendizagens a partir de um processo auto formativo, marcado pela reflexão e pesquisa, a nível individual e coletivo”, Canário (1995,p.6). “A articulação entre os novos modos de organizar o trabalho e os novos modos de organizar a formação, (centrada no contexto organizacional)”, Canário (ibidem) poderá resultar numa mudança de

aprendizagens individuais e coletivas e, conseqüentemente, no próprio contexto em que trabalham, Canário (1995)

Pelo facto de a escola HBG mostrar ser uma instituição comprometida com uma educação para a solidariedade, o que aumenta a probabilidade desta constituir um núcleo de cidadania ativa e, pelo fato de, como já referimos anteriormente, ir ao encontro das necessidades dos seus colaboradores (alunos, professores, ...) e das necessidades das suas famílias, proporcionando-lhes uma qualidade de vida superior, tende a ser, na nossa visão, uma organização autêntica, Ket de Vries (2001). Através da participação em atividades de voluntariado, é possível e provável que os voluntários venham a usufruir de muitos e variados momentos de alegria, partilha, diálogo, reflexão, dedicação, motivação, entusiasmo, satisfação e realização pessoal, o que poderá, num futuro próximo, mudar a visão destes atores relativamente às práticas adotadas pela escola bem como os seus comportamentos, atitudes e sentimentos relativamente à organização. Numa ação continuada, participada e divulgada, é possível que, ao longo do tempo, haja uma melhoria significativa no conjunto de “normas, valores e crenças subjacentes à vida organizacional” Bilhim (2013, p.3) uma vez que os processos de socialização aumentam.

Tendo em conta a definição de responsabilidade social apresentada por Taft (1999): "(...) a obrigação da administração de tomar decisões e ações que irão contribuir para o bem-estar e os interesses da sociedade e da organização" (p.88), conclui-se que a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia, através de uma cultura colaborativa, procura uma responsabilidade social e, por isso, revela grandes potencialidades para se assumir como uma escola inovadora e para se constituir como “vantagem competitiva” relativamente às outras organizações concorrentes.

Constatámos que o *Clube Viver a Vida* é uma estratégia da organização HBG, já que ao longo destes últimos nove anos adotou padrões de comportamento que exerceram e continuam a exercer uma forte influência sobre a estrutura organizacional, bem como sobre a sua posição relativamente aos *stakeholders*.

## PROPOSTAS DE MELHORIA PARA O PROJETO CLUBE VIVER A VIDA

Ao longo desta investigação, à medida que caracterizávamos o clube, explorávamos o seu plano anual de atividades, descrevíamos as suas atividades e analisávamos o modo como este integrava o PEE da organização, foram perspetivadas várias propostas de melhoria, a implementar num muito futuro próximo, as quais passamos a enunciar:

1. Substituir o ficheiro em papel dos jovens voluntários e de todas as famílias necessitadas que o CVV auxilia por um ficheiro eletrónico, facilitando todo o processo de gestão e organização do clube.
2. Propor à Direção da escola medidas de incentivo para os alunos, funcionários, pais, encarregados de educação e professores que participem nas mais variadas atividades de voluntariado que o clube promove anualmente;
3. Propor às organizações que estabelecem parceria com a escola HBG que oficializem esta parceria (que até ao momento ocorrem naturalmente) através de um documento escrito. A negociação de outros possíveis benefícios por parte das organizações parceiras será outro aspeto a ter em conta;
4. Reforçar a parceria com a Casa do Voluntário da Madeira, de modo a proporcionar em vez de um curso de formação em voluntariado anual (como vem a acontecer na escola) por dois ou três anuais. O curso será dirigido a alunos, pais, professores, funcionários e toda a comunidade educativa;
5. Criar equipas de voluntários permanentes na escola, que colaborem com o trabalho das coordenadoras do CVV e da organização;
6. Convidar todos os professores e funcionários aposentados da HBG a integrarem uma equipa de voluntários, para colaborar com o CVV nas diversas atividades de voluntariado;
7. Dar mais visibilidade às atividades e campanhas de voluntariado, não só através do uso de cartazes, standartes, página e revista da escola, mas também através de uma “tenda do voluntariado”, que seria montada num lugar de grande destaque da escola e onde a troca de informação, esclarecimentos e promoção de atividades futuras aconteceria por meio dos próprios alunos voluntários. A possibilidade de venda de artigos das várias organizações parceiras e a inscrição de voluntários nas campanhas era também uma possibilidade.

8. Apresentar a candidatura do CVV ao projeto da AMI “Liga-te aos outros” (apresentação de propostas para resolução, através de atividades de voluntariado, de problemas locais que os próprios detetem);
9. Apresentar uma candidatura ao programa “Voluntário Juvenil”, promovido pela Direção Regional da Juventude e Desporto, DRJD;
10. Apresentar uma candidatura à “Escola Voluntária” (Portaria n.º 333/2012 de 22 de outubro);
11. Estabelecer parceria com o Banco do Tempo da escola Secundária Jaime Moniz, ESJM.

## **RECOMENDAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES**

Apesar de sair fora do âmbito deste trabalho de investigação, não deixaria de ser curioso, num futuro próximo, investigarmos determinadas questões, nomeadamente:

1. Porque é que os jovens de sexo masculino do ensino básico não aderem às atividades de voluntariado com a mesma disponibilidade que as jovens de sexo feminino?
2. O que acontece aos jovens voluntários quando terminam o 3º ciclo e têm de integrar outras escolas? Continuam a participar em atividades de voluntariado independente da nova escola lhes dar ou não essa possibilidade ou abandonam essa vontade?
3. Porque não criarmos uma rede entre as escolas da Região Autónoma da Madeira onde fosse possível não só acolher os jovens que vêm de outras escolas mas também assinalarmos/ identificarmos aqueles que manifestam o interesse e a vontade em continuar a participar em atividades de cariz social nomeadamente o voluntariado? Nestes encontros, onde o bem comum das escolas e da educação era a principal meta, porque não darmos a possibilidade para que estas escolas partilhassem, analisassem, discutissem e avaliassem projetos vivenciados nas mesmas e que constituíssem fontes de sucesso para a gestão da organização em termos de responsabilidade social.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Aaker, D. (2001). *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas.
- Alarcão, I. (Org.). (2001b). *Escola Reflexiva e nova Racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Alencastro, M (1997). *A importância da ética na formação de recursos humanos*. São Paulo: Fundação Biblioteca Nacional, n. 197. 147, livro 339.
- Almeida, S. e Freire, T. (2003). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação (3ª ed.)*. Braga: Psiquilibrios.
- Ashley, P. A. (org). (2002). *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva.
- Barbosa, A. (2007). *O valor da gratuidade na educação dos jovens*. Lisboa: Universidade Católica.
- Bardin, I., (1977), *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barroso, J. (1995). *Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola. Caderno de organização e gestão curricular (1ª ed)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Beauchamp, M., Anderson, V. (2010). Social: An Integrative Framework for the Development of Social Skills. *Psychological Bulletin*, 136, 39–64.
- Bernardino, O.M.A. (2003). *Suporte Social e Promoção do Sucesso Académico em Contexto Universitário*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Bilhim, J. (2004). *Qualificação e Valorização de Competências*. Porto: SPI-Sociedade Portuguesa de Inovação/Principia-Publicações Universitárias.
- Bilhim, J. (2013). *Papel dos gestores na mudança cultural da administração central. Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro: vol. 5, no.2, maio-agosto, pp. 205-227.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto.
- Caballo, V. E. (1993). Relaciones entre diversas medidas conductuales y de autoinforme de las habilidades sociales. *Psicología Conductual*, 1, 73-99.
- Canário, R. (1995). *Gestão da escola: Como elaborar o plano de formação? Caderno de organização e gestão curricular (1ªed)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Capellato, I.R (s/d). *Educação com afetividade*, Coleção jovem voluntário, escola solidária. Consultado em dez de março de 2013 através de [http://www.educardpaschoal.org.br/web/upload/NossosLivros/Educacao\\_com\\_afetividade\\_para\\_site.pdf](http://www.educardpaschoal.org.br/web/upload/NossosLivros/Educacao_com_afetividade_para_site.pdf)

- Cardoso, R. L., Neto, Octavio R. M., Oyadomari, J. C (2010). *Os Estudos internacionais de competências e os conhecimentos, habilidades e atitudes do contador gerencial brasileiro: análises e reflexões*. Brazilian Business Review, Vitória, 7 (3), set./dez ,91-113. Consultado em dezoito de março de 2013 através de [http://www.bbronline.com.br/public/edicoes/7\\_3/artigos/96bw5m9y4313122010100002.pdf](http://www.bbronline.com.br/public/edicoes/7_3/artigos/96bw5m9y4313122010100002.pdf)
- Carmo e Esgaio (2012, outubro). *Parcerias em contexto local: um caminho para a sustentabilidade? O caso de Oeiras*, Comunicação para o Painel Ar- Redes e Parcerias para a sustentabilidade dos relatórios no 2º Congresso Ibero-Americano de Responsabilidade Social.
- Chiavenato, I. (1999). *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus.
- Comoglio, M., Cardoso, M.A. (1996). *Insegnare e apprendere in gruppo. Il Cooperative Learning*. Roma: LAS.
- Cortesão, L. (1999). *O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões críticas*. Cadernos de organização e gestão curricular. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Costa, M. e Momo, M. (2009) *Sobre a "conveniência" da escola*. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, dez, Consultado a quinze de julho de 2013 através de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a09.pdf>
- Daft, R. L. (1999). *Administração*. (4ª ed.).Rio de Janeiro: LTC.
- Delors, J. (Coord). (1996). *A Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Lisboa. Edições Asa. Consultado em cinco de abril de 2013 através de <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- Dewey, J. (1979b). *Democracia e educação*. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional.
- Drucker, P. F. (1975). *Administração: tarefas, responsabilidades, práticas*. São Paulo: Pioneira.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. NY: Norton & Company.
- Estevão, C. (1998). *Gestão estratégica nas escolas. Caderno de organização e gestão escolar* (1ªed).Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Falcone, E.M.O. (1998). *A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fernandes (2005, abril). O Voluntariado. A Busca da Identidade na Diversidade. *Revista Forum DC*. Consultado em dezoito de março de 2013 através de <https://docs.google.com/file/d/0Bx9OEaTQV81bY2QwNzcY2QtMGI2MS00MDdlLWFhYjctM2M5OTE4OThmYzA0/edit?hl=en>

- Ferreira, M. R., Proença, T. & Proença, J. F. (2008), *As Motivações no trabalho Voluntário. Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão*. 7(3), 43-53.
- Ferrell, O. C., Fraedrich, J. & Ferrel, L. (2001). *Ética empresarial: Dilemas, tomadas de decisões e casos*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso.
- Fonseca, A. B., Bemfica, A. L., Berner, C., Almeida, F. J., Betto F., Gonçalves, K., Reis, M. L., Cruz, N. & Cruz P. (s/d). *Jovem Voluntário. Escola Solidária. Brasil: Instituto Brasil Voluntário – Faça Parte*. Consultado em três de março de 2013 através de [http://www.voluntariado.org.br/biblioteca/img/col\\_faca\\_parte\\_09.pdf](http://www.voluntariado.org.br/biblioteca/img/col_faca_parte_09.pdf)
- Fonseca, M.L. (2001). *Cidadania, democracia, juventude e voluntariado numa abordagem sociológica*. Consultado em quatro de março de 2013 através de <http://www.mlfonseca.net/wp-content/uploads/2010/07/Cidadania-Democracia-Juventude-e-Voluntariado-Maria-de-Lurdes-Fonseca.pdf>
- Franta, H., Colasanti, A.R. (1993). *L'arte dell'incoraggiamento: Insegnamento e personalità degli alievi* (3.ª Ed.). Roma: NIS.
- Franta, H., Salonia, G. (1992). *Comunicazione Interpersonale: Teoria e pratica*. Roma: LAS.
- Gavin, J. H., Mason, R. O. (2004). The virtuous organization: The value of happiness in the workplace. *Organizational Dynamics*, 33 (4), 379-392.
- Ghiglione, R., Matalon, B. (1993). *O Inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ghiglione, R., Matalon, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. (4ª Ed.).Oeiras: Celta.
- Gil, A.C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4.ª Ed.). São Paulo: Makron Books.
- Gilbert, P., Parlier, M. (1992). *La gestion des compétences-au-delà des discours et des outils, un guide par l'action*. Rev. Personnel, ANCDP, n.º 330.
- Glatter, R. (1995). *A Gestão como meio de inovação e mudança nas escolas*. In: Nóvoa, A. (Coord.). *As Organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Grajew, O. (2001). *Evolução e perspectivas da responsabilidade social*. *Jornal Valor Econômico* (301ª ed.).
- Grajew, O. *Instituto Ethos*. Consultado em cinco de abril de 2013 através <http://www.ethos.org.br>
- Greenbaum, T.L. (1993). *The Handbook of Focus Group Research*. New York: Lexington Book.
- Guedes, R. (2000). *Responsabilidade social e cidadania empresariais: conceitos estratégicos para as empresas face à globalização*. Dissertação de mestrado, PUC/SP, São Paulo.
- Guerra, I. (2006). *Participação e Ação Coletiva: Interesses, Conflitos e Consensos*. Cascais: Princípia.
- Habermas, J. (1997). *Direito e Democracia entre facticidade e validade*. Vol 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- Hall, R. H. (1984). *Organizações: Estrutura e Processos (3ªed)*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.
- Heath, D. (1977). *Maturity and competence*. New York: Gardner.
- Hutmacher, W. (1992). *A Escola em todos os seus estados: das políticas de sistemas às estratégias*. In A. Nóvoa (ed.), *As organizações Escolares em Análise*. Lisboa: D. Quixote.
- Jardim, J. (2003). *O Método da Animação: Manual Para o Formador*. Porto: AVE.
- Jardim, J., Pereira, A. (2006). *Competências Pessoais e Sociais: Guia Prático para a Mudança Positiva*. Porto: ASA.
- Jardim, J., Pereira, A., Francisco, C. & Motta, E.D. (2006). Desenvolvimento psicológico do jovem adulto: Contributo para a avaliação de competências. In *Ativação do Desenvolvimento Psicológico – Atas do Simpósio Internacional*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Kanuk, L. L., Schiffman, L. G. (2000). *Comportamento do consumidor*. (6ª ed.).Rio de Janeiro: LTC.
- Ket de Vries, M. F. R. (2001). *Creating Authentizotic Organization: Well functioning Individuals in Vibrant Companies: Human Relations*.
- Krueger, R. A. (1994). *Focus Group: a practical guide for applied research*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Lazure, H. (1994). *Viver a relação de ajuda: Abordagem Teórica e Prática de um Critério de Competência da Enfermeira*. Lisboa: Lusodidacta.
- Lemos, J., Conceição, J. M. (2001). *Currículo e Autonomia. Legislação Anotada*. Porto: Porto Lda.
- Levering, R., Moskowitz, M. (1993). *The 100 best companies to work for in America*. New York: Doubleday.
- Libâneo, J.C. (2001). *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa.
- Lopes, A., Serra, F.H (no prelo) Apresentação e publicação dos resultados. In J. Bilhim, F. Amaro e D. Moreira (eds.) *Manual de Metodologia das Ciências Sociais e Políticas*, Lisboa: ISCSP.
- Makower, J. (1994). *Business for social responsibility: beyond the bottom line – putting social responsibility to work for your business and the world*. New York: Simon & Schuster.
- Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas. In L. Albarello, F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, & P. Saint-George (Eds.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp. 117-155.) (L. Baptista, Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Maslow, A. H, (1968). *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Eldorado.
- Mattar, F. N. (1993). *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas.

- Mélèse, J. (1979). *Approches systémiques des organisations – vers l'entreprise à complexité humaine*. Suraines: Homes et techniques.
- Moraes, R. (1999) Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22 (37), 7-32.
- Morgan, D. L. (1988). *Focus Group as Qualitative Research*. Beverly Hills: SAGE Publications.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research* (2ª ed.). London: Sage University Paper.
- Mori, K. G., Vaz, M. (2006) *Voluntariado Educativo – Uma Tecnologia Social*. São Paulo: Instituto Faça Parte.
- Morin, E. (2004). *A cabeça bem-feita*. (8ªed). Rio de Janeiro: Bertand Brasil.
- Mounier, E. (1987). *Il personalismo*. Roma: Editrice AVE.
- Neto, F., Froes C. (1999). *Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Neto, F., Froes C. (2001). *Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Nobre, F. *Ligar-se aos Outros: passar das palavras aos atos!*  
Consultado em doze de julho de 2013 através <http://visao.sapo.pt/ligar-se-aos-outros-passar-das-palavras-aos-atos=f730729#ixzz2hlsMfDiV>
- Orchis, M. A. (2002). *Responsabilidade Social das Empresas: A contribuição das universidades*. São Paulo: Peirópolis.
- Palma, P., Lopes M. (2012). *Paixão e talento no trabalho*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Parasuraman, A. (1986). *Marketing Research*. Toronto: Addison-Wesley Publishing company.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrnoud, P. (2005). *Escola e Cidadania: O papel da Escola na formação da cidadania*. Porto Alegre: Artmed.
- Plagiano, A. G. A., Faria, A.C. L., Lago, L. U., Cruz, L. M. S., Silva, M. P. *Marketing social: o novo mandamento para as organizações* (1999). Monografia de MBA Executivo em Marketing. São Paulo: IBMEC.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rego, A. (2002b). *Comportamentos de cidadania organizacional*. Lisboa: McGrawHill.
- Sampieri, R. (2006) *Metodologia de pesquisa*. (3ªed). São Paulo: McGraw-Hill.
- Sberga, A. (2001). *Voluntariado jovem: Construção da identidade e educação sociopolítica*. São Paulo: Salesiana.

- Sberga, A. (2012). *Voluntariado Educativo - Faça Parte. Brasil*: Fundação EDUCAR DPaschoal.
- Sberga, A. Voluntariado Educativo: caminhos para promover e incentivar o voluntariado entre os jovens. *Boletim Salesiano* – ano 63 – nº 2 – março de 2013, p.14-15.
- Segrin, C., Hanzal, A., Donnerstein, C., Taylor, M., & Domschke, T. J. (2007). Social skills, psychological well-being, and the mediating role of perceived stress. *Anxiety, Stress & Coping*, 20, 321-329.
- Serra (1985,outubro). *Inventário clínico de autoconceito*. Trabalho apresentado no I Congresso Português de Terapia Comportamental, Coimbra.
- Shin, S. e Kleiner, B. H. (2003), *How to manage unpaid volunteers in organisations. Management Research News*, 26 (2,3,4),63-71.
- Stake, R. (2005). Qualitative case studies. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *The Sage handbook of qualitative research* (3ed), 433-466. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Taft, R. (1999).Ethnographic research methods. In: Keeves, Lakomski, Gabrielle (Eds.). *Issues in educational research*. p. 113-120 .Oxford: Elsevier Science.
- Teixeira, M. (1995). *O Professor e a Escola: Perspetivas Organizacionais*. Amadora: McGraw-Hill.
- Teixeira, M., (1993), *O Professor e a Escola – Contributos para uma abordagem Organizacional*. Braga: UM.
- Tolovi, J. (1999).A responsabilidade social e as melhores empresas para trabalhar. *Exame*,695 (suplemento integrante).
- Trogdon, S. E. (2005), *A study of parks and recreation citizen. Board members in North Carolina and their motivation for participation* . North Carolina: State University.
- Vichas, R. P. (1982). *Complete Handbook of Profitable Marketing Research Techniques*. New Jersey: Englewood Cliffs e Prentice-Hall.
- Vilella, M., Cruz, N. (2004). Voluntariado Educativo: primeiros passos para a cidadania. In: Pinsky, J., Cândido, M. C. F. (2004). *Práticas de cidadania*. pp.201-210. São Paulo: Contexto.
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wechsler, S.M. (1998). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: Psy.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (2ª.ed.).(Daniel Grassi, Trad).Porto Alegre: Brookman. (Obra original publicada em 1984).

## ANEXOS

### Anexo 1 - Autorizações – Alunos, Encarregados de Educação, Presidente do Conselho Pedagógico, Delegada da AMI/Funchal.

Caro aluno,

Estou neste momento, a desenvolver um projeto de investigação denominado «**A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**», sob a orientação do Professor Doutor Fernando Serra, no âmbito do Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Administração em Educação, organizado e ministrado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.

Neste sentido venho, por este meio, solicitar a tua participação na realização de uma entrevista em grupo (focus group) na próxima Quarta-feira, dia 10 de abril, entre as 9.45 e as 11.15h na Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

Mais informo que a participação neste estudo será voluntária e confidencial, sendo os dados gravados em vídeo e posteriormente tratados anonimamente.

Findo o trabalho de investigação, poderás ter acesso aos resultados gerais da mesma, se assim o desejares.

Agradeço desde já a tua colaboração!

A professora: Alda Matos Rosário

Funchal, 09 de abril de 2013

Eu, Maria Eduarda Teixeira Beltrão R. de Jesus

aluno(a) da turma 1 do 9º ano de escolaridade da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, aceito colaborar na investigação da professora Alda Matos Rosário denominada «**A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**», no âmbito do meu Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Administração em Educação. Para tal aceito, participar no inquérito por entrevista (focus group) que será gravada em vídeo, a decorrer na próxima quarta-feira, dia 10 de abril nesta escola entre as 9.45 e as 11.15h e noutros possíveis encontros necessários à conclusão da mesma.

O(A) aluno(a): Maria Eduarda Jesus

Funchal, 09 de abril de 2013



Exmo.(a) Encarregado(a) de Educação,

Estou neste momento, a desenvolver um projeto de investigação denominado «**A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**», sob a orientação do Professor Doutor Fernando Serra, no âmbito do Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Administração em Educação, organizado e ministrado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.

Neste sentido venho, por este meio, solicitar a sua autorização para poder contar com a colaboração do seu educando (a) numa entrevista em grupo (focus group) na próxima Quarta-feira, dia 10 de abril, entre as 9.45 e as 11.15h na Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia.

Mais informo que a participação neste estudo será voluntária e confidencial, sendo os dados obtidos gravados em vídeo e tratados anonimamente.

Findo o trabalho de investigação, disponibilizo-me para divulgar os resultados gerais da mesma se assim o desejar.

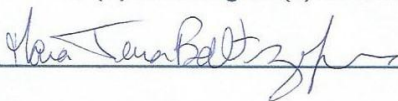
Agradeço desde já a sua colaboração!

A professora: Alda Matos Rosário

Funchal, 09 de abril de 2013

Eu, Encarregada de Educação do (a) aluno(a) Maria Eduarda Soares..... da turma 1 do 9º ano de escolaridade da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, aceito colaborar na investigação da professora Alda Matos Rosário denominada «**A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**», no âmbito do seu Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Administração em Educação. Para tal, autorizo o meu educando(a) a participar no inquérito por entrevista (focus group) que será gravada em vídeo, a decorrer na próxima quarta-feira, dia 10 de abril nesta escola, entre as 9.45 e as 11.15h e noutros possíveis encontros necessários à conclusão da mesma.

O (A) Encarregado(a) de Educação:



\* 09./04/2013

Funchal, 09 de abril de 2013

Exma. Senhora Presidente do Conselho Pedagógico  
da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia  
Mestre Fátima Teles

Estou neste momento, a desenvolver um projeto de investigação denominado «**A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa**», sob a orientação do Professor Doutor Fernando Serra, no âmbito do Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Administração em Educação, organizado e ministrado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa.

Neste sentido venho, por este meio, solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> autorização para a participação de alguns alunos de algumas turmas de 7º, 8º e 9º ano de escolaridade na realização de inquéritos por entrevista (focus group) e por questionário para a qual será solicitada a autorização escrita do Encarregado de Educação, da diretora de turma e a do próprio aluno. Mais informo que a participação neste estudo será voluntária e confidencial, sendo os dados obtidos tratados anonimamente.

Findo o trabalho de investigação, os participantes e as entidades envolvidas poderão ter acesso aos resultados gerais da mesma.

Agradecendo desde já o tempo dispensado e a sua colaboração, subscrevo-me cordialmente.

Alda Mardónia Matos de Nóbrega Rosário

Funchal, 06 de abril de 2013

A Presidente do Conselho Pedagógico



No âmbito do projeto de investigação denominado «A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa», desenvolvido pela professora Alda Matos Rosário, eu Helena Andrade, delegada da AMI/Funchal venho, por este meio, autorizar a publicação da minha entrevista concedida à investigadora no dia 05.07.2013 no referido projeto.

Funchal, 05 de julho de 2013

A delegada da AMI/Funchal



ASSISTÊNCIA MÉDICA INTERNACIONAL  
DELEGACÃO NA MADEIRA  
RUA DAS PRETAS, 57  
9000 FUNCHAL

**NGO in Special Consultative Status with the Economic and Social Council of the United Nations**

AMI – Fundação de Assistência Médica Internacional Sede: R. José do Patrocínio, 49 Marvila 1959-003 Lisboa Portugal telef.: (+351) 218 362 100 fax: (+351) 218 362 199 fundacao.ami@ami.org.pt  
www.ami.org.pt Delegação-Norte: Rua da Lomba, 153 e 159 4300-301 Porto telef.: 225 100 701 fax: 225 104 816 Delegação-Centro: Quintal do Prior, 21 3000-330 Coimbra telef.: 239 842 705 fax: 239 842 707 Delegação-Madeira: Rua das Pretas, 57 9000-049 Funchal telef.: 291 201 090 fax: 291 233 300 Delegação-Terceira: Est. Pêro de Barcelos, 1-3.ª Condição 9700-151 Angra do Heroísmo telef.: 295 210 077 fax: 295 210 077 Delegação-S. Miguel: 1.ª Rua de St.ª Clara, 178 e 180 9500-241 Ponta Delgada telef.: 296 305 716

Lei do Mecenato - Actividades de Superior Interesse Social (Art.º n.º 61, alíneas b) e e) do n.º 3 e n.º 4 do Art.º 62 e Art.º 63 do Decreto-Lei 215/89 de 21 de Junho, renumerado e republicado como Anexo II ao Decreto-Lei 108/2008 de 26 de Junho.)  
- O SEU DONATIVO É TOTALMENTE DEDUTÍVEL NOS IMPOSTOS, MAJORADO EM 40%  
Instituição de Utilidade Pública-Pessoa Colectiva n.º 502 744 910

## Anexo 2 - Guião /Entrevista – Grupo 1 – *Focus Group*

### Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Curso de Mestrado em Administração Pública – Especialização em Educação

#### Guião da Entrevista – *Focus Group*

**Tema:** A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa.

#### Objetivos Gerais:

- 1.Caracterizar o Clube Viver a Vida do ponto de vista da Responsabilidade social e da cidadania ativa;
- 2.Identificar competências pessoais e sociais adquiridas pelos alunos aquando da sua participação em atividades de voluntariado;
3. Avaliar o impacto do Clube ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade;

Blocos	Objetivos específicos	Ações	Questões colocadas
<b>A</b> <b>Legitimação das entrevistas e motivação dos entrevistados</b>	Legitimar as entrevistas  Informar os entrevistados do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.	1.Informar os entrevistados sobre o estudo em curso;  2.Assegurar a confidencialidades das declarações prestadas;  3.Pedir a colaboração dos entrevistados, salientando a importância desta;  4.Pedir autorização para gravar em vídeo e em áudio.	



<p><b>B</b></p> <p><b>Recolha de dados de caracter geral</b></p>	<p>Conhecer alguns dados pessoais dos alunos</p>	<p>Solicitar aos entrevistados que facultem os seus dados pessoais, nomeadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• idade</li> <li>• sexo</li> <li>• escolaridade</li> </ul>	<p><b>Questão aberta:</b></p> <p>1. Gostaria que me fornecessem, por favor, os vossos dados pessoais, nomeadamente o nome e idade.</p>
<p><b>C</b></p> <p><b>Exercício do voluntariado e sua importância</b></p>	<p>Conhecer a importância do exercício do voluntariado na vida dos alunos entrevistados</p>	<p>Pedir aos entrevistados que falem sobre a importância do exercício do voluntariado nas suas vidas, nomeadamente no âmbito da sua motivação, do modo como se envolveu, a influência de terceiros que pode ter sofrido, quando é decidiu se envolver em atividades de voluntariado, o seu grau de satisfação, a caracterização de uma experiência de voluntariado e a descrição de um episódio significativo.</p>	<p><b>Questões introdutórias e de transição:</b></p> <p>C1- Quando é que decidiste participar em atividades de voluntariado?</p> <p>C2- O que te levou a começar a fazer voluntariado?</p> <p>C3- Na tua opinião, houve alguém que tenha exercido influência sobre ti para o exercício do voluntariado? Se sim, quem?</p> <p>C5 - Como foste envolvido neste tipo de atividade?</p> <p>C4 – Em que âmbitos/áreas já trabalhaste no voluntariado?</p> <p>C6- Será que me podes contar um episódio significativo que tenhas vivido no voluntariado?</p>
<p><b>D</b></p> <p><b>Impacto do voluntariado</b></p>	<p>Conhecer o modo como o voluntariado pode ter um</p>	<p>Pedir aos entrevistados que reflitam e descrevam o modo como o exercício do voluntariado tem tido</p>	<p><b>Questões chaves e finais:</b></p> <p>D1- De que forma é que o voluntariado tem tido impacto na tua vida? Podes</p>

<b>na vida do aluno</b>	impacto na vida dos jovens voluntários	impacto nas suas vidas, qual o grau e a natureza desse impacto e quais as expectativas que os alunos têm relativamente ao voluntariado a curto, médio e longo prazo.	<p>exemplificar com situações concretas que tenhas vivido?</p> <p>D2 Quais as principais descobertas/aprendizagens que tens feito através do exercício do voluntariado?</p> <p>D3 Sentes-te uma pessoa diferente da que eras antes de seres voluntário? Se sim, em quê? Essas diferenças são notórias pelos teus pais, amigos ou professores?</p>
<b>E</b> <b>Resumo/Conclusão</b>		<p>Realizar um resumo das questões chave e das grandes ideias que foram discutidas durante a entrevista focal;</p> <p>Questionar os jovens entrevistados se pretendem acrescentar à entrevista mais uma ideia ou opinião.</p>	<p><b>Questões resumo e questão final</b></p> <p>E1 – Há alguma questão que gostariam de colocar ou acrescentar?</p> <p>E2 – Podemos dar por encerrada a nossa entrevista?</p>

## Anexo 3 - Transcrição da entrevista – Grupo 1 – Focus Group

### TRANSCRIÇÃO 1

#### FG1 – I parte (Primeira sessão de focus grupo – I parte)

10.04.2013 /Sala 2, POL 3 /10.20h – 11.40h

**INTERVENIENTES:** Grupo constituído por 11 alunos: 8 alunos da turma do 9º1, dois alunos da turma 9º8 e uma aluna da turma 9º7.

**NOTA:** Uma das alunas da turma 9º8, a Ana Beatriz, compareceu no local da entrevista sem ter sido convocada. A aluna manifestou muito interesse em assistir à entrevista dos seus colegas. Perante isto, convidei-a a participar no *focus group*.

---

#### Código utilizado:

#### (FG1 - 2:06) – Focus group – grupo 1 – gravação ao minuto 2 e 6 segundos

[ ] – pensamento da investigadora      “ ..” – citação dos jovens      (...) – descrição de situações.

#### (FG1 - 2:06)

##### Quando é que decidiram começar a fazer voluntariado?

**Diana** – “A minha primeira atividade de voluntariado foi na Páscoa de 2012 nos Álamos [a aluna referia-se ao Centro de Reabilitação Psicopedagógico da Sagrada Família situado nos Álamos, freguesia de São Roque]. No entanto também já fiz na Casa São João de Deus porque a minha tia trabalhava lá e eu às vezes ia com ela e ajudava-a numas coisas”.

**Margarida** – “Acho que foi no 7º ano, em dezembro na Campanha da Cáritas e foi porque a professora...” [a aluna ficou com algumas dúvidas se podia divulgar o nome da professora já que esta era a investigadora do estudo em causa]. *Fiz-lhe sinal que não havia qualquer problema e podia continuar normalmente com o seu diálogo. Todos se riram com o jeito embaraçado da Margarida!*

*Quando perguntei à aluna para me relembrar novamente a data de início do seu trabalho no voluntariado ela lembrou-se, após uns segundos de reflexão, que afinal a sua primeira experiência de voluntariado tinha sido no interior da escola no peditório da AMI- Assistência Médica Internacional quando frequentava o 5º ou o 6º ano de escolaridade. Alguns alunos tentaram ajudar a Margarida a confirmar a data da sua participação.*

**Kelly** – “Fiz voluntariado no peditório de rua da AMI”. *Quando perguntei a data, a aluna ficou com algumas dúvidas e quando afirmou que tinha sido no 5º ou 6º ano algumas alunas questionaram-me dizendo que tal era impossível porque no 2º ciclo os alunos não têm autorização para ir para as ruas fazerem voluntariado. A aluna pensou melhor e concluiu que só pode ter sido no 7º ano e que tinha participado com várias amigas.*

**Márcio** – “A minha primeira vez foi no Carnaval Hospitaleiro”. [referia-se a uma das atividade organizadas e dinamizadas pelo movimento Juventude Hospitaleira – Irmãs do Sagrado Coração de Jesus no ano 2013].

**Clara** – “Fiz no meu 7º ano com as latinhas da AMI pelas ruas ou então no 5º ano cá na escola”.

*A aluna Margarida lembrou que a sua turma sempre gostou muito de participar em todas as ajudas que a escola solicitava, nomeadamente ajuda com alimentos e vestuário para as famílias em dificuldade e questionou se estas*

*ajudas também poderiam ser importantes neste momento da conversa e se poderiam ser contabilizadas. Respondi-lhe que sim, que eram atos louváveis e importantes. A Isabel pediu licença com a cabeça para falar e lembrou aos presentes que eu tinha ido no 5º ou no 6º ano à turma falar de voluntariado. Todos relembrou este dia e concordaram que era verdade e ficaram a lembrar o contexto da visita e a lembrar os professores responsáveis por este convite. Disse-lhe que na altura não os conhecia mas que tinha ficado impressionada com a atenção que tinham dedicado à minha ação e que nem sonhava que nos anos seguintes eles viriam a ser meus alunos. Riram-se todos!*

*Voltei a colocar a mesma questão ao aluno Gonçalo:*

**(5:36) Quando é que foi a tua primeira atividade de voluntariado?**

*Após alguns segundos de reflexão respondeu:*

**Gonçalo** – “Foi.... no ano passado no Verão, um pouco antes do Verão, que a professora falou para irmos passar aquela tarde na Casa de Saúde de Câmara Pestana e... pronto!”

**Teresa** – “Foi no 6º ano quando fizemos com as latinhas da AMI pela escola”.

**Isabel** – “A primeira foi no 7º ou no 8º ano com as latinhas da AMI”.

**Mariana** – “Foi ao ano passado [2012] nos Álamos [queria dizer, Centro de Reabilitação do Centro Psicopedagógico da Sagrada Família] na Juventude Hospitaleira”.

**Eduarda** – “Foi no 5º ano, aqui dentro da escola”.

**(7:09) O que é que vos levou a aceitar o convite para fazer voluntariado?**

**O que é que vos levou a dizer sim?**

**Ana Beatriz** – “Acho que foi mais curiosidade”.

**Isabel** – “Se eu fosse as pessoas que estamos a ajudar, gostaria que houvesse jovens a nos ajudar, a fazer o que estamos a fazer por eles”.

**Teresa** – “Foi...pensar nos outros e porque a professora Alda insistiu”.

*Esta frase gerou alguns risos e olhares na minha direção por parte de alguns alunos e por isso, senti logo necessidade de ver esclarecida esta questão. Perguntei então à aluna se esta não queria dececionar a professora e a aluna explicou:*

**Teresa** – “Era uma nova experiência e era importante”

*Eu não fiquei satisfeita com a resposta da Teresa e voltei a questioná-la sobre o porque da sua participação no voluntariado. A aluna respondeu:*

**Teresa** – “Era ajudar os outros porque se estivéssemos no mesmo lugar que eles estão gostávamos que eles fizessem o mesmo que nós”

**Mariana** – “Por curiosidade e como toda a gente já tinha falado daquilo e tinham dito que tinham gostado e isso, eu decidi experimentar”.



*Fiquei com algumas dúvidas em relação as palavras “toda a gente”. Questionei a aluna sobre o assunto e ela explicou:*

**Mariana** – “Colegas da turma e também a professora.” [deduzi que fosse eu!]

**(9.09) Eduarda mas porque é que disseste “Sim”? Vocês todos que estão aqui disseram “Sim”, então têm coisas em comum é por isso que juntei este grupo com características em comum ...**

*Neste momento fomos interrompidos por duas alunas que abriram a porta da sala por engano. Os alunos não deram qualquer importância à interrupção e voltaram a se concentrar na entrevista.*

**Eduarda** – “Para começar uma nova experiência e porque via na altura e principalmente agora, há muita gente aí sem abrigo a precisar principalmente de comida, casa e coisas assim, precisam de coisas essenciais. Nós se calhar não podemos ajudar diretamente mas indiretamente através do Voluntário [a aluna queria dizer voluntariado] ainda conseguimos ajudar, sem que seja um sem-abrigo, nem que seja uma pessoa”.

**Clara** – “A primeira vez foi também por curiosidade, para saber como é que era e para ajudar os outros porque vê-se muitas crianças que precisam e pode-se fazer qualquer coisa para ajudar”.

**(10:07) Márcio, porque é que tu disseste “sim” ao voluntariado?**

**Márcio** – “Porque achei que era uma boa experiência ....”

**Mas podias ter dito “Não”. Porque disseste “Sim”?**

**Márcio** – “E porque era importante ajudar os outros”.

**Kelly** – “Acho que, basicamente foi o que eles já disseram, primeiro foi por curiosidade e depois foi o que a Bea disse [referia-se à Ana Beatriz] se um dia estivesse numa situação eu gostava que fizessem o que estou a fazer por essas pessoas”.

*Senti necessidade neste momento, de perceber porque razão os alunos colocavam as razões pelas quais participam nas atividades de voluntariado, por uma certa ordem, ou seja... primeiro participei por isto..... depois por aquilo.... e questionei-os sobre isto.*

**Um tipo de voluntariado pode ser um passo para outro?**

**(11:06) Há umas escadinhas que se vão subindo?**

*A Kelly, sente necessidade de se explicar melhor:*

**Kelly-** “É assim, temos de começar por algum lado! Quando experimentamos alguma coisa e gostamos, obviamente que queremos fazer mais....”

*A aluna foi interrompida pela sua colega Margarida e afirmou:*

**Margarida** – “Como a professora já falou muitas vezes que quando nós... mesmo pela primeira vez...sempre que vamos ao voluntariado faz-nos mudar mesmo que seja uma coisa só.... as latinhãs aqui na escola. Em vez de estarmos a fazer as nossas coisas, a pensar em nós, a fazer as coisas que nós gostamos... nós paramos um pedaço para fazer coisas que ia ser bom para a comunidade e isso levanta os nossos valores. Então, à medida

que os nossos valores levantaram nós ficamos mais abertos e mais... [a aluna ficou pensativa a tentar encontrar a palavra certa] como é que hei-de dizer... mais conscientes da situação que está a acontecer na sociedade”.

*Senti alguma curiosidade relativamente à expressão “os nossos valores levantaram-se” e questioneei a aluna sobre isso. A Margarida explica então:*

**Margarida** – “É mesmo ser solidário. Todos nós temos um pouco de solidariedade dentro de nós, mesmo que não manifestemos, nós temos! [A aluna afirma a frase anterior com imensa convicção!] Há pessoas que não querem mostrar isso mas têm, não sei... ou têm medo de ser julgadas ou ...alguma coisa do género, mas nós temos sempre...uma maior parte de nós quer fazer o bem, pelo menos eu penso isso Se nós temos um empurrão, depois fazemos o bem e depois vamos para casa e sentimo-nos bem connosco próprios depois de ter feito isso, nós queremos sempre fazer alguma coisa ainda melhor e sempre a subir e a ajudar a maioria das pessoas que nós conhecemos”.

*Perguntei a opinião dos alunos sobre a resposta da Margarida e todos responderam que concordavam com ela ou se identificavam com o a que a sua colega tinha dito.*

*E reforcei com a seguinte pergunta:*

**(13:16)Essa experiência fica presente na nossa vida ou ela apaga-se?**

**Todos** – “Fica para sempre! (em coro)

*A Ana Beatriz sente necessidade de falar e indiretamente pede licença para tal.*

**(13:33) Isso motiva-vos para dar mais um passo ou ficam por aí?**

**Ana Beatriz** – “Acho que queremos sempre mais. Se queremos seguir a nossa vida e fazer o que é corretamente e da nossa fé, supostamente e então, depois de fazer uma coisa que nós gostamos bastante acho eu queremos fazer muito mais. E devemos querer mais!”

*Fiquei com algumas dúvidas nesta última resposta. Porque será que a aluna utiliza a palavra “acho”? Ela não tem ainda a certeza? Tem ainda dúvidas? E porque disse: “E devemos querer mais! Pareceu-me que quis ser apenas politicamente correta. Para esclarecer as minhas dúvidas, coloquei a questão:*

**(13:43) Mas vocês sentem isso, é algo que é mais forte, que começa a fazer parte da vossa vida ou fazem só para agradar ou outros?**

*A Diana foi a primeira a responder...*

**Diana** – “Eu acho que depois da primeira vez já fica na nossa vida! Eu acho que, pelo menos falo por mim, praticamente não queria perder nenhum [nenhuma oportunidade de fazer voluntariado].

*A Ana Beatriz que estava sentada no lado direito da Diana, abanda convincente a cabeça, a concordar com a colega Diana e joga o seu corpo no sentido das costas da cadeira demonstrando que estava completamente de acordo com o que acabara de ouvir.*

*Neste momento percebi que as conversas iam todas na direção do voluntariado organizado pelo Movimento da Juventude Hospitaleira e deixaram de falar nas outras atividades promovidas pelas outras organizações (AMI, Cáritas, etc). Decidi questioná-los sobre o porquê desta insistência. O Gonçalo apesar de ter iniciado a conversa*

foi “atropelado” pela Diana e gentilmente deixou que esta avançasse sem que ela tivesse se apercebido do que acabara de fazer.

**Diana** – “Isso nós estamos a pedir e... por exemplo, nós sabemos que isso ao pedir é para ajudar alguém mas, nós ao irmos aos Álamos ou à Camara Pestana nós vemos, vemos tudo o que eles estão a passar”.

*Neste momento o Gonçalo interrompe a Diana, dizendo:*

**Gonçalo** – “Nós no peditório somos apenas um meio para chegarmos a essas diferenças e desigualdades eu acho que na JH (o aluno refere-se à forma abreviada de falar no Movimento Hospitaleiro), ao fazer voluntariado nas casa de saúde, nós presenteamos, (e o aluno retifica o seu erro logo de seguida) nós presenciamos a situação”.

*É comum numa aula quando um aluno se engana ao dizer uma palavra alguns alunos da turma se rirem do erro pontual. Com este erro não houve nenhuma manifestação de gozo, troça, humilhação. Os restantes colegas em nada se manifestaram deixando que o Gonçalo continuasse o seu raciocínio. [fiquei muito satisfeita com este comportamento!].*

*Mas o Gonçalo ainda continua...*

**Gonçalo** – “E por exemplo, nós vamos a uma tarde (queria dizer, participamos numa tarde de voluntariado numa casa de saúde) e depois vamos e a seguir decidimos ir fazer uma atividade de 3 dias em que já dormimos lá, e quando vamos para casa depois dessa atividade, já sentimos um pouco falta de acordar e ver que as senhoras [referia-se às utentes da Casa de Saúde Câmara Pestana] e ver as senhora no dia de manhã. É isso que nos faz ir mais vezes.”

*A Ana Beatriz ri-se volta a abandar continuamente a cabeça, de forma a não deixar dúvidas que percebe e concorda com tudo o que o Gonçalo está a dizer. Senti necessidade de interroga-la nesse momento e alcançar o seu pensamento:*

**Beatriz** – “É mesmo...depois de uma atividade nós sentimos muitas saudades das pessoas, das senhoras que nós nos apegamos na unidade onde tivemos [refere-se à Casa de saúde de Câmara Pestana]... eu lembro-me sempre da minha primeira atividade onde eu fiquei numa unidade lá na casa de saúde ... há unidades em que eu me sinto mais à vontade, foi a minha primeira unidade e onde eu me diverti mais e ....[a aluna emociona-se ao falar e fica com os olhos inundados de água].

*A aluna começa a rir e reconhece publicamente que está emocionada!*

*Perguntei-lhes se enquanto falavam comigo se estavam a recordar, se as suas mentes, naquele momento, estavam cheias de imagens relativas às vivências do voluntariado. Todos sorriram e responderam que sim com a cabeça. A Ana Beatriz revelou o “sim” mais intenso e a Diana precisou complementar o seu “sim” dizendo:*

**Diana** – “Fogo professora, ainda me lembro da primeira atividade que tive na Câmara Pestana, que no fim, um dia antes de nos irmos embora, tivemos de dar um jantar e eu comecei a chorar. O André [refere-se ao jovem que na altura era o responsável a nível regional do Movimento da Juventude Hospitaleira] teve de me ir buscar porque eu não queria me ir embora. Eu fiquei num bicho professora! Todas as senhoras perguntavam porque é que eu estava assim, se eu estava doente ou não sei o quê”. Eu não conseguia... [se recompor].

*Embora percebendo perfeitamente o que a aluna estava a tentar explicar (fiz voluntariado e já passei por tudo os sentimentos e emoções que os alunos estão a relatar. São completamente familiares) questionei-me sobre a razão do choro, de modo a que não restassem dúvidas aos colegas presentes.*

**(16:40) Mas porque vocês choravam?**

**Diana** – “Porque eu já.... Apesar de ser a primeira vez lá, eu já as tratava como família, só o carinho que elas têm por nós” (fez um ruído com a boca e ficou emocionada.).

**Ana Beatriz** – Muito! [prolongou a palavra realçando que o carinho que as utentes tinham pelos voluntários era enorme!]

*A Ana Beatriz decidiu prontamente ajudar a colega que estava com dificuldades em continuar a conversa, uma vez que estava emocionada.*

**Ana Beatriz** – “Estávamos todos assim!” [referia-se `emoção que os colegas voluntários daquela atividade sentiram ao vir embora para casa].

*Decidi questionar a Mariana, uma jovem relativamente tímida e que participa apenas quando solicitada. Perguntei-lhe se ela se identificava com o que tinha ouvido das suas colegas, e ela respondeu que sim, que se identificava.*

*Decidi então voltar a minha atenção para a Eduarda, uma jovem com alguns problemas de saúde e que frequentemente é hospitalizada mas, quando se sente bem, não perde uma oportunidade de participar nas atividades de voluntariado. A Eduarda já participa desde o seu 5º ano uma vez por ano no peditório de rua da AMI e duas vezes por ano na Campanha de supermercados (recolha de alimentos) da Cáritas. Neste momento estava curiosa para saber o que levou a Eduarda a querer participar na Páscoa 2013 na atividade da Juventude hospitaleira dinamizada na casa de Saúde de Câmara Pestana onde a aluna teria de lá ficar 5 dias e 4 noites.*

**(17:15) Eduarda, na Páscoa passada jogaste-te de cabeça no voluntariado? (referia-me à JH e a aluna percebeu logo o que queria dizer). Porquê?**

*A Eduarda começou por dizer que na primeira vez que participou na JH, foi numa tarde de Sábado e que apesar de estar bem acompanhada com algumas colegas da turma, as quais enunciou uma a uma, salientou o seguinte:*

**Eduarda** – “Eu antes das férias de verão fui uma primeira vez com a Teresa, com a Bea, com Clara, Margarida, Kelly, Kristyna não tenho a certeza e dessa primeira vez eu fiquei bastante chocada porque “aquilo” [referia-se à casa de saúde da Câmara Pestana – doença mental] é um ...[ficou a pensar na palavra que iria usar] cenário de saúde completamente diferente do que estamos habituados. Depois fui à casa dos Álamos e lá, por caso, comecei a sentir-me mais à vontade porque já tinha vivido a primeira experiência, digamos assim fui gostando cada vez mais e comecei a pensar a ficar dois dias ou três...Então quis experimentar, quis reviver o que vivi naquela tarde. E eu gostei bastante! A verdade é que elas não nos conhecem de lado nenhum mas elas começam a se apegar a nós, mesmo que nós não mostremos o mesmo sentimento, digamos assim. Elas começam a dar abraços e beijinhos, querem colo e começam a pedir para darmos passeios, para brincarmos à bola, pedem tudo (subiu aqui o seu tom de voz e muito satisfeita e sorridente, salientava a ideia que as utentes eram muito exigentes e que precisavam muito dos voluntários [os colegas riram-se, concordando com tudo o que ouviam!]) e nós, fazemos isso e começamos a pegarmo-nos muito a elas [utentes] e custa-nos bastante depois irmos embora e acho que é isso que ...pronto é isso...foi isso que aconteceu”.

*Nesse momento, lembrei-me que no Carnaval a Eduarda andou muito hesitante relativamente à sua participação na atividade da JH- Carnaval e por várias vezes veio falar comigo para que desse a minha opinião, se devia ou não participar e no fim, acabou por decidir não participar sem nunca justificar o porquê de tal decisão. Decidi então questioná-la sobre a forma decidida com que deu o seu “sim” na Páscoa, afinal só tinham passado 2 meses e desta vez a aluna nem hesitou. Perante a minha questão a aluna respondeu:*

**Eduarda** – “Eu não sei... acho que muita coisa mudou [a aluna estava muito pensativa, parecia que estava a se lembrar de alguma coisa que sucedeu na vida dela]. No Carnaval eu era uma pessoa diferente, digamos assim. As pessoas avançam e modificam-se dia-a-dia e eu acho que quis dar o tal passo que estava sempre hesitante a dar”.

*Reparei que a aluna Clara estava muito calada e muito reservada, possivelmente devido à presença da câmara de vídeo. Decidi então colocar – lhe uma questão mas sempre aberta às outras opiniões do grupo.*

**(20:24) Clara** – “A minha primeira atividade foi no Carnaval e depois na Páscoa” [a aluna no carnaval participou 3 dias consecutivos na Casa de Saúde Câmara Pestana e na Páscoa 5 dias e 4 noites. A aluna pernitoou em ambas as atividades na casa onde fez o voluntariado]. “Eu acho que me mudou mais a JH do que a AML. Foi mais intenso e lembro-me todos os dias das coisas que vivi lá e acho que mudei muito, muito, muito...”

*Neste momento fiquei com a nítida impressão que a aluna estava a valorizar um tipo de voluntariado comparativamente a outros e para esclarecer a minha dúvida, decidi colocar a questão a todo o grupo.*

**(20:52)**

**Há voluntariado que marca mais ou que gostamos mais do que outros? Há voluntariados que transforma que “bate lá dentro” (fiz o gesto que ficava guardado no nosso coração) e outros passam assim?(fiz o gesto com a mão de passar sempre que não deixam fortes recordações e que não nos modificam como pessoas). Há voluntariados que nos identificamos mais, ou não?**

*Apesar da (s) pergunta(s) um pouco confusas, os alunos perceberam perfeitamente a questão (creio que os meus gestos com as mãos ajudaram!). Todos responderam afirmativamente à minha questão mas acabaram por não a desenvolver por isso, reformulei a questão:*

**Há atividades de voluntariado com as quais eu me identifico mais ou não?**

*Quando alguns alunos já estavam a dizer “Sim” o Gonçalo interveio dizendo:*

**Gonçalo** – “Eu acho que todos tocam da mesma maneira mas com intensidades diferentes porque quando estamos com as pessoas afeiçoamo-nos a elas e elas a nós e é muito mais intenso, apegamo-nos muito mais a elas”.

*A Margarida não quis perder a oportunidade de falar:*

**Margarida** – “Eu nunca tive a oportunidade de passar mais do que um dia na JH [referia-se às mais longas de 3 a 5 dias, onde os alunos pernitoam. A aluna já participou na JH mas apenas em algumas tardes de Sábado] mas eu gostava de ir, já estou a pensar nisso há muito tempo. Desde a primeira vez que eu fui lá que fiquei um pedaço... não sei explicar, estava receosa e não me senti bem mas depois comecei a colaborar com as coisas pensei que estava a ser má pessoa perante pessoas que só queriam o meu bem e eu não estava a ser a melhor pessoa com elas [utentes], Eu também já participei na AML e na Cáritas nos supermercados com os alimentos

[recolha de alimentos – Cáritas] durante muitos anos, chegar com a minha melhor disposição e a pensar sempre no melhor, a andar de um lado para o outro e depois ver que estamos lá de braços abertos e respondem-nos mal, passam sempre, olham para nós com desprezo e isso também magoa”.

**(23:19) Porque é que tu ficas magoada com estas atitudes?**

**Margarida** – “Nós estamos ali a fazer uma coisa que não é... (aluna retificou de imediato) quero dizer ... [aluna parou para organizar melhor o seu pensamento] é bom para nós mas estamos a ajudar as outras pessoas e ver que as pessoas são.... (ficou breves segundos em silêncio à procura da palavra certa) pronto, deixem-me dizer.... repugnantes (ouviram-se risos na sala!) a passarem e a não nos darem o devido valor, ainda por cima nós não somos pessoas que estamos a enganar. Nós somos crianças que estamos a fazer o bem e eles tratam-nos como tudo menos com o que nós os tratamos isso, por caso, desde sempre... há sempre alguém que nos marca e que passa por nós e olha para nós como ... sai daqui [fez o gesto como se a pessoa estivesse suja ou a cheirar mal e acabou por emitir um ruído para realçar a sua ideia], o que estás a fazer”?

*Vários alunos quiseram, neste momento, reforçar a ideia anterior da aluna mas a margarida quis logo salientar que também haviam situações opostas à que ela tinha referido e salientou:*

**Margarida** – “Mas também há pessoas que oferecem o carrinho inteiros [referia-se a carros de supermercado cheios de alimentos] como aconteceu. Chegaram lá à Teresa e disseram: “Toma” e nós ... “Qual é o saco?” e eles “È tudo!”.

*Todos se riram e apresentavam uma expressão de intenso bem-estar.*

*Senti necessidade de os por a refletir sobre os sentimentos positivos e negativos que se vive aquando do exercício do voluntariado e provoqueei-os dizendo:*

**(24:27)Essas situações más que nos acontecem, onde as pessoas vos desprezam, passam para a outra faixa ou para a outra margem faz com que eu deixe de fazer voluntariado? Não nos deita abaixo? Não nos desmotiva?**

*Ouviu-se um nítido coro, coeso de “NÃO!” e depois todos falavam ao mesmo tempo e era quase impossível ouvi-los. A Diana tomou a palavra mas a foi logo interrompida pela Margarida que afirmou:*

**Margarida** – “As pessoas que fazem voluntariado começam a tentar ver o que existe de melhor nas pessoas e não desistem até conseguir nem que seja notar um bocadinho. Nós fazemos coisas que para uns são insignificantes mas depois no fim, por exemplo, a professora começou a dizer-nos (julgo que queria dizer que eu passei a informação sobre as atividades de voluntariado que a Escola/ Clube Viver a Vida promovia) e fez-nos pessoas melhores, que fez uma pessoa melhor que a Kelly, que fez uma pessoa melhor a toda a gente que está aqui” (a aluna foi apontando com o dedo aluno a aluno, querendo dizer que um simples gesto ajudou muitas outras pessoas).

**(25:32) Vocês acham que isto [o voluntariado] é contagiante?**

*Todos responderam sorrindo que sim verbalmente e com o abanar da cabeça. A Ana Beatriz associou a palavra “contagante” a doença e reforçou a ideia:*

**Ana Beatriz** – “É um vírus!” (ouviram-se risos!)

**Diana** – “E depois ficam todos infetados!”

**(25:44) Mas afinal o que é que é um vírus? São os sentimentos, é o voluntariado?**

*Dirigi a pergunta ao Márcio mas fi-lo que forma erra e o aluno aproveitou-se da minha inexperiência e respondeu:*

**Márcio** – Sim! [sinto-me contagiado]

*E logo reparei que todos estavam a sorrir e a dizer que “sim” uns param os outros.*

**Sentes-te bem ao fazer parte deste grupo de voluntários ou por outro lado pensas que estás a mais?**

**Márcio** – “Sim”! [Pela segunda vez, cometia o mesmo erro. Fiz uma pergunta em que a resposta era “sim” ou “não” ainda por cima estava perante uma pessoa que queria imenso que falasse]

*A Diana salientou:*

**Diana** – “Eu acho que quem tem este vírus não se sente a mais! Seremos JH, pelos menos para mim, é sermos uma família. Estamos todos juntos”.

*A Kelly e a Isabel, abanaram a cabeça concordando e a Kelly não aguentou e afirmou:*

**Kelly** – “Estamos sempre muito unidos. É bastante contagiante. É!”

*Decidi parar um pouco e revelar-lhes o que estava aa observar desde o início da entrevista - um conjunto de 11 jovens que ao falar de voluntariado ficavam super bem-dispostos e sempre com um sorriso bem grande nos seus rostos. Nesse momento ouviu-se na sala uma grande gargalhada. Disse-lhe que se estavam a sorrir é porque estava a falar de algo bom e a Beatriz apressou-me a confirmar a minha ideia:*

**Ana Beatriz** – “Muito bom!”

*Olhei novamente para o meu lado esquerdo e lembrei-me das palavras que no dia anterior ouvira da sua diretora, quando pedia a autorização para estar presente neste encontro: “O Márcio precisa primeiro que tudo, aumentar a sua autoestima, ter amigos, falar, soltar-se. Esse encontro só lhe vai fazer bem!” Depois disto o Márcio vai se transformar noutra pessoa!”.*

*Decidi mais uma vez, dar uma oportunidade para o Márcio falar e coloquei a seguinte pergunta:*

**Márcio, o que sentes ao falar de voluntariado?**

**Márcio** – “Eu fui a primeira vez, gostei das senhoras, da simpatia delas, vieram-nos abraçar...” [senti que o Márcio estava a se emocionar por isso desviei a conversa para outra questão menos profunda].

**(27:31)**

**Quem é que, durante a vossa vida m mesmo quando vocês eram pequeninhos quem é que vos influenciou para o voluntariado?**

**Na vossa opinião, quem é que vos “puxou” para o voluntariado?**

**Coro** – “A professora Alda!” (Muitos risos!)

*Muito sinceramente estava a pensar que iam falar dos pais, irmãos mais velhos, amigos e fiquei muito surpreendida com a resposta que quase em coro soou. Apesar de ter ficado imensamente feliz com aquele coro maravilhoso, tentei disfarçar de imediato a minha emoção e voltei a questioná-los.*

(27.56)

**Mas deve ter havido com certeza outras pessoas, a professora Alda só pareceu no 7º ano...**

*A Teresa respondeu e apontou para a sua colega Isabel que estava ao seu lado direito. Disse ainda:*

**Teresa** – “A Bea teve para aí setembro, outubro e novembro a tentar me convencer e disse-me “vai que não te vais arrepende!”. E eu fui e gostei bastante. A Bea ajudou-me!”

*Senti que tinha de passar a palavra à Isabel, a autora de vários convites para o voluntariado na escola e perguntei-lhe:*

**Porque que para ti é importante convidares outras pessoas para ir [para o voluntariado]?**

**Isabel** – “Porque acho que ser hospitaleiros é um bocado isso “.(No Movimento Juventude Hospitaleira a palavra “hospitalidade” é uma das mais utilizadas e defendidas e a Isabel já a utiliza de forma intensa e vivida). “Já que nós gostamos, também gostava que outras pessoas gostassem de fazer aquilo que eu gosto (...) porque de uma certa forma estão a fazer o bem, estão a ajudar pessoas que precisam e agradecem por isso com beijinhos, carinho...”

*Quando perguntei ao grupo se pensavam como a Isabel, ou seja, se para eles era importante levar ou convidar mais pessoas para o voluntariado, todos, sem exceção responderam que sim.*

*Decidi colocar mais uma questão.*

(29:50) **Quando vocês convidam alguém [para o voluntariado] e essa pessoa não vos liga ...**

*A Diana percebeu logo a minha pergunta e nem me deixou acabar...*

**Diana** – “Tento por tudo na minha turma dar o meu melhor, nem que seja só uma pessoa eu já fico feliz mas é sempre “não” e eu às vezes ... não é desistir porque isso não se deve mas... fogo, eu fico sem motivação (...) e mesmo com o testemunho que eu dou na turma, só consegui que uma vez fosse a Catarina [referia-se a uma colega da turma] mas ela depois também não continuou. A Ema foi uma vez mas também não...[não continuou a fazer voluntariado]

*O Gonçalo sentiu necessidade de participar neste assunto:*

**Gonçalo** – “Eu acho que tem de partir de nós a incentivar as pessoas a fazer voluntariado mas também de cada um”.

*O Gonçalo lembrou o número de vezes que este assunto já foi falado na turma e da quantidade justificações que os colegas apresentam para não irem (o Gonçalo revelou uma certa indignação com as desculpas que davam, nomeadamente jantares, treinos ou uma prova). Neste momento a Margarida sentiu-me incomodada com o argumento do Gonçalo, já que ela, por ser uma atleta federada da natação, ainda não teve a oportunidade de participar numa atividade mais longa da JH e por isso, esclareceu que não era correto o Gonçalo estar a julgar as pessoas já que algumas destas desculpas podiam ser válidas. O Gonçalo alegou que não era o caso dela pois, ela já deu provas suficientes que é uma excelente voluntária pois embora não possa participar nas*



*atividades da JH por coincidir com os treinos, marque sempre a sua presença nas outras campanhas, nomeadamente nas realizadas pela AMI e pela Cáritas.*

*Neste momento a Isabel lembrou uma situação que se tinha passado com o Gonçalo em que ele, estava a fazer voluntariado numa das atividade de 5 dias e que ele foi ao jantar e voltou para a instituição para dar continuidade ao ser trabalho. Neste momento todos olharam para o Gonçalo e sorriram, como que a aprovarem a sua atitude.*

*Tentei perceber qual era a opinião da Mariana sobre a questão de ouvir uma “não” a uma proposta de voluntariado:*

**Mariana**- “Sinto que eles estão a perder uma oportunidade única que pode mudar completamente a vida de alguém”.

*O Gonçalo avançou imediatamente com o seguinte comentário:*

**Gonçalo** – “Pode mudar a vida de alguém e pode mudar a vida deles!”

**Kelly** – “Há bastantes pessoas que se envolvem nestas atividade porque faz-nos ver as coisas de uma outra maneira. As vezes eu fico chateada ver pessoas com um problema a passar na rua e ver que estão a gozar com ela... isso irrita-me profundamente [aumentou a sua intensidade de voz na palavra “profundamente”] porque eu ponho-me no lugar dela e sinto-me mal se alguém me dissesse isso. Eu acho que se as pessoas fizessem estas atividades [referia-se as atividades do voluntariado] e tivessem estas experiencias iam perceber bastante bem isso. Abre-nos os olhos, faz-nos sentir outra pessoa totalmente”.

**Margarida** – “E também as pessoas que fazem mal às outras pessoas, essas pessoas se vissem as consequências disso, elas iam parar de fazer mal às outras pessoas e iam ficar melhores pessoas”.

*A Diana ao vir esta conversa lembrou de aos colegas que nesta escola, quando passou do turno da tarde para o turno da manhã sentiu uma grande dificuldade em se adaptar afirmando que haviam muitos “riquinhos” acostumados a terem tudo e quando ela fala em voluntariado começam a rir. Falou ainda das roupas de marca que eles usam e acrescentou:*

**Diana** – “Se eles vissem a dificuldade que muita gente passa! Eu acho que uma experiencia destas ia mudar eles bastante”.

*A aluna voltou a reforçar a ideia de que os colegas da turma estão muito voltados para o materialismo, para as roupas da moda, para os telemóveis “xpto” e reforçou:*

**Diana** – “Eu acho que se experimentassem o voluntariado e vissem o que muita gente tá a passar eu acho que eles iam mudar completamente”.

**Gonçalo** – “Eu acho que as pessoas podem ter muitas coisas mas se conseguirem sobrepor os valores e os que lhes foi ensinado eu acho que ... não importa ter uma camisola de marca x ou umas sapatilhas da marca y mas se formos boas pessoas e gostarmos de ajudar os outros eu acho que esses valores sobrepõem-se. Eu por exemplo, como a Kelly estava a falar à pouco, antes de fazer voluntariado era capaz de tar uma pessoa a passar com uma deficiência a passar na rua e de me rir dessa pessoa. Não me orgulho de dizer isto mas orgulho-me de dizer que o voluntariado também foi uma coisa que me mudou nesse aspeto porque agora eu vejo essas pessoas, vejo o outro lado delas e pronto... o voluntariado mudou-me imenso e se calhar se tou com amigos que começam a gozar, digo para não o fazerem. Eles deviam de ir às casas de saúde para se aperceberem dessas

realidades e para mudarem esses aspetos tontos que têm na vida deles e para verem o verdadeiro valor da vida”.

*A Margarida quis complementar a ideia do Gonçalo:*

**Margarida** – “Nós nunca sabemos o dia de amanhã. Imagina que nós saímos agora da escola, Deus nos livre, e um carro apanha-nos, Deus nos livre, e ficamos paraplégicos e batemos com a cabeça ficamos com paralisia, ficamos com imensos problemas e depois vimos para a escola noutros dias e precisamos de carinho mais do que nunca e de apoio e tudo o que as pessoas nos dão é ...desrespeitam-nos e tratam-nos ainda pior do que nós...”(acabou por não completar a frase)

*A conversa fez desperta e motivou a Isabel a querer partilhar:*

**Isabel** – “Tenho uma amiga que costuma dizer “Vais com as malucas!” . Eu prefiro ser louca como elas e viver esta loucura do voluntariado porque muda-nos bastante e muitos colegas da nossa turma deviam mesmo experimentar isto porque gozam e isso...”

*A Teresa identificou-se com o testemunho da Isabel e contou que já tinha convidado por 3 vezes uma amiga da explicação para ir fazer voluntariado às casas de saúde e que ela uma das vezes riu-se e disse “Vais cuidar de velhos que não têm solução”. A aluna disse que apesar de ouvir tal resposta, limitou-se a dizer que aquela era a sua opinião [senti neste momento muito orgulho da Teresa. Mais uma vez tinha sido muito assertiva]. Contou que depois convidou uma prima dela que vivia em Lisboa e como vinha passar as férias cá talvez quisesse participar. Contou que apesar da prima não ter podido fazer voluntariado na Madeira, quando regressou ao Continente/Telheiras ela foi-se oferecer como voluntária a uma casa que ajuda os sem abrigo.*

*A Diana referiu mais uma situação que presenciou e que a deixou muito triste em que alguém referiu-se à Casa de Saúde como “ A casa das loucas”. Depois de ouvir este comentário por parte de uma senhora desconhecida, a aluna adiantou:*

**Diana** – “Foi desprezo total professora, aquilo tocou-me tanto que...”

*A Beatriz perante todos os presentes afirma:*

**Ana Beatriz** – “Eu também, já pensei isso antes de entrar [para a JH]. Eu dizia à minha mãe: “Mãe, não vou para lá, aturar loucas!” mas como a minha mãe já teve num lugar desses e a minha mãe deu-me o seu testemunho e depois eu fui e agora toca-me bastante quando dizem isso “Vais com as loucas”.

**Diana** – “Nós dizemos que elas são anormais mas eu acho que os anormais somos nós porque elas mesmo sem nos conhecerem são capazes de vir ter connosco e de nos abraçarem. Eu antes de entrar na JH eu era capaz de passar na rua e por exemplo, ver uma senhora cheia de sacos e não ajudar e elas (utentes) mal entramos lá elas já dão aquele sorriso de orelha a orelha e nós, tanta gente que precisa de nós na rua e somos capazes de passar sempre”.

*Neste momento soltei um enorme suspiro que se ouviu na sala [só me apercebi nisso quando ouvi a gravação]... senti-me verdadeiramente feliz por estar ali a ouvir tão grandes e louváveis testemunhos. Pensava eu... jovens tão tenrinhos e tão maduros! Que beleza! Apetecia-me ficar ali a contemplar as suas palavras que faziam eco na minha cabeça mas tinha de continuar a entrevista... Avancei então para mais uma questão.*

**(40:50) Vocês vão pensar num episódio que tenham marcado bastante que tenham vivido na Cáritas, na JH, na AML ou até mesmo que tenha sido vivido com um vizinho e porquê que vos tocou, porque bateu lá no fundo e até hoje têm isso bem presente. Um episódio bom ou mau...**

**Teresa** – “Nesta Páscoa [referia-se à última Páscoa – ano 2013] eu fiquei na unidade de São Rafael [as unidades da casa de saúde são denominadas por nomes de santos]. Eu estava com medo porque nunca tinha entrado naquela unidade e não sabia o que ia fazer. Então eu sentei-me com as senhoras e uma das senhoras adora tirar pulseiras e eu tava com a pulseira à mostra. A senhora estava sentada e começou a mexer no braço e eu tava aflita, eu tava muito branca e não sabia o que fazer. Uma das senhoras chegou lá, pegou na senhora que estava a tirar [as pulseiras], sentou-a e eu tava numa cadeira e ela viu que eu tava aflita e disse: “Senta-te na minha cadeira que eu sento-me ao lado dela e não tenhas medo” e sempre que ela via que eu estava aflita dizia: “Calma, calma, não vai acontecer nada”. Isto é incrível professora, a senhora não me conhecia de lado nenhum e já me queria proteger e ficou.... [a aluna começou a se emocionar] a senhora ...foi logo no primeiro dia...fogo foi....” *A Teresa nitidamente emociona-se e deixa soltar umas lágrimas.*

*Tentei que percebessem que era normal se emocionarem com estes gestos porque eles eram puros e belos e que por isso, tocavam-no no nosso íntimo e eram normal as lágrimas caírem e que não tivessem qualquer problema com isso pois todos estávamos em sintonia.*

*A Ana Beatriz ofereceu-se logo para dar o seu testemunho e eu aceitei o seu pedido.*

**Ana Beatriz** – “Eu tava com uma senhora e ela tinha feito uma coisa que não devia ter feito e eu comecei a dizer: “vou ficar chateada consigo” e ela atirou-se para o chão, começou a chorar, a chorar, a chorar e bateu com a cabeça no chão e eu aflita disse-lhe. “Não, não!”. Eu fiquei .... Senti-me mal mas ... senti-me bem, porque eu sei que ela ficou triste de eu ter dito que eu ia ficar chateada com ela, é isso eu vi que ela” [A aluna nitidamente revelava que, o que mais a tinha impressionado foi ver o quanto era importante para aquela utente]. *Depois acrescentou:*

**Ana Beatriz** – “ E a seguir quando vou lá, ela [utente] recorda-se de mim... [subiu o seu de voz à medida que se entusiasmava]. Eu sou a amiga de Machico e eu sou amiga de não sei o quê... Entrou lá um voluntário diferente e ela não o reconheceu o voluntário e foi logo atrás de mim “oh amiga de Machico!” (começou a rir-se para os colegas e nitidamente estava se lembra desta cena).

**Isabel** – “Quando eu fui na segunda atividade que eu fiz foi 9 dias e quando eu saí de lá da unidade que eu tinha ficado, adorei a unidade [a jovem fez questão de fazer este reparo], e comecei a chorar bastante, bastante, bastante...”

*Como a aluna reforçou a palavra “bastante” três vezes, senti necessidade de a questionar sobre este facto. A aluna primeiro riu-se emocionada e depois respondeu:*

**Isabel** – “De ver .... Eu ia ter saudades delas, eram 9 dias, fogo bastante tempo ...Aquilo era, não sei...Depois eu fui fazer voluntariado uma vez por mês e... em Janeiro [Fiquei surpreendida porque a aluna ainda não me tinha contado sobre esta sua iniciativa!] e quando eu cheguei lá, uma senhora lembrou-se do meu nome aliás, várias senhoras dessa unidades lembraram-se do meu nome e começaram a me dar beijinhos e isso”.

*A aluna decidiu fazer neste momento, um paralelo com o que se passa no seu dia a dia...*

**Isabel** – “Às vezes há tipo....amigas que passam e não cumprimentam e estas senhoras ainda se lembram do nosso nome, *falam connosco, perguntam se estamos bem, é....*”. (baixa a cabeça e percebi que estava nitidamente emocionada...).

*Decidi passar a palavra à aluna que estava ao lado esquerda da Isabel, a Mariana, uma jovem reservada e que na entrevista só falava quando solicitada. Coloquei-lhe a mesma questão (acerca de uma episódio que a tenha marcado imenso no voluntariado):*

**Mariana** – “Um episódio que tenha marcado foi... [estava a relembrar ao mesmo tempo que falava] foi: primeiro quando me disseram que ia ficar na unidade que ... era uma das piores. Fiquei mesmo em estado de choque e não sabia mesmo o que ia fazer (começou a rir) e depois a Diana e a Carmen e a Sofia foram ... elas chegaram lá e entregaram-se mesmo eu fiquei lá e (soltou um riso) e agora....o que é que eu faço? Não sei...e depois veio um menino me pegar pela mão e começou a falar comigo e disse para eu ir... e pronto” [não quis continuar...voltou a rir-se...]

*Perguntei à Mariana, para que não restassem dúvidas, se aquela mão do menino tinha lhe dado toda a força que ela precisava naquele momento ao que ela respondeu deveras emocionada que sim.*

*Perguntei Eduarda se ela não tinha um episódio para nos contar que tivesse vivido no voluntariado. A aluna respondeu afirmativamente e começou por dizer:*

**Eduarda** – “Um episódio foi ....(olhou para mim e perguntou-me: A Cáritas é a do supermercado?). Sim da Cáritas .Eu no ano passado fui, com o meu grupo de sempre, com a Margarida e com a Teresa [sua irmã]... nós vamos todos os anos fazer voluntariado...”

*A aluna foi interrompida pela Margarida que se lembrou de dizer que a sua irmã mais pequena com a qual a Eduarda tem uma boa relação que também participava. Nesse momento a Eduarda sentiu necessidade de reformular a sua resposta dizendo...*

**Eduarda** – “Sim e com a irmã da Margarida e ... (olhando para mim) com os filhos da professora (risos) e no ano passado, tava lá uns ingleses e nós tentamos explicar e por mais que tentássemos eles não percebiam ou fingiam que não percebiam. E eles passaram e entraram para aí umas 3 vezes no supermercado e nós tentamos sempre explicar e cada vez que eles entravam, levavam um saco (referia-se ao saco da Cáritas para a compra de alimentos para posterior doação). Sempre que entravam levavam um saco e depois, quando saíram eu vi eles com os 3 sacos que tinham levado e eu fui lá para ir buscar os sacos (a aluna pensava que aqueles alimentos era para a Cáritas) e eles disseram que não era para levar para ali( referia-se à Campanha) e era para eles levarem para eles porque não tinham dado nada porque não fizeram nenhum ... (a aluna pôs-se a pensar na melhor forma de explicar aos colegas)... porque não se comprometeram com nada... e eu fiquei.... quer dizer (fez uma ruído coma boca exprimindo a sua decepção). Eles levaram os sacos e ainda por cima por 3 vezes [fez uma enorme pausa] Acho que foi demasiado mal o que eles fizeram! Eles podem não tar mal, digamos assim, mas há pessoas que tão e há pessoas que precisam mesmo daquela comida, precisam... às vezes nem que seja uma coisinha, uma latinha de atum e isso já pode matar a fome a duas ou três pessoas. Isto é o que está a acontecer à nossa volta!

*Como deu o toque da escola a lembrar que os alunos deveriam ir para intervalo, decidi lembrar que era melhor paramos e continuar a entrevista noutra oportunidade, de forma a que todos pudessem ir lanchar e arejar um bocado antes de irem para as aulas.*

*A maior parte dos alunos mostraram-se interessados em continuar a entrevista. Voltei a questionar se eles não tinham fome e eles responderem negativamente. Disse-lhe então que podiam estar à vontade e comerem durante a entrevista reforçando a ideia que tinha proferido no início, que este encontro era informal e que podia estar à vontade. Os alunos não quiseram comer e demos continuidade à entrevista.*

*Neste momento e ainda querendo reforçar a ideia da Eduarda, que há pessoas que no seu ponto de vista têm comportamentos/attitudes incorretas, a Margarida quis contar um acontecimento que tinha presenciado quando tinha 11-12 anos. E começou dizendo:*

**Margarida** – “Senti-me mal por não ter feito nada!”

*Contou então que num dado dia estava a passear na rua com os pais e amigos dos pais a passarem na rua e repararam numa senhora parada que estava cheia de sacos. Contou então que, a pedido do pai, tinha ido com os amigos ajudarem a senhora e quando lá chegaram, chegou também um polícia que disse para todos se afastarem e ouvia por parte das pessoas “Quem é esta louca”. A aluna referiu sobre*

**Margarida** – “Isto ficou-me gravado para sempre! *E acrescentou de forma incrédula...*

*“ Eu só via pessoa a chamar nomes a uma senhora que passados uns 5 minutos agarrou nos sacos e foi embora. Nós não sabemos o que ela estava lá a fazer e o polícia afastou todos porque pensava que ela era louca e começou a falar com as pessoas à volta que chamavam de louca e a julgarem como se a conhecessem e isso...E a senhora depois agarrou nos sacos e foi se embora e nós não sabemos o que a senhora estava a fazer. Um polícia, que é uma pessoa que devia fazer bem à comunidade, tava a desprezar uma pessoa que se calhar precisava de ajuda ou se calhar estava a recuperar forças ou se calhar estava com dores nas costas, não sabemos...[subiu o seu tom de voz] e o senhor já estava todos a se afastarem porque ela era louca! E isso ficou-me.... [a aluna mostrava uma expressão facial triste e deixou todos os colegas pensativos].*

## **TRANSCRIÇÃO 2**

16.04.2013

Sala 2, POL 3

13.40h – 15.00h

**INTERVENIENTES:** Grupo constituído por 10 alunos: 8 alunos da turma do 9º1, dois alunos da turma 9º8. A aluna Diana faltou a este encontro.

---

**Gostaria que vocês me falassem sobre: “ Qual é o impacto que o voluntariado tem na vossa vida?” Foi importante, não foi importante.... Podem exemplificar com situações concretas que tenham vivido.**

*Após um breve silêncio [ninguém parecia querer começar a falar] voltei a colocar a questão pela segunda vez e por outras palavras [tive receio que não tivessem percebido a questão].*

**De que forma o voluntariado poderá ter mudado a vossa maneira de ser?**

*Senti alguma dificuldade em recolher respostas num primeiro momento e voltei a esmossar a perguntar:*

---

**O impacto quer dizer” Muda as pessoas num dado sentido, ou para bem ou para mal”.**

*Nesse momento alguns alunos abanaram a cabeça querendo dizer que estavam a perceber a pergunta. Percebi então, neste momento, que o difícil era mesmo começar a conversa. Talvez o facto de já termos tido um primeiro encontro para falar desta temática levasse os alunos a pensarem que já tinham dito tudo.*

A Clara percebeu que era já a minha segunda ou terceira tentativa e por uma questão de solidariedade ou amizade, levantou a mão para responder.

**Clara** – “Eu acho que ... eu já disse no outro dia, algumas coisas mas uma coisa que eu ainda não tinha dito e depois lembrei-me é que ... quando eu estou triste por alguma coisa, *eu antes ficava triste mas agora eu começo a pensar nos outros que estão em situações piores e dou muito mais valor a tudo o que eu tenho e acho que sou muito mais feliz.*”

**Tu descobriste que afinal a Clara é uma Clara feliz?**

**Clara** – “Sim, acho que nós temos tudo para sermos felizes. Acho que devíamos aproveitar melhor a vida. Não estarmos sempre a pensar nas coisas que nós não temos ...”

**Então, o voluntariado propicia isso? Faz com que começo a olhar para as coisas que eu tenho e para a pessoa que eu sou? Afinal eu tenho isto tudo? Afinal eu tenho tudo para ser feliz....**

**E antes, tu não vias isso?**

*Voltei a questionar a Clara pois esta questão interessava-se imenso para o meu estudo.*

**Clara** – “Via mas agora [queria dizer agora – presente, depois de iniciar o voluntariado] vejo mais!”

*Olhei para o grupo e perguntei se já lhe tinha acontecido isto, de verem coisas aonde nunca tinham visto.*

**Gonçalo** – “Eu concordo com a Clara, porque depois nós pensamos naquelas pessoas que de certa forma nos relacionamos com elas naqueles dias que ficamos na casa de saúde, elas [referia-se às senhoras utentes] com tão pouco ou com nada, só com as pessoas que têm lá para lhes fazer companhia são tão felizes e nós às vezes somos tão revoltados com as coisas que não temos ou ...e não damos valor àquelas que temos, às coisas boas que temos”.

*Fez-se novamente silêncio e perguntei ao grupo quem concordava ou discordava com a opinião do Gonçalo. Senti que o grupo estava reservado. Olhavam uns para os outros, muitas vezes davam uma cotovelada no colega do lado para o convidar a falar mas, as respostas estavam a sair com alguma dificuldade.*

*Senti necessidade de por o grupo mais à vontade e decidi fazer uma parenteses na entrevista e dizer que quem vai para o voluntariado tem de ir de coração aberto e dizer o quanto os alunos adoram levar para as atividades grupo de amigos já formados na escola... aproveitei o momento para teatralizar um pouco, o que fez com que os alunos rissem e se soltassem mais um pouco. O Gonçalo ia soltando uns sussurros em voz alta querendo dizer que estava de acordo comigo, enquanto as colegas continuavam a rir-se. Posto isto, decidi então passar à questão seguinte. Talvez esta interessasse mais aos alunos e os pusesse a falar com mais à vontade.*

**Que descobertas ou que aprendizagens é que vocês têm feito ao longo desta caminha de voluntariado? Nos vários tipos de voluntariado.... O que é que vocês têm aprendido? O que descobriram?**

**Clara** - “Primeiro as pessoas que nós temos ao nosso lado...(hesitou por uns instantes...) não sei professora.... A parte mais importante é a parte humana, os laços que nós temos com as pessoas...”

**(5:50)Gonçalo** – “Eu acho que nos descobrimos a nós próprios”.

**Mas, como é que vocês fazem isso? Como é que isso acontece? Como é que vocês vêm isso?**

*[Referia-me a se descobrirem a eles próprios]*

**Margarida** – “Eu acho que nós começamos... por exemplo, neste voluntariado as pessoas, a maior parte das pessoas olham para nós e dizem “Vais perder tempo” e...”

*Lembrei-lhe de neste momento fazer uma pequena interrupção para ver se a máquina estava mesmo a filmar, não fosse acontecer o mesmo que na primeira vez (pensava que estava a filmar e afinal só o fez até cerca de 15 min de filmagens).Pedi para a Teresa fazer o favor de gravar a entrevista no seu telemóvel topo de gama, pois o meu receio em perder a entrevista era grande. Os alunos não questionaram sobre nenhum destes pormenores técnicos e reagiram normalmente como se já tivessem habituados a estes procedimentos.*

*Pedi desculpa ao grupo pela interrupção e voltei a dar atenção à Margarida.*

**Margarida** – “(...)e como entramos nisto, no voluntariado, as pessoas começam a ficar , como já disse, as pessoas dizem que nós estamos “ a perder tempo” e como o André já contou [referia-se ao jovem responsável pelo Movimento Juventude Hospitaleira da região Autónoma da Madeira que orienta e está presente em todas as atividades que estes jovens participam] ele perdeu amigos por causa disso, e eu acho que o voluntariado para além de nos mostrar tudo o que já dissemos aqui ele também nos dá força para.... termos comportamentos assertivos, dizer não às coisas que não queremos e sim às coisas que queremos e não deixarmos ser levados pelas opiniões dos outros. Eu acho que isso é importante...”

*Neste momento senti necessidade de explorar mais esta questão. Apesar de achar que a aluna sabia e estava convicta do que dizia e parecia-me muito sincera nas suas palavras, surgiu-me naquele momento uma dúvida: Estaria a aluna a ser apenas politicamente correta? Decidi então perguntar à Margarida se já se tinha dado de conta que estava a ser mais assertiva no seu dia a dia por influência da prática do voluntariado. Ainda não tinha acabado de fazer a pergunta e a aluna já abanada a cabeça de forma afirmativa. O Gonçalo sussurrava mas o seu Sim ouvia-a perfeitamente. Porém a Kelly retirou-lhes a palavra, dizendo:*

**Kelly**- “A maneira de alguém falar comigo, por exemplo...alguém, dizia-me uma coisa e eu reagia mal ou por impulso e agora eu tenho mais paciência, mais calma, acho que até ouço mais as pessoas, oiço o ponto de vista delas e depois tirar as minhas conclusões, por exemplo... julgar uma pessoa sem a conhecermos, assim só pela aparência e nunca falamos com ela e já tirámos as nossas conclusões. Eu agora tiro as minhas conclusões depois de conhece-la, depois de já ter falado com essa pessoa”.

*Decidi interromper a Kelly para vincar bem a diferença entre o “antes” e o “agora” relativamente ao facto de ela julgar as pessoas. A aluna respondeu:*

**Kelly** – “Eu antes julgava muito mais (a aluna referia-se ao seu passado), prontos...quando não ia com a cara de uma pessoa era “ à distância”, “olá” posso até ter essa ideia mas tento ver se a pessoa é mesmo assim porque se eu não a conheço não vou...”

*O Gonçalo sentiu-me vontade de falar e avançou:*

**Gonçalo** – “Eu era também um pouco com a Kelly, quando eu não ia com a cara de uma pessoa, eu.... (risos do grupo). Agora já estou um pouco melhor nesse aspeto”.

**E alguém já se apercebeu que vocês estão diferentes?**

*Ouviram-se alguns segundos de silêncio...*

**Mariana** – “Em relação àquela parte de “Nós descobrimos algumas coisas “... Nós também aprendemos a ter paciência e também aprendemos quando estamos a falar com eles [referia-se às crianças do centro] a sermos mais carinhosos, a sermos mais queridos. Pronto... [a aluna não sabia como avançar na sua ideia]. *Decidi então, provocar a aluna e perguntei se antes de fazer voluntariado ela já não era assim. A aluna reagiu logo, dizendo:*

**Mariana** – “Eu era mas aprendi a ser ainda mais! Eu era assim para as pessoas que me conheciam depois quando nós começamos a falar com as pessoas e isso (referia-se às utentes da casa de Saúde Câmara Pestana) aprendemos a sermos mais carinhosos e a dar mais uma oportunidade”.

*O Gonçalo interveio logo dizendo:*

**Gonçalo** – “Mas as pessoas também têm de nos demonstrar um pouco de tolerância perante essa oportunidade, no meu ponto de vista...”

*Como fiquei com dúvidas relativamente à intervenção do Gonçalo, questionei-os a todos:*

**E isso acontece quando vocês fazem voluntariado? Imaginem que vos aparece no voluntariado uma pessoa que não é tão simpática quanto vocês esperavam. Como é que vocês reagem?**

**Eduarda-** “Depende. Na JH [Movimento Juventude Hospitaleira], na casa de Saúde de Câmara Pestana, acho que não tive nenhum desses problemas, elas são muito carinhosas, super atenciosas, estão sempre a perguntar se queremos algumas coisa, estão sempre a oferecer-nos desenhos e coisas mas na Cáritas quando nós vamos aos supermercados procurar receber alguma comida para pessoas carenciadas, as pessoas são às vezes mal educadas e nós tentamos explicar... uma coisa é dizer não, não... peço desculpa [referia-se ao modo como as pessoas dirigem a palavra quando ela lhes pede colaboração para a recolha de alimentos – Cáritas].

*A Eduarda foi neste momento interrompida simultaneamente pelo Gonçalo e pela Margarida que concordavam e quiseram mostrar que concordavam com a opinião da Eduarda, mas esta decidiu continuar o seu raciocínio:*

**Eduarda** – “Outra coisa é dizer não de uma forma rude ou levar um saco para proveito próprio (relembra o facto de haver pessoas que fingem estar interessadas em ajudar a Cáritas com alimentos, ficam com os sacos e depois usam-nos em proveito próprio). Há pessoas que nos viram as costas e chegam a nem ouvir o que nós estamos a tentar transmitir”.

*O Gonçalo aumentando o seu tom de voz fez-se agora ouvir:*

**Gonçalo** – “Ou dizem que já deram no supermercado tal...Ah, eu já ajudei...”



*Neste momento todos os voluntários que já fizeram o peditório organizado pela Cáritas começaram a falar simultaneamente uns com os outros, concordando todos com a opinião do Gonçalo e relembrando outras desculpas a que as pessoas recorrem.*

**Margarida** – “Mas tu consegues ver isso pela maneira como as pessoas olham”. [A Margarida referia-se que notava quando as pessoas falavam a verdade ou a mentira pelo olhar].

**(11:59) Kelly** – “Tu consegues ver quem é que está dizer a verdade ou não”

**Percebe-se ver quando as pessoas estão a mentir?** *Perguntei eu ao grupo. A resposta foi geral:*

**Muitas pessoas** – “SIM”

*A Ana Beatriz complementou a ideia da Margarida dizendo que também se percebia se as pessoas falavam a verdade pelo modo como falavam. A Margarida retomou a palavra dizendo:*

**Margarida** – “As pessoas [referia-se às pessoas que na sua opinião mentiam] ficam nervosas e dizem que já deram ali ou ali mas, afinal não deram e dá para ver. Eu acho que se elas dissessem. Há desculpem ... nem que digam “não quero”, pronto nós não podemos fazer nada mas se nos viram as costas ou dizem um não rispidamente, como se nós não fossemos pessoas, isso para mim é o pior...”

**Eduarda** – “Isso acontece também na AMI, no peditório das rua, por caso nunca me aconteceu alguém desconfiar que eramos voluntariados [a aluna queria dizer, voluntários]...de qualquer maneira tínhamos os certificados [documento que reconhece o jovem como voluntário oficial daquele peditório], o que acontece muitas vezes é as pessoas viram as costas. Eu pergunto, será que podia ajudar ou será que poderia ajudar no peditório e as pessoas nem sequer ouvem (subiu o tom de voz meia irritada) e viram as costas e continuam sempre ali como se nada fosse.

*Aproveitando esta bela oportunidade perguntei ao grupo qual era o segredo deles:*

**O que é que vocês fazem, porque imagino que essa situação seja difícil, para não responderem mal às pessoas?**

**Ana Beatriz** – “Nós sorrimos!”

**Margarida** – “Sorrimos!”

**Eduarda** – “Eu agradeço na mesma, mesmo que a pessoa esteja de costas, agradeço na mesma e sigo o meu caminho. Vou à procura de outras pessoas que sejam mais compreensíveis em relação a isso.”

*Perguntei ao grupo:*

**E isso não é difícil?**

*Todo o grupo foi unânime e respondeu que sim, que era difícil e a Eduarda voltou a reforçar a sua ideia dizendo:*

**Eduarda** – Principalmente quando recebemos muitas negas” [queria dizer, muitas respostas negativas].

**Isso é o que vocês fazem mas o que vos passa pela cabeça? O que tu pensas nessa hora?**

**Eduarda** – “Apetece-me esganar a pessoa!” (Risos...)

**Gonçalo** – “As pessoas não nos vêm como voluntários, veem-nos como pedintes, parece que estamos ali a pedinchar com uma latinha, a pedir uma moedinha” .

*A Margarida interrompeu a conversa e concordou em plena com a opinião do Gonçalo. A Ana Beatriz alertou que as pessoas não acreditam que aquele dinheiro angariado na campanha chegue ao seu real destino. A Margarida mostrou-se indignada com o comentário da Ana Beatriz, mais propriamente com o que as pessoas são capazes de dizer e afirmou que mesmo assim valia a pena colaborar porque assim estariam a diminuir a fome das pessoas. A Eduarda que ouvia atentamente a conversa decidiu voltar a participar, dizendo:*

**Eduarda** – “A percentagem de fome pode não diminuir relativamente mas, basta salvar uma pessoa para salvar uma vida e isso conta sempre!”

**Margarida** – Exato! (Quase que a Margarida não dava tempo a que a sua colega acabar a frase)

**Vocês agora vão relembrar uma situação difícil, onde tenham sido apanhados de surpresa e que tenham ficado surpreendido convosco próprios pela vossa reação ou comportamento. Estão a se lembrar de alguma situação?**

*Neste momento fez-se silêncio na sala. Os alunos estavam a tentar recordar uma situação....*

**Kelly** – “Eu tenho uma situação que me deixou... eu não reagi, fiquei quieta e não disse nada . Eu disse aquela frase: Gostaria de contribuir com.... E a senhora chegou ao meu pé, encostou-me a cabeça, olhou-me nos meus olhos e disse-me uma coisa do género: Eu perdi a minha casa, eu perdi tudo, não tenho nada e não vou contribuir... Mas ela disse aquilo com uma convicção que me deu medo!”

*Os alunos ficaram a comentar entre eles o que poderia querer dizer a senhora com aquela frase e levantaram algumas hipóteses. Deixei-os falar e comentarem entre eles e mantive-me à parte.*

**Kelly** – “Ela estava assim... com umas olheiras de como se estivesse chorar...”

*A Margarida acabou por fazer prevalecer a sua opinião dizendo:*

**Margarida** – “ Há pessoas que lá porque não são ajudadas não gostam de ajudar os outros mas isso não é assim, se ajudar outra pessoa ela vai se sentir grata e pode ajudar”.

**Kelly** – “Se não ajudarmos assim não vamos chegar a lado nenhum, vamos ficar na mesma!”

**Já houve alguma situação em que vocês perderam a paciência e disseram aquilo que não deviam?**

*Todos responderam que não mas a Ana Beatriz quis avançar com uma resposta mais completa:*

**Ana Beatriz** – “Nós quando estamos lá (referia-se aos lugares/instituições onde faz voluntariado) estamos conscientes do que vamos fazer. Nunca na vida íamos fazer isso!”

**Gonçalo** – “Nós estamos conscientes!”

*Todos abandonaram a cabeça que concordavam do Gonçalo, que estavam conscientes da sua missão.*

**Kelly** – “Ao princípio era mais difícil. No princípio apetecia-me dizer algumas verdades ou assim mas agora é mais natural.”

**(18:02) Nas atividades de voluntariado que vocês participaram, acham que há alguma que treine mais a assertividade?**

*[Eu tinha sido professora de Educação para a Sexualidade e Afetos deste grupo de alunos no primeiro período deste ano letivo e tinha explorado o conceito da assertividade com estes alunos, por isso, tinha a certeza que eles estavam a perceber a minha questão]*

**Gonçalo** – “As da JH”

**Ana Beatriz** – “Sim, estar em contacto ...”

*Nesse momento apercebi-me que a Eduarda não concordava com a opinião dos dois colegas anteriores.*

**Eduarda** – “As senhoras lá [referia-se às utentes da Casa Câmara Pestana] são super queridas connosco, nunca nos fizeram mal, ao contrário das ruas que encontramos de tudo, pessoas boas e pessoas más e no voluntariado de rua e dos supermercados, neste tipo de voluntariado lidamos com todo o tipo de pessoas quer simpáticas, quer más ou tão assim a a lixar-se para aquilo [voluntariado/campanha].

*À medida que a Eduarda ia falando a Margarida nitidamente concordava com a Eduarda e soltou por duas vezes a palavra “Exato!”*

**Margarida** – “Houve uma vez, mas isto é uma coisa boa... houve uma senhora que se virou para nós, parou ... teve o cuidado de parar e fiz assim (a aluna tocou carinhosamente no braço da Kelly) e disse, não menina eu não posso porque também não tenho nada disso (alimentos) também devia ser para mim e isso toca-nos e depois ver que há outras pessoas que passam e dizem: Ah menina ( fez um gesto com a mão mostrando desprezo), deixe-nos em paz!. Houve uma vez que até nos disseram palavrões ....ne n ene (a aluna recusou-se a dizer o palavrão e fez um som a boca para substituir o palavrão e que fez surgir alguns risos e olhares arregalados na sala!)e depois ver pessoas que param com todo o cuidado a tratar-nos bem e a dizer que estão mesmo a precisar, eu acho que isso faz-nos sentir bem...”

**E quando ouves palavrões Margarida por parte das pessoas o que te apetece fazer na hora?**

**Margarida** – “Mandar um tijolo pela cabeça! “

*(Risos por parte de todos os alunos)*

**Teresa** – “É preciso respirar muito senão....”

*O Gonçalo decidiu provocar a Teresa perguntando se ela não respira o que resultou novamente numa gargalhada por parte do grupo. A Margarida decidiu continuar o seu raciocínio:*

**Margarida** – “E depois nós temos de olhar para essas pessoas, sorrir (abanou a cabeça de cima para baixo) e dizer: Obrigada! E depois olhamos umas para as outras e pensamos... (a aluna deu um suspiro muito forte que se ouviu perfeitamente na sala).

*Perante tudo o que ouviu decidi perguntar se todos aqueles comportamentos/atitude por parte das pessoas se os desiludia ou os desmotivava.*

*A resposta foi unânime. Todos afirmaram que “não”!*

**Gonçalo** – “Nós sabemos que estamos a fazer o bem.”

**Kelly** – “Isso nos motiva mais a fazer mais!”

*Voltei a insistir com eles perguntando:*

**Se não acontecessem (referia-me à má educação das pessoas e comportamentos menos assertivos) estas coisas não seria melhor?**

*Todos os alunos responderam em simultâneo que não. Logo de seguida gerou-se uma certa confusão pois todos queriam falar ao mesmo tempo.*

**Margarida Eduarda** – “Temos que enfrentar estes desafios para sermos cada vez melhores.”

*E acabou por dar um exemplo para concretizar a sua ideia. Desta conversa falou-se em gostar de pessoas e sobre isto o Gonçalo argumentou:*

**(21:11) Gonçalo** – “Se a pessoa não gosta de mim, ela fica no lugar dela e eu fico no meu! Claro que não é uma coisa que a pessoa goste de ouvir – não gosto de ti! É uma coisa que não ouvimos com tanta facilidade do que se fosse ao contrário mas, é uma opinião da pessoa e se a pessoa não quer ... Vou tentar ser o mais natural possível, vou ser eu e, se a pessoa realmente gostar de mim ... não vou mudar a pessoa que eu sou!”

**Kelly** – “Claro, se a pessoa não gosta de mim, não gosta!”

**Eduarda** – “Mas é preciso comunicar mais .... as pessoas falam mais.”

*Questionei neste momento os alunos se o facto de eu aceitar que as pessoas não gostam de mim e se eu aceito isso de uma forma natural, se tal não evidencia alguma aprendizagem da minha parte. A esta questão todos responderam afirmativamente, concordando plenamente com a minha afirmação.*

**Ana Beatriz** – Claro!

**Gonçalo** – É!

**Kelly** – “Foi assim mas agora é mais. Antes eu ficava mais chateada, não conseguia olhar para aquela pessoa durante algum tempo mas agora ...”

*A Kelly foi interrompida pelo Gonçalo e acabou por não terminar o seu pensamento.*

**Gonçalo** – “Eu acho que antes se a pessoa não gostasse de mim eu também ia passar a não gostar mais daquela pessoa mas dela para mim é indiferente [o aluno revelou que não levava a mal se isso acontecesse].

**Isabel** – “No voluntariado que eu faço eu descubro um pouco de mim principalmente na Câmara Pestana (Saúde mental) ou nos Álamos [crianças deficientes ou em risco] porque eu estou a lidar com pessoas que não me julgam (O Gonçalo olhando para a Isabel abanou a cabeça afirmativamente) e estou a ser eu e aí descubro quem sou ( O Gonçalo volta a abanar mais fortemente a cabeça e olha para mim para ter a certeza que eu estava a vê-lo concordar com a opinião da Isabel) e com as outras pessoas eu posso não ser a Beatriz mesmo, a Isabel [a aluna lembrou-se que nas aulas eu a trato por Isabel!]

**Teresa** – “Eu acho que todos os dias aprendemos sempre alguma coisa e se não formos nós todos os dias não vai valer a pena. Podemos trabalhar na JH, na AML ou na Cáritas mas se nós não formos todos os dias o que queremos ser e o que somos verdadeiramente, não vai valer a pena.”

**Gonçalo** – “Concordo!”

*Percebi que a Teresa não concordava com a opinião da Isabel e achei que era boa ideia que confrontassem naquele momento os seus pontos de vista. A Teresa olhou então a Isabel e disse-lhe:*

**Teresa** – “Ela tá a dizer que só na JH é que é mesmo ela mas ... (olhou olhos nos olhos para a Isabel) se fores todos os dias como és na JH (dirigiu-se à sua colega) vais ver que vai valer muito mais a pena “.

*A Ana Beatriz não só concordou com a Teresa como começou logo a falar dizendo:*

**Ana Beatriz** – “É muito mais difícil ser eu cá fora porque dizem mal de nós [referia-se às pessoas que tratam mal os voluntários nas campanhas].

*Para surpresa minha a Isabel começou a abanar a concordar com a Ana Beatriz e no fim disse:*

**Isabel** - “Exato!”. *Nesse momento senti um enorme orgulho por estar ali a participar deste diálogo entre jovens que apesar da sua tenra idade falavam de uma forma tão madura e tão assertiva.*

**Gonçalo** – Lá [referia-se à casa Câmara Pestana] toda a gente gosta de toda a gente e não há nenhuma contrariedades.

**Ana Beatriz** – “É muito mais fácil!”

**Teresa** – “Por isso é que eu digo que é uma meta. Vale a pena sermos o que somos aqui fora porque todos os dias vai ser uma meta que nós vamos atravessar”.

*A aluna recorreu ao exemplo anterior: quando eu pessoa diz não gostar de nós...e continuou o seu raciocínio:*

**Teresa** – “Hoje ela pode não gostar de mim amanhã vou fazer todo o possível para ela gostar e se ela não gostar paciência. Cada pessoa é como é, desde que eu seja como sou...”

**(26:04)O voluntariado fez de vocês pessoas diferentes ou continuam exatamente as mesmas pessoas que era antes de fazer voluntariado?**

**Gonçalo** – “Eu acho que isso é um pouco impossível! [Estava a dar resposta à segunda parte da minha pergunta!]

*Todos concordaram com o Gonçalo. Não vi qualquer dúvida por parte de algum aluno. Todos sorriam e abanavam a cabeça de cima para baixo a concordar com o “impossível” do Gonçalo.*

**(27:12)Alguém já reparou no vosso comportamento, na vossa atitude, na maneira como vocês pensam ou se ninguém ainda se apercebeu?**

**Isabel** – “Eu antes não costumava ajudar lá me casa mas agora gosto de fazer e ajudo nas tarefas domésticas. O meu pai até já reparou!”

**Teresa** – “O voluntariado ajudou-me imenso e eu agora já não discuto tanto com a minha irmã. Passei a ser mais tolerante”.

**(27:28)Ana Beatriz** – “Uma das pessoas que já me disse isso [que estava diferente] foi uma professora que já tenho à bastante tempo, há mais de cinco anos, uma professora de EV (queria dizer Educação visual). Ela chegou ao pé de mim e disse: A Beatriz está mais calma! Eu antes, se calhar era mais .... (começou a rir...) muito mais mexida, respondona... A professora achou que eu estava mais calminha... Ela notou bastante a minha mudança principalmente desde o ano passado [altura em que a aluna começou a fazer voluntariado].

*Perguntei então a aluna se na opinião dela, se essa diferença na sua maneira de ser, era atribuída ao voluntariado.*

*A aluna arregalou os olhos e disse:*

**Ana Beatriz** – “ Ó bom... bastante! Nós aprendemos bastante nas casas [referia-se à Casa de Saúde de Câmara Pestana e ao Centro de Reabilitação psicopedagógico da Sagrada Família].

**Kelly** – “Os meus amigos dizem que eu tenho mais paciência, que os ouço mais”.

*Lembrou-se depois, que costumava falava com a avó e com o seu pai que estão na Venezuela, de duas em duas semanas.*

**Kelly** – “A minha avó disse que eu estava diferente, que eu antes não via as coisas assim, prontos... que eu tinha crescido mais como pessoa e que gostava que eu pensasse assim. O meu pai também disse mais ou menos a mesma coisa”.

**Gonçalo** – “Eu acho que aquelas pessoas que nos vêm todos os dias não reparam que nós mudamos. As pessoas que nos vêm com menos frequência são aqueles que se apercebem mais. Uma vez no Natal uma tia minha, que foi das primeiras enfermeiras que trabalhou na Casa de Saúde de Câmara Pereira, nós começamos lá a falar das senhoras e isso e tem lá umas senhoras velhinhas que são da altura dela (referia-se da altura em que a sua tia lá trabalhava) e ela (a sua tia) notou que, quando eu ia falando, notou que ... pronto, que nós sentíamos aquilo, não era como se estivéssemos a falar sem ter tido a experiência e ela expressou-se e disse que tinha notado que isso me tinha tocado “ [referia-se sempre à sua tia].

*Nesse momento, apercebi-me que em toda a nossa conversa, haviam alguns alunos que ainda não tinham participado (muito provavelmente por culpa minha pois, sabia que era tímidos e não os tinha motivado para a participação).*

*Quando olhei para a minha esquerda e vi o Márcio, lembrei-me que apesar de ele estar muito atento à nossa conversa, ainda não tinha participado nem uma vez. Senti-me muito mal com isso e arrependi-me de não lhe ter dado mais atenção. Virei toda atenção para ele e fiz-lhe a mesma questão anterior, ou seja, “Houve alguém que te disse que estavas diferente?”*

**Márcio** – “Disse!” [O Márcio dá resposta muito curtas e raramente as desenvolve mesmo que insistamos com ele]. Perguntei logo: Quem?

**Márcio** – A Beatriz [referia-se à sua colega de turma que estava à sua frente]. *Nesse momento a Ana Beatriz já estava com o braço no ar a pedir para falar.*

**Ana Beatriz** – “ Eu já disse isso várias vezes... O Márcio está agora uma pessoa mais liberta, mais ... fala mais com as pessoas, interage mais, está mais sociável. Quando eu entrei para a turma [A Ana Beatriz como reprovou no ano passado o 9º ano, integrou a turma do Márcio] ele era fechado e não falava com ninguém mas agora já está melhor...”

*Aproveitei o momento para elogiar o Márcio e dizer que concordava com tudo o que a Ana Beatriz tinha dito. Referi que na manhã o Márcio veio à minha procura para dizer que queria muito estar presente nesta entrevista. No entanto lembrei-me que, como ele aluno da parte da tarde e como a entrevista ia se realizar no turno da tarde ele teria de faltar á aula de Matemática e fiquei com algumas dúvidas se ele deveria participar na mesma. Quando lhe coloquei os meus pensamentos o Márcio insistiu muito que queria vir e os olhos dele brilhavam como nunca, Nunca tinha visto o Márcio a ser tão persistente e por isso, disse-lhe para falar com a professora de Matemática para ver se ela o autorizava a faltar. Achei que deveria ser ele a dar esse passo para conquistar mais autonomia já que ele é muito reservado e introvertido.*

*Quando acabei de contar sobre a insistência do Márcio para comigo relativamente á entrevista, os colegas riram-se para ele, apoiando a sua atitude.*

*Neste momento da entrevista, fomos interrompidas por duas alunas da de uma das turmas dos alunos presentes na entrevista. Vinham contabilizar os 8 alunos que estavam a faltar à aula de Educação Visual. Apesar de ter pedido a autorização à professora, esta achou melhor confirmar se eles estavam mesmo no local da entrevista. Os alunos aproveitaram o momento para descontraír e eu aproveitei para ver se estava tudo bem com a gravação.*

*Tentei retomar novamente a conversa com o aluno Márcio mas por mais perguntas que fizesse o aluno limitava-se a responder apenas “Sim” e não desenvolvia o tema o que fazia com que todos se rissem (não de troça mas do jeito carinhoso dele). Como tinha respondido várias vezes “sim” decidi fazer-lhe uma partida e perguntei se ele era infeliz ao fazer voluntariado, ao que ele respondeu que “não”. Novamente, ouviu-se uma gargalhada geral na sala incluindo a dele. Senti que o Márcio estava muito feliz por estar ali mas preferia ouvir mais do que falar, por isso, respeitei o seu desejo.*

*Decidi colocar a última questão ao grupo que apesar de não constar no guião da entrevista, achei que era importante.*

*Pretendia retomar outra questão, quando de repente fomos interrompidas por duas alunas do 9º1 que vinham confirmar a presença dos seus colegas do 9º1 na entrevista já que estavam a faltar á uma aula. Uma vez feita a chamada, aproveitei a oportunidade para ver se a filmagens continuava em boas condições. A Eduarda decidiu*

*levantar-se e veio ter comigo ver se estava tudo bem com o nosso vídeo da entrevista. O Gonçalo aproveitou a ideia e também pediu licença para ver a gravação da entrevista no telemóvel da Teresa. Como as duas gravações estavam bem e como as duas alunas que nos tinham vindo “visitar” já tinham abandonado a sala, decidi retomar a entrevista.*

**O que é que podemos fazer na nossa escola ....**

*E alguém nesse momento perguntou-me quando é que era o peditório da Cáritas – recolha de alimentos no supermercado. O grupo ficou logo entusiasmado com a ideia de ir fazer voluntariado e já não me deixou avançar com a questão. Quiseram logo combinar os turnos e os grupos. Fiquei um pouco aflita porque queria terminar a entrevista mas eles insistiam no assunto da Recolha de alimentos no supermercado. Disse-lhe então que na aula da sexta-feira íamos combinar tudo e que ninguém ia ficar de fora. Os alunos perceberam que tinha de avançar com a entrevista e acalmaram.*

**O que é que vocês acham que nós professores podíamos fazer aqui na escola para motivar os alunos para o voluntariado?**

**Eduarda** – “Acho que uma coisa bastante importante é ter o testemunho de outros voluntários. Isso acho que era excelente. Acho que de vez em quando, o projeto Viver a Vida (O Gonçalo retificou dizendo, “Clube Viver a Vida”) e a Eduarda retomou a sua palavra:

**Eduarda** – “O clube Viver a Vida que é quem está encarregue desta parte da escola, acho que era interessante, convidar alguns voluntários para prestar o seu testemunho a outras turmas “

**E vocês iam? Olha que vocês teriam de falar publicamente....**

*Uns disseram “sim” com a cabeça e outros afirmaram-no oralmente.*

*Vi a Margarida a levantar perante o grupo os seus dois polegares para cima, como a querer dizer “Boa!”*

**Kelly** – “Não seria a primeira vez!”

**Margarida** – “Eu acho que se forem professores (estava a se referir se fossem professores a fazerem a divulgação das campanhas de voluntariado na escola), ou melhor, se forem alunos a irem de turma a turma, com um discurso que seja mesmo inspirador e emotivo...”

*Neste momento a Kelly interrompeu a Margarida para dizer que o discurso teria de ser verdadeiro. A Margarida decidiu parar o seu discurso dizendo:*

**Margarida** – “Sim, sim mas sendo emotivo é ser verdadeiro. É a mesma coisa e continuou... Se nós formos [às turmas] e mostrarmos como é que nós somos, vão gostar do que vamos dizer [os alunos das outras turmas] vão gostar de nos ouvir.

A Margarida não satisfeita com a sua resposta ou com medo que eu e os seus colegas não a tivéssemos percebido, reforçou a sua ideia dizendo:

**Margarida** – “ Se nós mostrarmos assim... cara a cara ...” (O Gonçalo aproveitou para brincar com a expressão.... cara a cara e todos acabaram por se rir).



*Aproveitei o momento para lembrar que a Diana, a aluna que esteve presente na última entrevista mas que hoje não estava, já tinha tentado fazer o que eles sugeriam na turma dela e que não tinha resultado pois só uma colega é que decidiu aceitar o convite para o voluntariado.*

*A Ana Beatriz mal ouviu as minhas palavras disse logo:*

**Ana Beatriz** – “É verdade, eu também já fiz isso e não funcionou!”

*A Eduarda lembrou-se teve então mais uma ideia.*

**Eduarda** – “Mas eu acho que é preciso o testemunho de várias pessoas...”

**Margarida** – “E é importante irmos a todas as turmas menos a nossa. Temos que ir a turmas que não nos conhecessem. Se formos às nossas turmas eles já nos conhecessem ...”

*A Margarida foi agora interrompida pela Ana Beatriz que também estava desejosa de dar a sua opinião.*

**Ana Beatriz** – “E é importante que sejam todos da mesma idade (referia-se os alunos que ouviam o testemunho sobre voluntariado deveriam ser da mesma idade que os voluntários) porque senão não funciona...”

*Neste momento houve uma leve discussão, já que uns alunos concordavam com a ideia da Ana Beatriz e outros não. A Margarida avançou:*

**Margarida** – “Eles [os meninos mais pequenos, alunos de 2ºciclo] vão olhar para nós como ídolos...”

*A palavra “ídolo” não foi aceite com muita seriedade pelos jovens presentes e aproveitaram o momento para fingir que não tinham percebido a ideia da Margarida.*

**Como é que nós podíamos por os jovens a participar mais no voluntariado?**

**Ana Beatriz** – Eu gostava que a minha turma fizesse uma visita de estudo à casa de saúde (referia-se à Casa de Saúde Câmara Pestana).

*Nesse momento, todos mostraram que a ideia tinha sido ótima e o Gonçalo repetiu as palavras “visitas de estudos” duas vezes consecutivas querendo afirmar que isso seria uma excelente ideia. Para além da Ana Beatriz e do Gonçalo mais cinco jovens afirmaram afirmativamente que aquela sim, tinha sido uma ideia excelente.*

**Margarida** – “Resultam sempre e nós gostamos!”

*A Ana Beatriz decidiu continuar...*

**Ana Beatriz** – “A minha turma tem uma ideia das senhoras.... [querendo dizer, uma ideia errada!]. Uns pensam que as senhoras estão a bater, outros que as senhoras estão a rebolar no chão ...”

**Gonçalo** – “É eles têm essa ideia....[julgo que se referia a pessoas/amigos com quem falava...]

*Tentei então esclarecer qual era mesmo a ideia deles relativamente à visita de estudo. Fiquei a perceber que queriam a visita de um dia à Casa Câmara Pestana, com entrada pelas 9:00h e saída pelas 18.30h.*

**Kelly** – “Nós adoramos visitas de estudo e assim era bom!”

**Gonçalo** – “Visitas de estudo era a melhor ideia! A Gonçalo questionou-me se não era melhor apontar as suas ideias...”. [Achei imensa piada a este seu reparo pois ele não queria que me esquecesse desta sua proposta da visita de estudo]

**Kelly** – “As visitas de estudo é que iam dar resultado!”

*Todos diziam que sim e os que não falavam abanavam a cabeça de forma afirmativa.*

**Eduarda** – “Cada um levava a sua própria merenda! “ [Referia-se ao almoço/lanche para passar o dia!]

*Nesse momento tentei provocar os alunos e disse-lhes:*

**Mas os alunos podem não aceitar o convite para irem para a Casa de Saúde...**

*Nesse momento todos se atropelaram a falar e o Gonçalo aumentando a sua intensidade de voz disse:*

**Gonçalo** – “Mas a visita de estudo é obrigatório! [Queria dizer que seria feita no âmbito da Formação Cívica e por isso tinha carácter obrigatório!].O ideal seria um grupo de 25 alunos!”

**Eduarda** – “ 25 alunos dá e é bastante!”

**Ana Beatriz** – “Alunos a partir dos 13 anos”

**Perguntei aos alunos presentes, em que âmbitos deveriam convidar os jovens da escola a participarem no voluntariado?**

**Ana Beatriz-** “Adoro fazer voluntariado nos hospitais, com os sem-abrigo, lares de terceira idade eu adoro lares (aluna voltou a se entusiasmar, arregalando os olhos com já é hábito os olhos!).

*Todos concordaram com a ideia da Ana Beatriz.*

**Vocês acham que o voluntariado pode, vos ajudar a serem melhores alunos? O voluntariado pode ajudar uma pessoa a ser melhor aluno? E se sim, em quê? Como?**

**Ana Beatriz** – “Eu acho que isso depende de cada um de nós... Eu falo pela minha experiência (A aluna é repetente de 9º ano). Eu acho que ajuda na parte social, na participação... também ajuda no respeitar o outro mas agora na parte do estudar...” [parecia não concordar...]

*A Margarida interrompeu para dizer:*

**Margarida** – “Estudar não tem a ver com ninguém”.

**Ana Beatriz** – “Claro, isso depende de nós mesmos!” (referia-se ao estudar).

*Neste momento lembrei-lhe o peditório de rua da AMI e perguntei se este os tinha ajudado em algo...*

**Kelly** – “O peditório de rua ajudou muito no Inglês, prontos nas Línguas e ajuda no Português também porque agora mandam-nos [reporta-se aos professores] bastante falar e dizer muito a nossa opinião só que é mais escrito. Se falarmos mais isso ajuda-nos a expressar-nos melhor”.

**Margarida** – “Conhecer melhor o mundo faz-nos ter melhor espírito crítico, então o voluntariado ajuda-nos”.

**Gonçalo** – “Eu acho que o voluntariado ajuda-nos e ajuda muito o Português como disciplina e a disciplina ajuda muito o voluntariado. Nós expressamos melhor aquilo que nós queremos e com o voluntariado nós aprendemos o que expressar. Ficamos muito mais abertos!”

**Eduarda** – “Acho que ajuda-nos [o voluntariado] também na disciplina de Ciência porque por exemplo, na Páscoa quando fui à JH eles [referia-se às pessoas da organização da atividade] fizeram assim uma espécie de formação em termos clínicos para percebermos, digamos assim, os problemas das senhoras que estão lá e a gente começamos a perceber mais ... Não é pensar, esta aqui é uma maluca e não passa disso!”

*Neste momento lembrei (porque sou professora de 8 dos 10 alunos presentes) que numa das aulas de Ciências Físico Químicas, que houve algumas alunas que se ofereceram para fazer uma ação de sensibilização sobre segurança rodoviária para os pais, alunos e professores alegando que aquele tema era deveras importante e que tinha de ser trabalhado. Perguntei-lhe se eles achavam que era coincidência o grupo que me propôs esta atividade na disciplina de Ciência Físico Químicas ser todo ele constituído por voluntários da escola, ou seja, o “ser voluntário” teria exercido alguma influência nesta decisão?*

**Clara** – “Eu acho que nós quando fazemos voluntariado, tem a sempre ver com ajudar os outros e nós percebemos que aquilo era tão importante (referia-se ao tema da segurança rodoviária) e que tudo o que pudéssemos falar podia salvar vidas e essa decisão teve um bocado a ver com isso, pelo menos eu falo por mim...Eu queria sensibilizar as pessoas para pelo menos poder salva-las”.

**Margarida** – “Eu lembro-me que uma das razões pelas quais eu pedi à professora para fazer isso (para fazer a ação de sensibilização sobre segurança rodoviária) foi porque a professora mostrou aqueles spots e que foram mesmos chocantes [spots de segurança rodoviária que tinha retirado do youtube] e víamos o bebé a ir pelos ares ....”

*Os alunos neste momento começaram a falar uns com os outros a lembrar alguns dos spots mais chocantes que tinham sido visionados nessa aula. Os alunos referiram que nessa semana tiveram muita atenção ao cinto de segurança e que nunca se esqueciam de o colocar e que pediam os pais para andar devagar com o carro. Os alunos revelaram ainda que tinham pena que alguns alunos da turma não estavam interessados em participar deste trabalho.*

**Margarida** – “O voluntariado ajuda-nos a ter mente aberta e com a mente mais aberta vamos compreender melhor as teorias que são dadas por exemplo na Físico – Química”.

**Kelly** – “Isso tem a ver um bocado com cada um. Eu até posso até ser sociável mas se eu não tiver interessada naquilo, se eu não gostar da matéria ou assim, obviamente eu só vou ouvir a professora a falar. Isso tem a ver com cada um...”

*Neste momento os alunos falaram na dificuldade que muitas vezes sentem em estudar e deixei-os confrontar as suas ideias uns com os outros apesar daquele assunto não ser relevante para o meu estudo. Seguidamente começaram a apresentar sugestões aos professores para que estes pudessem motivar mais os alunos para as aulas e para melhorar a relação professor – aluno. A Kelly salientou o facto de eu na qualidade de professora relacionar a matéria com o dia-a-dia, realçando que esse era um aspeto positivo. Salientou ainda a importância do clima sala de aula, e do professor aluno-aluno. A Margarida e a Ana Beatriz quase em coro acrescentaram:*

**Margarida e Ana Beatriz** - “ Se nós não gostamos do professor, esquece!”

*Como já tinha dado tempo para eles refletirem achei por bem mudar de assunto e trouxe-os de volta ao tema em estudo. Coloquei então a quinta questão:*

**E o que têm a dizer em relação às pessoas da instituição onde fazem voluntariado?**

**Ana Beatriz** – “Ah excelente! Adoro, adoro a irmã (referia-se à irmã Fernanda Esteves, a responsável pela organização e dinamização das atividades e que se responsabiliza pelos jovens voluntários). Ela cativa! Ela era boa para professora! Ela quando fala parece um anjo que está falando! Ela tem uma maneira de cativar as pessoas e a maneira como ela fala é excelente”.

**Gonçalo** – “O que me cativa na irmã é que ela é ativa, é lúdica, ela parece uma voluntária normal”. *Acrescentou ainda que a irmã Fernanda contrariou imenso a ideia que o aluno tinha de uma “irmã!”*

**O que é que a irmã Fernanda já vos ensinou de importante?**

**(27.39)** “Como a Isabel estava a falar muito baixinho [ela por norma fala baixinho julgo que devido à sua timidez], decidi levantar-me e aproximar a câmara de vídeos. Os alunos já não se importaram nem se mostraram minimamente incomodados. Pareciam já muito à vontade e familiarizados com a câmara. Ao puxar a câmara o fio prendeu percebi que o fio estava todo esticado. Nesse momento e sem pedir absolutamente nada, o aluno Gonçalo e a aluna Eduarda levantaram-se logo para me ajudar e filmar mais de perto o resto da entrevista. A Isabel, como foi a mais rápida acabou por ficar com a câmara e começou a filmar os seus colegas”.

**Isabel** – “A irmã (referia-se à irmã Fernanda Esteves) ajuda-nos bastante. Ela diz-nos várias coisas que nós passamos a vida a refletir”.

*Nesse momento todos concordaram e quiseram comentar uma ou outra situação em que tal tinha acontecido. O Gonçalo interrompeu a Isabel dizendo:*

**Gonçalo** – Cada frase! [queria dizer, que a irmã Fernanda dizia-lhe frases que tocavam no seu íntimo!]

**Ana Beatriz** – “Quando nós contamos uma coisa da nossa vida, ela faz-nos olhar para dentro!”

**Kelly** – “Um voluntário na atividade da Páscoa disse-me um dia: Tudo o que a irmã diz é importante mesmo até as brincadeiras são importantes porque há sempre uma maneira de a encaixar na nossa vida. Tudo o que a irmã diz é importante. Tudo toca, tudo tem o seu significado!”

**Gonçalo** – “A irmã é espetacular!”

**Então vocês reconhecem que estão a aprender muito com a irmã Fernanda?**

*Todos os alunos responderam num coro quase perfeito: - “MUITO!”*

*Depois começaram a olhar para a câmara e começaram a enviar beijinhos para a irmã [fingiam que a irmã estava a filmar ou que poderia ver a filmagem à posterior].*

**Clara** – “A maior parte das coisas que a irmã diz eu lembro-me. Às vezes eu estou a fazer qualquer coisa e eu lembro-me dela. A irmã Fernanda ensina-nos muitas coisas importantes e que fazem todo o sentido. Às vezes lembro-me das coisas que ela me diz e que encaixam perfeitamente naquela situação, muitas vezes para mim mas outras vezes para outras pessoas”.

*Como a entrevista já ia longa e os alunos tinham de voltar para a segunda aula de Educação Visual, perguntei se havia mais uma questão que gostariam de acrescentar sobre o tema “voluntariado”. Ficaram todos a olhar uns para os outros e Kelly disse:*

**Kelly** – “Acho que já dissemos tudo”.

*Perguntei se pretendiam continuar no voluntariado num futuro próximo ao que todos responderam que sim. Lembrei-lhes no entanto que já não iam estar nesta escola e portanto como é que iam fazer para continuar a realizar as tais atividades.*

**Como vão fazer[ em termos de voluntariado] quando saírem desta escola?**

**Gonçalo** – Ficamos com o número [contacto telefónico] da professora Alda. (Muitos risos...)

*A título de provocação perguntei o que aconteceria se não os contactasse. O Gonçalo voltou prontamente a responder:*

**Gonçalo** – “Contactamos a professora [para fazer voluntariado]. Eu vou à casa da professora!”

*A Eduarda que apesar de se ter oferecido para filmar falou bem alto com medo de não a ouvirmos:*

**Eduarda** – Há que ter iniciativa própria!

**Margarida** – “Procurar”! [Procurar atividades de voluntariado!]

*A Margarida referiu ainda que era importante falarem uns com os outros e perguntarem uns aos outros se sabiam alguma novidade sobre o voluntariado. Afirmaram ainda que se não fossem contactados por ninguém que iam à procura de informação onde fosse possível.*

*Voltei a questiona-los para ter a certeza do que afirmavam:*

**Se não vos contactar... [para em equipas de voluntariado]**

**Muitos alunos – “Nós procuramos!”**

*Neste momento não lhe poupei elogios e mostrei que tinha ficado muito contente com a resposta que acabar de ouvir.*

*(2:02)Acabei por dar por terminada a entrevista e convidei os alunos a acenaram para a Eduarda ( que estava a filmar-nos) e para todas as pessoas que quisessem no futuro ver e ouvir a nossa entrevista. Todos muitos sorridentes e bem-dispostos acabaram por me obedecer e entrar na minha brincadeira incluindo o aluno Márcio.*

## Anexo 4 - Análise de conteúdo – Grupo 1 – Focus Group

► Grupo um constituído por 11 alunos do 9º ano de escolaridade- ***Focus group***

Categoria “Perceção global do voluntariado”	
Sub-categorias	Indicadores
Promoção da cidadania responsável	<p>“Já estou a pensar nisso há muito tempo [fazer voluntariado na casa de saúde] Margarida</p> <p>“Eu acho que depois da primeira vez já fica na nossa vida! [o voluntariado]”Diana.</p> <p>“(…)nós vamos a uma tarde (….)e a seguir decidimos ir fazer uma atividade de 3 dias em que já dormimos(…) Gonçalo.</p> <p>“É um vírus!” [o voluntariado] Ana Beatriz</p> <p>“(…)uma maior parte de nós quer fazer o bem(…)” Margarida</p>
Promoção da identidade pessoal	<p>“(…)nós não somos pessoas que estamos a enganar”: Margarida</p> <p>“(…)Abre-nos os olhos [o voluntariado], faz-nos sentir outra pessoa totalmente”. Kelly</p> <p>“Eu acho que nos descobrimos a nós próprios”. Gonçalo</p> <p>“No voluntariado que eu faço eu descubro um pouco de mim (….)e estou a ser eu e aí descubro quem sou”. Isabel</p> <p>Vale a pena sermos o que somos aqui fora porque todos os dias vai ser uma meta que nós vamos atravessar”. Teresa</p> <p>“(…)e acho que mudei muito, muito, muito...[com o voluntariado]”Clara</p> <p>“(…)o voluntariado mudou-me imenso(…)” Gonçalo</p>
Promoção da pertença social	<p>“Seremos JH [Juventude Hospitaleira], (….) é sermos uma família. Estamos todos juntos”. Diana</p> <p>“Eu no ano passado fui, com o meu grupo de sempre, com a Margarida e com a Teresa (….)Eduarda</p>
Promoção da aprendizagem escolar	<p>“O peditório de rua ajudou muito no Inglês, prontos nas Línguas e ajuda no Português (….)”Kelly</p> <p>“Eu acho que o voluntariado ajuda-nos e ajuda muito o Português como disciplina e a disciplina ajuda muito o voluntariado” Gonçalo</p> <p>“Acho que nos ajuda [o voluntariado] também na disciplina de Ciências(…)” Eduarda</p> <p>“O voluntariado ajuda-nos a ter mente aberta e com a mente mais aberta vamos compreender melhor as teorias que são dadas por exemplo na Físico – Química”.</p>

	Margarida
Promoção de oportunidades desafiantes	<p>“(…)estamos lá de braços abertos e respondem-nos mal, passam sempre, olham para nós com desprezo e isso também magoa”. Margarida</p> <p>“Eu estava com medo porque nunca tinha entrado naquela unidade e não sabia o que ia fazer(…) Teresa</p> <p>“(…)e ela[utente] atirou-se para o chão, começou a chorar, a chorar, a chorar e bateu com a cabeça no chão(…) Ana Beatriz</p> <p>“(…)quando me disseram que ia ficar na unidade (…)Fiquei mesmo em estado de choque e não sabia mesmo o que ia fazer(…) Mariana</p> <p>“Há pessoas que nos viram as costas e chegam a nem ouvir o que nós estamos a tentar transmitir.” Eduarda</p> <p>“As pessoas não nos vêem como voluntários, veem-nos como pedintes (…).” Gonçalo</p> <p>“(…)as pessoas são às vezes mal educadas” Eduarda</p> <p>“Houve uma vez que até nos disseram palavrões (…)” Margarida</p>

Categoria “Motivações pessoais para a prática do voluntariado”	
Subcategorias	Indicadores
Motivação assente em convicções	<p>“Foi a pensar nos outros(…)Teresa</p> <p>“(…)há muita gente aí sem abrigo a precisar principalmente de comida…)Eduarda</p> <p>“(…)vê-se muitas crianças que precisam e pode-se fazer qualquer coisa para ajudar” Clara</p> <p>“(…)porque era importante ajudar os outros” Márcio</p> <p>“Em vez de estarmos a fazer as nossas coisas, a pensar em nós, a fazer as coisas que nós gostamos… nós paramos um pedaço para fazer coisas que ia ser bom para a comunidade isso levanta os nossos valores”. Margarida</p> <p>“(…)se gostarmos de ajudar os outros eu acho que esses valores sobrepõem-se.” Gonçalo</p>
Motivação assente em oportunidades de circunstância	<p>“Acho que foi mais curiosidade”. Isabel</p> <p>“Para começar uma nova experiência (…) Eduarda</p>

Categoria “Influência na decisão de voluntariado”	
Sub-categorias	Indicadores
Influência associada à socialização escolar	<p>“(…)a professora falou para irmos(…)”Gonçalo</p> <p>“Como a professora já falou muitas vezes(…)Margarida</p>



Influência associada a vivências familiares e relacionais próximas	<p>“(…)a minha tia trabalhava lá e eu às vezes ia com ela e ajudava-a numas coisas”. Diana</p> <p>“(…)a minha mãe deu-me o seu testemunho e depois eu fui.” Diana</p>
Outro tipo de influência	<p>“(…)como toda a gente já tinha falado daquilo[voluntariado] e tinham dito[colegas da turma] que tinham gostado e isso, eu decidi experimentar” Mariana</p> <p>“Já que nós gostamos, também gostava que outras pessoas gostassem de fazer aquilo que eu gosto(…)Isabel</p> <p>“Eu acho que tem de partir de nós a incentivar as pessoas a fazer voluntariado (…)Gonçalo</p>

Categoria “Benefícios do voluntariado a nível de competências pessoais e sociais	
Subcategorias	Indicadores
Autoestima	<p>“(…)A senhora não me conhecia de lado nenhum e já me queria proteger(…) Teresa</p> <p>“(…)quando vou lá[casa de saúde], ela [utente] recorda-se de mim” Ana Beatriz</p> <p>“(…)e estas senhoras ainda se lembram do nosso nome, <i>falam connosco, perguntam se estamos bem(…) Isabel</i></p> <p>“(…)estão sempre[as utentes] a perguntar se queremos algumas coisa, estão sempre a oferecer-nos desenhos e coisas(…)Eduarda</p> <p>“Eles [alunos de 2ºciclo da HBG] vão olhar para nós como ídolos” Margarida</p> <p>“(…)e começam a pedir[as utentes] para darmos passeios, para brincarmos à bola, pedem tudo!” Eduarda</p>
Autorrealização	<p>“(…)nós queremos sempre fazer alguma coisa ainda melhor e sempre a subir(…) Margarida</p> <p>“(…)e depois vamos para casa e sentimo-nos bem connosco próprios(…)”Margarida</p> <p>“Mas também há pessoas que oferecem carrinhos inteiros [referia-se a carros de supermercado(…)” Margarida</p> <p>“Ver pessoas que param com todo o cuidado a tratar-nos bem (…) eu acho que isso faz-nos sentir bem” Margarida</p> <p>“Adoro fazer voluntariado nos hospitais, com os sem-abrigo, lares de terceira idade(…)”Ana Beatriz</p>
Empatia	<p>“Se eu fosse as pessoas que estamos a ajudar [no voluntariado], gostaria que houvesse jovens a nos ajudar (…)Isabel.</p> <p>“(…)porque eu ponho-me no lugar dela [quando faço voluntariado] e sinto-me</p>

	mal(...)”Kelly
Comunicação	<p>“(…)e mesmo com o testemunho que eu dou na turma(…) Diana</p> <p>“Se falarmos mais, isso ajuda-nos a expressar-nos melhor”.Kelly</p> <p>“Nós expressamos melhor aquilo que nós queremos e com o voluntariado nós aprendemos o que expressar” Gonçalo</p> <p>Ela tem uma maneira de cativar as pessoas e a maneira como ela fala é excelente”. Ana Beatriz</p>
Abertura/Exposição ao outro	<p>(…)Vemos tudo o que eles estão a passar”.[os utentes da casa de saúde]. Diana</p> <p>“(…)gostei das senhoras, da simpatia delas, vieram-nos abraçar” Márcio</p> <p>“Eu acho que ajuda [o voluntariado] na parte social, na participação... também ajuda no respeitar o outro (...) Ana Beatriz</p> <p>“E a senhora chegou ao meu pé, encostou-me a cabeça, olhou-me nos meus olhos</p> <p>“Kelly</p> <p>“(....)Nós ficamos mais abertos” Margarida</p>
Autocontrolo	<p>“(…)antes, alguém dizia-me uma coisa e eu reagia mal ou por impulso e agora eu tenho mais paciência, mais calma, acho que até ouço mais as pessoas, oiço o ponto de vista delas e depois tiro as minhas conclusões” Kelly</p> <p>“Nós sorrimos! [em resposta à má educação das pessoas] ” Ana Beatriz</p> <p>“No princípio apetecia-me dizer algumas verdades ou assim mas agora [ao ser voluntária] é mais natural.”Kelly</p> <p>“É preciso respirar muito senão....”Margarida</p>
Assertividade	<p>“(…)o voluntariado (...) dá-nos força para.... termos comportamentos assertivos” Margarida</p> <p>“Eu antes julgava muito mais agora posso até ter essa ideia mas tento ver se a pessoa é mesmo assim (...) Kelly</p> <p>“Eu agradeço na mesma, mesmo que a pessoa esteja de costas, (...) sigo o meu caminho. Vou à procura de outras pessoas que sejam mais compreensíveis (...)” Eduarda</p> <p>“Nunca na vida íamos fazer isso!” [serem mal educados para com as pessoas que são educadas para com elas]. Ana Beatriz</p> <p>“Se a pessoa não gosta de mim, ela fica no lugar dela e eu fico no meu!” Gonçalo</p>

	<p>“Hoje ela pode não gostar de mim amanhã vou fazer todo o possível para ela gostar e se ela não gostar, paciência. Cada pessoa é como é, desde que eu seja como sou...”</p> <p>Teresa</p>
Rede social de suporte	<p>(...)fui uma primeira vez com a Teresa, com a Bea, com Clara, Margarida, Kelly, Kristyna(...) Eduarda</p> <p>“A Bea [Beatriz] ajudou-me!” Teresa</p> <p>“Se fores todos os dias como és na JH vais ver que vai valer muito mais a pena” “(Teresa a falar para a Isabel)</p> <p>“A irmã [irmã Fernanda Esteves] ajuda-nos bastante. Isabel</p> <p>“Contactamos a professora [Alda Matos]”. Gonçalo</p>
Resiliência	<p>“quis reviver o que vivi naquela tarde”[experiência negativa].Eduarda</p> <p>“(...)e eu acho que quis dar o tal passo que estava sempre hesitante a dar”. Eduarda</p> <p>“(...)estava receosa e não me senti bem mas depois comecei a colaborar com as coisas”. Margarida</p> <p>“Isso [maus tratos por parte das pessoas em geral] nos motiva mais a fazer mais!” Kelly</p> <p>“(...)A Bea [Beatriz] teve para aí setembro, outubro e novembro a tentar me convencer(...)Teresa</p>
Espírito de iniciativa	<p>“(...)temos de começar por algum lado!”Kelly</p> <p>“Cada um levava a sua própria merenda!”Eduarda</p> <p>“ 25 alunos dá e é bastante!”Eduarda</p> <p>“Há que ter iniciativa própria! “Eduarda</p>
Consciencialização	<p>“(...)mais conscientes da situação que está a acontecer na sociedade”. Margarida</p> <p>“Eles [colegas de turma] deviam de ir às casas de saúde (...)para verem o verdadeiro valor da vida”. Gonçalo</p> <p>“Nós nunca sabemos o dia de amanhã!” Margarida</p> <p>“Nós dizemos que elas são anormais mas eu acho que os anormais somos nós(...) Diana</p> <p>“Eu antes de entrar na JH [Juventude Hospitaleira] eu era capaz de passar na rua e por exemplo, ver uma senhora cheia de sacos e não ajudar (...) Diana</p> <p>“(...)basta salvar uma pessoa para salvar uma vida e isso conta sempre!”Eduarda</p> <p>“É muito mais difícil ser eu cá fora [fora da instituição] porque dizem mal de nós” Ana</p>

	<p>Beatriz</p> <p>“Eu prefiro ser louca como elas [utentes] e viver esta loucura do voluntariado (...)” Isabel</p> <p>“(...)Acho que foi demasiado mal o que eles fizeram!” Eduarda</p> <p>“Senti-me mal por não ter feito nada!” Margarida</p> <p>“(...)acho que nós temos tudo para sermos felizes” Clara</p> <p>“(...)estamos conscientes do que vamos fazer[voluntariado]” Ana Beatriz</p> <p>“Nós no peditério somos apenas um meio para chegarmos a essas diferenças e desigualdades (...)” Gonçalo.</p>
Afetividade	<p>“(...)depois de uma atividade nós sentimos muitas saudades das pessoas, das senhoras[utentes](...) Ana Beatriz</p> <p>(...)eu já as tratava como família, só o carinho que elas têm por nós[as utentes]” Diana</p> <p>“Elas [utentes] começam a dar abraços e beijinhos, querem colo (...) Eduarda</p> <p>“Eu ia ter saudades delas, eram 9 dias, fogo bastante tempo (...) Isabel</p> <p>“(...)e depois veio um menino me pegar pela mão e começou a falar comigo” Mariana</p> <p>“(...)elas [utentes] são muito carinhosas, super atenciosas(...)Eduarda</p> <p>“Adoro, adoro a irmã [irmã Fernanda Esteves, responsável pelos voluntários]</p> <p>A irmã é espetacular!” Gonçalo</p>

Categoria “Impacto geral do voluntariado	
Subcategorias	Indicadores
Impacto centrado na pessoa do voluntário	<p>“Eu antes não costumava ajudar lá em casa mas agora gosto de fazer e ajudo nas tarefas domésticas. O meu pai até já reparou!” Isabel</p> <p>“(...)e eu agora já não discuto tanto com a minha irmã”. Teresa</p> <p>“(...)uma professora de EV [Educação visual](...)chegou ao pé de mim e disse: A Beatriz está mais calma!” Ana Beatriz</p> <p>“Os meus amigos dizem que eu tenho mais paciência, que os ouço mais (...)” “A minha avó disse que eu estava diferente, que eu antes não via as coisas assim, prontos... que eu tinha crescido mais como pessoa” Kelly</p> <p>“O Márcio está agora uma pessoa mais liberta (...) fala mais com as pessoas, interage mais, está mais sociável. Quando eu entrei para a turma ele era fechado e</p>

	<p>não falava com ninguém mas agora [depois de começar a fazer voluntariado] já está melhor” (Beatriz a falar sobre o seu colega Márcio)</p> <p>“(…)antes de fazer voluntariado era capaz de estar uma pessoa a passar com uma deficiência a passar na rua e de me rir dessa pessoa(…)Não me orgulho de dizer isto mas orgulho-me de dizer que o voluntariado também foi uma coisa que me mudou nesse aspeto(…)Gonçalo</p> <p>“Eu dizia à minha mãe: “Mãe, não vou para lá, aturar loucas!” e agora toca-me bastante quando dizem isso” Ana Beatriz</p> <p>“(…)eu antes ficava triste mas agora eu começo a pensar nos outros que estão em situações piores e dou muito mais valor a tudo o que eu tenho e acho que sou muito mais feliz.”Clara</p> <p>“(…) Nós também aprendemos a ter paciência(…) Mariana</p> <p>“(…)se calhar se estou com amigos que começam a gozar, digo para não o fazerem” Gonçalo.</p>
Impacto centrado nos contextos de realização do voluntariado	<p>“(…)aprendemos quando estamos a falar com eles [crianças da casa de saúde] a sermos mais carinhosos, a sermos mais queridos” Mariana</p> <p>“(…)elas [utentes]com tão pouco ou com nada(…) são tão felizes e nós às vezes somos tão revoltados com as coisas que não temos (…) e não damos valor àquelas que temos, às coisas boas que temos”. Gonçalo</p> <p>“Quando nós contamos uma coisa da nossa vida, ela [Irmã Fernanda Esteves] faz-nos olhar para dentro!”<b>Ana Beatriz</b></p> <p>“A maior parte das coisas que a irmã diz eu lembro-me. Às vezes eu estou a fazer qualquer coisa e eu lembro-me dela (…)” Clara</p> <p>Ela [irmã Fernanda] diz-nos várias coisas que nós passamos a vida a refletir”. Isabel</p> <p>“Tudo o que a irmã diz é importante. Tudo toca, tudo tem o seu significado!”Kelly</p> <p>“Ela [irmã Fernanda Esteves] quando fala parece um anjo que está falando! Ana Beatriz</p>
Comparação de experiência diferentes de voluntariado	<p>“Eu acho que me mudou mais a JH do que a AMI”. <b>Clara</b></p> <p>“Eu acho que todos [todo o tipo de voluntariado] tocam da mesma maneira mas com intensidades diferentes” Gonçalo</p>

Categoria “Propostas e sugestões”	
Subcategorias	Indicadores
Contexto da organização Escolar	<p>“(…)Acho que era interessante, convidar alguns voluntários para prestar o seu testemunho a outras turmas” Eduarda</p> <p>“(…)se forem alunos a irem de turma a turma, com um discurso que seja mesmo inspirador e emotivo…” Margarida</p> <p>“Eu gostava que a minha turma fizesse uma visita de estudo à casa de saúde [Casa de Saúde Câmara Pestana] Ana Beatriz</p> <p>“ Nós adoramos visitas de estudo e assim era bom!” Kelly</p> <p>“E é importante irmos a todas as turmas menos à nossa. Temos que ir a turmas que não nos conhecessem” Margarida</p>

## Anexo 5- Guião/Entrevista – Delegada da AMI/Funchal \* 05.07.2013

### Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

Curso de Mestrado em Administração Pública – Especialização em Educação

### Entrevista – Delegada da Fundação AMI/Funchal

**Tema:** A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa.

#### Objetivos Gerais:

- 1.Caracterizar o Clube Viver a Vida do ponto de vista da Responsabilidade social e da cidadania ativa;
- 2.Identificar competências pessoais e sociais adquiridas pelos alunos aquando da sua participação em atividades de voluntariado;
3. Avaliar o impacto do Clube ao nível do envolvimento das relações escola-comunidade;

Blocos	Objetivos específicos	Ações	Questões colocadas
<b>A</b>  <b>Legitimação das entrevistas e motivação dos entrevistados</b>	Legitimar as entrevistas  Informar os entrevistados do contexto da investigação, objetivos e tema da entrevista.	1.Informar os entrevistados sobre o estudo em curso;  2.Assegurar a confidencialidades das declarações prestadas;  3.Pedir a colaboração da entrevistada, salientando a importância desta;  4.Pedir autorização para gravar em vídeo.	

<p><b>B</b></p> <p><b>Recolha de dados de caracter geral</b></p>	<p>Conhecer alguns dados pessoais dos alunos</p>	<p>Solicitar aos entrevistados que facultem os seus dados pessoais, nomeadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Idade</li> <li>• Habilitações literárias</li> <li>• Estado civil</li> </ul>	<p><b>Questão aberta:</b></p> <p>1. Gostaria que me fornecesse, por favor, os vossos dados pessoais, nomeadamente o nome, idade, estado civil e habilitações literárias.</p>
<p><b>C</b></p> <p><b>Exercício do voluntariado e sua importância</b></p>	<p>Conhecer a importância da parceria AMI/HBG</p>	<p>Pedir à entrevistada que fale sobre a importância da parceria entre a AMI e a escola HBG nomeadamente no âmbito dos benefícios para a fundação, origem desta parceria, grau de satisfação, descrição de um episódio significativo que tenha presenciado com os alunos voluntários da HBG.</p>	<p><b>Questões introdutórias e de transição:</b></p> <p>C1- Quando é que a AMI estabeleceu esta parceria com a HBG?</p> <p>C2- Qual foi a origem desta parceria, como é que ela começou?</p> <p>C3- Qual a relação que a AMI tem com o Clube? E com a Escola?</p> <p>C4 – Em que âmbitos/áreas/atividades a AMI colabora com a escola HBG?</p> <p>C6- Será que me podes contar um episódio significativo que tenhas vivido no voluntariado?</p> <p>C7 – O que ganha a AMI com esta parceria? E o que poderá ganhar a Escola HBG?</p>
<p><b>D</b></p> <p><b>Impacto da parceria AMI/HBG para a organização AMI e na escola HBG?</b></p>	<p>Conhecer o modo a parceria AMI/HBG poderá ter impacto da gestão e organização da Fundação AMI?</p>	<p>Pedir à entrevistada que reflita e descreva o modo como a parceria AMI/HBG tem tido impacto na fundação AMI e nos alunos voluntários, qual o grau e a natureza desse impacto e quais as expectativas que a AMI tem relativamente a esta parceria a curto, médio e longo prazo.</p>	<p><b>Questões chaves e finais:</b></p> <p>D1- De que forma é que a parceria AMI/HBG tem tido impacto na fundação AMI? Pode exemplificar com situações concretas?</p> <p>D2 Quais as principais descobertas/aprendizagens que tem feito através desta parceria com uma escola de 2º e 3º ciclos?</p> <p>D3 E os alunos da HBG, na tua opinião aprendem com esta experiência? Se sim, o quê? Como? De</p>



			<p>que forma? Pode concretizar alguma situação vivida?</p> <p>D4 Qual a relação entre a delegada da AMI e os alunos?</p> <p>D5 Relativamente à liderança da HBG, o que pensa da escola possuir um Clube que dinamiza atividades de solidariedade/voluntariado?</p>
<p><b>E</b></p> <p><b>Resumo/Conclusão</b></p>		<p>Realizar um resumo das questões chave e das grandes ideias que foram discutidas durante a entrevista focal;</p> <p>Questionar a entrevistada se pretende acrescentar à entrevista mais alguma ideia ou opinião.</p>	<p><b>Questões resumo e questão final</b></p> <p>E1 – Há alguma questão que gostaria de colocar ou acrescentar?</p> <p>E2 – Podemos dar por encerrada a nossa entrevista?</p>

## Anexo 6 - Transcrição da entrevista –Delegada da AMI/Funchal

Data: 05.07.2013

Local – Delegação da AMI - Funchal

Hora: 15:00 – 16:00

Entrevistada – Dra. Helena  
Andrade/Delegada da AMI/Funchal

**Nota:** Pelo fato de ser amiga da Dra. Helena pedi autorização para tratá-la durante a entrevista por “tu”.

### TRANSCRIÇÃO

**(3:08)Alda** - Helena, quando é que tu achas que, se é que te lembras, quando é que começou esta parceria AMI – Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia, lembraste? Ou pelo menos tens ideia, quando é que poderá ter começado?

**Helena** – Pois.... [Helena a tentar recordar....] Nós há dias tivemos a falar sobre isso [referia-se a uma conversa que a entrevistadora e ela tiveram por telefone], não sei se não será 2004/2005, terá sido por aí, se bem que, isto de uma forma mais organizada...com estudantes de turmas porque se calhar de uma forma mais informal, nem que seja de passar mensagem, já anteriormente porque tu eras voluntária da AMI e portanto sabias disso e passavas, seja do ter as latinhas do peditório na escola, seja na paróquia do Caniço, e portanto já havia algum envolvimento. Se calhar de uma forma, de uma forma mais organizada em termos de alunos, de eles próprios participarem eu penso que foi 2004, talvez...

**Alda** – A escola ainda estava em obras...

**Helena** – Exato... sim, porque a escola estaria....sim, não é a escola de hoje![Referia-se às obras que a escola sofreu antes de termos o novo edifício]

**Alda** – Qual é a relação que a Escola tem com o Clube [Viver a Vida]? E com a Escola?

**Helena** – No fundo a relação com a Escola passa pelo Clube (risos), porque depois houve outras coisas junto da Escola mas passou pelo Clube o contacto mais próximo. O Clube [Viver a Vida], a nossa relação, vem desse voluntariado, não é, das campanhas da AMI e do contacto e depois, mais do que isso, do trabalho, do trabalho conjunto que nasce ou fruto dessa colaboração porque eu acho que isso....em paralelo com outras ações que fazemos noutras escolas e que vemos que a ação morre ali.... Faz-se a ação e depois acabou ali e não há continuidade. O Clube Viver a Vida a relação mantém-se mais porque há um trabalho muito completo, quer dizer, há um antes da ação, há a ação, e há um depois, há um ver dos resultados e um pensar dos resultados que serve o Clube mas também nos serve a nós porque percebemos e portanto essa ligação acaba por ser mais duradoura e claro, mais acaba sendo muito mais próxima por causa disso. E o Clube nesse sentido, o que nós sentimos é que, tem uma ação extremamente [carrega na sílaba “tre”] importante na escola, porque tem uma dinamização, como eu disse, muito completa e a diferença que eu vejo, que me apercebo olhando de fora é que, esse trabalho pensado no objetivo (faz uma pequena pausa e questiona Qual é o objetivo?) e depois estas campanhas com os voluntários, isso é o caminho para o objetivo, não é, que será permitir a estes alunos ter esta experiência de voluntariado e com isso fazê-los crescer. E portanto, esse de facto é o bom objetivo, As organizações só têm a ganhar também, porque têm ali voluntários. Para as organizações, é muito bom ver, o processo todo e...(faz uma pausa) e aí é que faz a diferença do processo do antes, do perceber (confirmei que o

gravador estava a gravar e disse baixinho para a Helena continuar que estava tudo bem com a gravação) da vossa ligação professor – alunos, da dinamização da escola, e de toda a comunidade, não é? e de ver depois o que isso fez no aluno. Para nós organização isso é importante até porque percebemos muito melhor o envolvimento, os voluntários vêm preparados de outra forma, estão envolvidos de outra forma e portanto também para a organização, faz toda a diferença, no fundo.

Alda – Em que âmbito/áreas/atividades é que a AMI solicita os voluntários?

Helena – Nós...e foi por aí que começou, foi as campanhas de angariação de fundos, campanhas de rua, com os voluntários porque são campanhas que precisamos de muitos voluntários que abordem as pessoas na rua, que façam essa angariação de donativos. Os jovens gostam de andar juntos e em conjunto e é uma forma de andarem juntos e andar em pelas ruas. É uma coisa dinâmica e os jovens acabam por ter mais facilidade até que os mais velhos. E foi sobretudo por aí, que a AMI sempre contactou o Clube, o que não quer dizer que não haja outras ações, outras possibilidades e que entretanto surgiram algumas, não é? De outro tipo as questões de, chamamos de workshops, ou as sessões de sensibilização para algum tema em específico, ligado à AMI ou não, e lá está mais uma vez ...a diferença é que fazemos isso em muitas escolas que nos chamam para falar de temas específicos de “Direitos humanos”, da Solidariedade e do voluntariado de uma forma geral mas, vamos falar a alunos que não conhecemos e que não sabemos a envolvimento nem eles a nós, não há uma relação. Ali é diferente [escola HBG] porque aquilo que vamos fazendo lá, nós temos o conhecimento da Escola e de todo o processo diferente. Eles também muitas vezes nos conhecem porque conhecem-nos das Campanhas e portanto, é diferente!

Alda – Quando eles [voluntários] chegam cá [AMI] para fazer o peditório, como é que eles vêm? Porque estás sempre aqui para acolhe-los... o que é que tu vês, o que é tu sentes, o que ouves antes de depois do peditório?

(09:12)Helena – Antes ... isto falando daqueles [alunos] que nunca experimentaram ... eu normalmente reconheço as carinhas, os nomes nem tanto mas as carinhas e muitas vezes digo “Ah, já vieste no ano passado...” Uns dizem-me que sim, que já sabem como é, e fazem aquele ar de “ sim, nós já sabemos como é!”(risos....) “Nós já somos maduros nisto!” Os que vêm pela primeira vez, vê-se uma grande expectativa, fazem perguntas um bocadinho...às vezes alguma timidez “Como é que vamos fazer?”, “Como vamos abordar?”, Perguntam [os alunos] “ O que tenho que dizer?” voltam a perguntar. Nós vamos dando as instruções, dizemos as orientações, onde devem estar, como é que devem estar, mas é muito giro porque é aquela ansiedade de quando se começa um projeto novo (risos) e que se vai enfrentar um desafio. É um bocadinho essa ansiedade... Mas de uma forma geral, eles vêm com uma postura muito engraçada, já preparados para fazer uma tarefa, vêm com esse senso de responsabilidade.

Alda – Nota-se isso?

Helena – Ah eu noto muito! É raríssimo haver alguma situação que vissemos que tivessem um bocadinho a brincar. Não eles vêm preparados para fazerem alguma coisa. Vêm a correr, vêm a brincar mas vêm preparados para fazer e vêm com essa motivação e dizem logo: “Então, podemos ir já?” ou “Já podemos fazer?” Isso é de facto, a preparação deles. Aí nós sentimos essa preparação anterior. Eles sabem que vêm fazer uma missão, a missão do voluntariado e portanto isso ajuda muito. Isto no antes [antes dos jovens iniciarem a sua atividade]. O depois, é muito engraçado porque às vezes ou vêm cansados do que andaram ou do calor... Depois convivem aqui [delegação da AMI] um bocadinho uns com os outros, encontram-se ou até marcam aqui, às tantas horas encontram-nos aqui, tomam um lanchinho, tomam um refresco e acabam por falar um bocadinho e falam connosco e nós perguntamos: “Então foi muito difícil?” ou “Correu bem?” e é muito engraçado o que eles

dizem...Alguns dizem: “ Foi, foi ótimo!”. Há aqueles que enquanto não conseguem tudo o que se propuseram não descansam e querem sempre mais... Depois há aqueles que “ Foi mais difícil do que eu pensava, falar com as pessoas porque as pessoas nem sempre dão e tiveram de lidar com isso, e dizem o que disseram às pessoas e o que não disseram ou o que é que as pessoas responderam. Dizem “Há houve uma senhor que me disse não sei o quê” depois houve outro que veio atrás que veio atrás para me dar ... e deu-me uma nota!” falam muito nisso e é muito engraçado. Parece-me que o convívio deles é muito interessante porque eles vão em grupo e vão se ajudando e há aqueles que têm mais jeito para falar com as pessoas, os outros ficam um bocadinho mais para trás, mas isso só ajuda porque estão num trabalho de grupo. É um trabalho de grupo no fundo, tanto que às vezes eles preferem, uns levam o cofrezinho, outros o autocolante, o outro fala inglês. As vezes comentam “Tu é que falas inglês” (Risos...) e portanto é um trabalho de grupo [sobe o tom de voz] aquela missão e eu acho que para eles é muito engraçado. Tanto quando a coisa [a atividade de voluntariado] corre muito bem ou quando é mais difícil “Eu tenho que abordar mais pessoas” ou “Tenho de andar mais atrás” mas isso também é bom para eles!(risos)

Alda – E os pais desses meninos [voluntários] telefonam, aparecem, confiam?

Helena – Muito pouco ....Confiam! Um ou outro aparece um bocadinho para se certificar ou vêm trazer e buscar mas nem me colocam grandes questões. Parece que sim, que têm uma confiança, eu penso que também vêm do Clube.

Alda - Eu pergunto isto porque quando nós enviamos a mensagem para casa vai sempre lá o contacto da Escola e contacto da AMI. Conosco nunca telefonam... A mensagem vai...também através do diretor de turma... Agora estava a pensar que poderia eventualmente surgir telefonemas para a AMI...

(13:36)Helena – É muito, muito raro... ao longo de todos estes anos foi mesmo muito, muito raro. Houve uma ou outra pessoa que veio conversar comigo, perguntar coisas sobre a AMI, sobre o peditório em si, sobre como é que eles vão andar nas ruas, mas é muito, muito raro [sublinhou várias vezes a palavra muito]. Eu pensei que pudesse ser mais frequente porque eles [pais] vêm ... às vezes até vêm deixá-lo aqui num sítio que eles próprios também não conhecem , não é? Mas eu penso que terá a ver também com a confiança, visto que vêm [os alunos] da Escola e do Clube... têm mensagem dos professores, os meninos como estão bem informados, lá está a preparação e nós [AMI] tivemos naquela sessão preparatória e então... os miúdos também já devem ter dito alguma coisa em casa ...”vai ser assim, vai ser assado”... já lhes disseram o que terão de fazer... Eu penso que os pais devem ter a confiança que é uma coisa organizada e confiam bastante. De qualquer maneira, já houve um ou outro [encarregado de educação] que percebi que também faz questão que, os miúdos façam isso [voluntariado], que acham muito bem e me dizem “ Acho muito bem, que ele faça estas coisas [voluntariado] e perguntam.... Às vezes vê busca-los aqui com o carro à porta e perguntam “Correu tudo bem?” e é um pouco assim....

(14:36)**Alda** – O quê que tu achas que, no fundo tu já falaste um bocadinho sobre isto, a gente anda aqui a divagar um bocadinho (risos) mas, o quê que tu achas que os alunos beneficiam com esta participação de concreto. O que é que tu achas que eles podem ganhar, nesta participação do peditório de rua, especificamente?

**Helena** – Olha, eu penso que pode ser muito importante. Terá a ver com o percurso deles, com a personalidade deles e é capaz de ser muito variável, não é? Mas....o que eu tenho notado, tanto neles como outros estudantes que às vezes vêm participar... e às vezes basta até um pequenina missão, quanto mais quando é assim ... longa no sentido do tempo, porque estes miúdos às vezes fazem 3 anos seguidos de peditório [7º, 8º e 9º anos de escolaridade]. Lhes dá um sentido de participação cívica e aos lhe darem esse crédito, que é como quem diz...

“Tu tens valor para participar na sociedade, tu tens um papel” isso dá-lhe a eles [alunos] uma grandeza pessoal muito grande porque isso... lá está como diziam aqueles meninos que já vêm, no segundo ano...vêm com uma postura de segurança, não é só em relação ao peditório mas, eles próprios que já participam nisto [peditório] ativamente. E isto é o essencial que eu acho que falta, a tantos adultos também. E estes jovens, ganharem isto nesta idade... acho fundamental, às vezes até mais novos seria excelente porque esta capacidade de olhar criticamente para o que se passa lá fora.... Porque quando eles vão pedir uma moeda, um donativo para a AMI, sabem que estão a pedir para uma organização que apoia determinadas pessoas que estão nesta situação, por exemplo... agora falamos muito da crise... Eles vêm e nós falamos... atenção é normal que os donativos sejam menos, mais pequeninos porque as pessoas também não têm tanta facilidade em dar e portanto, desenvolve neles esse sentido crítico. Depois o sentido crítico também do estar socialmente porque eles estão na rua, eles têm de abordar as pessoas, e o passar por isso... o chegar ao fim dessa missão e depois... há o depois que é... receber o certificado, perceberem quanto é que deu, o certificado e que efetivamente eles tiveram um papel, isso para a autoestima e para a segurança deles... só pode ser bom (carregou nas palavras “só pode) e nós temos sentido isso, de ano para ano, o voluntário está mais seguro de quem sabe que tem um papel a fazer. Ora isto para a autoestima para um jovem que está em formação (risos) só pode se bom! E é assim, isto é para ele bom e para o conjunto todo cívico, porque nós precisamos de pessoas com uma atitude crítica perante as coisas e que criar oportunidades e fazer (acentuou a palavra fazer) e portanto que não fiquem naquela situação....Isto passa-se desde pequeninos e na escola devem sentir isso [referia-se aos professores] que é... à espera que os resultados venham ... não! Eles fazem os resultados acontecer, eles participam naquilo! Não é a organização AMI, não! Eu pertenço à AMI porque eu estive lá, eu também angariei donativos! E portanto, se aquela organização funciona é também porque eu também pertenço! E isso é espetacular, nós vemos isso... e isso para a formação da pessoa parece-me muito bom! É bom para toda a gente, é bom para a sociedade, é bom para as organizações que têm de facto pessoas ativas. Nós vimos às vezes até, adultos que não tiveram até experiências nenhuma nestas áreas participativas e que até querem fazer alguma coisa e notamos a dificuldade (soletrou a palavra dificuldade) que têm em ter uma postura ativa nas coisas. Quando vem alguém que já teve esta experiência de voluntário, é completamente diferente... até porque a pessoa acredita mais em si própria, acredita que pode fazer alguma diferença. As pessoas quando não têm essa experiência [de voluntariado] dizem “Mas o que é que eu posso fazer?!” ou “Eu até queria ajudar mas não sei o quê?” e depois de começarem a fazer vêm que até podem fazer tanta coisa, não é? (risos)

**Alda** – De vez em quando nós falamos, tu contas que encontras ex alunos da HBG e que parece que manifestam um certo carinho pela AMI e vêm ... Tu falaste uma vez de uma aluna que tirou o curso em medicina ...

**Helena-** Sim a Carolina, foi das primeiras voluntárias dos peditórios, é que foi mesmo dos primeiros anos... Eu até acho que ela, curiosamente, deve ter sido até ... vocês já estavam até com a paróquia mas, não me recordo se ela terá vindo pela HBG no primeiro ano... talvez até não! No segundo ou terceiro talvez sim mas, se não estou em erro, ela veio por ela própria, o que é muito curioso. Ela veio sozinha, nem foram os pais... ela veio sozinha e nunca mais deixou de vir! Fez todo o percurso, depois foi para a universidade e estudou medicina e quando acabou medicina, voltou aqui à Madeira e teve a trabalhar aqui no hospital algum tempo e durante esse tempo, veio cá [a AMI]... bateu à porta e disse “Eu sou a Carolina!”(risos) Nós mantemos contacto com ela .... “Estou disponível para fazer voluntariado aqui como médica, se vocês o desejarem” e teve no centro de enfermagem como voluntária. Ela entretanto agora está no Porto, no IPO do Porto, na oncologia. Mas é uma pessoa que para ela é muito normal, conjugar o seu dia-a-dia e o voluntariado e como ela já houve outros casos de pessoas que se viu que tinham essa ... que criaram esse projeto, passaram aos irmãos... que falam disso quando nos encontramos. E o interessante ver é que, independentemente de fazerem voluntariado na AMI ou

não, continua essa atitude, de participação e de querer fazer coisas... é natural, passa a ser natural porque como foi pelo crescimento a dentro, não é, da adolescência, para eles é perfeitamente natural, têm a sua atividade profissional mas aliam isso a uma participação cívica de alguma forma, que pode ser uma outra qualquer tendo em conta a sua disponibilidade ou onde estejam mas faz parte do processo. Ainda há tempos, uma assistente social que eu conheci, penso que foi através de uma conferência onde estávamos, eu não me recordava dela, e ela disse-me... “Se hoje eu sou assistente social foi porque fui em jovem e ela teve-me a tentar dizer, eu já não me recordava, porque eu estou na AMI há 15 anos e portanto, já houve tempo de se formarem e voltarem e ela disse: “Se hoje eu sou assistente social foi porque pelo que vi na AMI e que me tocou e pelo voluntariado que eu fiz lá” e que isso a marcou e disse “É isto que eu quero fazer na minha vida”. Por isso é que hoje é assistente social. Pronto são processos, lá está, que tem a ver com o processo de cada um porque é muito engraçado... temos tido aqui e até turmas que nos vêm visitar de áreas que não têm nada a ver com a área social, que nunca fizeram voluntariado. As professoras trazem-nos cá mas nós apercebemo-nos que ficam ali a ouvir no sentido ... “Ah, ok eu não sabia que podia também fazer qualquer coisa”. “Afinal eu posso, existe aqui um campo enorme e não é preciso eu ser ou psicólogo ou assistente social para poder fazer “ ...

**Alda** – Tu acreditas que o voluntariado é um “processo para”? Um “caminho para”?

(23:01)**Helena** – Ah exatamente.... Faz mesmo parte da formação [o voluntariado]. Não é a toa que ele [o voluntariado] é tão bem considerado em alguns sítios, que há universidades que consideram cada vez mais e lá fora é assim [noutros países] e querem ver com provas, do que a pessoa efetivamente fez, porque sabem o quanto isso é importante para a formação daquela personalidade. Isso [o voluntariado] vai dizer muito até, sobre trabalho que eles vão desempenhar até como alunos da universidade ou depois numa empresa ou num local de trabalho. Porque é uma atitude ativa, fala-se muito em pessoas ativas...proactivas, tem a ver com isto.

**Alda** – Porquê é que tu achas que o Dr. Fernando Nobre aceitou o teu convite para vir à nossa Escola?

Helena – Ah... ele....eu fiz-lhe, digamos o contexto, porque ele já sabia mas fiz-lhe o contexto, no sentido de explicar que havia o Clube e que era um Clube que colaborava sempre[carregou na sílaba “sem”] conosco nos peditórios. Coincidiu, se não estou em erro, nesse ano tínhamos o peditório e ele [Dr. Fernando Nobre] veio por uma outra razão também para uma conferência mas tínhamos o peditório também, o que foi ótimo, e também porque ele [Dr. Fernando Nobre] é... aliás, por isso é que nós temos na AMI chamamos-lhe um dos pilares da AMI ser o que nós chamamos de “Alertar consciências” e isto existe porque o Dr. Fernando Nobre quis. Portanto, nós temos a área social, a área de emergência internacional e emergência médica, agora temos o ambiente também mas, desde o início temos um pilar que às vezes as pessoas não sabem o que é que quer dizer que o “alertar consciências” e que foi o Dr. Fernando que quis. Eu lembro-me que nesse dia, ele até disse temos de sairmos da sessão [realizada na Escola HBG], ele disse-me. “Um dia mais tarde que eu já não tenha forças para ir em missão, é isto que eu quero fazer”, que é vir às escolas falar com os jovens que eu gosto muito porque ... lá está, porque ele achou que é essencial, para já, a nossa responsabilidade [da organização AMI] ... se nós sabemos o que se passa, temos a noção porque contactamos diretamente, somos uma organização feita de voluntários que não existiria se não houvesse voluntários que já são mais de 7 000 ao longo destes quase 30 anos que fizeram as missões internacionais. Temos [AMI] o dever e também o direito de sensibilizar para isto e de mostrar que se pode agir, que se pode fazer alguma coisa por pequenino que seja, temos de falar das questões que existem, as pessoas têm que saber, pelo menos isso, é o que podemos dar, depois cada um faz a escolha de participar ou não participar. Por isso, ele [Dr. Fernando Nobre] disse logo que sim, era mesmo o encaixar no horário ou na agenda. Ele disse logo que sim... e eu disse logo que era um grupo grande e ele disse logo que sim até porque, lá está, isto é um princípio mesmo da AMI e depois eu disse-lhe que, apesar de ter

sido... foi uma visita relâmpago e com tanta coisa e eu também expliquei-lhe o contexto de ser os alunos que iriam participar no peditório, que é o Clube Viver a Vida que participa com a AMI, claro que ele fez questão de ir e de estar naquele bocadinho lá (risos).

**Alda** – O que é que se pretende de futuro, o que é que tua gostava que acontecesse? Tens alguma ideia, um projeto para o Clube ou queres que continue nestes mesmo moldes a nossa parceria. Tens alguma ideia?

**Helena** – Em relação às campanhas que nós fazemos eu acho que está muito, muito bom ... nem posso pedir mais porque vocês já têm um trabalho imenso, numa ação tão completa, é como eu já disse... vocês fazem o antes- preparação, porque vocês vão às turmas falar, divulgar, fazemos a sessão de exploração no fundo da ação, depois faz-se a ação, eles vêm cá na ação e fazemos “um depois” portanto, quer dizer, eu acho que está muito, muito completo. O que eu acho nós na nossa parceria podemos eventualmente é nós [AMI] darmos de alguma forma mais também à escola ...

**Alda** – Já estão a dar [referia-me às ações, palestras, vagas para o curso de voluntariado].

Helena – Pois mas, isto aos alunos mas à escola em si, se vocês acharem Depois há se calhar novos, digamos novas campanhas ou novos projetos isso é que poderá haver também...isso implica mais trabalho... (risos)

**Alda** – Mais parcerias com outros clubes da escola (risos) se calhar a área ambiental se calhar...criar outra parceria lá com o clube do ambiente, nunca se sabe....

**Helena** – Exatamente... porque essa é uma área muito grande, os jovens são bastante atraídos por essa [área] porque eles têm que compreender a questão ambiental, também já estão um bocado trabalhados nesse aspeto, e portanto aderem muito bem a essa questão e há coisas por fazer e que só uma questão de nós termos a possibilidade de as fazer, desde limpeza de área que nós sabemos... às vezes nós vamos passear e infelizmente vemos lixo por todo o lado, sensibilização à população, plantação de árvores, manutenção, passeios na serra, há aí muita coisa que ainda se pode explorar. Depois na área da saúde há um projeto que eu, não posso ainda dizer detalhes porque ainda nem foi divulgado oficialmente. Eu também ainda não sei os detalhes todos mas parece que nós AMI parece que estaremos envolvidos e que tem a ver com, o nós darmos muita, muita, muita sensibilização para a área da saúde e sobretudo na área do socorro, de conhecimentos mínimos ...

**Alda** – Ah isso ...seria excelente....

**Helena** – porque aí parte mesmo parte para .. não é um nem outro, parte mesmo para todos terem conhecimentos mínimos ...

**Alda** – Podias falar deste curso de socorrismo que estão a promover na AMI e vocês escolheram a HBG para emprestar as instalações e que sempre que os professores vão e os funcionários vão dizem sempre “Ah, mas isto é tão bom, tão bom que isto deveria ser obrigatório ...”

**Helena** – Exato é um bocadinho por essa necessidade nós andamos a batalhar um bocadinho nisso e a batalhar no sentido de ... com a entidades oficiais e tudo. Eles próprios também tinham essa vontade de o fazer mas, por si só mas, não tinham meios para isso. Parece que haverá essa possibilidade de todos se juntarem e haver meios para isso, e se assim for... porque a ideia é mesmo essa ....cada vez mais se sabe isso, o curso de socorrismo continuará a ser um curso de socorrismo que prepara uma pessoa já para ser ... ter o seu cartão de socorrista e de saber fazer o suporte básico de vida, etc. isto [o projeto em estudo] não é tão completo mas dá alguns conhecimento base ... isto estamos a falar de crianças pequeninas, das mais pequeninas... logo, será

depois adaptado a cada idade, a cada geração, mas que toda a gente tenha o mínimo de informação sobre esta área.

**Alda** – Excelente... Excelente....

**Helena** – E aqui há mais essa possibilidade. Estarmos [AMI] presente também dessa forma, neste sentindo mais de dar e de estar lá e de trabalhar convosco, depois de vocês também ajudarem na angariação de jovens da Escola para estarem presentes nestas coisas. Sensibilizar para a necessidade... se bem que eles aderem muito e depois de tudo o que tem acontecido, acho que eles percebem muito bem a necessidade de estar preparado e de saberem o que têm a fazer e lá está, mais uma vez, estamos a prepara-los para... dar-lhes independência, darmos autonomia, saber o que terão de fazer em certas situações. E não faz mal nenhum começar, desde pequenino, começar a ter logo, adequado a cada idade, claro, saber um bocadinho sobre cada área.

**Alda** – E o facto de a AMI ter pedido as instalações na nossa escola [para desenvolverem o curso de socorrismo] é mesmo coincidência ou teve alguma relação com o projeto?

**Helena** – Hum.....Eu já nem me recordo bem mas, de facto, foi porque pensamos... onde é que teríamos possibilidade de fazer cursos com a frequência que nós fazemos [2 cursos mensais de 18 horas] bimensal às vezes, com tudo o que nós precisamos na área da formação e... precisamos de espaço porque teria de ser uma sala com algum espaço, visto que tem a parte prática e aqui não tínhamos [AMI] e pensámos em várias possibilidades. Tivemos um hotel que nos ofereceu uma sala mas pensamos... nada melhor que uma escola porque tem salas preparadas para isso [curso de socorrismo]. E de facto, se calhar, pensamos logo na HBG já que temos a ligação mais próxima e que também estamos próxima geograficamente mas...

**Alda** – Mas gostava de te perguntar porquê que foi a nossa, podia ter sido outra qualquer?

**Helena** – Sim é verdade, é verdade....(risos) mas de facto fomos para lá! Pensámos logo na HBG (risos)

**Alda** – Quer dizer que esta proximidade geográfica e de relação e de continuidade e de trabalho pode ter ajudado?

**Helena** - Eu agora já não me recordo de todos os pormenores, mas recordo-me de na altura dizer... porquê? Porque eu, por causa deste conhecimento com o Clube Viver a Vida, com vocês e também com a direção percebo que funciona bem por dentro e portanto quando foi para pensar numa escola eu disse: “A HBG sei que funciona bem, já funcionamos algum tempo, temos algum contacto, sabemos que funciona bem que tem...” eu conhecia as instalações (risos) porque vou lá por causa do clube disse “Até tem um auditório, tem várias salas, eu sei que tem condições para fazer uma coisa destas”. Portanto, nasceu um bocadinho daí, sim também!

**Alda** – E em termos, portanto... a Escola colabora, a Escola dá autorização que o Clube ...que tenha feito esta parceria [Clube Viver a Vida – AMI] logo se calhar a liderança da Escola é uma liderança por valores, ou não?

**Helena** – Eu acho que sem dúvida, sim sem dúvida. Porque, eu penso que o trabalho que vocês fazem parte sem dúvida, muito de vocês, da vossa capacidade de o fazer, e de dinamizar porque há muito clubes em escolas e nem todos têm a mesma dinâmica e depende também das condições e do vosso trabalho agora, se também não houvesse, da direção, uma abertura para isso, por mais que vocês fizessem se calhar ia ser muito complicado, não é? Iam se desgastar enormemente e parece-me que só pode havido também lá uma abertura para este tipo de assunto, por parte da direção e que me parece que ao longo dos anos foi evoluindo no sentido de, cada vez mais abertura, porquê? É normal, assim como nós fomos vendo o resultado disso, ela também



[Mestre Fátima Teles – Presidente da Direção Executiva] provavelmente terá visto a mudança acontecer e que a aposta foi boa no sentido “ OK, no princípio se calhar vamos ver como isto funciona e depois ter visto, isto tem princípio, meio e fim, isto de facto tem uma importância grande para a escola e da abertura ter continuado por aí, não é? De que realmente funciona! E pronto, acho que numa escola, tem que haver estas duas partes, os professores, os funcionários que agarrem este projeto, um projeto assim deste género [do género do Clube Viver a Vida] para poder mobilizar os alunos, sobretudo nesta faixa de idades porque, os mais velhos... quando falamos assim no 11º ano ou 12º ano começo a ver a organização dos próprios alunos sozinhos para fazerem coisas, para se organizarem para se auto-organizarem mas claro que, se tiverem esta preparação.... muito melhor, muito, muito, muito melhor! Também houve um caso, que também veio da HBG, que tinha já feito voluntariado e que esteve no liceu [Escola Secundária Jaime Moniz] na altura até nos contactaram para fazer uma ação no liceu a até nós darmos ideias, para ver como é que íamos ou não fazer.... Isto já é um auto - organização dos alunos, sem professores [envolvidos]. A base deles éramos nós e vocês [Clube Viver a Vida] e a experiência e que lhe deu também esse currículo também para depois chegarem ali e dizermos: “Nós podemos fazer uma festa para angariação de fundos”. Tinham esse à vontade porque também não era a primeira vez que faziam ações. Mas eu acho que tem mesmo que haver, sobretudo nessas idades e até o 9º ano, é muito bom haver um núcleo de professores e uma abertura por parte da escola toda, que as coisas aconteçam e que valorizem, valorizem esse trabalho.

**Alda** – Então, tu achas que o Clube está no bom caminho? (risos)

**Helena** – Ah, eu acho que sim...muito, muito bom caminho. Eu já tenho dado o vosso exemplo porque eu já tenho notado mesmo por parte de professores que querem fazer mais e dizem “Nós gostávamos de colaborar mas às vezes não temos muitas condições” e eu nem vou explorar que condições são essas mas, calculo que às vezes não tenham nenhum tipo de condições, se calhar não têm ou se calhar a própria direção da escola não esteja aberta, se calhar uma questão mais logística da própria escola, não sei...Eu sei que às vezes mostram [alguns professores de outras escolas] alguma vontade mas às vezes não conseguem dar o passo. Também é a questão da estabilidade dos professores que eu também compreendo, já temos ido a escolas onde há um professor e durante aquele ano dinamiza coisas e nós perdemos-lhe o rasto porque entretanto ele mudou de rasto porque ele mudou de escola, o que tem acontecido muitas vezes (risos). Por exemplo, na área do ambiente do eco escolas, isso está nos sempre a acontecer, num ano estamos com um professor e quando vamos tentar saber, porque estranhámos ele nunca mais nos dizer nada , ele [professor] já não está naquela escola. Realmente eu compreendo que isso aí até me admiro como é que, mudando tantas vezes como é que conseguem fazer algum trabalho extra-aulas, não é? Porque é complicado mas....acho que vocês [Clube viver a Vida] estão no muito bom caminho porque, no fundo, do início que era só uma coisa mais isolada , se calhar porque falavam mais com os alunos, os alunos ou aos pais ,sim senhora, há abertura por parte da direção para fazer a ação mas, estão convosco. Agora se calhar já não é bem assim, agora há um conhecimento maior, não sei, vocês saberão melhor lá na escola mas mesmo fora que o Clube organiza esse tipo de coisas e que tem uma filosofia por detrás, já é diferente, não é uma ação isolada só, não é? Até porque multiplicaram as coisas que fazem ...

**Alda** .- A organização agora é diferente, temos uma pressão assim maior e temos que nos organizar de forma diferente. Fomos obrigados... uma coisa que era natural, agora não. Precisamos mesmo planear, planificar, ver porque isto depois obedece ...

**Helena** – Exato... isso é o processo, no fundo, pelo que passamos nós organização também. Porque no início é tudo muito bonito mas todas as organizações passaram pelo mesmo e estão a passar e temos de andar sempre

a renovarmos nesse aspeto. Depois a dimensão da organização trabalha com muitos voluntários é tudo muito bonito, fazemos com toda a nossa boa vontade mas, depois notamos uma grande necessidade de estruturação, de organização, porque senão as coisas não funcionam e depois não se consegue. Depois há toda uma necessidade de envolvimento, esse envolvimento que demora tempo, leva tempo, portanto esse ... antes, durante e depois, que eu vejo muitas organizações falharem no fundo aí com o voluntário porque, não é por má vontade, é porque não têm tempo. As organizações têm as suas outras coisas para fazerem e depois dizem “Vamos fazer uma campanha” e precisam de voluntários para a campanha e a tentação é, o voluntário chega e é para fazer aquilo que é necessário fazer. O trabalho com o voluntário leva imenso tempo a ser bem feito e depois nós começamos a perceber que dentro das nossas tarefas diárias, temos mesmo que ter também a parte do envolvimento do voluntário. Vocês [Clube Viver a Vida] para nós organizações, excelente, porque vocês fazem esse trabalho e como já fazem um pouco dessa trabalho, a nós poupa-nos imenso porque é um voluntário envolvido, convosco, com o Clube Viver a Vida mas não interessa, é envolvido e percebe porque é que é voluntário, porque é que está ser voluntário e o que é que vai fazer. E é aí que muitas vezes as organizações não conseguem ter tempo e disponibilidade para depois chegar ao fim e dizer aquele voluntário “Olha, correu bem, fizemos assim ou angariamos tanto, ou fizemos isto, limpámos isto, ou ajudámos esta pessoa ou esta família, não é?” Nem sempre há....[tempo]. Vocês conseguem às vezes fazer este processo e devem ter sentido que, para ter conseguido fazer isso (risos) tinham de se organizar, o que leva tempo (salientou a palavra tempo).

**Alda** – Sim, é verdade!

**Helena** – Dá muito trabalho, mas também dá uns frutos, lá está... quando se faz isso, dá muito mais tempo mas também vemos que quem está, está muito mais consistente e os frutos são outros, claro! Do que o voluntário que anda ali um bocadinho perdido, que faz aquela ação e que depois vai se embora e que não houve um envolvimento por detrás. Vocês [Clube Viver a Vida] é natural é que comecem a sentir (risos) é tanta coisa e as pessoas mantem-se a mesmas (questionou sobre o número de coordenadoras do Clube Viver a Vida)...

**Alda** – Pois o número de coordenadora é o mesmo...

**Alda** – Alguma sugestão, Helena, para o Clube?

**Helena** – Estava justamente a pensar nisso por causa do 9º ano... vocês têm algum... digamos fazer a passagem, quando eles saem de 9º ano, de tentar perceber se eles vão continuar fazer...

**Alda** – Pois, não, não...às vezes acontece naturalmente de eles nos darem naturalmente, por exemplo, os alunos que entraram neste estudo disseram “ Professora não nos deixe, mande sempre email’s ” para nós” e eu disse assim em tom de brincadeira “ Tá bem, tá bem” E se a professora se esquecer?” “Ah nós temos o contacto da professora, nós ligamos” mas a verdade é que depois eles vão para outra escola e há assim um corte natural, que é normal que aconteça.

**Helena** – Mas, têm uma ideia [O Clube Viver a Vida] quando eles vão, no fim do 9º ano de continuidade na vontade de fazer coisas?

**Alda** – Têm, têm sempre! No questionário que eu fiz [no âmbito deste trabalho de investigação ] dizem que “Pretendo fazer voluntariado até o fim da minha vida”(risos) São raros [ os alunos] que dizem que pretendem acabar [com a atividade de voluntariado], que querem ficar por ali. Mas por acaso não temos, isso era uma coisa que nós podíamos pensar de não os perder [os alunos voluntários], nós até temos o contacto [dos alunos]. Não sei... se houvesse do outro lado [da escola secundária para onde os alunos vão] da outra escola que os vão acolher, se houvesse um interesse em continuar um trabalho, era ótimo. Isso era excelente!

**Helena** – Pois, pois....

**Alda** – Era muito bom porque entretanto, porque depois aparece já outros interesses ... porque estes voluntários de vez em quando temos de espicaçar, sabes?

**Helena** – Sim, sim...

**Alda** – Eu sinto, que se deixarmos passar muito tempo, embora eles tenham um carinho muito especial pela AMI, que não se vê por outras [organizações] e às vezes perguntam-me “Então professora mas, isto foi só uma vez?”, “Mas uma vez por ano, só?!” Por acaso este ano aconteceu pela primeira vez, aconteceu duas vezes [dois peditórios nacionais]. Não frequentam muito o funchal e quando vêm é com o pai, com a mãe, para a explicação então esta experiência também de irem para a rua, em grupo, contactar as pessoas e tudo novidade para eles. Muitas vezes quando nós estamos a divulgar [o peditório de rua da AMI] principalmente aos alunos de 7º e de 8º ano e quando tentamos explicar onde é que fica a AMI, é difícil porque nós perguntamos “Sabem onde é que fica a Rua das Pretas?” e eles dizem “Não”, sabem onde é o “largo do Colégio”, alguns não sabem; “Vocês sabem onde é que fica o Centro comercial....” Alguns já sabem, mas nem todos sabem, que é coisa óbvia, a Igreja de São Pedro, ali...e então, esta descoberta.... Está tudo a acontecer ao mesmo tempo, é a intervenção que eles têm de fazer na rua, é pedir, não é? Porque eles não estão acostumados a pedir, é estarem equipados... reúne-se uma série de... que eu acho que isto marca e depois chegarem com a latinha cheia, depois serem acolhidos, não sei e antes terem vestido o colete lá [na HBG] para a fotografia e aparecerem...eu acho que isto é a junção destas pequenas coisas todas que fazem a diferença.

**Helena** – Sim, eu acredito que sim, que promove essa responsabilização no bom sentido, ativo e de uma coisa que eles acham graça e se sentem bem a fazer e portanto.... Eles vêm às vezes animadíssimos, Vêm cansados mas vêm animadíssimos e às vezes pedem para fazerem mais [mais horas de voluntariado]. E nós estamos sempre a dizer “Atenção, atenção é preciso autorização dos pais”, depois dizem “Ai eu não posso porque tenho explicação ou tenho não sei quê...” (risos) mas gostam muito e dizem isso que é “Pouco, que devia ser mais” (risos) mas, nota-se que é muito engraçado para eles, que é uma experiência única (risos) e depois repetem, normalmente, até repetem. Eu acho que depois, o problema, é que encontram um vazio quando saem do 9º ano e, ou conseguem já se auto-organizar entre eles em grupo, ou torna-se difícil e depois, claro, sentem o peso da responsabilidade do peso dos últimos anos, a entrada na universidade... é normal que tenham mas isso....não sei, pode-se sempre continuar e fazer sempre qualquer coisa. Poderia haver, quem sabe, mais ligação com alguma e saber dentro das escolas, saber se não existe pessoas disponíveis para isso ou outros Clubes que existam. Por exemplo, eu conheci durante algum tempo, um Clube dos “Direitos humanos” da escola da Ribeira Brava. Era um professor que tinha isso em particular... Estou a me lembrar também no “Banco de tempo” no liceu Jaime Moniz, quem sabe, criarem uma ligação entre estes meninos que saem na HBG e entram para o liceu Jaime Moniz e de elas, se calhar para vocês manter um contacto talvez melhor e como elas [coordenadoras do Banco do tempo da escola Jaime Moniz] também teria um ganho, no fundo, ter um contacto com pessoas que já vêm com certas competências...

**Alda** – Um capital social.

**Helena** – Embora o modo de ação delas seja diferentes mas «, estes jovens são logo captados para a organização que faz coisas na escola também. Isto porque eu tenho estado bastante tempo com eles também, na feira de troca (...) e tem tudo a ver com a escola e a comunidade. Ora um jovem que vai com este hábito de participar nas atividades na escola em atividades de voluntariado, se calhar adere muito mais facilmente no apoio de atividades deste género.

**Alda** – Até porque na HBG estes jovens não são só convidados para o voluntariado da AMI, eles também são convidados para atividades diversificadas para ir ao encontro das necessidades dos jovens: uns são mais reservados, uns preferem ficar no supermercado, outros preferem ir para a rua, outros para as casas de saúde mental, ...

**Alda** – Só mesmo para acabar... em termos de currículo, de notas, em termos de rendimento escolar... tu achas que o voluntariado poderá ser uma mais-valia?

**Helena** – Sim, no sentido que, eu disse logo no início, da capacidade proactiva de mudar as coisas porque eu acho que eles [os voluntários] percebem que estão a influenciar o todo, mas que foram eles, e que tiveram a capacidade dele influenciar o todo. Portanto, quando nós sentimos que, eu penso também em mim, foi assim que eu comecei, se nós vimos que temos essa capacidade, valorizamos muito mais, então na nossa própria vida então podemos fazer mais. Temos capacidade de mudar a nossa realidade para melhor, de criar, de modificar as coisas e portanto dá mais, segurança, mais força. É que no fundo, trabalha a consciência deles próprios, não é? Se estão mais conscientes do valor que têm e do que podem fazer, não é tanto o “deixar-se ir na onda” mas, é o olhar para outro lado, que também têm a fazer na escola de uma forma muito mais proactiva. Se eu sou capaz de estar na rua 4 dias a pedir dinheiro para uma organização, também sou capaz de passar em matemática (risos), não é?

Se eu ultrapassei um obstáculo, todos os obstáculos que vamos ultrapassando na vida colaboram para que sintamos um bocadinho melhor, não é? E isto é um que eles passam porque, quando vêm de início é aquela ansiedade, aquele medo que ao saírem daqui têm de enfrentar a rua, os estrangeiros. Se ultrapassaram esse obstáculo, se calhar podem ultrapassar outros e acho que isso colabora para esse sentido. Portanto, acho que só pode ajudar! A pessoa está mais bem-disposta, mais participativa mais, ativa, não lhes tira tempo que justifique os estudos, não é? Acho que só pode ... e depois acho que em termos de comportamento, só pode melhorar imenso também.

Alda - Achas?

**Helena** – Acho porque eles quando fazem este tipo de ações percebem que, é um trabalho conjunto, individual mas também de conjunto, e que estão envolvidos numa organização e que e que a “coisa” para funcionar tem uma estrutura e tem de ter um determinado comportamento. Eles aqui não é uma escola, e só houver um que não se porte adequadamente, nós [AMI] como os outros [colegas de grupo] vamos dizer. “Olha, isto assim não funciona”. Eu vejo que eles devem ter um comportamento completamente diferente do que devem ter na escola porque eles vêm com uma missão tipo “trabalho” (risos) mas acho que esta compreensão de estar no mundo do trabalho, digamos assim [voluntariado] e depois voltar à escola, só lhe dá um bocadinho mais de compromisso, de responsabilidade, eles têm responsabilidade de estarem aqui à hora de dizem, de voltarem à hora que dizem. Nós aqui [na AMI] dizemos sempre “Atenção, não pode haver atrasos, nós telefonamos se não vieram a uma determinada hora”. Contamos convosco de estar aqui, há outras pessoas a chegarem “ e portanto há uma responsabilização, “Contamos convosco para fazer este trabalho” e esse compromisso dá-lhes responsabilidade e um amadurecimento em termos de comportamento deve ser muito bom. Uma vez [a participação do aluno numa primeira atividade de voluntariado], acho que já faz logo diferença, se for uma coisa continuada mais será porque isso a seguir entranha-se no dia-a-dia, não é? No comportamento do dia-a-dia, de mais responsabilização, de mais autonomia, mais independência, criatividade, tudo... isso é que eu acho que é muito e muito importante. E a Escola às vezes não tem tempo para deixar espaço para isso. Quando se lhe dá este espaço, são extremamente criativos. Mesmo nisto, no voluntariado, quando falamos com os jovens, eles muitas vezes agem naquela postura de como se estivessem a ouvir uma aula mas depois, quando se põe, digamos

...quando “a bola vai para o lado deles” e muito bem “O que é que vão fazer hoje?” (risos) Acordam todos! (risos): “Como?” “Hoje?” “Eu?” (risos) ... “Mas isso são vocês [AMI]”, “Não, não mas nós [AMI] somos feitos de vocês que começou a agarrar as coisas que estavam a para fazer”, independentemente da profissão, nem do que vai seguir do futuro. Vivemos todos em sociedade, temos estas questões e o que fazemos em relação a elas? Deixamos passar, fechamos os olhos, ou fazemos alguma coisa? E aí, há aquele acordar...não é? Quando chegam mesmo a fazer... excelente, porque aí percebem que, podem mesmo fazer. Se fizeram uma vez podem fazer outras. Depois o grau de dificuldade vai crescendo... claro! Depois dizemos, se é possível que ele [o projeto] seja executado ou não mas, primeiro perceber o que há a fazer, antes de mais depois podermos ver se podemos ir ou não me frente.

**Alda** – Esta parceria [HBG – AMI] é para continuar?

**Helena** – Da nossa parte sim! (risos + um abraço]

**Alda** – Posso desligar, Helena?

**Helena** – Sim...

**FIM**

## Anexo 7 - Análise de conteúdo- Entrevista / Delegada da AMI - Funchal

Categoria “Parceria Escola HBG - Clube Viver a Vida - AMI”	
Subcategorias	Indicadores
Origem	<p>(...)de uma forma mais informal, nem que seja de passar mensagem, já anteriormente [a 2004/2005] porque tu eras voluntária da AMI e portanto e (...)portanto já havia algum envolvimento”.</p> <p>“2004/2005, terá sido por aí, se bem que, isto de uma forma mais organizada...com estudantes de turmas” .</p> <p>“Nós...e foi por aí que começou, foi as campanhas de angariação de fundos, campanhas de rua, com os voluntários (...) E foi sobretudo por aí, que a AMI sempre contactou o Clube.</p> <p>“no início era só uma coisa mais isolada(...) Agora se calhar já não é bem assim, agora há um conhecimento maior(...) e que tem uma filosofia por detrás, já é diferente, não é uma ação isolada só(...)multiplicaram as coisas que fazem[refere-se à ação do Clube Viver a Vida no passado e no presente]</p>
Relação entre as organizações	<p>“No fundo a relação com a Escola passa pelo Clube (risos).</p> <p>“Passou pelo Clube o contacto mais próximo [com a Escola].</p> <p>“ A nossa relação, vem desse voluntariado (...) das campanhas da AMI e do contacto e depois, mais do que isso, do trabalho conjunto que nasce ou fruto dessa colaboração”</p> <p>“Nós temos o conhecimento da Escola [HBG] e de todo o processo [relativo às campanhas da AMI] “</p> <p>“E de facto, se calhar, pensámos logo na HBG já que temos a ligação mais próxima (...) por causa deste conhecimento com o Clube Viver a Vida, com vocês e também com a direção [a justificar a razão pela qual a AMI escolheu a HBG para dar o curso de socorrismo no funchal]</p> <p>“e eu também expliquei-lhe [ao Dr. Fernando Nobre] o contexto de ser os alunos que iriam participar no peditório, que é o Clube Viver a Vida que participa com a AMI, claro que ele fez questão de ir [à HBG] e de estar naquele bocadinho lá (risos).</p>
Relação AMI/Alunos voluntários	<p>“ eu normalmente reconheço as carinhas [voluntários].</p> <p>“(...)muitas vezes digo “Ah, já vieste no ano passado...”.</p> <p>“Nós vamos dando as instruções, dizemos as orientações, onde devem estar, como é que devem estar”.</p> <p>“(...)tomam um lanchinho, tomam um refresco e acabam por falar um bocadinho e</p>

	falam connosco e nós perguntamos: “Então foi muito difícil?” ou “Correu bem?”
<b>Benefício para a AMI</b>	<p>“há um ver dos resultados e um pensar dos resultados que serve o Clube mas também nos serve a nós [AMI].</p> <p>“As organizações só têm a ganhar também, porque têm ali voluntários”.</p> <p>“Para as organizações, é muito bom ver, o processo todo (.) do perceber da vossa ligação professor – alunos, da dinamização da escola, e de toda a comunidade (...)”.</p> <p>“Isto [o voluntariado] é para ele [voluntário] é bom e para o conjunto todo cívico, porque nós precisamos de pessoas com uma atitude crítica perante as coisas</p> <p>Vocês [Clube Viver a Vida] para nós organizações, excelente, porque vocês fazem esse trabalho e como já fazem um pouco dessa trabalho, a nós poupa-nos imenso.</p> <p>“muitas vezes as organizações não conseguem ter tempo e disponibilidade para depois chegar ao fim e dizer aquele voluntário “Olha, correu bem(...) Vocês [Clube viver a Vida] conseguem às vezes fazer este processo.</p>
<b>Benefício para a escola HBG</b>	<p>“o que nós[AMI] sentimos é que tem [O clube Viver a Vida] uma ação extremamente [carrega na sílaba “tre”] importante na escola, porque tem uma dinamização, como eu disse, muito completa.</p> <p>“Isso [o voluntariado] vai dizer muito até, sobre trabalho que eles vão desempenhar até como alunos da universidade ou depois numa empresa ou num local de trabalho.</p>

Categoria “Perceção global da AMI “	
Subcategorias	Indicadores
Trabalho desenvolvido pelo Clube Viver a Vida	<p>Em relação às campanhas que nós fazemos eu acho que está muito, muito bom ... nem posso pedir mais porque vocês já têm um trabalho imenso, numa ação tão completa vocês fazem o antes- preparação, porque vocês vão às turmas falar, divulgar, fazemos a sessão de exploração no fundo da ação, depois faz-se a ação</p> <p>“os voluntários vêm preparados de outra forma, estão envolvidos de outra forma”.</p> <p>“Vêm [os alunos] preparados para fazer e vêm com essa motivação”</p> <p>“Porque, eu penso que o trabalho que vocês fazem parte, sem dúvida, muito de vocês [coordenadoras], da vossa capacidade de o fazer, e de dinamizar.</p> <p>“mas....acho que vocês [Clube viver a Vida] estão no muito bom caminho. Eu já tenho dado o vosso exemplo [noutras escolas]</p>

Trabalho desenvolvidos pelos alunos voluntários	<p>“Estes miúdos às vezes fazem 3 anos seguidos de peditório [7º, 8º e 9º anos de escolaridade]”.</p> <p>“Porque quando eles vão pedir uma moeda, um donativo para a AMI, sabem que estão a pedir para uma organização que apoia determinadas pessoas que estão nesta situação”</p> <p>“Eles fazem os resultados acontecer, eles participam naquilo [nas campanhas]!”</p>
Pais ou Encarregados de Educação dos alunos voluntários	<p>“Confiam!”</p> <p>“É muito, muito raro... [questionarem sobre as campanhas da AMI] ao longo de todos estes anos foi mesmo muito, muito raro. Mas eu penso que terá a ver também com a confiança, visto que vêm [os alunos] da Escola e do Clube... têm mensagem dos professores, os meninos como estão bem informados...”</p> <p>“Eu penso que os pais devem ter a confiança que é uma coisa organizada e confiam bastante”</p> <p>“já houve um ou outro [encarregado de educação] que percebi que também faz questão que, os miúdos façam isso [voluntariado], que acham muito bem e me dizem “ Acho muito bem, que ele faça estas coisas [voluntariado]”</p>
Direção da Escola	<p>“(…)se também não houvesse, da direção, uma abertura para isso, por mais que vocês fizessem se calhar ia ser muito complicado, não é?”</p> <p>“(…)parece-me que só pode havido também lá [HBG]uma abertura para este tipo de assunto, por parte da direção e que me parece que ao longo dos anos foi evoluindo no sentido de, cada vez mais abertura”.</p>

Categoria “Perceção global do voluntariado”	
Subcategorias	Indicadores
Promoção da cidadania responsável	<p>“de uma forma geral, eles vêm [alunos] com uma postura muito engraçada, já preparados para fazer uma tarefa, vêm com esse senso de responsabilidade”.</p> <p>“Eles sabem que vêm fazer uma missão, a missão do voluntariado e portanto isso ajuda muito.</p> <p>“dá[o voluntariado] um sentido de participação cívica e aos lhe darem esse crédito, que é como quem diz... “Tu tens valor para participar na sociedade, tu tens um papel” isso dá-lhe a eles [alunos] uma grandeza pessoal muito grande”.</p>



	<p>“É bom para toda a gente, é bom para a sociedade, é bom para as organizações que têm de facto pessoas ativas”</p> <p>“eles vêm com uma missão tipo “trabalho”(risos)</p> <p>“esta compreensão de estar no “mundo do trabalho”, digamos assim [voluntariado] e depois voltar à escola, só lhe dá um bocadinho mais de compromisso, de responsabilidade, eles têm responsabilidade de estarem aqui à hora que dizem, de voltarem à hora que dizem”.</p> <p>“esse compromisso dá-lhes responsabilidade e um amadurecimento em termos de comportamento”</p> <p>“Uma vez [a participação do aluno numa primeira atividade de voluntariado], acho que já faz logo diferença, se for uma coisa continuada mais será porque isso a seguir entranha-se no dia-a-dia, não é? no comportamento do dia-a-dia, de mais responsabilização, de mais autonomia, mais independência, criatividade, tudo!”</p> <p>“Muitas vezes digo “Ah, já vieste no ano passado...Uns dizem-me que sim, que já sabem como é!”</p>
Promoção da identidade pessoal	<p>“vêm com uma postura de segurança, não é só em relação ao peditório mas, eles próprios que já participam nisto [peditório] ativamente</p> <p>“desenvolve neles [ o voluntariado] esse sentido crítico”</p> <p>“para a formação da pessoa parece-me muito bom [o voluntariado]!”</p>
Promoção da aprendizagem escolar	<p>“Se eu sou capaz de estar na rua 4 dias a pedir dinheiro para uma organização, também sou capaz de passar em matemática (risos), não é?”</p> <p>“A pessoa está mais bem-disposta, mais participativa, mais ativa, não lhes tira tempo que justifique os estudos, não é?”</p> <p>“As vezes comentam “Tu é que falas inglês” (Risos...)”</p>
Promoção de oportunidades desafiantes	<p>“Alguns [voluntários] dizem: “ Foi, foi ótimo!”. Há aqueles que enquanto não conseguem tudo o que se propuseram não descansam e querem sempre mais...”</p> <p>“Depois há aqueles que “ Foi mais difícil do que eu pensava, falar com as pessoas porque as pessoas nem sempre dão e tiveram de lidar com isso...”</p>

Categoria “Benefícios do voluntariado a nível de competências pessoais e sociais	
Subcategorias	Indicadores
Autoestima	<p>“há o depois que é... receber o certificado”</p> <p>“efetivamente eles tiveram um papel, isso para a autoestima e para a segurança deles... só pode ser bom!”</p>

Autorrealização	<p>“às vezes pedem para fazer mais [mais horas de voluntariado] mas gostam muito e dizem isso que é “Pouco, que devia ser mais”(risos)</p> <p>“eu penso também em mim, foi assim que eu comecei, se nós vimos que temos essa capacidade [proactiva], valorizamos muito mais, então na nossa própria vida então podemos fazer mais”.</p>
Compromisso	<p>“é um voluntário envolvido convosco, com o Clube Viver a Vida (...)e percebe porque é que é voluntário, porque é que está ser voluntário e o que é que vai fazer”.</p> <p>“nota-se que é muito engraçado para eles, que é uma experiência única ´(risos)e depois repetem”.</p>
Comunicação	<p>“também do estar socialmente porque eles estão na rua, eles têm de abordar as pessoas”</p>
Rede social de suporte	<p>“Depois convivem [alunos voluntários] aqui [delegação da AMI] um bocadinho uns com os outros, encontram-se”.</p> <p>“Parece-me que o convívio deles é muito interessante porque eles vão em grupo e vão se ajudando”</p> <p>“uns levam o cofrezinho, outros o autocolante, o outro fala inglês(...)e portanto é um trabalho de grupo</p>
Resiliência	<p>“quando vêm de início é aquela ansiedade, aquele medo que ao saírem daqui têm de enfrentar a rua, os estrangeiros...”</p>
Espírito de iniciativa	<p>“Ora um jovem que vai com este hábito de participar nas atividades na escola em atividades de voluntariado, se calhar adere muito mais facilmente no apoio de atividades deste género [noutras escolas] ”</p> <p>“É uma atitude ativa [ser voluntário], fala-se muito em pessoas ativas...proactivas, tem a ver com isto.</p>
Consciencialização	<p>“Não é a organização AMI, não! Eu pertenço à AMI porque eu estive lá, eu também angariei donativos! E portanto, se aquela organização funciona é também porque eu também pertenço! E isso é espetacular...”</p> <p>“Eles [os voluntários] percebem que estão a influenciar o todo, mas que foram eles, e que tiveram a capacidade dele influenciar o todo”.</p> <p>“trabalha [ o voluntariado] a consciência deles próprios[dos voluntários]”.</p>
Firmeza/segurança	<p>“e nós temos sentido isso, de ano para ano, o voluntário está mais seguro de quem sabe que tem um papel a fazer até porque a pessoa acredita mais em si própria, acredita que pode fazer alguma diferença”</p> <p>“Temos capacidade de mudar a nossa realidade para melhor, de criar, de modificar</p>

	as coisas e portanto dá mais, segurança, mais força”
--	--

Categoria “Impacto geral do voluntariado	
Subcategorias	Indicadores
Impacto centrado na pessoa do voluntário	<p>“para eles é perfeitamente natural, têm a sua atividade profissional mas aliam isso a uma participação cívica de alguma forma”</p> <p>“Se hoje eu sou assistente social foi porque pelo que vi na AMI e que me tocou e pelo voluntariado que eu fiz lá” [Testemunho de uma ex aluna dado à Dra. Helena]</p> <p>“o problema, é que encontram[os alunos] um vazio quando saem do 9º ano e, ou conseguem já se auto-organizarem entre eles em grupo, ou torna-se difícil”</p> <p>“independentemente de fazerem voluntariado na AMI ou não, continua essa atitude, de participação e de querer fazer coisas (...) é natural, passa a ser natural porque como foi pelo crescimento a dentro”</p>
Impacto centrado nos contextos de realização do voluntariado	<p>“Também houve um caso, que também veio da HBG, que tinha já feito voluntariado e que esteve no liceu [Escola Secundária Jaime Moniz] na altura até nos contactaram para fazer uma ação no liceu e até nós darmos ideias, para ver como é que íamos ou não fazer.... Isto já é uma auto - organização dos alunos, sem professores [envolvidos].</p>
Impacto centrado no contexto da organização escolar	<p>“Também houve um caso, que também veio da HBG, que tinha já feito voluntariado e que esteve no liceu [Escola Secundária Jaime Moniz] na altura até nos contactaram para fazer uma ação no liceu (...) Isto já é uma auto - organização dos alunos, sem professores [ex alunos da HBG que apesar de estarem noutra escola, tomaram a iniciativa de irem à AMI pedir a colaboração para a elaboração de um projeto]</p> <p>“é muito bom haver um núcleo de professores e uma abertura por parte da escola toda, que as coisas aconteçam e que valorizem, valorizem esse trabalho.”</p>

Categoria “Propostas e sugestões”	
Subcategorias	Indicadores
Contexto das organização Escolar	<p>“na nossa parceria podemos eventualmente... é nós [AMI] darmos de alguma forma mais também à escola ...”</p> <p>“não sei...de irmos nós também lá[escola HBG] fazer alguma coisa ou as sessões ou o que for, também podemos colaborar”</p> <p>“sensibilização à população, plantação de árvores, manutenção, passeios na serra, há aí muita coisa que ainda se pode explorar”</p> <p>“depois de vocês também ajudarem na angariação de jovens da Escola para estarem</p>

	<p>presentes nestas coisas[projeto de Primeiros socorros que tende a avançar na RAM com a colaboração da AMI]. “</p> <p>“criarem [As escolas] uma ligação entre estes meninos que saem na HBG e entram para o liceu Jaime Moniz”</p> <p>Da nossa parte sim! (risos) [continuar a parceria entre a HBG e a AMI]</p>
--	--

## Anexo 8 - Carta/ Historial 1 - Clube Viver a Vida - Professora Diva Castro

Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia

### *CLUBE VIVER A VIDA*

O **Clube Viver a Vida** surgiu no ano letivo de 2004/2005, sendo a mentora deste projeto a professora Alda Matos.

Quando a professora Alda manifestou a vontade em criar um clube, convidou duas colegas para formarem o *Clube Viver a Vida* na escola, tendo estas anuído de imediato.

As três professoras, Alda Matos, Diva Castro e Sílvia Gomes abraçaram este projeto, o qual foi submetido e aprovado pelo Conselho Pedagógico.

A finalidade inicial para a fundação deste clube na escola foi a criação de um espaço de convívio entre alunos de turmas e anos diversos, levando-os a interagirem uns com os outros e permitindo-lhes desenvolver atividades de animação para as festas letivas.

Inicialmente, os objetivos do Clube Viver a Vida foram colaborar com a escola em eventos festivos, através de espetáculos coreografados, sob orientação e supervisão destas docentes.

Este Clube recebeu o convite para participar num espetáculo de Natal no Colégio de Santa Teresinha.

Passado algum tempo, o Clube Viver a Vida foi convidado para divulgar e participar num evento solidário, organizado pela AMI nas ruas do Funchal, que contou com a participação de algumas dezenas de alunos e duas professoras do clube.

Posteriormente, este projeto foi-se dilatando com as várias propostas que foram surgindo, umas por iniciativa das professoras do clube, outras por convite/ sugestões de várias entidades.

As finalidades tiveram de ser modificadas, atendendo à crescente necessidade de ajuda que se fazia sentir, surgindo outra finalidade para este Clube, que era ajudar os mais desfavorecidos e desprotegidos.

Foi necessário ampliar os objetivos iniciais a outros, mormente: Reconhecer a importância das instituições e o seu papel em prol dos necessitados e/ou desprotegidos; promover iniciativas que têm como finalidade apoiar as pessoas carenciadas; promover o voluntariado e o espírito de solidariedade, sensibilizando os alunos e restante comunidade educativa para a necessidade de melhorar a qualidade de vida dos mais necessitados; assim como promover os direitos humanos e os dos animais.

Este trio manteve-se cerca de sete anos letivos. A professora Sílvia Gomes, saiu do projeto, em virtude de ter sido convidada para membro da Direção Executiva, sendo substituída pela professora Maria José Martins, no ano letivo de 2006/2007. Os objetivos alteraram-se a partir das diversas colaborações deste clube em eventos extra escola, e houve o emergir do objetivo mais importante deste Clube: consciencializar os alunos para os problemas que as pessoas desfavorecidas tinham e no modo como poderiam ajudar a minimizar esses efeitos nefastos; fomentar a solidariedade entre todos os alunos e, posteriormente, propagá-la a toda a Comunidade Educativa.

Este objetivo já se encontra concretizado, pois desde há dois anos que temos alunos, encarregados de educação, pessoal docente e não docente a participar nas várias campanhas que o Clube promove. A título de exemplo, referimos a participação deste clube nas campanhas deste ano letivo: peditório de rua, organizada pela AMI (outubro e maio); recolha de bens e produtos em superfícies comerciais (Pingo Doce), organizada pela Cáritas (maio e dezembro); peditório de rua, organizada pela Liga Portuguesa Contra o Cancro; campanha subordinada ao lema/tema “Dê uma Tampa à Diferença” (recolha de tampas para entrega na Associação de Deficientes da Madeira para converter as tampas em cadeiras de rodas e outros materiais necessários às pessoas com deficiência motora); divulgação e participação de alunos de atividades na Juventude Hospitaleira (Casa de Saúde Câmara Pestana); recolha de bens e produtos em superfícies comerciais (Pingo Doce), organizada pelo Banco Alimentar Contra a Fome; divulgação e participação na 1ª Marcha Regional Contra a Fome e a Pobreza na Madeira (outubro), sob a chancela das *Mãos Unidas do Padre Damião*; campanha e participação do Clube da nossa escola na atividade *Um Dia pela Vida*, promovida pela Liga Portuguesa Contra o Cancro, na Madeira (Funchal); passeio e venda de artigos para recolha de fundos desta campanha.

Este clube organiza e distribui, duas vezes por ano, cabazes para as famílias mais desfavorecidas dos alunos da nossa escola, através de parcerias com a Cáritas e, atualmente, com o Banco Alimentar Contra a Fome.

O Clube promove o Natal Solidário entre os alunos, docentes e não docentes da HBG (doação de alimentos, peças de vestuário e produtos de higiene).

Aquando do temporal do 20 de fevereiro, este clube levou a efeito várias campanhas de solidariedade, sensibilizando os jovens para colaborarem nas diversas campanhas quer estavam a ser desenvolvidas no Funchal.

Este Clube tem promovido vários eventos nesta escola, mormente: Natal Mais Feliz na nossa escola; Dia do Pai; Dia da Mãe; Dia da Família; Dia de Portugal; Dia dos Namorados, passando posteriormente para o Dia da Amizade; Missas do Parto (divulgação, sensibilização e criação de momentos musicais. Estes eventos contaram com a presença de vários convidados e colaboração de clubes da escola.

Relembro que este clube também organizou várias “romarias escolares” ao Curral das Freiras, para assistirmos à missa do Parto aí celebrada pelo nosso colega José Fiel, pároco desta freguesia, tendo esta atividade se alterado, aquando da sua transferência para a Igreja de S. Pedro, no Funchal.

Este Clube promove há quatro anos os Cursos de Formação na área do voluntariado, assim como vários cursos ligados à área do socorrismo.

Os animais também não poderiam ser esquecidos, mormente através de campanhas para a SPAD e PATA, entre outras instituições, em que alunos se voluntariaram por estas causas.

Este Clube realizou durante vários anos letivos, em finais do terceiro período, uma campanha subordinada ao tema “Uma moeda por uma causa”, com a finalidade de obter verbas para ajudar diversas instituições de solidariedade da Madeira (5 instituições - cada ano escolar corresponde a uma instituição). Esta atividade não se realizou este ano letivo, em virtude da conjuntura atual de crise e das diversas participações em que a HBG esteve envolvida.

Todas as campanhas e atividades promovidas pelo *Clube Viver a Vida* são difundidas na página Web da nossa escola e no *Divulgador* (Revista da nossa escola). Saliente-se ainda que, todas as atividades propostas

por este Clube, têm contado sempre com a receptividade e autorização da Presidente do Conselho Executivo, da preciosa colaboração da Comunidade Educativa e da valiosíssima cooperação do grupo de Educação Musical que dá “música” às atividades diversas, sem esquecer a graciosidade das diversas coreografias que as alunas da Professora Lanete emprestam aos espetáculos promovidos por este Clube.

No que concerne às dificuldades sentidas pelos membros deste clube, destacamos a indisponibilidade financeira que nos impede, a nós, professoras do Clube, de socorrer de imediato as famílias dos alunos mais desfavorecidos da nossa escola, que nos procuram com situações deveras inquietantes, nomeadamente: ausência de produtos alimentares em casa; falta de verbas financeiras para despesas com o seu educando (passe e/ou cartão de lanche e/ou almoço) e/ou ter dificuldades económicas para pagar as contas da água e/ou eletricidade e/ ou gás, ou para pagar a reposição desses serviços; ter problemas de saúde: cáries (tratamento dentário); falta de vista (consultas e / ou óculos) – a maioria destes problemas advém do desemprego, havendo grande número de agregados familiares em que ninguém da família está empregado. Pelo atrás exposto, é natural que o número de famílias a apoiar esteja a aumentar, ampliando deste modo a nossa lista de casos de pedido de ajuda.

Outra situação que também nos aflige é o facto de não possuímos um espaço próprio na escola, onde pudéssemos guardar os donativos e fazer as reuniões com os alunos ou elementos convidados. Salientamos que a escola está sempre receptiva a colaborar connosco, mormente na cedência de um espaço para guardar os produtos angariados e na distribuição dos mesmos, mas a distribuição tem de ser feita num período pós letivo, para não perturbar o normal funcionamento da escola. O transporte dos produtos doados também se revela problemático, atendendo às quantidades solicitadas.

Inicialmente as professoras do Clube deslocavam-se nas suas viaturas para transportar os produtos, mas como a quantidade dos mesmos aumentou, tornou-se complicado de o fazer. Assim, o Clube passou a contar com a preciosa colaboração de um elemento da Direção Executiva - o professor Carlos Mendonça – no que concerne ao transporte dos produtos oferecidos e destinados à distribuição pelas famílias mais carenciadas da nossa escola. Após a receção dos mesmos, as professoras deste clube e alguns voluntários procedem à elaboração dos cabazes, para posterior distribuição e entrega. As docentes deste clube tudo fazem para tentar ajudar essas famílias, quer seja através das diversas parcerias que são estabelecidas com instituições e empresas, ou a expensas próprias.

Assinale-se que o tempo despendido para a concretização das campanhas é muito superior àquele que lhes foi atribuído, já que as atividades suplementares deste clube exigem muito mais disponibilidade e empenho da parte das professoras envolvidas que, no verdadeiro sentido da solidariedade, atendendo a que as professoras do Clube Viver a Vida têm horários diversos e só com muita boa vontade é que é possível conjugá-los.

Finalizo este texto com a expressão que melhor espelha o que é, para mim, a definição da solidariedade: “A solidariedade é o sentimento que melhor expressa o respeito pela dignidade humana”. (Franz Kafka)

*12 de julho de 2013*

*Díva Castro*

## Anexo 9 - Carta/ Historial 2 - Clube Viver a Vida - Professora Maria José Martins

Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia

### CLUBE VIVER A VIDA

#### Testemunho

O convite para fazer parte do Clube veio das professoras que o representavam, Alda Matos, Diva Castro e Sílvia Gomes, que estava de saída para integrar o Conselho Executivo.

Desde o ano letivo 2006-2007, em que passei a membro do Clube, tenho tentado contribuir para a prossecução dos seus objetivos, na promoção de valores tão caros ao ser humano como a solidariedade, o amor, a amizade, a justiça, a coragem, a vida, coorganizando as atividades constantes do plano anual do Clube e da Escola.

A tarefa do Clube tem sido realizada com bons resultados, pois tem despertado na comunidade educativa um interesse crescente pelo trabalho desenvolvido e um reconhecimento de que a formação para os valores é extremamente relevante na formação dos jovens, tal como se tem verificado pelo peso que a própria legislação lhe tem atribuído.

Assim, todas as atividades organizadas envolvem os nossos alunos não só como participantes ativos, mas também como beneficiários dessas mesmas ações. Exemplo concreto disso é a participação de dezenas de alunos nos peditórios promovidos por associações/instituições de solidariedade, às quais o Clube se associa, e que, muitas vezes, se tornam eles próprios recetores do apoio prestado por essas associações/instituições. Com efeito, é de salientar o facto de os nossos alunos voluntários terem um espírito altruísta deveras significativa, pois muitas vezes abdicam do seu tempo de estudo ou de convívio com os amigos/familiares para participarem nas ações de solidariedade promovidas pelo Clube. O mais gratificante é saberem que o prémio a receber por essas ações é apenas o sorriso nos seus rostos e o reconhecimento do dever cívico cumprido.

Convém, no entanto, referir aqui algumas das **dificuldades** sentidas pelas professoras do Clube: em primeiro lugar, a falta de mais tempo em comum para poderem se dedicar ainda mais às crescentes solicitações que o Clube tem recebido; em segundo lugar, a falta de recursos financeiros que pudessem ser canalizados para as várias situações de carência que vão ocorrendo ao longo do ano letivo e que mereciam uma resposta rápida e eficaz. A conjuntura social atual reflete-se em muitos agregados familiares dos nossos alunos, sobretudo o desemprego, o que exige do Clube uma ação mais imediata, que nem sempre é fácil de concretizar. Ainda assim, em situações mais emergentes, recorre-se às parcerias com algumas associações/instituições ou a pequenas ações de solidariedade promovidas junto dos professores e funcionários da escola.

14 de julho de 2012,

Maria José Martins





### Cooperação entre o Clube Viver a Vida da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia e a Cáritas Diocesana do Funchal

A cooperação entre a Cáritas e o Clube Viver a Vida, iniciou-se no ano de 2004, com o pedido de colaboração da Cáritas Diocesana do Funchal, para que os alunos participassem no peditório público deste Organismo Oficial da Diocese do Funchal que se realiza por altura da Semana Cáritas (Fevereiro ou Março). Este pedido visava não só possibilitar voluntários para a acção em si mesma, mas também alertar os alunos para a solidariedade através desta experiência de participação e contacto directo com a população.

Com o decorrer dos anos, esta experiência alargou-se para as Campanhas de Recolhas de Alimentos que a Cáritas Diocesana organiza duas vezes por ano, em todas as superfícies Pingo Doce da RAM. Consideramos que esta é uma experiência ainda mais rica que o peditório público, uma vez que os resultados são mais visíveis para os alunos, tratando-se de bens alimentares de primeira necessidade que a todos afectam no dia-a-dia, o que torna o assimilar da acção solidária muito mais fácil, directa e concreta; sobretudo com o agravar da crise económica que o País atravessa, esta cooperação é extremamente frutuosa, não só em termos de resultados, como em termos de sensibilização dos alunos. Por outro lado, esta Instituição, faz questão de emitir um certificado de voluntário, não só como forma de agradecimento, mas também para que o aluno participante, possa juntar ao seu curriculum, sendo que esta prática é comum noutros países e cada vez mais, irá ser integrada no nosso e contará para o acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho.

Em cada Campanha, a HBG tem participado com 50 a 60 alunos, aproximadamente.

Também pouco a pouco, a Escola, dando-se conta de alunos, cujas famílias tinham grandes carências económicas, solicitou à Cáritas, através do Clube Viver a Vida, apoio em cabazes alimentares. Neste aspecto, foram acordados procedimentos, de forma a estabelecer de modo equitativo, um número de cabazes a atribuir, após cada Campanha de Recolha de Alimentos, a famílias de alunos carenciadas.

A cooperação poderá e deverá continuar nos mesmos moldes e até de uma forma mais alargada no futuro, com sessões de formação, abordando temas respeitantes ao exercício de uma solidariedade responsável, actividades de Verão, etc.

A Gestora de Projectos  
  
CÁRITAS DIOCESANA DO FUNCHAL  
Cristina Manuela Barbeito  
Telef. 291 743 331  
9000-206 FUNCHAL

## Anexo 11 - Entrevista feita pelo Clube Viver a Vida ao jovem responsável a nível Regional do Movimento Juventude Hospitaleira, JH

Publicação na revista da escola HBG - "O divulgador" Nº 21- Set., Out., Nov., Dez 2012 e Jan. 2013

### JUVENTUDE HOSPITALEIRA E ESCOLA DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA – uma parceria perfeita a nível do voluntariado!

"Entrevista dada pelo André Teixeira - responsável pela Juventude Hospitaleira/Madeira.

#### 1- O que achas da parceria HBG - JH que vem acontecendo mais intensamente nestes últimos tempos?

Muito boa. Além de ser uma forma de dar a conhecer aos jovens o Carisma da Hospitalidade, é também uma forma dos jovens terem um contato mais próximo com pessoas que sofrem diariamente com o problema que é a Saúde Mental, além do estigma impingido pela nossa sociedade. Agradamos a enorme ajuda que os jovens da HBG dão quando da sua visita ao mesmo tempo que contribuímos para o seu crescimento como pessoas.



#### 2- Como que comportam /envolvem os nossos jovens nas atividades?

Comportam-se sempre muito bem. Estão sempre dispostos a ajudar as pessoas que encontram nas nossas Casas e mostram muita vontade e empatia.

#### 3- Há uma boa relação entre os alunos da HBG e os utentes da Casa e com os funcionários?

Sendo estes alunos jovens, e indo com o espírito de ajudar e ser voluntários, o seu simples sorriso ou até presença, é o suficiente para que os utentes fiquem extremamente felizes! Os funcionários ficam também, claro, satisfeitos por mais aquela ajuda que vem facilitar o seu trabalho e dar-lhes tempo para se dedicarem ainda mais às pessoas que acompanham.

#### 4- O que fazem de concreto os jovens da HBG quando participam nas atividades da Juventude Hospitaleira?

Os jovens fazem diversas atividades, tanto em grupo como até nas unidades. Privilegiamos claro o Serviço nas Unidades, mas a Oração é também algo que é indispensável todos os dias que lá passam. Depois claro, os momentos de convívio que eles tanto gostam, estão presentes. Um dos objetivos da JH é também a parte formativa, pelo que os jovens têm momentos de Formação, a nível Humano, Espiritual e até de Patologias presentes nas instituições para um melhor Serviço. Existem também momentos de Reflexão que ajudam ao crescimento dos jovens. São também eles que tratam das limpezas dos espaços, das refeições (não, eles não cozinham!), de preparar algumas atividades, etc.

#### 4- Os alunos da HBG fazem novos amigos nestas atividades? De que forma?

Fazem amigos, sem dúvida. Pessoalmente, conheci alguns jovens desta escola que se tornaram grandes amigos para mim. A partir do momento que participam numa atividade, podem desde início ter a certeza de viver momentos intensos, maioritariamente no Grupo. Através das atividades desenvolvidas há espaço para conhecer-se uns aos outros e criar uma relação que, ao terminar a atividade, se prolonga pelo seu dia-a-dia.

#### 5- Que diferenças observas num jovem desde o momento em que entra na instituição para fazer voluntariado até o momento em que vai para casa?

Em cerca de 99% dos casos, os jovens saem completamente diferentes de quando entraram. Ficam com uma nova noção da Saúde Mental e, a partir do momento que visitam as unidades, passam a valorizar mais o que têm. Ficam com a percepção do que é o mundo real, do que sofrem aquelas pessoas, e essencialmente de que o "pouco" que têm, se comparado com aquelas pessoas, é MUITO. Ganham um novo sentido de responsabilidade, passando quase sempre a ajudar mais em casa ou na escola. Deixam parte das futilidades de fora para passarem a valorizar as mais pequenas coisas que a vida lhes dá. Passam também a conhecer Jesus Cristo e levá-lo presente na sua vida, praticando os valores que o Próprio nos deixou. Muitos foram os pais que já me ligaram a agradecer o facto de os seus educandos participarem nestas atividades pois sentem logo uma diferença positiva.

#### 6. O que aconselhas aos jovens da HBG que ainda não participaram nas atividades da JH?

Existem muitos argumentos que poderia dar, mas vou ficar-me pelo desafio e pelo testemunho... Muitos jovens nessas idades gostam de desafios... Andam de skate, fazem downhill, rappel, aventuras à noite, etc. Mas, e que tal experimentarem algo tão diferente e RADICAL como a Juventude Hospitaleira?? Garanto que não vão esfolar os joelhos, nem tremer de medo, nem muito menos passarem maus momentos. Posso garantir que irão tornar-se melhores pessoas do que são agora. Ião dar mais valor à vida que têm e ficar mais preparados para o dia de amanhã. Passarão a conseguir enfrentar os vossos problemas de outra forma, a serem lutadores! Arriscam-se claro, a não conseguir deixar de voltar a fazer mais e mais atividades, mas isso é já comum entre tantos outros jovens como eu! Hoje agradeço a quem me levou pela primeira vez a este grupo, por todas as experiências que já vivi e partilhei sei que sou uma pessoa melhor, corajoso e com uma enorme capacidade de amar o meu próximo!

8

Achas que radical é fazer bungee jumping? Não, porque isso são 2 minutos de adrenalina, e isto, a partir do momento que experimentares, é para o resto da tua vida! Como tenho o hábito de dizer, ser Hospitaleiro é, para mim, um estilo de vida!

**7. Que conselhos darias aos pais dos jovens que já tiveram o prazer de fazer voluntariado na JH e aos que nunca fizeram?**

Aos pais dos jovens da HBG que já fizeram voluntariado penso que pouco haverá a dizer pois certamente já notaram as diferenças nos vossos filhos. Continuem a apoiar a sua participação nas atividades!

Quais são os pais que não querem o melhor para os seus filhos? Ou que não fazem de tudo para que eles tenham o melhor possível na vida?

Pois bem, esta é uma das formas de ajudá-los, de marcar a diferença! Aconselho a que os incentivem, que impulsionem estas atividades. Que percebam a importância destas experiências e os bons resultados que poderá trazer aos vossos filhos. Se querem o melhor para eles, a Juventude Hospitaleira poderá ajudar em muitos aspetos! Eu tenho a certeza que, um dia que tenha os meus filhos, querer desde cedo colocá-los neste movimento pois tenho a certeza, pela minha experiência pessoal, que se tornarão melhores pessoas no futuro.



**8. Uma palavra à nossa Presidente do Conselho Executivo, mestre Fátima Teles.**

Uma palavra de agradecimento por apoiar esta iniciativa do Clube Viver a Vida. É de louvar que o faça e que continue a impulsionar. Esta é também uma forma de educação e acredito que os resultados estão à vista. Agradeço em nome da Juventude Hospitaleira da Madeira por esta "parceria"! Mostro-me desde já disponível para qualquer possível apoio à vossa Escola que possa ser prestado, e deixo a certeza e o desejo de continuar com estas iniciativas.





## Anexo 12 - Notas de campo/Memorandos

### Notas de campo/Memorandos

Nº	Data	Local	Hora	Ocorrência
1	04.01.2013	HBG	8.00	Neste meu primeiro dia de aulas do ano 2013, convidei na aula de Ciências Físico Químicas todos os alunos que tinham participado na atividade organizada pelo Movimento Juventude Hospitaleira a virem à frente da turma para darem o seu testemunho sobre a experiência que tinham vivido durante 5 dias na Casa de Saúde Câmara Pestana. Os alunos voluntários aceitaram o meu desafio e testemunharam a sua experiência. Toda a turma manteve-se em silêncio ao ouvir as suas profundas e sentidas palavras.
2	04.01.2013	HBG	10.30	Convidei a aluna Bárbara Henriques a vir à frente da turma dar o seu testemunho relativamente à experiência que tinha vivido na Casa de Saúde de Câmara Pestana durante um dia. A aluna esteve cerca 30 minutos a falar para a turma. Eu ia colocando algumas questões e a aluna ia respondendo e desenvolvendo. Confessou que o seu desejo era ser médica e que embora tivesse algum receio de fazer voluntariado numa Casa de Saúde, tentou ultrapassar este obstáculo, porque quer muito no futuro concretizar o seu grande sonho de ser médica. Estava visivelmente feliz por ter conseguido vencer este desafio! Contou ainda, perante a turma um episódio que se tinha passado em casa quando chegara da atividade de voluntariado: “A minha mãe tinha me pedido para ir ao supermercado comprar coco para fazer um pudim”. Ela disse perante os seus colegas que tinha respondido à sua mãe: “Estou muito cansada e não me apetece ir mas depois do que eu vi hoje, não consigo negar-te este pedido!” Noutra altura, teria dito à minha mãe para esperar”. A turma permaneceu em silêncio. Senti uma enorme vontade de chorar, pois percebi que as palavras da Bárbara eram das puras e sentidas. Senti-me muito feliz pela Bárbara ter vivido e sentido sentimentos tão bonitos na Casa de Saúde.
3	07.01.2013			Recebi, por email, o testemunho escrito da Mariana sobre a sua primeira experiência de voluntariado na Casa de Saúde Câmara Pestana.
4	08.01.2013	HBG	8.00	Passei pela turma 9º7. Os alunos estavam sentados por baixo da escada do 1º andar da escola. Cumprimentei-os e perguntei se

				<p>tinham gostado da atividade de voluntariado. Foram muito simpáticos e apontaram logo para a colega Diana (uma das voluntárias mais interessadas e assíduas). Disse-lhes para se prepararem porque o Carnaval estava próximo o que significava que teríamos brevemente uma atividade de voluntariado da Juventude Hospitaleira. Despedi-me deles e fui dar a minha aula.</p>
5	08.01.2013	HBG	15.35	<p>Encontrei o Márcio no recreio. Este aluno tinha me dito que queria participar na JH/Natal Hospitaleiro mas não compareceu na atividade. Este ao me ver e, a título de brincadeira tapou a sua cara com a mão, reconhecendo que tinha agido mal e que eu provavelmente estaria chateada com ele, pelo facto de ter faltado à atividade de voluntariado do Natal, JH. Decidi não interrogá-lo naquele momento. Sorri e passei sempre.</p>
6	08.01.2013	HBG	17.30	<p>Encontrei novamente o Márcio. Questionei-o sobre esta questão de ter faltado à atividade de voluntariado do Natal. O aluno disse-me que o pai não lhe tinha dado autorização para participar. Admirada questionei: "Mas a tua mãe tinha autorizado!". O aluno respondeu: "Mas o meu pai disse que eu não podia ir!" Não quis insistir mais na conversa. Preferi averiguar o assunto junto da diretora de turma do Márcio. Dei-lhe um sorriso, pus-lhe as minhas mãos nas suas costas e despedi-me.</p>
7	09.01.2013	HBG	9.45	<p>Encontrei na sala de professores, a mãe da voluntária Mariana, minha colega. Ela falou-me da sua filha, minha aluna e da nova atitude da filha depois de ter participado na atividade de voluntariado do Natal. Reconheceu que a filha estava muito diferente, mais sensível, mais humana, obediente, compreensiva, clama facto que segundo a minha colega, tem deixado o pai muito admirado. Disse-me ainda que, a filha ao deixar o local onde fez realizou a atividade de voluntariado que veio em todo o caminho a falar e não se calava de maneira nenhuma. Segundo a mãe, quando se encontrou com o pai, voltou a contar tudo de novo. Segundo a mãe, no dia que saiu disse aos pais que já tinha saudades dos meninos da instituição e que desejava voltar lá brevemente. A mãe da Mariana mostrou-se muito contente e super orgulhosa da filha ter participado nesta atividade. Disse-me mesmo que esta tinha sido a experiência que tinha transformado a filha. Vi várias vezes esta mãe, a contar a colegas, a experiência da sua filha.</p>
8	10.01.2013	HBG	14.00	<p>Encontrei a diretora de turma do Márcio e perguntei-lhe se ela sabia, porque razão o Márcio não tinha comparecido à atividade</p>

			do Natal – “Natal Hospitaleiro”, organizado pela Juventude Hospitaleira. Repeti o que o Márcio me tinha dito. A diretora de turma disse-me que provavelmente esse argumento do Márcio era mentira. Explicou-me que o Márcio era um aluno muito inseguro e que de vez em quando desistia dos seus compromissos.
9	13.01.2013		O André Teixeira, jovem responsável pelo Movimento Juventude Hospitaleira a nível Regional, respondeu-me a algumas questões que lhe tinham enviado por email relativas à participação dos nossos alunos voluntários nas atividades dinamizadas por eles, JH.
10	13.01.2013		Reencaminei a “entrevista” cedida pelo André Teixeira para a minha colega, responsável pela revista “Divulgador” da escola para publicá-la na íntegra na próxima edição.
11	... . 01.2012		A aluna Diana veio ter comigo e mostrou-me um recorte de Diário, onde ela aparecia num atividade de voluntariado. A aluna estava muito feliz!
12	19.01.2013	HBG	A professora Patrícia Lopes veio ter comigo e disse-me que a aluna Diana tinha dado um excelente testemunho de voluntariado e segundo a professora ela afirmou perante a turma que passou a ser mais feliz desde o momento que começou a fazer parte das atividades de voluntariado. A professora sabendo que eu estava a fazer o mestrado nesta área, recomendou que não me esquecesse desta aluna aquando do momento das entrevistas.
13	22.01.2013	HBG	O aluno Márcio veio ter comigo para falar no voluntariado da Juventude Hospitaleira. Confessou-me que adoraria participar os 3/4 dias na atividade de Carnaval mas que o seu pai não o deixava dormir na instituição. Perguntei-lhe se queria que telefonasse ao pai para conversar com ele. O aluno respondeu que sim. Decidi antes de agir e falar com a diretora de turma do Márcio.
14	22.01.2013	HBG	Encontrei a DT do Márcio e falei-lhe do problema do Márcio, de querer participar na atividade de voluntariado do Carnaval mas que o pai não autorizava que o filho dormisse fora de casa. A DT disse-me que para o Márcio participar 3 ou 4 dias no voluntariado seria excelente já que se tratava de um aluno inibido, tímido, reservado e que precisava de algo que o incentivasse e que o retirasse de casa, já que passava muito tempo sozinho.

			Disse-me ainda que o aluno Márcio precisava de comunicar mais e que esta atividade era a ideal para ele. Combinou-se então que a DT ia falar com o aluno e que se este achasse boa ideia, ela própria iria falar com o pai ou por telefone ou pessoalmente no local de trabalho do pai.
15	22.01.2013	Cantina da HBG	Encontrei a aluna Tatiana na cantina e perguntei-lhe se ela ia participar na atividade de voluntariado de Carnaval. A aluna respondeu-me que sim e que ia sozinha.
16	25.01.2013		Recebi um telefonema da RTP/Madeira de uma mãe de uma aluna da Escola que eu lecionava a me convidar para participar no programa "Madeira Viva". Segundo esta mãe, recebeu em casa uma divulgação da Atividade de Voluntariado de Carnaval, achou muito interessante e queria o meu testemunho. Perguntei-lhe se podia convidar a irmã Fernanda da Casa Câmara Pestana para me acompanhar ao que ela concordou.
17	29.01.2013		Particpei no programa da RTP/Madeira "Madeira Viva".
18	01.02.2013	Casa	Enviei email para os alunos voluntários da HBG a dar-lhes conhecimentos sobre a Atividade de voluntariado de Carnaval – Carnaval Hospitaleiro. Enviei também neste dia a mesma informação e uma slide de divulgação para o meu colega Martinho da disciplina de ITIC para ele colocar na página da Escola e promover a atividade.
19	04.02.2013	Casa	Enviei mensagens via telemóvel para todos os filhos, nossos alunos, das famílias carenciadas da nossa escola e que recebem ajudar a nível de alimentos por parte do Clube a convidá-los a participar na atividade de voluntariado do Carnaval.
20	05.02.2013	HBG	Encontrei no corredor a professora Valentina que me disse que uma mãe de uma aluno seu, tinha lhe telefonado a dizer que tinha recebido uma mensagem do Clube Viver a Vida e que gostava muito que o seu filho participasse na atividade de voluntariado de carnaval.
21	05.02.2013	HBG	Ao divulgar a atividade de voluntariado de Carnaval na turma 8º8, a professora Paula perguntou no meio da aula se também podia participar. Disse-lhe que sim mas noutro evento já que aquela atividade era dedicada aos jovens.

---

22	13.02.2013	HBG	O Clube Viver a Vida numa das suas reuniões semanais, colocou a possibilidade de organizar uma visita de estudo á Casa de Saúde Câmara Pestana. Pensou em convidar para estas atividade todos os professores que estavam a colaborar com o Clube e a enviar voluntários para as atividades de voluntariado desta casa de saúde. A possibilidade de convidarmos funcionários também foi referida.
23	01.03.2013		A professora Lícia de Inglês, veio ter comigo na Escola e convidou-me para ir à sala divulgar a atividade de voluntariado relativa á Páscoa – Páscoa Hospitaleira já que o tema do voluntariado tinha toda a pertinência na matéria que estava a lecionar.
24	Na semana de 25.02.2013 a 01.03.2013		Enviei um email para todos os diretores de turma, a dar conhecimento da Atividade de voluntariado da Páscoa – Páscoa Hospitaleira.
25	05.03, 2013		O aluno Márcio veio ter comigo na Escola e disse-me que gostava muito de ir à JH – Páscoa mas eu não podia. Perguntei-lhe o porquê. Depois de muito insistir com o aluno, disse-me que o pai não deixava pelo facto de ter de passar 4 noites na instituição Casa Câmara Pestana. Perguntei-lhe se queria que telefonasse ao seu pai ao que o aluno respondeu afirmativamente. De seguida, telefonei ao pai e depois de uma conversa esclarecedora o pai autorizou a participação do Márcio. O aluno ficou muito contente com a decisão do pai e prontificou-se nesse momento para fazer a sua inscrição online na atividade da Páscoa. O aluno acabou por participar efetivamente na atividade e publicou as fotos que lá foram tiradas no seu <i>facebook</i> .
26	26.04. 2013		Falei com a diretora de turma sobre o Márcio e ela confessou-me que a melhor coisa que poderia ter acontecido ao Márcio foi ele ter participado nas atividades de voluntariado. Revelou que o Márcio estava mais feliz, mais extrovertido. Confirmei estas afirmações e disse à DT que o tinha visto com gel no cabelo. A professora confirmou que sim, que ele estava muito diferente e agradeceu a ajuda que o Clube estava a dar a este aluno. Pediu que independentemente de ele sair da escola, que eu tentasse sempre prestar ajuda a este aluno e que não o abandonasse.



		Sorri e disse que não se preocupasse.
27	05.06, 2013	Uma das coordenadoras do grupo de formação da HBG publicou no placar da escola duas vagas para o curso de socorrismo a decorrer em junho na nossa escola. Decidi convidar a professora Idalina, diretora de turma de uma turma muito complicada e um dos seus alunos, o Igor – aluno problemático em termos de comportamento e atitudes e que corria o risco de chumbar o ano. Tanto a professora como o aluno aceitaram o desafio e frequentaram o curso. O Clube decidiu oferecer um lanche reforçado ao Igor nos dias do curso, já que as sessões eram durante a semana entre as 19h e as 22h. Telefonei à mãe a explicar a situação e a pedir a autorização para a frequência do aluno no referido curso. A mãe ficou muito contente pelo facto da Escola lhe estar a dar esta oportunidade.
28	12.06, 2013	Nas aulas de Educação para a Sexualidade, aproveitei uns momentos para perguntar ao Igor como estava a decorrer as aulas e o que tinha aprendido. O aluno mostrava-se interessado, orgulhoso e empenhado e fazia as demonstrações em frente da turma. Chegou também a mostrar o dossiê que os formadores da AMI lhe tinham oferecido.
29	02.07, 2013	Falei com a Dra. Helena da AMI que me disse que o Igor tinha se portado muito bem no curso e que devido ao seu interesse, empenho e nota no teste prático que iria receber a cartão de socorrismo. Inicialmente a AMI ponderou apenas entregar o certificado de participação uma vez que o Igor tinha apenas 15 anos.
30	03.07, 2013	O Clube Viver a Vida reuniu-se com a Presidente da Direção Executiva da Escola e colocou a possibilidade do Igor participar na cerimónia de receção de diplomas. A ideia era que o Igor fosse receber o seu cartão de socorrista juntamente com os alunos que, pelo facto deterem tido excelentes notas, iriam para o “quadro de honra”. Para além destes alunos brilhantes a nível cognitivo, o clube também fará a entrega dos diplomas de participação a um grupo de voluntários em representação de todos aqueles alunos que durante esse ano letivo participaram nas campanhas de voluntariado. A Presidente Fátima Teles, concordou com a proposta do Clube.
31	05.07, 2013	Encontrei no “Madeira Shopping” a Ana Beatriz e a sua mãe que

		depois de uns breves momentos de conversa, disse-me que o voluntariado realizava completamente a filha e devido às experiências que tinha tido na Juventude Hospitaleira, que esta estava decidida a tirar um curso profissional relacionado com crianças ou velhinhos
32	09.07, 2013	O Clube recebeu dois telefonemas, uma da Cáritas e Outro do Banco Alimentar para ir levantar os alimentos para as 160 famílias carenciadas da escola, fruto da nossa participação das campanhas de recolha de alimentos nos supermercados. No dia 04 de Julho, o professor Carlos Mendonça, elemento da direção Executiva acompanhou as coordenadoras do Clube ao armazém da Cáritas e conduziu a carrinha que transportou os alimentos. O mesmo aconteceu no dia 16.07.2013 relativamente aos alimentos do Banco Alimentar Contra a Fome.
33	13.07, 2013	Procedi a mais duas inscrições de alunos de 9º ano no curso de socorrismo promovido pela AMI – Julho. O aluno Márcio foi uma das opções do Clube Viver a Vida e a outra vaga foi preenchida pelo aluno Joaquim, um jovem que este ano passou por momentos muito difíceis em termos de saúde, passando inclusive por uma intervenção cirúrgica de alto risco nos USA. O curso acabou por ser adiado pela AMI por falta de formandos exteriores à escola.
34	14.07, 2013	O clube Viver a Vida convidou um grupo de voluntários para ajudar na elaboração, organização e distribuição de cabazes pelas 160 famílias carenciadas da escola HBG. Os cabazes foram feitos e entregues às famílias durante dois dias.

## Anexo 13 - Tabelas de dados

*Tabela6 - Antes de seres aluno da escola HBG, já tinhas tido a oportunidade de participar em atividades de voluntariado*

	Percentagem
Sim	84%
Não	16%
Total	100%

*Tabela 7 - O que te levou a começar a participar em atividades de voluntariado?*

	Percentagem
Gostar de ajudar os outros	62%
Preencher o meu tempo livre	4%
Enriquecer-me	6%
Ajudar as instituições	6,0%
Melhorar o meu curriculum	8,0%
Ter apreço dos outros	4,0
Tornar-me solidário	10,0%
Total	100%

*Tabela 8- A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado.*

	Percentagem
Discordo Plenamente	68%
Discordo Bastante	14%
Discordo	8%
Nem discordo nem concordo	4%
Concordo	4%
Concordo bastante	2%
Concordo Plenamente	0%
Total	100%

Tabela 9 - *Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário.*

	Percentagem
Discordo Plenamente	14%
Discordo Bastante	8%
Discordo	10%
Nem discordo nem concordo	<b>26%</b>
Concordo	<b>16%</b>
Concordo bastante	8%
Concordo Plenamente	<b>18%</b>
Total	100%

Tabela 10 - *Ser voluntário é conhecer-se melhor a si próprio.*

	Percentagem
Discordo Plenamente	2.0
Discordo Bastante	2.0
Discordo	10.0
Nem discordo nem concordo	8.0
Concordo	<b>26.0</b>
Concordo bastante	<b>28.0</b>
Concordo Plenamente	<b>24.0</b>
Total	100%

Tabela 11 - *Ao ser voluntário tornei-me numa pessoa mais autónoma*

	Percentagem
Discordo Plenamente	0.0
Discordo Bastante	0.0
Discordo	0.0
Nem discordo nem concordo	0.0
Concordo	<b>92.0</b>
Concordo bastante	4.0
Concordo Plenamente	4.0
Total	100%

Tabela 12 - Ao fazer voluntariado transformo-me numa pessoa mais responsável.

	Percentagem
Discordo Plenamente	2.0
Discordo Bastante	0.0
Discordo	2.0
Nem discordo nem concordo	14.0
Concordo	<b>34.0</b>
Concordo bastante	<b>20.0</b>
Concordo Plenamente	<b>28.0</b>
Total	100%

Tabela 13 - Gosto menos de mim quando faço voluntariado

	Percentagem
Discordo Plenamente	<b>77,6</b>
Discordo Bastante	4,1
Discordo	<b>10,2</b>
Nem discordo nem concordo	<b>6,1</b>
Concordo	0,0
Concordo bastante	0,0
Concordo Plenamente	2,0
Total	100%

Tabela 14 - Considero que o meu trabalho é importante para as instituições onde faço voluntariado.

	Percentagem
Discordo Plenamente	2,0
Discordo Bastante	0.0
Discordo	0.0
Nem discordo nem concordo	10.0
Concordo	<b>20.0</b>
Concordo bastante	<b>18.0</b>
Concordo Plenamente	<b>50.0</b>
Total	100%

Tabela 15 - As minhas habilidades (capacidades ou aptidões) aumentam cada vez que faço voluntariado

	Percentagem
Discordo Plenamente	2,0
Discordo Bastante	0,0
Discordo	8,0
Nem discordo nem concordo	12,0
Concordo	<b>30,0</b>
Concordo bastante	<b>28,0</b>
Concordo Plenamente	<b>20,0</b>
Total	100%

Tabela 16 - Quando faço voluntariado descubro em mim capacidades/talentos que julgava não possuir

	Percentagem
Discordo Plenamente	2,0
Discordo Bastante	0,0
Discordo	0,0
Nem discordo nem concordo	6,0
Concordo	6,0
Concordo bastante	<b>78,0</b>
Concordo Plenamente	<b>8,0</b>
Total	100%

Tabela 17 - Já recebi elogios por parte da minha família/amigos/professores pelo facto de estar a revelar atitudes solidárias

	Percentagem
Discordo Plenamente	2,0
Discordo Bastante	2,0
Discordo	0,0
Nem discordo nem concordo	<b>18,0</b>
Concordo	<b>18,0</b>
Concordo bastante	<b>18,0</b>
Concordo Plenamente	<b>42,0</b>
Total	100%

Tabela 18 - Ao fazer voluntariado sou uma pessoa mais feliz e realizada.

	Percentagem
Discordo Plenamente	2,0
Discordo Bastante	0,0
Discordo	0,0
Nem discordo nem concordo	<b>24,0</b>
Concordo	16,0
Concordo bastante	<b>24,0</b>
Concordo Plenamente	<b>34,0</b>
Total	100%

Tabela 19 - Ficaria feliz se tivesse de abandonar o voluntariado

	Percentagem
Discordo Plenamente	<b>70,0</b>
Discordo Bastante	<b>8,0</b>
Discordo	<b>16,0</b>
Nem discordo nem concordo	4,0
Concordo	0,0
Concordo bastante	2,0
Concordo Plenamente	0,0
Total	100%

Tabela 20 - “Desvalorizar, julgar, criticar e ridicularizar” as pessoas, são coisas que não faço neste momento.

	Percentagem
Discordo Plenamente	10,2
Discordo Bastante	6,1
Discordo	6,1
Nem discordo nem concordo	6,1
Concordo	<b>28,6</b>
Concordo bastante	<b>22,4</b>
Concordo Plenamente	<b>20,4</b>
Total	100%

Tabela 21 - Hoje em dia digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém.

	Percentagem
Discordo Plenamente	4,0
Discordo Bastante	2,0
Discordo	14,0
Nem discordo nem concordo	16,0
Concordo	<b>24,0</b>
Concordo bastante	<b>22,0</b>
Concordo Plenamente	<b>18,0</b>
Total	100%

Tabela 22 – Em que área gostarias de trabalhar no voluntariado num futuro próximo?

	Percentagem
HBG- Organização de cabazes (famílias carenciadas)	<b>7</b>
Animais	<b>7</b>
Área de idosos ou crianças	7
Missões no estrangeiro	4
Unicef	9
Marchas de sensibilização	4
AMI	<b>20</b>
JH	<b>18</b>
Cáritas	<b>15</b>
Não sei	9
Total	100%

Tabela 23 - Quais as suas expectativas em relação ao voluntariado e quais as suas perceções de continuidade?

	Percentagem
Caso possa, pretendo fazer voluntariado apenas até o fim deste ano letivo.	4
Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim do 9º ano de escolaridade.	<b>26</b>
Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim dos estudos superiores.	<b>12</b>
Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim da minha vida.	<b>58</b>



Tabela 24 - O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir a exercer no futuro

	Percentagem
Discordo Plenamente	0,0
Discordo Bastante	4,0
Discordo	11,0
Nem discordo nem concordo	20,0
Concordo	<b>24,0</b>
Concordo bastante	<b>16,0</b>
Concordo Plenamente	<b>25,0</b>
Total	<b>100%</b>

## Anexo 14 - Atividades desenvolvidas pelo Viver a Vida \* 2004-2013 - FOTOS



Foto 1 – Jovens voluntários da HBG/Peditório de Rua - AMI – outubro de 2005



Foto 2 – Alunos voluntários da HBG/Peditório de rua da Cáritas Diocesana do Funchal  
fevereiro de 2006



Foto 3 – Alunos voluntários da HBG/Peditório da LPCC – interno à escola \* novembro de 2007



Foto 4 – Alunos da HBG em formação para o peditório de Rua da AMI \* outubro de 2008



Foto 5 – Entrega de Diplomas aos alunos voluntários da HBG/LPCC \* novembro de 2008



Foto 6 - Entrega de donativos por parte das coordenadoras do CVV a representantes das organizações AMI e PATA resultante da angariação de fundos da campanha “Uma moeda por uma causa” julho de 2009





Foto 7 - Encerramento do II Curso de Voluntariado realizado na HBG.

Presença do Dr. Pedro Telhado – Presidente da casa do Voluntário e da Presidente do Conselho pedagógico da HBG \* fevereiro de 2009



Foto 8 – Visita do Dr. Fernando Nobre (Fundador da AMI) à escola HBG \* outubro de 2009



Foto 9 - Participação do CVV na 1ª Marcha Nacional Contra a Fome e a Pobreza

Associação Mãos Unidas Padre Damião \* outubro de 2012



Foto 10 - Participação de voluntários da HBG na Campanha de Recolha de alimentos da Cáritas. Presença do Sr. Bispo D. António Carrilho – Diocese do Funchal\* novembro de 2012





Foto 11 – Recolha de Tampas de plástico \* Parceria entre o clube CVV e o clube de ambiente da HBG.

Ajuda à Associação APD – Associação Portuguesa de Deficientes



Foto 11 – Participação do CVV na primeira Campanha de Recolha de Alimentos do Banco Alimentar Contra a Fome/Funchal\* Junho de 2013



Foto 12 – Organização de cabazes pelas famílias carenciadas da Escola HBG resultante das parcerias entre o CVV e as algumas organizações não governamentais.



Anexo 15 - Homenagens/Louvores/Agradecimentos ao Clube Viver a Vida, CVV

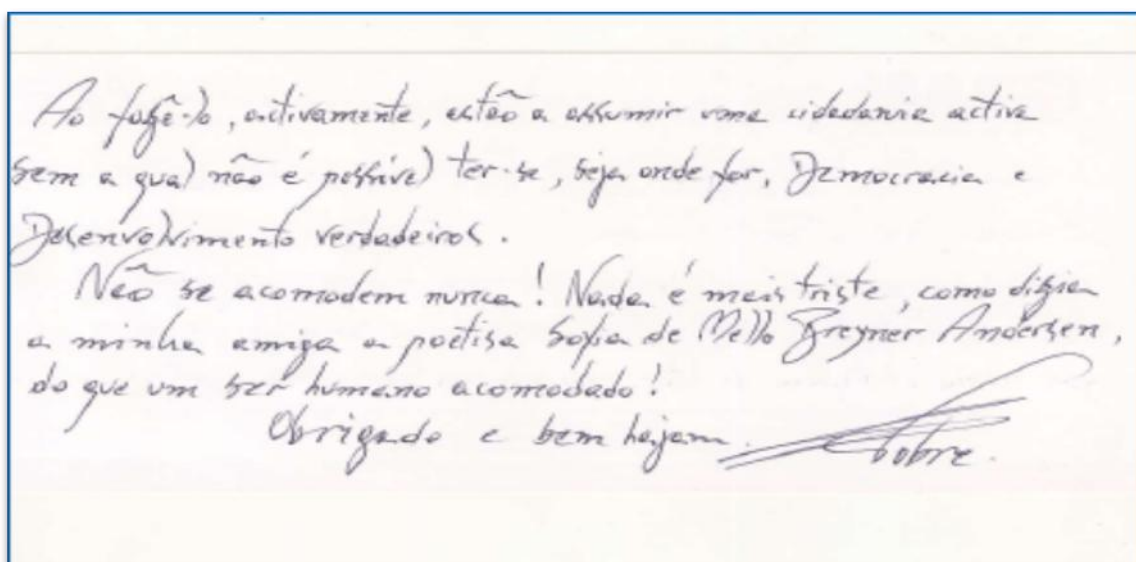
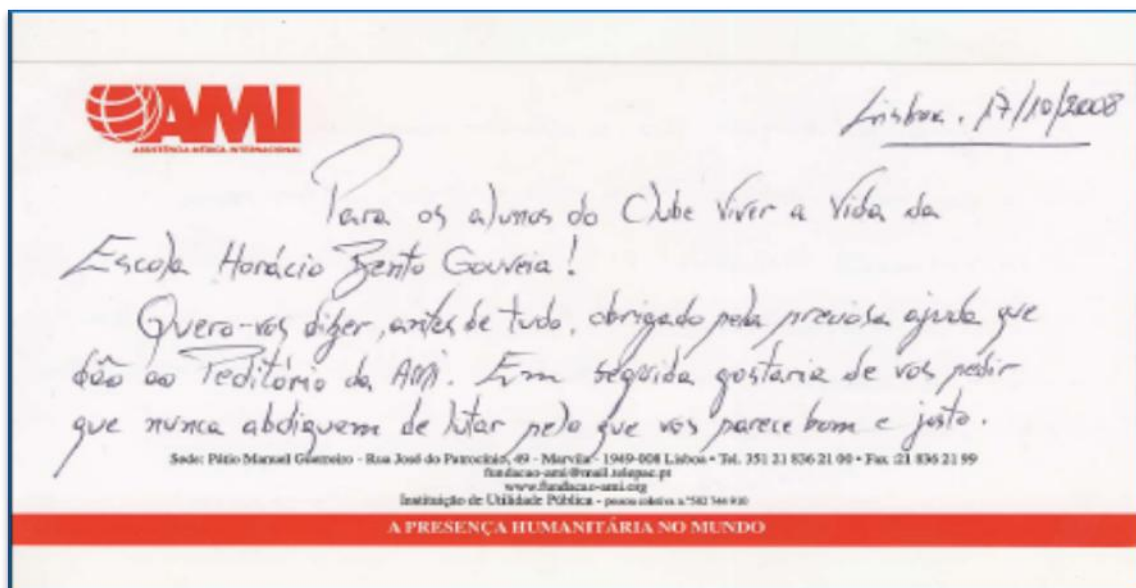


Figura 1 – Agradecimento do Dr. Fernando Nobre aos alunos voluntários do Clube Viver a Vida\* outubro de 2008



Celebrar. Recordar. Lutar.

## AGRADECIMENTO

O movimento “Um Dia Pela Vida” no Funchal, teve o privilégio de contar com a colaboração da equipa **Clube Viver a Vida HBG** na organização de actividade (s) de prevenção e de angariação de fundos a favor do **Núcleo Regional da Madeira da Liga Portuguesa Contra o Cancro**.

Agradecemos a vossa generosa participação.  
26 de Outubro de 2009



CONTACTOS:  
Tlm 968435735 / 291 236 597  
umdiapelavida@netmadeira.com

Drª Cristina Ferreira  
Coordenadora Nacional

Isabel Veiga França Aguiar  
Responsável Regional

Ana Azinhais Abreu dos Santos

Marco Ferreira  
Responsáveis Locais





CÁRITAS DIOCESANA DO FUNCHAL

# *Louvor*

*A Caritas Diocesana do Funchal, louva o*

*CLUBE VIVER A VIDA*

*DA ESCOLA DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA*

*pela exímia participação/parceria na Campanha de Recolha de Alimentos,  
promovida por esta Instituição, nos dias 27 e 28 de Novembro de 2010.*

*Presidente da Caritas Diocesana do  
Funchal*

CÁRITAS DIOCESANA DO FUNCHAL

Calçada do Pico, 59

José Manuel da Câmara Barbeito

9000-206 FUNCHAL



Exmos. Srs.

**"Clube Viver a Vida" da Escola do 2º  
e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia**

Estrada da Liberdade, 1

9004-524 Funchal

### DECLARAÇÃO

Para efeitos de abatimento ao rendimento líquido total previsto CIRC, com o enquadramento resultante do Estatuto do Mecenato Social, declara-se que, relativamente a donativos de interesse público a pessoas colectivas de utilidade pública, o grupo acima identificado, concedeu durante o ano de 2010 à SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS DOMÉSTICOS DO FUNCHAL (Instituída em 6/1/1897, legalizada por Alvará de 6 de Maio de 1897 e classificada de Utilidade Pública pelo Decreto de 16 de Março de 1914) donativos no valor total de 240€ (Duzentos e quarenta euros).

Funchal, 26 de Julho de 2011

A Direcção


## Anexo 16 - O Clube Viver a Vida e a Comunicação Social



Fotografia: Toni Ferreira

Foto 1 - Participação do CVV no Programa da RTP/Madeira "Irreverências" \* fevereiro de 2010

### Crescer não só por fora mas também por dentro



O Clube Viver a Vida é outro dos projectos pioneiros da Escola Dr. Horácio Bento de Gouveia. Promover a solidariedade, dotar os alunos de competências e desenvolver o espírito de voluntarismo nos mais jovens são dois dos objectivos deste clube que, segundo Alda Matos, uma das suas coordenadoras responsáveis, «está aberto a propostas vindas do exterior, isto é, há uma parceria entre a escola e todas as instituições de solidariedade que queiram nos convidar, embora esses laços estejam mais reforçados com algumas entidades, como é o caso da AMI, a Cáritas, Abraço, Banco Alimentar, Juventude Hospitalreira ou a Liga Portuguesa Contra o Cancro». Os requisitos, explica, restringem-se à idade dos voluntários que têm de ter 13 anos para poderem participar nas campanhas de angariação de donativos que tanto podem

acontecer dentro da própria escola como no exterior, por exemplo, nas ruas e nos supermercados.

E porque a escola tem também casos de famílias que necessitam de apoio, Alda Matos explicou que, no caso da Cáritas, é feito uma espécie de "parceria" em que a escola "cede" os alunos para os peditórios e, em contrapartida, são entregues alguns dos donativos angariados. «É uma troca em que toda a gente sai a ganhar», sublinhou. Para além da componente solidária, a coordenadora revelou ainda que os alunos que se voluntariam para estas causas ganham também outros valores e competências. «Ficam transformados, começam a ver que há pessoas com vidas completamente diferentes das deles, que se queixam quando, na verdade, têm tudo», disse.

Fonte – Jornal da Madeira, 2012



## Anexo 17 - Questionário aplicado ao grupo dois – 50 jovens

### Questionário- Alunos voluntários da Escola HBG

Caro aluno,

Este questionário faz parte do projeto de investigação denominado "A Responsabilidade Social na Escola e da Escola. Caracterização do Clube Viver a Vida e a avaliação do seu impacto junto da Comunidade Educativa», enquadrada no âmbito do Mestrado MPA – Administração Pública – Especialização em Educação, organizado e ministrado pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa e tem por objetivo recolher a tua opinião acerca do exercício de voluntariado, motivação e impacto que ele pode ou não ter, na tua vida.

Uma vez que a informação recolhida é absolutamente confidencial, peço-te por favor, que respondas a todos os itens com o máximo de sinceridade. Desde já o meu agradecimento, pela tua preciosa colaboração.

A professora Alda Matos Rosário.

---

\*Obrigatório

1.2 Sexo:\*

- ☐ Feminino  
☐ Masculino

PARTE I - DADOS PESSOAIS DOS ALUNOS\*

1.1 Idade:

- ☐ 12 anos  
☐ 13 anos  
☐ 14 anos  
☐ 15 anos  
☐ 16 anos  
☐ 17 anos  
☐ 18 anos

1.3 Ano de escolaridade\*

- ☒ 7ºano  
☐ 8ºano  
☐ 9ºano

PARTE II - EXPERIÊNCIA DO VOLUNTARIADO E MOTIVAÇÃO PARA A SUA PRÁTICA\*

2.1 Há quanto tempo participas em atividades de voluntariado promovidas pela escola HBG?

- ☐ 1 ano

- ☐ 2 anos
- ☐ 3 anos
- ☐ 4 anos ou mais.

2.2 O que te levou a começar a participar em atividades de voluntariado?\*

Selecione a opção mais importante para ti.

Outra:

Escreve apenas no retângulo seguinte, caso não encontres anteriormente uma opção que seja válida para ti.

2.3 Na tua opinião, houve alguém que tivesse exercido influência sobre ti para que participasses em atividades de voluntariado?\*

Opta apenas pela resposta mais importante.

- ☐ Os meus pais
- ☐ Outros elementos da família (irmãos, tios,...)
- ☐ Os meus colegas da escola ou amigos
- ☐ Os professores da escola HBG
- ☐ Ninguém, decidi por mim mesmo.

Outros:

Escreve apenas no retângulo seguinte caso haja outras pessoas que poderão ter exercido sobre ti alguma influência para a prática do voluntariado, diferentes das mencionada.

2.4 Em que áreas/instituições já tiveste oportunidade de trabalhar no voluntariado?\*

Selecione a opção que mais gostaste de participar no voluntariado.

- ☐ Peditório de rua/AMI - Assistência Médica Internacional

- ☐ Atividades da Juventude Hospitalreira, JH
- ☐ Marchas de sensibilização (Ex. Contra a fome e a Pobreza, voluntariado, etc)
- ☐ Organização e elaboração de cabazes na HBG- famílias carenciadas
- ☐ Peditórios no interior da escola HBG
- ☐ Recolha de tampinhas de plástico - SPD- Associação Portuguesa de Deficientes
- ☐ Outras

2.4.1 Selecciona a experiência de voluntariado em que mais gostaste de participar. \*

Selecciona apenas a experiência mais significativa para ti.

- ☐ Peditório de rua/AMI - Assistência Médica Internacional
- ☐ Atividades da Juventude Hospitalreira, JH
- ☐ Marchas de sensibilização(Ex. Contra a fome e a Pobreza, voluntariado, etc)
- ☐ Organização e elaboração de cabazes na HBG- famílias carenciadas
- ☐ Peditórios no interior da escola HBG
- ☐ Recolha de tampinhas de plástico - SPD- Associação Portuguesa de Deficientes

2.5 Em que área ou áreas gostarias de trabalhar no voluntariado num futuro próximo?

2.6 Antes de seres aluno da escola HBG, já tinhas tido a oportunidade de participar em atividades de voluntariado?\*

Selecciona a opção que melhor se adequa à tua situação atual.

- ☐ Não.
- ☐ Sim

No caso de teres respondido "Sim" à questão anterior, indica o nome de instituições para as quais já trabalhaste em regime de voluntariado.\*



Parte III - IMPACTO DO VOLUNTARIADO NA VIDA DO JOVEM.\*

Lê com atenção cada uma das afirmações abaixo colocadas. Indica, por favor, para cada uma delas, o teu grau de concordância ou discordância:

	1- Discordo plenamente	2- Discordo bastante	3- Discordo	4- Nem discordo nem concordo	5- Concordo	6- Concordo bastante	7- Concordo plenamente
3.1 Através do exercício do voluntariado, passei a ter facilidade em arranjar soluções para as situações difíceis que surgem no meu dia a dia;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2 Ao ser voluntário, tornei-me numa pessoa mais autónoma;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3 As minhas habilidades (capacidades ou aptidões) aumentam cada vez que faço voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4 Ao fazer voluntariado, transformo-me numa pessoa mais responsável;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.5 Ser voluntário é conhecer-se melhor a si próprio;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.6 Ao fazer voluntariado sou uma pessoa mais feliz e realizada;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.7 Gosto menos de mim, quando faço voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.8 Cada vez que participo em atividades de voluntariado sinto que a minha coragem aumenta;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.9 Quando faço voluntariado descubro em mim capacidades/talentos que julgava não possuir;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.10 O Voluntariado ajuda-me a ser uma pessoa mais sensível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.11 Ao me tornar voluntário passei a tolerar mais os meus amigos e a discutir menos com eles.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.12 O voluntariado transformou-me numa pessoa menos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	1- Discordo plenamente	2- Discordo bastante	3- Discordo	4- Nem discordo nem concordo	5- Concordo	6- Concordo bastante	7- Concordo plenamente
comunicativa;							
3.13 Sinto que aprendo pouco com os meus colegas nas atividades de voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.14 "Desvalorizar, julgar, criticar e ridicularizar" as pessoas, são coisas que não faço neste momento;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.15 Com o voluntariado sinto que ganhei amigos e que posso contar com os seus apoios;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.16 O voluntariado tornou-me uma pessoa desembaraçada que, facilmente arranja soluções para tudo;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.17 O voluntariado ensinou-me que o trabalho de equipa não é muito importante;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.18 Como voluntário consigo influenciar, guiar e orientar um grupo na realização de um determinado objetivo;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.19 Ao me tornar voluntário aprendi a não desistir facilmente das "coisas" e a lutar até ao fim;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.20 Hoje em dia digo tudo o que quero, penso e sinto, mas sem ofender ninguém;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.21 Hoje, perante uma situação de confronto ou crítica, sinto-me uma pessoa mais segura e confiante;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.22 Não sinto vontade em ajudar as famílias carenciadas;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.23 Já recebi elogios por parte da minha família/amigos/professores pelo facto de estar a revelar atitudes solidárias;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.24 O voluntariado fez com que eu gostasse mais da	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	1- Discordo plenamente	2- Discordo bastante	3- Discordo	4- Nem discordo nem concordo	5- Concordo	6- Concordo bastante	7- Concordo plenamente
escola;							
3.25 Por causa do voluntariado, considero-me hoje uma pessoa mais sociável;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.26 Considero que o meu trabalho é importante para as instituições onde faço voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.27 Ficaria feliz se tivesse de abandonar o voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.28 A presença de um educador/adulto nas atividades de voluntariado é para mim fundamental;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.29 "Fazer o bem" e dizer para "fazer o bem" é a mesma coisa;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.30 Tenho por hábito me colocar no lugar do outro e experimentar os seus medos, emoções e necessidades;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.31 A escola HBG não me dá a oportunidade de participar em atividades de voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.32 Com o voluntariado passei a ficar incomodado com as situações de pobreza, sofrimento e marginalização com que algumas famílias vivem;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.33 O voluntariado fez de mim uma pessoa mais livre, justa e solidária;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.34 Considero o voluntariado uma "escola de vida";	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.35 Com o voluntariado, toda a minha vida passou a ter sentido;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.36 Os colegas com quem trabalho no voluntariado fazem-me acreditar que sou uma boa pessoa;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

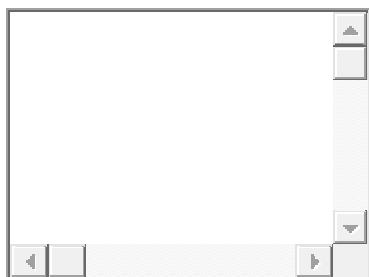
	1- Discordo plenamente	2- Discordo bastante	3- Discordo	4- Nem discordo nem concordo	5- Concordo	6- Concordo bastante	7- Concordo plenamente
3.37 Passei a gostar mais da escola HBG quando ela me deu a oportunidade de ser voluntário;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.38 Não considero importante convidar colegas/amigos para o voluntariado;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.39 O voluntariado é apenas uma forma de ocupar o meu tempo livre;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.40 No voluntariado faço novos amigos;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.41 Com o voluntariado passei a compreender melhor os conteúdos programáticos de algumas disciplinas;	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.42 O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir a exercer no futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.43 O voluntariado ajudou-me a pensar em futuras profissões que eu poderei a vir a exercer no futuro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

#### IV Parte - EXPETATIVAS DO ALUNO EM RELAÇÃO AO VOLUNTARIADO - PERCEÇÕES DE CONTINUIDADE.\*

4.1 Assinala, por favor, a opção que mais se adequa à tua situação.

- ☐ Caso possa, pretendo fazer voluntariado apenas até o fim deste ano letivo;
- ☐ Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim 9º ano de escolaridade;
- ☐ Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim dos estudos superiores;
- ☐ Caso possa, pretendo fazer voluntariado até o fim da minha vida.

4.2 Escreve um pensamento ou sonho que tenhas vontade de concretizar no futuro.\*



O questionário termina aqui.  
Obrigada pela tua colaboração!

**ESCOLA BÁSICA DOS 2º E 3º CICLOS  
DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA**

**PROJECTO EDUCATIVO DE  
ESCOLA (PEE)**

**Triénio  
2011/2014**

**H B G**

## ÍNDICE

PREÂMBULO.....	3
1. Localização da Escola.....	4
1.1. Os Símbolos.....	4
1.2. A Revista da Escola: “O Divulgador”.....	6
1.3. Tipologia e Estrutura de Funcionamento da Escola.....	8
2. O Projecto Educativo da Escola (PEE).....	8
2.1. Princípios e Linhas de Orientação Gerais.....	8
2.2. Sugestões de Medidas de Acção pelos Órgãos de Gestão.....	10
2.3. Problemáticas, estratégias de resolução e metas a atingir. ....	11
3. Divulgação e implementação.....	16
4. Avaliação .....	17
4.1. Critério Global/Momentos e Instrumentos de Avaliação .....	17

## PREÂMBULO

O Projeto Educativo de Escola é um documento que reflecte a identidade da Escola, a partir da análise contextual em que ela se insere e exprime as metas gerais a atingir com as estruturas físicas e humanas de que dispõe. As suas directrizes concretizam-se nos principais instrumentos da acção da Comunidade Educativa que são o Regulamento Interno, o Plano Anual de Escola e o Projecto Curricular de Escola.

Na elaboração deste documento que se deseja orientador, legível e fácil de consultar, não foram incluídas as listagens dos serviços/sectores e respectivo funcionamento, o historial da escola e a caracterização do meio envolvente, amplamente documentado no PEE anterior, de modo a salientar aquilo que é efectivamente o Projecto Educativo.

Este documento, fundamental para a gestão escolar, surge na sequência da implementação do modelo de autonomia, administração e gestão escolar, previsto no Decreto Legislativo Regional nº4/2000/M, de 31 de Janeiro, alterado pelo Decreto Legislativo Regional nº 21/2006/M e constitui um passo importante na valorização de cada escola num reforço das suas competências nos domínios pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional.



## 1. Localização da Escola

A Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia está situada na cidade do Funchal, no concelho do Funchal, a capital da Ilha e da Região Autónoma da Madeira (figura 1).



Fig.1: Região Autónoma da Madeira



Fig.2: Sector da Planta da cidade do Funchal: localização da Escola

A Escola localiza-se na margem esquerda do Ribeiro Seco, junto à Rotunda D. Francisco Santana e a norte do Centro Hospitalar do Funchal, na freguesia de S. Pedro (figura 2). A direcção oficial da Escola é Estrada da Liberdade nº1, na freguesia de S. Pedro, com o Código Postal 9004-524 FUNCHAL. A Escola possui duas entradas principais: uma a este, acessível para quem desce a Estrada da Liberdade (saída da Via Rápida) e o Caminho do Pilar. A outra a sul, pela Rua das Maravilhas, utilizada pelos alunos.

### 1.1. Os Símbolos

A Escola possui o seu logótipo, bandeira, hino e mascote, símbolos desde 2003/2004, surgidos de um concurso para os alunos, integrado nas comemorações do seu 25º aniversário.

O logótipo (figura 3) foi da autoria da aluna Ana Maria dos Ramos Alves Silva Moniz, da turma 1 do 9º ano de escolaridade.

A bandeira associa os elementos do logótipo sobre pano de cor branca.

O hino da Escola é a forma de expressar os laços de amizade que, ao longo dos anos, se estabeleceram entre todos os membros da comunidade escolar.

A letra do hino (quadro 1) é da autoria da turma 8º 1 desse ano e musicado pela professora do Departamento de Expressão Musical e Psicomotora Fernanda Quintal. A sua audição está disponível no site da Escola: [www.hbg.pt](http://www.hbg.pt).



Fig.3: Logótipo da Escola

<i>HINO DA ESCOLA HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA</i>		
<u><i>I</i></u>	<u><i>II</i></u>	<u><i>III</i></u>
<i>Somos jovens principiantes</i>	<i>Alunos corajosos</i>	<i>Aqui nos divertimos</i>
<i>Nesta escola crescemos</i>	<i>Aqui o estudo não cansa</i>	<i>Desenvolvendo o nosso talento</i>
<i>Sempre confiantes</i>	<i>Professores carinhosos</i>	<i>Todos em convívio</i>
<i>Naquilo que aprendemos</i>	<i>Guardamos lembrança</i>	<i>Na Escola Horácio Bento</i>

*Equipa de Reformulação de Projetos - Manuela Antunes, Luísa Caldeira e Carlos Gomes.*

## Quadro 1

A mascote da Escola (figura 4) surgiu de um projecto apresentado pela aluna Patrícia Maria Morgado Melvill de Araújo da turma 1 do 6º ano de escolaridade, no mesmo ano lectivo. Os professores de Educação Visual e Tecnológica Cármen Silva, Margarida Barros e Ricardo Sousa foram os responsáveis pela execução do “Bentinho”.



Fig.4: “Bentinho”, a mascote da Escola

## 1.2. A Revista da Escola: “O Divulgador”

O primeiro número da revista da Escola saiu em Dezembro de 2002 e foi uma iniciativa do Clube Europeu. Era uma revista trimestral e tinha como responsável a professora de Geografia

Isabel Maria Sousa Menezes

*Equipa de Reformulação de Projetos - Manuela Antunes, Luísa Caldeira e Carlos Gomes.*

Gonçalves Gomes. Os seus conteúdos estavam relacionados com a União Europeia, incluindo também curiosidades e passatempos. O Boletim era impresso na própria Escola, recorrendo ao trabalho da Reprografia e tinha como título “Jornalinho Europeu” (figura 5).



Figura 5

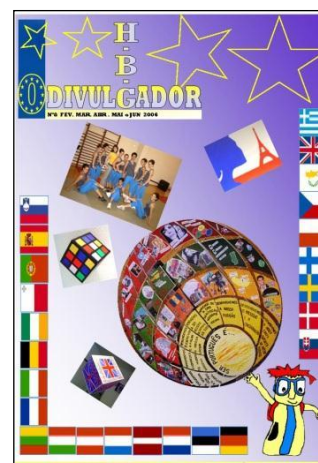


Figura 6

Em 2003, quando saiu o boletim nº 4 com o nome alterado para “Divulgador” (figura 6), passou a versar diversas temáticas e neste, em particular, abordava as comemorações do 25º aniversário da Escola.

A partir do boletim nº 5, a coordenação da revista passou a ser da responsabilidade de uma equipa e a impressão foi entregue a uma gráfica. Os elevados custos e a necessidade de tempo para planificar cada revista obrigou a uma periodicidade semestral, com a saída do boletim nº 7 em setembro de 2005. Neste, há um artigo que destaca a inauguração do novo edifício da Escola.

Actualmente, a revista continua a ser publicada e já vai no boletim nº17.

### 1.3. Tipologia e Estrutura de Funcionamento da Escola

A Escola integra alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico. Funciona exclusivamente em regime diurno, num sistema de dois turnos, manhã e tarde. Conta com cerca de 1600 alunos distribuídos entre os 5º e 9º anos de escolaridade, oriundos maioritariamente, das freguesias de São Martinho, Santo António e São Pedro.

O corpo docente é constituído por cerca de 200 professores, a maioria dos quais pertence ao Quadro de Nomeação Definitiva da Escola. Tem 95 funcionários que se distribuem pela área administrativa, ação educativa, operários e vigilantes. Beneficia da colaboração de um psicólogo a tempo inteiro – aconselhamento profissional e vocacional e acompanhamento especializado – e de quatro professoras especializadas do Ensino Especial que prestam apoio directo ou indirecto aos alunos portadores de Necessidades Educativas Especiais.

## 2. O Projecto Educativo da Escola (PEE)

### 2.1. Princípios e Linhas de Orientação Gerais

A autonomia da Escola concretiza-se, sobretudo, através do seu Projeto Educativo. Assim, este deve reflectir a comunidade envolvente com as suas características demográficas, os seus problemas e mais-valias resultantes da natural diversidade sociocultural e socioeconómica, uma vez que a Escola e ela partilham o mesmo espaço geográfico. Por outro lado, a própria comunidade escolar, com particular destaque para os alunos, imprime ao clima da Escola as vivências que advêm dos seus diferentes percursos de vida.

O Projecto Educativo deve:

- envolver toda a comunidade *no mundo da vida da Escola*, numa perspectiva de torná-la mais dinâmica e responsável para com a sociedade em que está inserida;
- responder às necessidades da Escola e da realidade social em que se insere, incrementando a relação Escola-meio;
- ser aberto e capaz de mudanças, sempre que se justifique, de modo a proporcionar aos alunos um desenvolvimento integral na perspectiva de serem mais responsáveis, autónomos e socialmente participativos;
- desenvolver as competências dos alunos, no domínio cognitivo e no domínio das atitudes e valores, de forma a permitir a sua educação para a cidadania;
- incentivar a curiosidade intelectual e o gosto pelo trabalho, pelo estudo e pela investigação, não os circunscrevendo às balizas e limites do currículo nacional;
- promover a interdisciplinaridade de modo a perspectivar os saberes de diferentes ângulos, tornando os alunos mais receptivos a múltiplas análises, decorrentes da vida em comunidade;
- possibilitar a comunicação intercultural como aprendizagem que promove a socialização e como factor que desenvolve a tolerância, a compreensão mútua e o respeito pela diversidade de interpretação, de opinião e de cultura;
- respeitar a diferença na efectiva promoção de igualdade de direitos e de oportunidades, independentemente da nacionalidade, classe social, etnia, religião, ...;
- imprimir uma cultura de segurança e uma cultura de voluntariado, de maneira que o aluno se transforme num cidadão mais eficaz e mais valorizado na sua sociedade;
- otimizar os recursos disponíveis tendo em vista a maximização do impacto no resultado das aprendizagens e nas actividades educativas;

- cooperar com os encarregados de educação e com toda a comunidade, de modo a desenvolver uma intervenção positiva e dinâmica.

## 2.2. Sugestões de Medidas de Acção pelos Órgãos de Gestão

Os órgãos de gestão da Escola no seu conjunto e de modo sincronizado, sobretudo o Conselho Executivo que a gere de forma mais visível, comprometem-se a assumir com responsabilidade todos os esforços necessários para:

- implementar uma gestão participada envolvendo toda a comunidade escolar – pessoal docente, não docente, discentes e encarregados de educação – e respeitando os direitos de cidadania de cada um;
- apelar à participação de todos nas actividades e tarefas escolares com sentido de responsabilidade, empenho e entreajuda;
- promover o trabalho de equipa e atitudes conscienciosas do direito e do dever de participação de cada um no processo educativo de forma a reforçar o seu sucesso;
- criar projectos e actividades diversificadas para os alunos que estimulem o seu gosto pela escola, a sua autoestima e criatividade e que promovam o seu desenvolvimento integral equilibrado;
- incentivar condições e situações de aprendizagem que levem à formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários;
- garantir condições de segurança e espaços adequados ao desempenho das funções de toda a comunidade escolar;
- divulgar as regras básicas de segurança, Plano de Emergência e outras previstas no Regulamento Interno;
- desenvolver um plano de formação contínua do pessoal docente e não docente e implementar mecanismos de autoformação centrados na identificação das necessidades verificadas;

- incentivar a participação ativa dos encarregados de educação na vida escolar valorizando o papel da família na orientação educativa, no acompanhamento dos alunos e proporcionando formação à medida das suas possibilidades;
- estabelecer uma cooperação com entidades locais e parceiros sociais através da realização de projetos/atividades de interesse comum;
- implementar estratégias de apoio aos alunos com dificuldades de integração, a nível económico, disciplinar e de aprendizagem.

### 2.3. Problemáticas, estratégias de resolução e metas a atingir

O presente PEE, como definido no preâmbulo e considerando tudo como está registado nos seus princípios orientadores, evidencia um conjunto de problemas que se revela ainda na vida desta Escola. A sua análise, nas possíveis causas e na indicação de estratégias, deve facilitar todos os processos necessários à sua correção ou, pelo menos, melhoria com objetividade, sem dramas mas com atos e atitudes responsáveis de toda a comunidade escolar. A determinação das metas deve ser objetiva e perspetivar a sua concretização no período disponível, com os recursos físicos e humanos da Escola.

PROBLEMÁTICA	ÁREAS DE INTERVENÇÃO	ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES
--------------	----------------------	-------------------------



<p>1. Insucesso escolar significativo sobretudo nos 6º e 7º anos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Direcção de Turma;</li> <li>• Conselho de Turma;</li> <li>• Departamentos Curriculares;</li> <li>• Grupos Disciplinares;</li> <li>• Coordenação de Ciclo;</li> <li>• Áreas Curriculares não Disciplinares;</li> <li>• Coordenação da página da Internet;</li> <li>• Serviços especializados: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Psicologia,</li> <li>– Apoio pedagógico;</li> </ul> </li> <li>• Comissão de Formação;</li> <li>• Associação de Pais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Elaborar plano para um período de adaptação dos alunos do 5º ano de escolaridade, antes do início do ano lectivo.</li> <li>➤ Incutir nos alunos rigor e brio no conteúdo e apresentação dos seus trabalhos.</li> <li>➤ Fazer reflexão/avaliação crítica, por departamento e grupo disciplinar, dos resultados obtidos em cada ano escolar, para reajustar as estratégias adoptadas;</li> <li>➤ Continuar a tentar garantir que o mesmo grupo de docentes acompanhe a turma ao longo de todo o seu ciclo de estudos;</li> <li>➤ Apostar na gestão dos apoios educativos, na vertente da oficina de métodos de estudo/sala de estudo, com possível recurso ao TEE;</li> <li>➤ Utilizar os meios informáticos, em especial a página da Internet, para permitir aos alunos e/ou encarregados de educação interessados, o acesso a materiais de apoio educativo nas várias disciplinas curriculares;</li> <li>➤ Orientar o director de turma através de formação contínua ou de Coordenação de Ciclo para: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ o rastreio das situações graves e encaminhamento aos serviços especializados da Escola;</li> <li>▪ o contacto frequente com os encarregados de educação de modo a participarem, de forma responsável, nos planos de recuperação;</li> <li>▪ prevenir, continuamente, o Conselho de Turma na perspectiva de adequação do seu Projecto Curricular às necessidades e problemas desses alunos.</li> </ul> </li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>METAS A ATINGIR</b></p>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Melhorar o nível geral do sucesso escolar.</li> <li>➤ A percentagem relativa ao número de alunos aprovados, em cada um dos anos de escolaridade, seja superior a 90%.</li> <li>➤ A média dos exames nacionais dos alunos do 6º ano de escolaridade seja superior à nacional.</li> </ul>		
<p><b>PROBLEMÁTICA</b></p>	<p><b>ÁREAS DE INTERVENÇÃO</b></p>	<p><b>ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES</b></p>

2. Ausência de hábitos de estudo e métodos de trabalho, num número significativo de alunos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Conselho Pedagógico;</li> <li>• Conselhos de Turma;</li> <li>• Áreas Curriculares não Disciplinares;</li> <li>• Encarregados de Educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Reforçar a orientação do trabalho dos alunos através dos laboratórios de Matemática, Sala de Estudo e Biblioteca da Escola;</li> <li>➤ Desenvolver, nas diferentes disciplinas, actividades que levem os discentes a esquematizar as informações transmitidas, de forma a tornar a sua compreensão e aquisição mais eficazes;</li> <li>➤ Desenvolver mecanismos de superação das dificuldades;</li> <li>➤ Incentivar o uso das tecnologias de Informação e Comunicação pelos professores e alunos de modo a desenvolver a interação entre as partes;</li> <li>➤ Criar situações e ambientes facilitadores e estimulantes de aprendizagem.</li> </ul>
<b>METAS A ATINGIR</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Diminuir significativamente a tendência de trabalhar para o imediato e promover um trabalho que vise a consolidação gradual e sólida dos conhecimentos.</li> <li>➤ Consciencializar os alunos das suas responsabilidades individuais no desenvolvimento das aprendizagens.</li> </ul>		
<b>PROBLEMÁTICA</b>	<b>ÁREAS DE INTERVENÇÃO</b>	<b>ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES</b>
3. Reduzida participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Comunidade Escolar;</li> <li>• Coordenadores de Ciclo;</li> <li>• Direcção de Turma;</li> <li>• Conselhos de Turma.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Receber os alunos de 5º ano e respectivos Encarregados de Educação, antes da abertura do ano lectivo escolar. Conhecer o Director de Turma, mostrar as instalações e divulgar o regulamento interno;</li> <li>➤ Sensibilizar os pais/encarregados de educação para uma participação ativa e positiva na escola;</li> <li>➤ Promover actividades que permitam a articulação entre família e escola nomeadamente no âmbito de uma formação integral e contínua dos discentes;</li> <li>➤ Fomentar a formação parental em articulação com os objectivos da escola.</li> </ul>
<b>METAS A ATINGIR</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Aumentar a participação responsável dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos.</li> <li>➤ Estabelecer uma relação estreita e positiva casa/escola no sentido de, em conjunto, contribuir para uma educação para os valores de boa cidadania.</li> </ul>		

Equipa de Reformulação de Projetos - Manuela Antunes, Luísa Caldeira e Carlos Gomes.

PROBLEMÁTICA	ÁREAS DE INTERVENÇÃO	ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES
4. Pouca sensibilidade para as práticas de uma boa Educação Ambiental.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Conselho Pedagógico;</li> <li>• Comunidade Educativa;</li> <li>• Departamentos Curriculares;</li> <li>• Coordenadores de Ciclo;</li> <li>• Áreas Curriculares não Disciplinares;</li> <li>• Comissão de Formação;</li> <li>• Encarregados de Educação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sensibilizar toda a comunidade educativa para a necessidade de manter os espaços limpos e atrativos;</li> <li>➤ Desenvolver atividades próprias ou realizadas em parceria com a Secretaria Regional do Ambiente, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia os Serviços Florestais, outras escolas, Universidade da Madeira, etc.</li> <li>➤ Colocar contentores amarelos, os <i>embalões</i>, em diferentes pontos do espaço escolar;</li> <li>➤ Incentivar a selecção dos resíduos e proporcionar práticas de trabalho em conjunto que se traduzam num benefício comunitário;</li> <li>➤ Seleccionar, em recipientes próprios, os lixos dos bares e cantina da escola;</li> <li>➤ Promover actividades no âmbito do projeto Eco Escolas;</li> <li>➤ Incutir hábitos de economia e boa conservação dos materiais escolares.</li> </ul>
<b>METAS A ATINGIR</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolver em toda a comunidade escolar uma consciência ambiental e um respeito pelos espaços limpos;</li> <li>➤ Aumentar para 100% o número de alunos que adquirem hábitos de uma boa educação ambiental.</li> </ul>		
PROBLEMÁTICA	ÁREAS DE INTERVENÇÃO	ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES

5. Comportamentos desviantes dentro e fora da sala de aula.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Conselho Pedagógico;</li> <li>• Coordenadores de Ciclo;</li> <li>• Diretores de Turma;</li> <li>• Comissão de Formação;</li> <li>• Pessoal Auxiliar de Ação Educativa;</li> <li>• Encarregados de Educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fomentar uma cultura de responsabilidade e exigência para a conservação/ manutenção das instalações e materiais escolares;</li> <li>➤ Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de pessoas responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;</li> <li>➤ Promover a leitura e a interpretação dos deveres e direitos dos alunos, do Regulamento Interno da Escola;</li> <li>➤ Determinar linhas de conduta/acção para fazer face às infrações registadas, sustentadas no Estatuto Disciplinar do Aluno;</li> <li>➤ Definir modos de actuação comuns entre os membros da comunidade educativa;</li> <li>➤ Proporcionar ao pessoal auxiliar de acção educativa, a oportunidade de formação contínua, na própria Escola, na perspectiva de adquirir competências no domínio das atitudes e valores para enfrentar a responsabilidade de colaborar na gestão da disciplina nos diferentes espaços;</li> <li>➤ Sensibilizar os alunos para a prática de bons comportamentos nas entradas e saídas da escola e nos meios de transporte escolar;</li> <li>➤ Aumentar a responsabilização dos Encarregados de Educação pelas infrações cometidas pelos seus educandos;</li> <li>➤ Reforçar um bom relacionamento pedagógico.</li> </ul>
<b>METAS A ATINGIR</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Diminuir, de forma efectiva, o número de casos enviados ao Conselho Executivo, quer pelos funcionários quer por docentes;</li> <li>➤ Fazer cumprir as normas do regulamento interno, em colaboração com os órgãos de gestão, professores da escola, directores de turma, pessoal auxiliar de acção educativa e encarregados de educação.</li> </ul>		
<b>PROBLEMÁTICA</b>	<b>ÁREAS DE INTERVENÇÃO</b>	<b>ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES</b>
6. Dificuldades socioeconómicas, de alguns dos alunos da escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunidade escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Alargar o “Banco de Trocas” de manuais, a materiais escolares e outros reutilizáveis, disponibilizados pelos alunos e professores e distribuí-los pelos discentes que, comprovadamente, necessitam;</li> <li>➤ Fomentar, a partir de campanhas periódicas, a doação de bens essenciais, em bom estado de conservação;</li> <li>➤ Associar o Clube “Viver a Vida”.</li> </ul>

METAS A ATINGIR		
➤ Concretizar o “Banco de Trocas” com manuais e materiais escolares, bem como, com outros bens de primeira necessidade.		
PROBLEMÁTICA	ÁREAS DE INTERVENÇÃO	ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES
7. Esquecimento ou perda do cartão de escola, documento de identificação dos alunos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conselho Executivo;</li> <li>• Directores de Turma;</li> <li>• Encarregados de Educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sensibilizar os alunos, na Formação Cívica, para a obrigação de ser portadores do cartão e mantê-lo em bom estado;</li> <li>➤ Apresentar semanalmente o cartão da escola ao Director de Turma, de modo que este possa verificar a sua existência e estado de conservação;</li> <li>➤ Informar de imediato, os Encarregados de Educação dos alunos que não cumprirem a exigência estipulada no ponto anterior e exigir que a situação seja regularizada no prazo máximo de dois dias úteis;</li> <li>➤ Aplicar o pagamento de 1 euro para a renovação do cartão extraviado ou inutilizado.</li> </ul>
METAS A ATINGIR		
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eliminar a ida ao Conselho Executivo para permitir a autorização de saída da Escola;</li> <li>➤ Fazer com que todos os alunos sejam portadores, diariamente, do seu Cartão da Escola.</li> </ul>		

### 3. Divulgação e implementação

Após a sua aprovação este Projecto Educativo de Escola será divulgado a nível interno através do Conselho Pedagógico, dos Departamentos Curriculares e Conselhos de Disciplina e ao nível externo através do site da HBG. A operacionalização do presente Projecto Educativo de Escola terá em conta as orientações pedagógicas do Projecto Curricular de Escola bem como as normas constantes no Regulamento Interno que se irão reflectir na concretização dos Projectos Curriculares de Turma. É ainda de referir que as actividades propostas no Plano Anual de Actividades devem estar em consonância com o Projecto Educativo de Escola e com as necessidades dos discentes, contribuindo, assim, para a aquisição das competências essenciais do currículo nacional, no final de cada ciclo.

## 4. Avaliação

A Escola deve avaliar o seu Projecto Educativo, uma vez que a sua aplicabilidade depende disso mesmo. As principais problemáticas, se estão enunciadas e se há um esforço a indicar estratégias e metas, terão que ser, sistematicamente, reavaliadas para determinar a sua pertinência ou não no presente documento. Neste sentido, a avaliação será contínua, de modo a viabilizar a sua adequação ou a permitir reajustamentos/reformulações no final do seu período de vigência (3 anos letivos) e, em caso de necessidade, a nível intercalar.

A avaliação deve envolver, de forma articulada, todos os órgãos de gestão e áreas de intervenção. A análise dos respectivos resultados terá que ser na perspectiva de orientar a Escola para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, ultrapassando dificuldades e promovendo a excelência nos domínios cognitivos e sociais.

### 4.1. Critério Global/Momentos e Instrumentos de Avaliação

O Projecto Educativo deve ser avaliado pelo parâmetro da eficácia, uma vez que este centraliza a eficiência, a pertinência e a própria consistência das metas estabelecidas.

A avaliação do Projecto Educativo tem que ser feita em diferentes momentos, partindo do princípio que é um documento aberto, disponível a reformulações e reajustamentos das trajectórias predefinidas, de modo a mantê-lo o mais próximo possível da realidade da Escola. Neste contexto, deve considerar a avaliação:

- contínua;
- no final do ano letivo;
- no final do triénio 2011/2014.

Os instrumentos de avaliação devem munir-se de um leque alargado de opções, de modo a explorar diferentes perspectivas de uma mesma variável, com o objectivo de assinalar verdadeiros progressos ou salientar falhas ainda persistentes. Também deve desvendar dificuldades omissas e capacidades pouco consideradas até ao momento de cada avaliação. Deverá fazer-se:

- Observação directa das actividades desenvolvidas;
- Grelhas (um exemplo no quadro 2);
- Outros considerados necessários.

Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia <span style="float: right;">1 _____ / _____</span>				
<b>PROJECTO EDUCATIVO DE ESCOLA</b>				
<b><u>AVALIAÇÃO</u></b>				
Área de Intervenção: _____				
Problemáticas	Estratégias/Actividades 2007/2010	3Eficácia		Sugestões/Alterações
		S	N	
1. Insucesso...	➤ Elaborar plano para...			
	➤ Fazer reflexão/avaliação...			
(...)				
<sup>1</sup> Identificação do ano letivo ou do triénio; <sup>3</sup> Assinalar com <b>X</b> : <b>S</b> =SIM ou <b>N</b> =NÃO; Recomendação: o documento deve ser elaborado na horizontal, letra Times New Roman, tamanho 12.				

Quadro 2

FIM

O presente documento entra em vigor no início do ano escolar de 2011/2012, tendo a vigência de três anos letivos e prolongando-se até o ano escolar 2013/2014.

Foi aprovado pelo Conselho da Comunidade Educativa no dia 30 de novembro de 2011, precedido de parecer favorável do Conselho Pedagógico em 23 de novembro de 2011.

A Presidente da Comunidade  
Educativa

Maria Arlinda Santos Dias Antunes  
Marques



## Anexo 19 - Plano anual de atividades do Clube Viver a Vida

### ESCOLA DR. HORÁCIO BENTO DE GOUVEIA

#### CLUBE VIVER A VIDA \* PLANO ANUAL DE ATIVIDADES – ANO LECTIVO 2012/2013

Coordenadoras: Alda Matos, Diva Castro e Maria José Martins

Atividades Propostas	Objetivos específicos	Intervenientes/ Preletores	Destinatários	Recursos Materiais	Local	Calendário Data prevista
Distribuição de cabazes de alimentos pelas famílias carenciadas da Escola – alimentos da CE – Programa PAAC	- Melhorar a qualidade de vida de algumas famílias carenciadas da Escola	Segurança Social da Madeira Conferência Vicentina de Santo Antão/Canico	Famílias carenciadas da Escola HBG	Cabazes de alimentos	HBG	Julho e agosto de 2012
Levantamento das famílias carenciadas da escola HBG	- Atualizar o número de famílias carenciadas da HBG; - Conhecer as necessidades das famílias carenciadas;	Diretores de turma	Famílias carenciadas da Escola HBG Funcionários	Ficha de inscrição	HBG	Outubro, 2012
Marcha Nacional Contra a Fome e a Pobreza em Portugal  Associação Mãos Unidas Pe. Damião	- Dar a conhecer a Associação Mãos Unidas Padre Damião; - Sensibilizar para o flagelo da Fome e da Pobreza; - Formar cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária; - Favorecer relações interpessoais;	Associação Mãos Unidas Pe. Damião	Alunos Professores Funcionários Pais Encarregados de Educação	Faixa Balões Pen's Camisolas Barraca Comes e bebes	Funchal Sé-Parque St Catarina	21de outubro, 2012

<p><b>CAMPANHAS/PEDITÓRIOS:</b></p> <p>Cáritas Diocesana do Funchal - 1 de dezembro de 2012</p> <p>AMI – Assistência Médica Internacional –25,26,27 e 28 de Outubro de 2012</p> <p>LPCC – Liga Portuguesa Contra o Cancro – Novembro, 2012</p> <p>Banco Alimentar – maio de 2013</p> <p>APD - Associação de Deficientes da Madeira – recolha de tampinhas.</p>	<p>-Desenvolver competências nas áreas: desenvolvimento pessoal, formação cívica e formação moral;</p> <p>-Organizar e desenvolver atividades conjuntas para a educação de valores/atitude nomeadamente: Solidariedade, responsabilidade, coragem, liberdade, amor;</p> <p>- Criar hábitos de reflexão sobre os valores;</p> <p>- Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.</p> <p>- Incentivar a recolha de tampas de plástico apoiando a aquisição de material ortopédico para pessoas carenciada.</p> <p>- Estimular a consciência cívica pela interiorização das regras sociais e pela reciclagem.</p>	<p>Dra. Cristina Barbeito e Dr. José Barbeito</p> <p>Dra. Helena Andrade</p> <p>Dra. Isabel Aguiar</p> <p>Dra. Fátima Aveiro</p> <p>Dr. Filipe Rebelo</p>	<p>Alunos, Funcionários Professores e Encarregados de Educação</p>	<p>Latas</p> <p>Coletes</p> <p>Credenciais</p> <p>Tampas de garrafas, iogurte e outros.</p> <p>Caixas de recolha</p>	<p>Supermercados</p> <p>Ruas do Funchal</p> <p>HBG</p>	<p>Outubro a Dezembro (tampinhas – todo o ano)</p>
<p>Banco de Recursos</p>	<p>Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.</p> <p>Recolher bens materiais, a fim de satisfazer as necessidades básicas das famílias carenciadas da Escola.</p>	<p>Professoras Manuela Antunes e Sílvia Gomes</p>	<p>Famílias carenciadas da HBG</p> <p>Funcionários</p>	<p>Alimentos, vestuário, calçado material didático</p>	<p>Laboratório e sótão da escola</p>	<p>Outubro de 2012 a Julho 2013</p>
<p>Campanha de Solidariedade:</p>	<p>- Favorecer relações interpessoais</p>	<p>Diretores de Turma</p>	<p>Encarregados de</p>	<p>Cabazes de</p>	<p>HBG</p>	<p>Dezembro</p>

<p>“Natal mais feliz!” (Organização e Distribuição de cabazes pelas famílias desfavorecidas da escola) Parceria com: Cáritas Associação Mãos Unidas Padre Damião</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizar e desenvolver atividades conjuntas para a educação de valores/atitude nomeadamente: Solidariedade, amor, amizade e justiça.</li> <li>- Descobrir situações familiares de elevada carência financeira no seio escolar;</li> <li>- Cooperar com as famílias carenciadas da escola;</li> </ul>	<p>Funcionárias da Ação Social da Escola Direção da escola</p>	<p>Educação Alunos Funcionários</p>	<p>alimentos</p>		
<p>Missas do Parto</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fomentar a interdisciplinaridade.</li> <li>- Favorecer relações interpessoais;</li> <li>- Desenvolver competências sócio-emocionais;</li> <li>- Aprofundar os laços de amizade entre a comunidade educativa;</li> <li>- Preservar as tradições regionais;</li> <li>- Fomentar o espírito natalício;</li> </ul>	<p>Professores Cónego Fiél Clube Viver a Vida Clube de Música Alunos Encarregados de Educação Funcionários Professores</p>	<p>Alunos Comunidade Educativa</p>	<p>Projetor de Vídeo Aparelhagem de som Instrumentos musicais</p>	<p>HBG</p>	<p>Dezembro</p>
<p>Natal hospitaleiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver o espírito hospitaleiro;</li> <li>- Aumentar os conhecimentos a nível de saúde mental;</li> <li>- Trabalhar em equipa;</li> <li>- Viver o espírito do Natal num contexto diferente do habitual;</li> </ul>	<p>Irmã Fernanda Esteves  Irmã Gorete Gomes  André Teixeira</p>	<p>Alunos do 3º Ciclo</p>	<p>Ficha de inscrição  Autorizações para os Enc. De Educação  Certificados</p>	<p>Organizações</p>	<p>14-12-2013 a 20-12-2013</p>
<p>Carnaval hospitaleiro</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver o espírito hospitaleiro;</li> <li>- Promover compromissos pessoais e sociais;</li> </ul>	<p>Irmã Fernanda Esteves  Irmã Gorete Gomes  André Teixeira</p>				<p>8-2-2013 a 11-2-2013 (19.30h) local: S. Gonçalo - Madeira</p>
<p>Dia do Estudante</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir em grupo ideias e pontos de vista</li> </ul>	<p>Alunos da escola Professoras do Clube</p>	<p>Professoras do Clube</p>	<p>Projetor de Vídeo Filme – “ Os</p>	<p>HBG</p>	<p>Março</p>

	diferentes;  - Fomentar o espírito crítico;  - Salientar a importância de determinados valores na relação professor/aluno, nomeadamente: amizade, fidelidade, ética profissional, confiança, tolerância, respeito, entre outros.	Viver a Vida	Alunos  Diretores de Turma	coristas”  Aparelhagem  Cartazes		
Páscoa Hospitaleira	- Reforçar a espiritualidade hospitaleira;  - Conviver com doentes mentais;  - Desenvolver compromissos pessoais com cariz hospitaleiro;  - Demolir preconceitos;	Irmã Fernanda Esteves  Irmã Gorete Gomes  André Teixeira				23-3-2013 a 27-3-2013 (19.30h)
Dia da Família	- Favorecer relações interpessoais entre pais e filhos, professores e pais e professores e alunos. -- Organizar e desenvolver atividades conjuntas para a educação de valores/atitude nomeadamente: Amor, gratuidade, carinho, partilha, respeito. - Promover momentos de convívio e de partilha entre todas as mães e pais da escola.	Professores Diretores de turma Ateliê de Animação Clubes	Pais e Encarregados de Educação Professoras Diretoras de turma	Projeto de Vídeo Aparelhagem	HBG	Maio
Campanha de Solidariedade: “ Uma moeda por uma causa”	- Favorecer relações interpessoais; - Dar a conhecer instituições de solidariedade social -Ajudar monetariamente várias instituições de solidariedade social que	Professores Diretores de turma Ateliê de Animação Clubes	Alunos	Cartolina Cola Cores Fitas	HBG	Maio Junho

	solicitam apoio da nossa escola - Desenvolver o espírito de solidariedade na turma e no meio escolar.			Tecido		
Dia de Portugal	- Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva humanista universalista, de solidariedade e cooperação nacional; - Observar, analisar e discutir símbolos nacionais. Escutar e refletir sobre o Hino Nacional. Promover o respeito pelo o Hino Nacional.	Professores Clubes  Professora de História	Professores  diretores de turma e Alunos Alunos do Ateliê de Animação.	Bandeira de Portugal  Projeto de Vídeo Aparelhagem	HBG	Junho
IV Curso de Voluntariado	-Organizar e desenvolver atividades conjuntas que visem <u>educar para os valores</u> nomeadamente: Amor, amizade, justiça, verdade, coragem, liberdade, solidariedade, respeito por si próprio e pelo outro, pelo meio ambiente, responsabilidade pessoal e coletiva;  -Imprimir uma cultura de voluntariado, de maneira a transformar o aluno num cidadão mais responsável, autónomo e socialmente mais participativo.	Casa do Voluntariado: Dra. Helena Correia  Outros convidados: AMI APD ANImad Banco Alimentar Contra a Fome	Professores diretores de turma Alunos de 2º e 3º Ciclos Funcionários País Encarregados de Educação Professores e alunos de outras escolas da Região	Projeto de Vídeo Auditório Cartolinas	HBG	Junho
Campo de férias Juventude hospitaleira	- Desenvolver o espírito hospitaleiro; - Favorecer relações intra e inter-pessoais; -	Irmã Fernanda Esteves  Irmã Gorete Gomes  André Teixeira				15-7-2013 a 22-7-2013 local: S. Gonçalo - Madeira

